

Ana Isabel Simões Dias Vieira Barbosa

Derivação nominal em português Denominações em *-ismo*

Dissertação de Doutoramento em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de Linguística Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto

2012



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANA ISABEL SIMÕES DIAS VIEIRA BARBOSA

DERIVAÇÃO NOMINAL EM PORTUGUÊS
DENOMINAÇÕES EM *-ISMO*

Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2012

Dissertação de Doutoramento em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de **Linguística Portuguesa**, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto.

ÍNDICE GERAL

Índice	i
Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix

ÍNDICE

1. Introdução	1
1.1. Objetivo de estudo	2
1.2. Objeto de estudo	3
1.2.1. <i>Corpus</i> e metodologia	3
1.3. Enquadramento teórico-metodológico	8
1.3.1. Estruturas derivacionais	9
1.3.2. Regras de formação de palavras	10
1.3.2.1. Estruturas construídas	11
1.3.3. Nomes abstratos	13
1.3.4. Nomes de qualidade	14
1.3.5. Conceito de língua	16
1.3.6. Estudo do significado	18
1.4. Estrutura do trabalho	20
2. O sufixo <i>-ismo</i>	23
2.1. Um sufixo internacional	23
2.1.1. Línguas clássicas: grego e latim	26
2.1.2. Línguas modernas: português, espanhol, italiano, francês e inglês	29
2.1.2.1. Português	30
2.1.2.2. Espanhol	33
2.1.2.3. Italiano	36
2.1.2.4. Francês	38
2.1.2.5. Inglês	40
2.1.3. Contactos de línguas	42
2.2. Breve percurso histórico do sufixo <i>-ismo</i> em português	46

2.3. Sumário	68
3. As bases	71
3.1. Propriedades fonético-fonológicas	72
3.2. Propriedades morfológicas	78
3.2.1. Categoria morfológica	79
3.2.2. Estrutura morfológica	82
3.2.2.1. Estruturas simples	84
3.2.2.2. Estruturas complexas	87
3.2.2.2.1. Estruturas derivadas	87
3.2.2.2.2. Estruturas compostas	93
3.2.2.2.3. Síntese	97
3.3. Propriedades categoriais	99
3.3.1. Bases verbais	103
3.3.2. Bases adjetivais	106
3.3.3. Bases nominais	107
3.3.4. Bases adjetivais/nominais	109
3.3.5. Síntese	110
3.4. Propriedades semânticas	113
3.4.1. Propriedades semânticas dos nomes	115
3.4.1.1. Nomes próprios	116
3.4.1.2. Nomes comuns	126
3.4.1.2.1. Nomes que denotam ser animado	127
3.4.1.2.1.1. Nomes que denotam ser animado inumano	127
3.4.1.2.1.2. Nomes que denotam ser animado humano	129
3.4.1.2.2. Nomes que denotam entidade inanimada	131
3.4.1.2.2.1. Nomes que denotam ‘matéria natural’ e ‘produto da atividade humana’	131
3.4.1.2.2.2. Nomes que denotam ‘partes do corpo’	137
3.4.1.2.2.3. Nomes que denotam ‘fenómeno patológico’	139
3.4.1.2.2.4. Nomes que denotam locais	144
3.4.1.2.2.5. Nomes que denotam uma letra	147
3.4.1.2.2.6. Nomes que denotam entidade coletiva	147
3.4.1.2.3. Nomes abstratos	149

3.4.1.3. Nomes que denotam períodos de tempo	156
3.4.2. Propriedades semânticas dos adjetivos/nomes	158
3.4.2.1. ‘propriedade/qualidade’	159
3.4.2.2. ‘que tem determinada profissão/atividade’	159
3.4.2.3. ‘naturalidade’	161
3.4.2.4. ‘partidário de’	162
3.4.2.5. ‘condição’	164
3.4.3. Propriedades semânticas dos adjetivos	166
3.4.3.1. Estrutura morfológica	170
3.4.3.1.1. Semântica dos adjetivos de estrutura simples	170
3.4.3.1.2. Semântica dos adjetivos de estrutura complexa	172
3.4.3.2. Adjetivos qualificativos e adjetivos relacionais	178
3.4.4. Propriedades semânticas dos verbos	188
3.5. Sumário	191
4. Nomes em <i>-ismo</i>	195
4.1. Tipologia semântica	196
4.1.1. Nomes de qualidade	198
4.1.2. Nomes de princípio epistemológico	204
4.1.3. Nomes de prática	210
4.1.3.1. Nomes de práxis	212
4.1.3.2. Nomes de prática profissional e nomes de prática desportiva	214
4.1.3.3. Nomes de modo de vida	216
4.1.4. Nomes de atitude	218
4.1.5. Nomes de fenómeno	224
4.1.5.1. Nomes de intoxicação	226
4.1.5.2. Nomes de fenómeno patológico	228
4.1.6. Nomes de locução	235
4.1.7. <i>Qualia structure</i>	239
4.1.8. Síntese	245
4.2. Condições semânticas impostas às bases	249
4.3. Possibilidades combinatórias dos valores semânticos de <i>-ismo</i>	261
4.3.1. Nomes de princípio epistemológico e de práxis	262
4.3.2. Nomes de princípio epistemológico e de atitude	265

4.3.3. Nomes de princípio epistemológico e de qualidade	268
4.3.4. Nomes de qualidade e de prática	271
4.3.5. Nomes de qualidade e de atitude	272
4.3.6. Nomes de prática e de atitude	273
4.3.7. <i>Dot-objects</i>	274
4.3.8. Síntese	276
4.4. Sumário	278
5. Valores do sufixo. Repercussões para a teoria morfológica	279
5.1. Construção do significado por meio de <i>-ismo</i>	280
5.1.1. Um sufixo com vários significados ou vários sufixos com um significado?	281
5.1.2. Como é que um mesmo sufixo pode apresentar significados distintos?	286
5.1.3. Há algum tipo de relação entre os vários significados detetados?	291
5.1.3.1. Se admitimos uma relação entre os diferentes significados que tipo de relação é essa?	293
5.1.3.1.1. O valor abstrato	300
5.1.3.2. Estrutura semântica de <i>-ismo</i>	306
5.1.4. De que modo o significado das bases contribui para o significado do produto?	315
5.2. Repercussões para a teoria morfológica	322
5.3. Sumário	330
5.4. Resposta a algumas objeções	332
6. Conclusão	335
Bibliografia	343

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os autores consultados cujo pensamento se revelou imprescindível para o projeto que tentámos concretizar. A sua citação em bibliografia serve também para expressar essa enorme dívida.

Agradecemos à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e ao Instituto Politécnico de Leiria o modo como, ainda que por diferentes meios, viabilizaram a realização do nosso estudo. Agradecemos igualmente ao CELGA, Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada, por todos os meios colocados à nossa disposição.

Por fim, agradecemos à Senhora Professora Doutora Graça Rio-Torto a rigorosa orientação científica e a inultrapassável disponibilidade com que todos os dias nos ajudou no nosso trabalho.

RESUMO

O trabalho que se apresenta tem por objeto de estudo o comportamento genolexical do sufixo *-ismo*. Adotámos uma perspetiva associativista (Booij 2009, 2010, 2012, a sair a) e b); Correia 2004; Rio-Torto 1993, 1998a, 2006b, 2011) da componente genolexical, ao considerar que o produto derivacional resulta, morfológica e semanticamente, da articulação de dados provenientes da base, da RFP e do afixo. Esta conceção da componente genolexical foi integrada no quadro mais amplo da Parallel Architecture de Jackendoff 2002, 2010. Este modelo encara o domínio genolexical numa perspetiva dinâmica e com interfaces ativas entre os diversos domínios linguísticos, tal como também se apresenta em Rodrigues 2006. Este enquadramento teórico, que comporta a Conceptual Semantics (Jackendoff a sair), foi por nós complementado com os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (Geraerts 2006c; Silva 2006, 2010), para o estabelecimento de uma rede teórica sólida para o estudo do comportamento genolexical do sufixo e para a abordagem do seu significado.

Iniciámos o estudo pela observação de sufixos cognatos de *-ismo* em espanhol, italiano, francês e inglês. O sufixo é originário do grego e chegou de forma idêntica, através do latim, às línguas em questão, nas quais apresenta uma configuração sufixal, um comportamento e uma origem idênticos. A observação do sufixo nas línguas clássicas e do seu percurso histórico no interior da língua portuguesa permite-nos observar a génese das atuais propriedades do sufixo.

A análise sincrónica de *-ismo*, o cerne do nosso trabalho, iniciou-se pelo estudo detalhado da configuração e do comportamento das bases selecionadas pelo sufixo, e permitiu aferir o peso determinante da configuração semântica das bases no processo genolexical. Verificou-se que as bases são tomadas pela sua capacidade predicativa, isto é, por fornecerem ao sufixo um predicado/atributo/qualidade/propriedade. Este valor semântico pode ser veiculado por uma base de origem nominal (a base preferencial), adjetival, adjetival/nominal e, residualmente, de origem verbal. Quanto à estrutura morfológica, a base é, maioritariamente, um radical não autónomo simples.

A análise semântica dos nomes em *-ismo* foi feita também com base na determinação da sua *qualia structure* (Pustejovsky 1991, 1998, 2001), e forneceu-nos a lista de significados possíveis dos produtos nominais.

A abordagem ao estudo do significado das bases e do sufixo fez-se no quadro teórico da Conceptual Semantics e da Linguística Cognitiva. Resultante de mecanismos

de conceptualização, o significado é, ele próprio, conceptualização; portanto, é complexo, flexível, dinâmico. Assumimos que os afixos são unidades semanticamente densas e complexas (Lehrer 2000, 2003), uma vez que o seu significado, tal como o das palavras, é um constructo semântico.

A variedade semântica dos nomes em que o sufixo *-ismo* ocorre é a este imputada, já que se trata de uma unidade polissémica. A polissemia da unidade implica a determinação de como se articulam os diferentes significados atestados ('qualidade', 'princípio epistemológico', 'prática', 'atitude', 'fenómeno' e 'locação'), e ainda a compreensão de como se estabelecem no interior de uma mesma unidade. Assim, não só determinámos a existência de um significado prototípico e de significados dotados de diversos graus de saliência, como determinámos os fatores que os ancoram numa mesma unidade. Tomando em consideração (i) os diferentes graus de abstração dos significados, (ii) a condição imposta à base de se configurar predicativamente e (iii) o facto de ser subjacente a todos os significados atestados, determinámos **QUALIDADE** como significado prototípico. Os diferentes graus de saliência dos restantes significados atestados foram aferidos avaliando os critérios de abstração, frequência e presença do valor semântico subjacente de **SISTEMATICIDADE**.

A análise em termos de prototipicidade empreendida sobre a diversidade semântica do sufixo revelou-nos o valor seminal de **QUALIDADE**, subjacente a todos os significados atestados, e o de **SISTEMATICIDADE**, subjacente a quase todos os significados atestados, com exclusão do de 'qualidade'. Assim, advogamos que semanticamente o sufixo se estrutura em dois níveis: (i) um nível subjacente, que comporta os significados seminais de **QUALIDADE** e de **SISTEMATICIDADE**; (ii) um nível de significados atestados, que comporta todos os significados presentes nos nomes em *-ismo* e que são gerados a partir dos significados seminais. Os dois valores seminais atualizam-se nos significados atestados por diferentes mecanismos: **QUALIDADE** perde, em graus diversos, o valor de abstração, e o significado de **SISTEMATICIDADE** apresenta-se como maior ou menor força nos vários significados atestados.

Pelas suas propriedades, o sufixo foi considerado um operador periférico da RFP ESSIV (Rio-Torto 1998a). O significado dos seus produtos resulta da articulação, por mecanismos de coindexação, dos valores da base com os do sufixo. Complementarmente, recorreremos a Booij 2010, 2012, a sair a) e b) para, dentro da Construction Morphology, determinarmos o esquema construcional subjacente aos nomes em *-ismo*.

ABSTRACT

The present work aims to study the suffix *-ismo* behaviour in word formation component. We adopt an associative model of word formation (Booij 2009, 2010, forthcoming a) and b); Correia 2004; Rio-Torto 1998a, 2006b, 2011), considering that the derivational product results, morphological and semantically, from the joint of data taken from the base, the RFP and the affix. This conception of word formation component was integrated into the broader framework of Parallel Architecture designed by Jackendoff 2002, 2010. This framework conceives of word formation component as having dynamic and active interfaces between the various linguistic domains, as also stated by Rodrigues 2006. This theoretical framework involves the Conceptual Semantics (Jackendoff forthcoming), which was complemented with the theoretical assumptions of Cognitive Linguistics (Geeraerts 2006c; Silva 2006, 2010). Thus, we have established a solid theoretical network to study the word formation mechanisms of this suffix and the approach to its meaning.

We began our study by the observation of cognate suffixes of *-ismo* in Spanish, Italian, French and English. These units are identical in their suffixal configuration, behavior and origin. The suffix had his origin in ancient Greek and passed to Latin; from this language it arrived to the modern languages. An observation of the suffix behaviour in the classical languages and of its history within the Portuguese language allows us to see the genesis of the current properties of the suffix.

The synchronic analysis of *-ismo*, the core of our work, was initiated by thoroughly studying the configuration and behavior of the bases selected by the suffix. This study confirmed the weight of semantical configuration of the bases in word formation processes. Thus, it was found that bases are taken by their attributive capacity, that is, by providing the suffix a predicate/attribute/quality/property. This semantic value can be transmitted by a base of nominal origin (the preferential basis), and of adjectival, adjectival/nominal and, residually, verbal origin. The morphological structure of the base is mostly a non autonomous simple root.

The semantic analysis of nouns in *-ismo* was also made by determining their qualia structure (Pustejovsky 1991, 1998, 2001), and provided us with the list of meanings that can be updated by these names.

The approach to the study of meaning of the suffix and of the bases was made within the theoretical framework of Conceptual Semantics and Cognitive Linguistics. Resulting of mechanisms of conceptualization, the meaning is, himself, conceptualization, therefore, is complex, flexible and dynamic. We assume that affixes are heavy, complex semantic units (Lehrer 2000, 2003), since its significance, such as in words, is a semantic construct.

We ascribed the semantic variety of names to the suffix *-ismo*, so we felt that it was a polysemic unit. The polysemy of the unit involves determining how to articulate the different attested meanings of the suffix ('quality', 'epistemological principle', 'practice', 'attitude', 'phenomenon' and 'locution'), and also the understanding of how they establish within the same unit. Thus, we not only determined the existence of a prototype meaning and the different salience degrees for the several attested meanings, but we also have determined factors which are responsible for the presence of this meanings in the same unit. Taking into account (i) the different degrees of abstraction of meaning, (ii) the predicativity condition imposed on the basis and (iii) the ability of generating new meanings underlyingly to all attested meanings, we determined **QUALITY** as prototypical meaning. The different degrees of salience of the other attested meanings were measured by evaluating the criteria of abstraction, frequency and presence of the semantic underlying value of **SYSTEMATICITY**.

The analysis undertaken in terms of prototypicality on the semantic diversity of the suffix has revealed to us the seminal values of **QUALITY**, underlying all attested meanings, and of **SYSTEMATICITY**, underlying almost all attested meanings, excluding 'quality'. Thus, we hold that the suffix is semantically comprised of two levels: (i) an underlying level, which comprises the seminal meanings **QUALITY** and **SYSTEMATICITY** and (ii) a level of attested meanings comprising all the meanings identified in the names in *-ismo*, and which are generated from the seminal meanings of the first level. The two seminal meanings are instantiated on the attested meanings by different mechanisms: **QUALITY** loses, in varying degrees, the value of abstraction and the meaning of **SYSTEMATICITY** is presented as more or less strong in the various attested meanings.

For its properties, the suffix was considered a peripheral operator of RFP **ESSIV**. The significance of his products results from the articulation, by coindexation mechanisms, of the values of the base with the values of the suffix. Complementary, we used Construction Morphology proposed by Booij 2010, 2012, forthcoming a) and b) to determined the constructional schema of nouns ending in *-ismo*.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que se apresenta consiste no estudo do comportamento derivacional de um único sufixo, *-ismo*. A sua singularidade derivacional e semântica justificam que lhe tenhamos dedicado em exclusivo este estudo, que nos levou a reequacionar alguns aspetos da componente genolexical das línguas, e a atribuir uma mais real dimensão a afirmações como a de Cruse 2004:

«It is usually taken for granted that the expressive possibilities of language are infinite: not only is there an infinite number of possible grammatical constructions in a language, but there is no area of semantic space that cannot be designated linguistically, and semantic space is considered also to be in principle infinite. Since the brain is a finite physical object, it cannot store an infinite number of linguistic forms mapped onto an infinite number of concepts. Hence, just as the formal side of language solves the problem of infinity by providing a set of units with recursive rules for combination, in a similar way there must be primitive entities and formation rules, which specify well-formed complex conceptual structures.»

(Cruse 2004: 126)

Ao longo do trabalho, propomo-nos então compreender que elementos e regras, formais, semânticas ou conceptuais, concorrem para a construção de entidades conceptuais como o sufixo *-ismo*.

Uma vez apresentados o objeto e o objetivo de estudo (§ 1.1. e § 1.2.), exporemos os pressupostos teóricos que nos guiaram ao longo deste trabalho. Seguimos um modelo associativo que considera que a estrutura derivacional de uma palavra construída tem implicações na leitura do seu significado, que decorre do das suas partes. Como este modelo não consegue abarcar a toda a complexidade semântica do sufixo, adotámos o conceito de significado presente na Conceptual Semantics e na Semântica Cognitiva, encarando-o como um constructo dinâmico e conceptualmente obtido. Da Linguística Cognitiva retiramos ainda a teoria do protótipo e o conceito de polissemia, que nos possibilitaram a determinação da estrutura semântica do sufixo. Recorremos ainda à Construction Morphology (Booij 2010, 2012, a sair a), a sair b))

que nos fornece os mecanismos para a formalização do processo derivacional e semântico de formação de nomes em *-ismo*. Toda esta análise se enquadra num conceito de língua como uma entidade dinâmica, estruturada por componentes que entre si estabelecem interfaces e que são dotadas de capacidade geratriz (Jackendoff 2002, 2010; Rodrigues 2006). Reconhece-se ainda a importância do significado para a conceção de língua adotada; a língua constitui-se como uma forma de interpretar o mundo, pelo que a questão do significado e a do seu processamento mental são nela centrais (Geeraerts 2006a).

1.1. OBJETIVO DE ESTUDO

O presente trabalho dedica-se ao estudo de um único sufixo, o sufixo *-ismo*. Sendo um sufixo que em alguns aspetos apresenta um comportamento muito próprio, coloca-nos perante desafios de análise. Estabelecemos como nosso primeiro e mais genérico objetivo definir tão detalhadamente quanto possível o seu comportamento derivacional, considerando os aspetos morfológicos e semânticos envolvidos.

Alcançar este objetivo impunha determinar, e alcançar, uma série de objetivos intermédios. Assim, estabelecemos como primeiro propósito do nosso trabalho definir a tipologia de bases selecionada por *-ismo* (Capítulo 3 e § 4.2.), com especial enfoque na sua classificação categorial e, sobretudo, na sua tipologia semântica. A determinação dos significados atestados nos nomes derivados em *-ismo* (§ 4.1.1. a § 4.1.7. e § 4.3.1. a § 4.3.7.) constitui o nosso segundo objetivo; bem como a compreensão de como estes significados se estruturam (§ 4.1.7. e § 4.3.7.). Aspeto relevante para a compreensão do comportamento derivacional e semântico de *-ismo* é o seu enquadramento nas RFP do português (§ 4.1.1. e § 5.1.3.2.). O quarto objetivo a que nos propomos consiste na determinação da estrutura semântica do sufixo (§ 5.1. a § 5.1.4.).

Concluídos estes quatro passos, tornou-se possível definir o atual comportamento derivacional do sufixo: (i) tipo de bases selecionado; (ii) significado atestado dos nomes derivados; (iii) determinação da estrutura semântica do sufixo; (iv) enquadramento numa RFP e posterior determinação do esquema construcional dos nomes em *-ismo*. A observação do percurso histórico do sufixo (§ 2.2.), não sendo em si um objetivo deste estudo, uma vez que este não é um estudo de cariz histórico,

fornecerá, contudo, dados importantes para a compreensão do atual comportamento do sufixo.

1.2. OBJETO DE ESTUDO

Como referido, o presente trabalho dedica-se ao estudo do sufixo *-ismo*. Preocupa-nos não apenas a descrição dos seus produtos, mas sobretudo o conhecimento sobre o comportamento do próprio sufixo. Todo o trabalho feito com os seus derivados, análise de bases e semântica dos produtos tem por principal finalidade desvendar o véu que cobre este sufixo, levando-nos à compreensão dos mecanismos, principalmente de carácter semântico, que o tornam único no quadro derivacional do português.

1.2.1. *CORPUS* E METODOLOGIA

Uma completa análise do sufixo *-ismo* implicou que trabalhássemos com dois *corpora* distintos, constituídos de forma idêntica, mas não totalmente coincidente. Um primeiro *corpus* foi constituído para a prossecução do estudo realizado no Capítulo 2 e é de cariz histórico, isto é, é constituído por ocorrências atestadas desde o século XIV até ao século XIX. Este *corpus* toma como principal fonte O Corpus do Português, de Mark Davies e Michael J. Ferreira, disponível *online* (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>). Para alguns séculos complementámos os dados recolhidos *online* com fontes dicionarísticas. Assim:

- século XVIII, BLUTEAU, Raphael (1712-1728) *Vocabulario Portugez e Latino*. 10 vols, sendo os dois últimos de *Suplemento ao Vocabulário Portugez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus – Pascoal da Silva;

- século XIX, SILVA, António de Moraes, (1889-1891) *Diccionario da língua portugueza* (9.^a ed. rev. e ampliada). Lisboa: Empresa Litteraria Fulminense.

As ocorrências constantes neste *corpus* relativamente aos séculos XX/XIX constituem o nosso segundo e principal *corpus* de trabalho, uma vez que é sobre ele que incide o trabalho apresentado ao longo dos Capítulos 3, 4 e 5. Aos dados recolhidos

online em O Corpus do Português (século XX) acrescentaram-se os que retirámos do Dicionário da Língua Portuguesa (2006) da Porto Editora (DPE). A estes nomes somaram-se outros nomes encontrados de forma esporádica em variadas fontes *online* durante o processo de análise dos dados.

Por este processo, estabelecemos um *corpus* inicial de 1591 nomes em *-ismo*. Antes porém, de iniciarmos o processo de análise foi necessário preparar o *corpus* para ser analisado. A primeira tarefa consistiu em retirar todos os elementos resultantes de herança das línguas clássicas ou de importação de línguas clássicas ou modernas, uma vez que estes nomes não podem refletir o comportamento genolexical do sufixo. Numa segunda fase, retiraram-se do *corpus* todos os nomes em *-ismo* que, tendo sido formados em português, não tinham no sufixo *-ismo* o último elemento da cadeia derivacional. Estes nomes foram excluídos por geralmente apresentarem um nome sufixado em *-ismo*, atestado no nosso *corpus*, tomado para base derivacional de um processo de prefixação (§ 3.2.2.2.1.).

A primeira análise realizada sobre os *corpora* consistiu então em aferir quais os nomes suscetíveis de ser interpretados de acordo com os procedimentos derivacionais do português. Este trabalho permitiu-nos a exclusão de posterior estudo de um conjunto de nomes não analisáveis como produtos genolexicais da língua portuguesa. Frequentemente estes nomes correspondem a formas herdadas ou importadas das línguas clássicas e, de modo menos recorrente, a formas importadas de línguas modernas. Para a informação sobre a etimologia dos nomes recorreremos às seguintes fontes:

- BUENO, Francisco da Silveira (1988) *Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Lisa;
- COROMINAS, Joan (1980-1991) *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos;
- CUNHA, António Geraldo da (1986) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (2ª ed. rev. e acrescida de um suplemento). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Tomando por referência as informações recolhidas nestes dicionários, pudemos aferir a etimologia apresentada nos Quadros 1.1. e 1.2. No primeiro quadro apresentam-se nomes que têm origem clássica e no segundo os que foram recolhidos de línguas modernas.

GREGO	LATIM
aforismo < <i>aphorismós</i>	algarismo < <i>algorismus</i>
anatocismo < <i>anatokismós</i>	anabolismo < <i>anabolismus</i>
antagonismo < <i>antagonisma</i>	crístianismo < <i>chrīstīānīsmus</i>
antropismo < <i>anthrōpismōs</i>	eufemismo < <i>euphēmismus</i>
arcaísmo < <i>archāismós</i>	exorcismo < <i>exorcismus</i>
asteísmo < <i>asteismós</i>	hedonismo < <i>hedonismus</i>
asterismo < <i>asterismós</i>	idiotismo ² < <i>idiōtismus</i>
astrobolismo < <i>astrobolismós</i>	sialismo < <i>sialismus</i>
batismo < <i>baptismós</i>	tropismo < <i>tropismus</i>
borborismo < <i>borborygmós</i>	
cataclismo < <i>kataclysmós</i>	
catecismo < <i>katēchismós</i>	
cinismo < <i>kynismós</i>	
croicidismo < <i>krokydismós</i>	
cromatismo < <i>chrōmatismós</i>	
datismo < <i>datismós</i>	
ecletismo < <i>eklektismós</i>	
estrabismo < <i>strabismós</i>	
eufemismo < <i>euphēmismós</i>	
hidatismo < <i>hydatismós</i>	
judaísmo < <i>ioudaïsmós</i>	
lambdacismo < <i>lambdakismós</i>	
mericismo < <i>mērycismós</i>	
ostracismo < <i>ostrakismós</i>	
paroxismo < <i>paroxysmós</i>	
pselismo < <i>psellismós</i>	
rotacismo < <i>rhōtakismós</i>	
sabatismo < <i>sabbatismós</i>	
silogismo < <i>sylogismós</i>	
sinapismo < <i>sinapismós</i>	
sincretismo < <i>sygkrētismós</i>	
solecismo < <i>soloikismós</i>	
traquelismo < <i>trachēlismós</i>	
trismo < <i>trismós</i>	

Quadro 1.1: Nomes herdados ou importados das línguas clássicas

As línguas clássicas não são, como afirmámos, a única fonte de neologismos. As línguas modernas também fornecem palavras que o português assimila. No Quadro 1.2 damos então exemplo de formas terminadas em *-ismo* que resultam da importação feita a partir dessas línguas. É ainda de referir que estes nomes não são suscetíveis de

1. INTRODUÇÃO

ser analisados de acordo com os mecanismos derivacionais do português sendo, portanto, para o português, considerados palavras não complexas não construídas.

FRANCÊS	INGLÊS	ALEMÃO
altruísmo < <i>altruisme</i>	astigmatismo < <i>astigmatism</i>	autismo < <i>autismus</i>
anexionismo < <i>annexionisme</i>	behaviourismo < <i>behaviourism</i>	ITALIANO
arrivismo < <i>arrivisme</i>	egotismo < <i>egotism</i>	fascismo < <i>fascismo</i>
banditismo < <i>banditisme</i>	hipnotismo < <i>hypnotism</i>	irredentismo < <i>irredentismo</i>
bigotismo < <i>bigotisme</i>	truísmo < <i>truism</i>	
civismo < <i>civisme</i>	turismo < <i>tourism</i>	
ergotismo < <i>ergotism</i>		
fauvismo < <i>fauvisme</i>		
mecanismo < <i>mécanisme</i>		
mimetismo < <i>mimetisme</i>		
personalismo < <i>personnalisme</i>		
quimismo < <i>chimisme</i>		
romantismo < <i>romantisme</i>		
surrealismo < <i>surrealisme</i>		
tabagismo < <i>tabagisme</i>		
voyeurismo < <i>voyeurisme</i>		

Quadro 1.2: Nomes herdados de línguas modernas

Uma vez realizado o trabalho de exclusão de unidades não analisáveis de acordo com os mecanismos derivacionais do português, estabelecemos um *corpus* de trabalho de 1525 palavras.

Deste conjunto foram posteriormente retirados os nomes portadores do sufixo *-ismo* e sobre os quais se realizou uma operação de construção de palavras (§ 3.2.2.2.1.). Nestes nomes, a forma em *-ismo* é um nome autónomo que nesta cadeia derivacional ocupa uma posição intermédia, servindo as mais das vezes de base a um prefixo, mas também como elemento de um processo de composição (cf. Quadro 1.3). Na sua larguíssima maioria, estas bases em *-ismo* surgem no nosso *corpus* de forma autónoma.

PREFIXAÇÃO	COMPOSIÇÃO
inconformismo	quimiotactismo
pré-rafaelismo	sadomasoquismo
superturismo	surdímutismo
ultranacionalismo	termotropismo

Quadro 1.3: Nomes formados por prefixação ou composição que tomam por base um derivado em *-ismo*

Uma vez retirados estes nomes, passámos a dispor de um *corpus* de 1351 elementos. Os elementos que o constituem são analisáveis, semântica e morfologicamente, dentro dos mecanismos genolexicais próprios do português.

Para a análise semântica dos nomes em *-ismo* do segundo *corpus* (Capítulo 4), recorreremos a diversas fontes de informação. Do ponto de vista semântico, o Corpus do Português fornece dados não totalmente satisfatórios, uma vez que muitos dos contextos são retirados de fontes literárias e, sobretudo, da imprensa periódica brasileira. O DPE, sendo um dicionário, revelou um cariz bastante convencional na descrição dos significados, nem sempre em consonância com os dados recolhidos pela observação do comportamento dos nomes em contexto. Ao articular os significados atualizados pelos falantes na produção linguística, observando o seu comportamento em contexto (dados recolhidos principalmente em CETEMPúblico), com os significados descritos em fontes dicionarísticas, literárias e jornalísticas portuguesa (e brasileira), pudemos ter acesso aos significados reconhecidos e usados pelos falantes. Para a prossecução desta tarefa recorreremos às seguintes fontes:

- CETEMPúblico (<URL: <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>>);
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (<URL: <http://www.priberam.pt/dlpo/>>);
- Wikipédia (<URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Página_principal>);
- diversas fontes avulsas disponíveis *online*.

Os dados recolhidos no CETEMPúblico (entre setembro de 2009 e março de 2010) foram de uma mais valia preciosa, permitindo elucidar muitas dúvidas que a interpretação semântica dos dados nos colocava. Várias fontes avulsas disponíveis *online* foram consultadas através do motor de busca Google para nomes não encontrados nos habituais locais de pesquisa.

Estas mesmas fontes e estes mesmos critérios foram utilizados na análise semântica e categorial das bases dos nomes em *-ismo*.

1.3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nesta secção faremos uma breve exposição dos pressupostos teóricos que nortearam o nosso trabalho e dos principais conceitos a eles inerentes.

O modelo teórico que adotamos é um modelo associativo de formação de palavras que considera que a estrutura derivacional de uma palavra construída tem implicações na leitura do seu significado que decorre do das suas partes (Booij 1986, 2005a, 2005b, 2007a, 2007b, 2009, 2010, 2012, a sair a) e b); Corbin 1987, 2000; Correia 1999, 2004; Pena 2003; Rio-Torto 1993, 1998a; Rio-Torto & Anastácio 2004): «En general, el significado de una palabra derivada viene a ser el resultado de sumar al significado de la base [...] el significado que aporta una determinada regla de formación de palabras (RFP) [...]. La suma de ambos significados suele expresarse en forma de una paráfrasis composicional.» (Pena 2003: 506-507). Devemos, portanto, assumir a «consideração de três factores intervenientes na construção do significado de uma unidade derivada: o significado conferido pela regra de formação de palavras, o significado herdado da base e o significado específico do operador morfológico envolvido.» (Correia 2004: 28).

Enfatizando esta linha de pensamento, Booij sublinha que «the separation of form and meaning in morphology is not a step in the right direction. The link between the two is the essence of any linguistic system, and should not be given up too hastily. My claim is that, if we start from the one form/one meaning hypothesis, not as an a priori, but as a heuristic principle, we will gain much more insight into the morphological system of a language.» (Booij 1986: 504). Esta conceção não unívoca entre forma e significado, e que não limita o significado da unidade construída à simples soma do significado das suas partes, estará na base da análise que realizaremos da estrutura semântica do sufixo e na base da determinação do esquema construcional associado a *-ismo*.

Como este modelo não consegue abarcar a toda a complexidade semântica inerente ao sufixo *-ismo*, adotámos o conceito de significado apresentado no quadro da

Conceptual Semantics¹ (Jackendoff 2002, 2010, 211) e da Semântica Cognitiva (Geeraerts 2006a, 2006c; Langacker 2006; Silva 2006, 2010), encarando-o como um constructo dinâmico e conceptualmente obtido. Da Linguística Cognitiva retiramos ainda a teoria do protótipo e o conceito de polissemia que nos permitem aferir a estrutura semântica do sufixo *-ismo*. Esta análise assenta num conceito de língua como uma entidade essencialmente voltada para a sua capacidade significativa (Geeraerts 2006a), dinâmica, estruturada por componentes que entre si estabelecem interfaces e que são dotadas de capacidade geratriz (Jackendoff 2002, 2010; Rodrigues 2006).

1.3.1. ESTRUTURAS DERIVACIONAIS

No que à estrutura morfológica das unidades concerne, adotámos as propostas de Villalva 2000 e 2003 que nos permitem balizar o que entendemos pelos constituintes morfológicos da base e pelos afixos. Deste modo, temos que «a forma da base é obrigatoriamente uma variável lexical, ou seja, um radical, um tema ou uma palavra» (Villalva 2000: 83). Estas unidades caracterizam-se por serem «semanticamente interpretáveis e portadoras de uma categoria sintática» (Villalva 2000: 115-116). Os conceitos de radical, tema e palavra serão problematizados em § 3.2.1.

As bases derivacionais podem ainda apresentar-se com uma estrutura morfológica simples ou complexa, «a derivação é um processo recursivo: o complemento selecionado por um afixo derivacional pode ser, ele próprio, uma forma derivada» (Villalva 2003: 951).

Entendemos que os sufixos derivacionais «realizam diversas categorias morfo-sintáticas e morfo-semânticas e subcategorias morfológicas, determinam a categoria sintática das palavras derivadas, e associam-se a radicais ou a temas verbais, formando novos radicais» (Villalva 2000: 178). Os sufixos derivacionais impõem restrições categoriais de seleção às suas bases. Seguimos o princípio de que «Os sufixos derivacionais que selecionam radicais como forma de base são os únicos que podem associar-se a formas pertencentes a diferentes categorias sintáticas» (Villalva 2003: 947-948).

¹ O modelo teórico de análise proposto pela Conceptual Semantics é assumido como um dos quadros teóricos adotados nos mais recentes trabalhos de Geert Booij e que viabilizaram a determinação do esquema construcional associado ao sufixo.

Em síntese, a autora considera que a sufixação derivacional «pode realizar categorias morfo-sintáticas [...], categorias morfo-semânticas e subcategorias morfológicas, determinando a categoria sintáctica do derivado [...]. Consequentemente, a interpretação semântica dos derivados é o resultado da interacção de diferentes tipos de informação associada aos sufixos, o que afecta a sua composicionalidade e facilita a intervenção de processos de lexicalização» (Villalva 2000: 210).

Esta proposta de análise de palavras construídas diz sobretudo respeito à estrutura morfológica, pelo que necessita de ser completada com um quadro de análise que permita a consideração dos mecanismos de construção semântica. Esse quadro de análise ser-nos-á fornecido, num primeiro momento, pelo enquadramento do sufixo *-ismo* numa regra de formação de palavras e, numa segunda e complementar fase, pela análise do significado dentro dos pressupostos da Conceptual Semantics e da Linguística Cognitiva. Na sequência, e tentando articular a complexidade semântica e morfológica do sufixo, determina-se o esquema construcional dos nomes em *-ismo*.

1.3.2. REGRAS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Num plano de abordagem mais amplo e servindo de enquadramento aos pressupostos de análise semântica que em seguida iremos expor, adotamos um modelo associativo da estrutura da palavra complexa que considera a «necessidade de, num processo de derivação, ter em conta as propriedades inerentes e combinatórias dos afixos, das bases e dos produtos que resultam da articulação de ambos» (Rio-Torto 2011: 3). Neste modelo, a palavra complexa resulta da concatenação de elementos que lhe conferem uma determinada estrutura morfológica, à qual se associa / da qual decorre uma estrutura semântica também ela construída. Este modelo associativo de análise da palavra complexa é exposto em trabalhos como os de Corbin 1987 e 2000, Correia 1999 e 2004, Rio-Torto 1993 e 1998a, Rio-Torto & Anastácio 2004.

«l'application d'une RCM associe intimement la construction d'une structure morphologique et celle d'une structure sémantique: le mot construit se voit attribuer en ensemble de propriétés d'ordre syntaxique, morphologique, formal, sémantique, par la RCM et l'opération morphologique qu'il subie.»

(Corbin 1987: 469)

Neste modelo, os afixos organizam-se em regras de formação de palavras, ou «Regras de Construção de Palavras (RCPs) permitem construir conjuntamente a estrutura morfológica e a interpretação semântica» (Correia 1999: 22). Portanto, estas regras são definidas por uma operação semântica e algumas regularidades derivacionais. Uma dessas regularidades diz respeito ao tipo de bases selecionadas. «É, pois, da conjugação de determinado tipo semântico de base e de determinado afixo que decorrem significações convencionais que caracterizam os produtos de uma regra e as variantes que esta recobre. Só a consideração destes dois factores permite reconhecer o estatuto das regularidades semânticas e/ou das significações convencionais que os derivados apresentam.» (Rio-Torto 1998a: 123). Como consequência, a leitura derivacional e semântica destas unidades contruídas torna-se previsível a partir da sua estrutura: «no quadro do modelo de análise adoptado, se concebe que as palavras construídas são portadoras de um significado previsível, linguístico, que lhes é conferido pela sua estrutura» (Correia 1999: 3).

Nesta linha de pensamento, Rio-Torto 1998a enquadra o sufixo *-ismo* na RFP ESSIV e Correia 2004 enquadra-o nos nomes de qualidade. Estas propostas bastante convergentes inserem o sufixo no campo mais vasto dos sufixos que formam nomes abstratos.

Os nomes em *-ismo* são, portanto, estruturas morfológica e semanticamente construídas, pelo que merece uma reflexão o que se entende por estrutura construída.

1.3.2.1. ESTRUTURAS CONSTRUÍDAS

Por vezes, a linha de fronteira entre uma palavra complexa não construída e uma palavra complexa construída pode afigurar-se de difícil definição. Prosseguiremos então com uma distinção entre estes dois tipos de unidades.

Entendemos que uma palavra construída «est lexicalment construit s'il a une structure telle qu'à chacun de ses constituants soient associées des propriétés catégorielles et sémantiques stables, si son sens prédictible est compositionnel par rapport à sa structure morphologique sous-jacent, et si des mécanismes réguliers permettent d'expliquer les distorsions éventuelles entre son sens lexicalisé et le sens prédictible à partir de sa structure» (Corbin 2000: 1285).

Nas línguas encontram-se «mots complexes non construits» (Corbin 1987: 188), das quais *carpette* serve de exemplo. «Le mot est segmentable formellement en *carpette*, et, d'une certaine façon, son sens attesté est superposable à cette structure formelle éventuelle de telle sorte que l'on attribue à *-ette* le sens "petit" et à *carp-* le sens "tapis". En conséquence, **carpe* pourrait être catégorisé comme un nom, auquel on attribuerait les mêmes traits de sous-catégorisation qu'à *tapis*, sans que l'on puisse toutefois décider à coup sûr de son genre.» (Corbin 1987: 187). Aparentemente *carpette* respeita todas as condições, semânticas e estruturais, necessárias para ser um derivado, no entanto «**carpe* n'apparaît, avec ce sens, dans aucune autre mot construit attesté du français.» (Corbin 1987: 187). A inexistência de outras estruturas morfológicas em que **carpe-* atualize o significado de 'tapete' justifica que não seja considerado como uma base derivacional, falhando um dos critérios enunciados por Corbin para a delimitação das bases. Porque um dos seus elementos não é considerado um operador morfológico, a palavra não pode ser considerada construída, ou derivada. Trata-se de uma palavra de estrutura interna complexa porque se reconhece o sufixo *-ette* e porque **carpe-* cumpre quase todas, mas não todas, as condições necessárias, incluindo condições semânticas, para ser considerado uma base.

Acreditamos que a proposta já apresentada de Villalva 2000 (§ 1.3.1. e § 3.2.1.) nos permite integrar unidades idênticas a *carpette* no estudo da derivação portuguesa. A consideração da base como um radical, desprovido de categoria sintática inerente (ou variável), que se determina sempre sobre a classificação categorial da palavra a que pertence (Villalva 2000: 118), permite que estas estruturas sejam analisadas como complexas desde que as suas partes sejam portadoras de carga semântica. Não encaramos a carga semântica como necessariamente clara e definível de modo inequívoco. Mesmo que não consigamos, como é o caso de **carpe-*, explicitar o significado de uma unidade, ele terá de existir para se poder articular com o da outra entidade lexical.

O segundo tipo de estrutura complexa contemplado por Corbin, «mot construit», corresponde ao que comumente designamos por palavra derivada, já que as estruturas morfológicas são claramente identificáveis e o significado do produto é composicional. Servindo-se do exemplo de *maisonnette*, delimita uma base, *maison*, «catégorisable comme un nom, auquel on peut assigner un certain nombre de traits de sous-catégorisation» (Corbin 1987: 186) e «on peut attribuer à *maison* un sens qui se

retrouve, identique, dans maisonnée, ou °maisonnier» (Corbin 1987: 186). Também em relação ao sufixo *-ette* se verifica um comportamento totalmente regular; «maisonnette entretient par rapport à maison les mêmes relations phonologiques, syntaxiques et sémantiques que par exemple chansonnette par rapport à chanson (...) l'adjonction de -ette conserve le genre et la catégorie de la base, et attribue au dérivé le sens "petit N"» (Corbin 1987: 186). Neste caso existem dois elementos estruturais, base e afixo, que cumprem as condições necessárias para serem considerados como parte da estrutura morfológica, construída, da palavra.

Este segundo tipo de estrutura complexa corresponde de modo claro à estrutura de nomes em *-ismo* e à grande maioria das estruturas complexas encontradas na sua base; são aquelas que a língua produz dentro do seu sistema de formação de palavras, ou seja, de acordo com as suas RFP.

1.3.3. NOMES ABSTRATOS

Abordar a abstração é inevitável quando trabalhamos com o sufixo *-ismo*. Concebemos a abstração e, por conseguinte, os nomes abstratos numa perspetiva escalar ou gradativa, «a distinção entre substantivo concreto e substantivo abstracto não é tanto uma distinção a estabelecer em termos de ser ou não ser, mas sim em termos de graduação: há substantivos abstractos usados de forma concreta, tal como há substantivos abstractos usados de forma concreta [...] há substantivos abstractos mais abstractos do que outros» (Correia 2004: 80).

Um outro aspeto fundamental para a compreensão do nome abstrato é o da «dependência referencial», entendida como «o critério mais importante para a descrição destas subclasses de nomes» (Correia 2004: 80). Entende-se que os nomes abstratos apresentam um elevado grau de dependência e os nomes concretos sejam destituídos de dependência referencial. Mais uma vez se fala de uma conceção escalar, os nomes apresentam vários graus de dependência.

Em síntese, partimos de uma conceção escalar de abstração ancorada na dependência referencial dos itens que podem apresentar estrutura simples ou construída. Será este o ponto de partida assumido para a problematização deste conceito que faremos em § 3.4.1.2.3. e sua aplicação na análise da semântica de *-ismo* em § 5.1.3.1.1. A compreensão do que se entende por nome abstrato é necessária para o

enquadramento do sufixo na RFP ESSIV, uma vez que os nomes de qualidade, ou nomes essivos, pertencem ao campo mais vasto dos nomes abstratos.

1.3.4. NOMES DE QUALIDADE

O sufixo *-ismo*, tal como os seus cognatos europeus, é por vezes enquadrado no grupo de sufixos que forma nomes de qualidade (Correia 2004; Rio-Torto 1998a; Roché 2007; Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert 1999; Scalise 1984; Tekavčić 1972; Varela Ortega 2005). Assume-se que «Los nombres deadjetivales cosntituyen la categoria central o prototípica de los nombres de cualidad» (Pena 2004: 7). Ao longo do trabalho observar-se-á como de facto o traço semântico de ‘qualidade’ revela um papel importante para a estrutura semântica do sufixo. Portanto, teremos de fazer uma apresentação destes nomes.

Frequentemente, os nomes de qualidade são associados a derivados nominais deadjetivais (Beuseroy & Knittel 2009; Correia 1999, 2004; Pena 2004; Rainer 1989). Assim, assume-se uma estrutura construída para estes nomes, «noms de qualité, qui sont des noms abstraits apparentés à des adjectifs» (Beuseroy & Knittel 2009: 1). Há que considerar a existência de algumas restrições impostas às bases adjetivais, uma vez que nem todos os adjetivos originam nomes de qualidade; nessa medida, «Dans la mesure où les adjectifs dits qualificatifs expriment régulièrement des propriétés, ou "attributs", concernant une dimension particulière (taille, couleur, propriété psychologique, etc) du nom recteur (Kamp 1975), le terme "nom de qualité" sera entendu ici comme synonyme de 'nom de propriété'. Ces appellations se justifient par le fait que les noms morphologiquement construits sur des adjectifs conservent la particularité d’exprimer, sous forme nominale, la propriété initialement dénotée par l’adjectif correspondant.» (Beuseroy & Knittel 2009: 5)

Como principal traço definatório considera-se a dependência ontológica dos nomes de qualidade², que assim «apresentam como característica fundamental o facto de serem substantivos sincategoremáticos» (Correia 2004: 82). A significação expressa por estes nomes manifesta-se como a qualidade de uma entidade.

² «A propriedade essencial dos nomes abstractos reside na sua dependência ontológica: para poderem referenciar necessitam de um suporte ou de um argumento» (Rio-Torto & Anastácio 2004: 213).

Assumimos ainda que «uma das características das qualidades é o facto de estas não se encontrarem ancoradas nem na dimensão ‘espaço’ [...], nem na dimensão ‘tempo’, dada a sua condição de grandezas fundamentalmente intensivas» (Correia 2004: 91).

Considera-se ainda que os nomes de qualidade são nomes predicativos, o que, como se verá, diz respeito à estrutura semântica das bases que selecionam. A sua depredicatividade é em parte responsável pelo facto de serem nomes abstratos (cf. «os nomes depredicativos são marcados por um traço abstracto», Rio-Torto & Anastácio 2004: 206).

Em síntese, temos que «os nomes de qualidade se caracterizam pelo facto de serem substantivos predicativos, sincategoremáticos, não-contáveis, polissémicos, denominando entidades dependentes e com ocorrências múltiplas.» (Correia 2004: 97).

Reconhece-se ainda nos nomes de qualidade a capacidade de atualizarem outros significados, «Por médio de transferências o extensiones semánticas, el sustantivo de cualidad puede expresar, en coexistência con el significado regular “cualidad de”, otros significados derivados de él. Así, en una determinada dirección, del significado “propriedad/cualidad de (ser) A” se puede passar a los significados:

- (5) a) “actitude de (quien es) A” [...]
- b) “acción de (quien es) A” [...]
- c) “acto propio de (quien es) un S» (Pena 2004: 10).

Rio-Torto 1998a apelida estes nomes de “Nomina essendi”, nomes essivos, cujo significado pode ser parafraseado por «“o facto de ser x”, “propriedade/qualidade de ser x”» (Rio-Torto 1998a: 122). A base «x» é um adjetivo ou um nome «atributivamente considerado» (Rio-Torto 1998a: 122), portanto, apresenta valor predicativo. Salienta a autora que a estes significados acrescem «Por metonímia [...] “atitude, acção de quem é x(PRED)” [...] Por efeito de uma regra semântica de concreção [...] “aquilo que é A” [...] “aquele que é A” [...] conjunto do que é [...]» (Rio-Torto 1998a: 122).

Como produto da RFP ESSIV são ainda considerados nomes de atividade que adquirem «metonimicamente a significação de “atividade relacionada com Xb”, “atividade que decorre do facto de ser Xb” [...] “atividade e/ou local de atividade relacionado com Xb» (Rio-Torto 1998a: 123).

O quadro teórico exposto revela-se porém incapaz de proceder a uma análise competente da complexidade semântica apresentada por *-ismo* e pelos nomes por ele derivados. Tendo em vista colmatar essa insuficiência, articulámos os pressupostos expostos com uma visão mais aberta e complexa da composicionalidade semântica: como afirma Silva 2010, «temos que abandonar o princípio da composicionalidade (estrita). O significado de uma expressão complexa não é simplesmente nem necessariamente a soma (função composicional) dos significados das suas partes mais as regras de combinação que derivam directamente delas; isto é, uma estrutura pode apresentar características não derivadas dos seus constituintes ou pode perder características que estes possuem» (Silva 2010: 359). Ao concebermos o significado como algo mais do que o resultado de combinatórias fornecidas pela base, pelos afixos e pelas regras, temos de recorrer a um conceito de língua que permita a sua integração.

Os mais recentes trabalhos de Booij, desenvolvendo a Construction Morphology, teoricamente ancorados nas conceções já expostas de Jackendoff, dão um passo em frente em relação às regras de formação de palavras: «The framework of Construction Grammar [...] may be expected to provide an adequate framework for morphological analysis, since Construction Grammar takes as its starting point that ‘the grammar represents an inventory of form-meaning-function complexes [...]’» (Booij a sair b): 1). Os esquemas construcionais que propõe permitem formalizar os procedimentos derivacionais, incluindo as especificidades de cada produto, e a sua estrutura semântica. Estes esquemas podem ser estabelecidos em termos genéricos, apresentando o que de comum as diversas unidades construídas apresentam, ou para cada unidade em particular, sendo possível especificar os seus aspetos idiossincráticos.

1.3.5. CONCEITO DE LÍNGUA

Ao procedermos à análise de um sufixo estamos a analisar uma pequeníssima parte das muitas e complexas que constituem o sistema linguístico. Portanto, torna-se necessário elucidar de que modo encaramos esse sistema.

O estudo empreendido assenta numa conceção de língua que apresenta duas linhas complementares de pensamento. Por um lado, consideramos que «The foundational point is simply that language is all about meaning» (Geeraerts 2006a: 3),

pressuposto retirado da Linguística Cognitiva. A língua é vista «‘as an instrument for organizing, processing, and conveying information’ – as something primarily semantic» (Geeraerts 2006a: 3).

Por outro lado, e complementarmente, adotamos uma conceção de língua tal como exposta por Jackendoff (2002, 2010, 2011, a sair), numa proposta teórica que denomina de Parallel Architecture. Tal como um elemento arquitetónico, a linguagem é concebida como um constructo formado por partes complexas e autónomas ainda que fortemente interdependentes. A linguagem constitui-se então por três componentes essenciais, cada uma das quais dispendo de capacidade geratriz: a componente fonológica, a sintática e a semântica, dotadas de estrutura, elementos e princípios próprios; «The generative capacity of language is invested in multiple components— at the very least, autonomous generative components for phonological, syntactic, and semantic structure.» (Jackendoff 2010: 647). A linguagem resulta de cada uma delas e da complexa rede de interfaces que entre si estabelecem, entendendo-se que «the interface relation between different components cannot be a sequenced derivation, since structures in different components often stand in a many-to-many relation.» (Jackendoff 2010: 649).

Nesta linha de pensamento, uma palavra será dotada destas três componentes e a sua configuração final depende não apenas delas, mas também da rede de interfaces que entre si estabelecem. «Given a perceived phonological structure, the word licenses the building of a connection to the corresponding pieces of syntactic and semantic structure; given a piece of meaning to be expressed, the word licenses connecting it to appropriate pieces of syntactic and phonological structures» (Jackendoff 2010: 651).

Este modelo apresenta como grande virtualidade uma dinâmica que não se encontra em modelos anteriores, tendencialmente mais estanques, e que permite dar conta da capacidade geratriz da componente genolexical da língua. Apesar de a Parallel Architecture não dispor de uma componente morfológica autónoma, o dinamismo e a flexibilidade do modelo permitem articular todos os intervenientes ativos na componente genolexical da língua. Os campos de interface entre os vários domínios permitem descrever as complexas relações estabelecidas entre as bases (categorial, fonológica, morfológica e semanticamente concebidas), as RFPs e os afixos, no caso que nos importa o sufixo *-ismo*, no que respeita ao seu valor semântico e às restrições que impõe à base.

1.3.6. ESTUDO DO SIGNIFICADO

O estudo e a determinação do conceito de significado têm sido alvo de muitas e variadas abordagens em diversas áreas do conhecimento³. Neste trabalho não se procede à problematização das diferentes abordagens avaliando as suas virtualidades e insuficiências. Contudo, foi necessário tomar uma opção de trabalho; assumimos a que nos pareceu mais adequada. Em seguida faremos uma breve exposição do conceito de significado com o qual trabalhamos e do seu enquadramento no quadro teórico em que nos movemos.

No quadro do Parallel Architecture, Jackendoff desenvolve a Conceptual Semantics (Jackendoff 2002, 2010, 2011), que procede ao enquadramento teórico de análise da componente semântica das unidades linguísticas. Sinteticamente, pressupõe-se que «Only through looking at semantics on its own terms, grounded in the character of nonlinguistic cognition, can the independence of these structures from language — and their psychological and biological grounding — be revealed» (Jackendoff 2010: 661).

Indo ao encontro do postulado pela Semântica Cognitiva na pressuposição do significado como um constructo resultante de um processo de conceptualização («Meaning is equated with conceptualization.» Langacker 2006: 30), na medida em que «many aspects of one's conceptualization of the world are independent of language.» (Jackendoff 2010: 655), a Conceptual Semantics «is a theory of the information in a language user's mind/brain that is involved in understanding utterances, connecting them to perceptual evidence, and making inferences» (Jackendoff 2010: 655). Nesta medida, «word meanings must be composite in order to encode relations among word meanings and in order to state properly general rules of inference» (Jackendoff 2010: 657).

A conceção de significado que adotamos leva-nos até ao interior da mente dos falantes para compreender o modo como a carga semântica de uma unidade se estrutura e para compreender o modo como a articulação das unidades genolexicais permite gerar novos significados (§ 5.1.2.). Os mecanismos de conceptualização revelar-se-ão

³ Em Casas Gomez 2011 faz-se uma brevíssima apresentação de alguns dos percursos seguidos na abordagem do significado.

ainda fundamentais para a interpretação categorial (§ 3.3.) e semântica (§ 4.2.) das bases.

O quadro de análise exposto concorre para uma conceção da composicionalidade morfológica e semântica das unidades construídas acrescentando-lhe instrumentos de análise e pressupostos teóricos de que os trabalhos inicialmente referidos não dispõem. A visão dinâmica e mentalista de todo o processo de formação de palavras, nomeadamente no que à componente semântica concerne, permite compreender dinâmicas e estruturas de outro modo obscurecidas. Muitas dificuldades colocadas a esta conceção, e que dizem respeito ao facto de o significado do produto não resultar sempre na soma do significado das partes, são resolvidas no quadro da Conceptual Semantics e da Semântica Cognitiva.

Como referimos, pela proximidade e complementaridade que apresentam, completámos o nosso quadro teórico de análise semântica com a Linguística Cognitiva, da qual recolhemos, além das conceções de língua e de significado, instrumentos de análise fundamentais para a compreensão da estrutura semântica do sufixo. O conceito de polissemia (§ 5.1.1.) e uma análise do protótipo com diferentes graus de saliência dos significados periféricos (§ 5.1.3.1. e § 5.1.3.2.) são dela decorrentes.

Para a análise da estrutura semântica do sufixo, adotámos a teoria do protótipo, de acordo com a qual um dos significados de uma palavra assumirá maior relevância que os restantes. O efeito de prototipicidade decorre de quatro fatores: «*physiological hypothesis says that prototypicality is the result of the physiological structure of the perceptual apparatus*» (Geeraerts 2006c: 28); «*The referential hypothesis states that the prototypicality results from the fact that some instances of a category share more attributes with other instances of the category than certain peripheral members of the category*» (Geeraerts 2006c: 28); «*Statistical explanations of prototypicality state that the most frequently experienced member of the category is the prototype*» (Geeraerts 2006c: 28); e por último «*The psychological hypothesis [...] states that is cognitively advantageous to maximize the conceptual richness of each category through the incorporation of closely related nuances into a single concept because this makes the conceptual system more economic*» (Geeraerts 2006c: 28). Resultante da articulação de fatores fisiológicos, referenciais, de frequência e psicológicos, surge o significado prototípico de uma unidade. Estes fatores não se encontram, contudo, sempre presentes

e podem apresentar diferentes pesos para a determinação de cada situação de prototipicidade.

Entende-se como a teoria do protótipo confere diferente estatuto aos significados identificados numa unidade lexical, determinando um deles como prototípico, isto é, mais representativo da unidade em questão: «members of a category are not equal – they vary in how good they are, or how representative, of the category. The very best are the prototypical members, and the category is essentially built round these: other examples are assimilated to the category or not according to how closely they resemble the prototype.» (Cruse 2004: 98). Conceber diferentes estatutos para os vários significados de uma unidade implica que o seu significado disponha de uma estrutura e não seja concebido como uma unidade monolítica, portanto, «categories have internal structure: there are central members, less central members, and borderline cases» (Cruse 2004: 129). Os significados periféricos serão então considerados mais ou menos prototípicos, ou seja, mais ou menos próximos daquele que se assumiu como sendo o protótipo. A flexibilidade deste modelo de análise permite dar conta da complexidade semântica das unidades polissémicas, como o sufixo *-ismo*, «it is only with the advent of prototype theory that contemporary linguistics developed a valid model for the polysemy of lexical items» (Geeraerts 2006b: 144).

A teoria do protótipo serve assim para dar conta da polissemia (Tuggy 2006: 168), encontrada na estrutura semântica de *-ismo*.

Numa linha de pensamento próxima, Booij 2010, 2012, a sair a) e a sair b) apresenta esquemas construcionais que, funcionando como esquemas de análise e de construção de unidades, possibilitam a inserção da complexidade e especificidades semânticas das unidades morfológicas ao nível da produção de unidades.

1.4. ESTRUTURA DO TRABALHO

Iniciaremos o nosso estudo no Capítulo 2 pela observação dos nomes em *-ismo* e seus cognatos em espanhol, italiano, francês e inglês. O facto de *-ismo* ser considerado um sufixo internacional, o que implica forte similaridade formal e comportamental nas diferentes línguas, justifica esta análise. Nesse mesmo capítulo, observar-se-á o percurso histórico dos nomes em *-ismo* no português desde os primeiros nomes atestados no século XIV até ao presente. Deste modo podemos

observar o surgimento de comportamentos derivacionais e significados recorrentes nos dias de hoje.

O Capítulo 3 será dedicado ao estudo das bases. Ainda que as suas propriedades categoriais e semânticas sejam as que mais desafios de análise nos colocam, serão igualmente observadas as suas propriedades fonético-fonológicas e morfológicas (estrutura e categoria). Verificaremos que a enorme diversidade apresenta recorrências que possibilitam a deteção de linhas comuns. Assim, encontraremos uma forte presença da categoria nominal, conceptualmente concebida, associada ao traço de predicatividade.

No Capítulo 4 proceder-se-á à análise semântica dos nomes em *-ismo*, que conduzirá à confirmação de alguns dos dados avançados no capítulo anterior para a determinação das bases selecionadas por *-ismo*.

O Capítulo 5 será dedicado à análise e problematização dos dados anteriormente recolhidos. Neste capítulo será exposta a natureza polissémica do sufixo, a sua estrutura semântica, o modo como a estrutura semântica do sufixo se articula com a das bases para criar os significados dos nomes derivados, proceder-se-á à inclusão do sufixo *-ismo* na RFP ESSIV e apresentar-se-á o esquema construcional associado ao sufixo.

2. O SUFIXO *-ISMO*

Este Capítulo pretende, na primeira parte, fazer uma apresentação do atual estado do conhecimento a respeito do sufixo *-ismo*. Como se trata de um sufixo que apresenta um comportamento genolexical e uma semântica dos produtos idênticos em várias línguas, o que lhe vale o epíteto de sufixo internacional (§ 2.1.) (Correia 2004), e para que melhor se compreendam as referidas semelhanças, faremos uma breve descrição do seu comportamento derivacional em português, espanhol, italiano, francês e inglês (§ 2.1.2.), línguas que apresentam fortes semelhanças entre os seus sufixos cognatos.

O sufixo *-ismo*, bem como os seus congéneres, são originários do grego e chegam às línguas modernas através do latim. Portanto, para determos um mais completo conhecimento sobre o comportamento derivacional e semântico destes sufixos, faremos uma breve descrição do seu comportamento também nas línguas clássicas (§ 2.1.1.).

Por fim, na segunda parte do capítulo, serão apresentados o surgimento e desenvolvimento do sufixo no português (§ 2.2.). Observando-se os *corpora* recolhidos para os vários séculos, podemos desenhar uma linha evolutiva em termos semânticos e derivacionais.

2.1. UM SUFIXO INTERNACIONAL

O sufixo *-ismo* apresenta fortes semelhanças morfológicas, semânticas e derivacionais com os seus equivalentes em outras línguas. Sucede que as bases selecionadas, a configuração morfológica do sufixo e dos seus produtos, e que a semântica dos produtos são muito idênticas em diversas línguas europeias. Estas semelhanças são de tal ordem fortes que o sufixo *-ismo* é apresentado, a par de outros (*-ncia* e *-idade*), por Correia 2004 como um sufixo internacional. Estes factos levam-nos a iniciar a presente secção com a exposição da conceção que a autora apresenta para sufixo internacional. Como veremos, um dos traços caracterizadores deste tipo de sufixos é uma configuração e comportamento semelhantes em diversas línguas. Por essa razão iremos na primeira parte deste capítulo (§ 2.1.2.) observar os sufixos

congêneres de algumas línguas românicas (português, espanhol, italiano e francês) e do inglês.

Como referido, uma ampla descrição do conceito de sufixo internacional é feita por Correia 2004, no âmbito do estudo dos nomes de qualidade do português. De acordo com a autora, os sufixos internacionais existentes em português, e nos quais se inclui o sufixo *-ismo*, a par de *-ncia* e *-idade*, partilham as seguintes características:

- «- surgem em estruturas analisáveis em português;
- são portadores de significado relacional característico de sufixos do português;
- estabelecem com as suas bases uma relação semântica que é reprodutível noutras estruturas semelhantes;
- são integráveis em paradigmas sufixais próprios de RCPs do português;
- os seus cognatos portugueses encontram-se disponíveis para a construção de novas unidades;
- são, portanto, interpretáveis como sufixos do português;
- as estruturas que os exibem podem ou não ter sido construídas em português.»

(Correia 2004: 107)

Desta definição infere-se imediatamente que um sufixo internacional é, dentro de uma determinada língua, neste caso o português, um sufixo de pleno direito, idêntico em tudo aos restantes sufixos autóctones. A sua particularidade reside na enorme proximidade semântica e estrutural que os nomes construídos em diferentes línguas por meio de sufixos congêneres apresentam entre si. Ao longo deste capítulo, e sobretudo em § 2.1.3., faremos referência à possibilidade de interpretar determinados nomes em *-ismo* quer como produções derivacionais autóctones, quer como resultado de importação de uma outra língua. O sufixo internacional é portanto um sufixo em tudo semelhante aos restantes sufixos autóctones do português, uma vez que, tal como esses, é enquadrável nas RFP do português, o que confere aos seus derivados uma estrutura morfológica e semântica compósitas e, conseqüentemente, interpretáveis dentro dos mecanismos genolexicais do português.

O sufixo português *-ismo* satisfaz, como se verá, os critérios apresentados para que o possamos considerar um sufixo internacional. Observe-se como exemplo o

derivado *nazismo*, uma estrutura analisável em português, que tem por base *nazi*, ([[nazi]_{Adj/N} ismo]_N), e que tem um significado relacional: «doutrina político-social, de carácter totalitário, baseada na superioridade da raça exposta por Nietzsche, cujos princípios foram adoptados pelo Partido Nacional-Socialista, fundado por Hitler na Alemanha; nacional-socialismo» (DLP 2006). O derivado apresenta uma estrutura e semântica compósitas e enquadráveis nos paradigmas genolexicais do português. No entanto, em português encontramos ainda nomes em *-ismo* como *fascismo*, que é o resultado de um processo genolexical operante em outra língua; neste caso o italiano, que gerou *fascismo*. Os três nomes (*nazismo* derivado em português; *fascismo* importado para o português do italiano e *fascismo* derivado em italiano) apresentam dois sufixos, um português e um italiano, formalmente idênticos e portadores de idêntica instrução semântica, uma vez que os nomes *nazismo*, derivado em português, e *fascismo*, derivado em italiano (e, conseqüentemente, o nome italiano importado para o português), servem a denominação de um regime político.

Como vimos referindo, a particularidade dos sufixos internacionais reside nas semelhanças que quer eles quer os seus produtos partilham com os sufixos cognatos de outras línguas e seus produtos. É assim que produtos derivacionais idênticos produzidos em diferentes línguas são interpretáveis dentro das RFP de cada uma delas e, em simultâneo, apresentam elevado grau de semelhança no que diz respeito à estrutura morfológica e à interpretação semântica. Ainda de acordo com Correia 2004, os sufixos internacionais são «casos nos quais a mesma estrutura se encontra em diversas línguas, isto é, as unidades assim construídas podem ter sido construídas em português ou importadas de outras línguas românicas ou mesmo do inglês» (Correia 2004: 106). É o que sucede, por exemplo, com *alcoolismo* (português), *alcoholismo* (espanhol), *alcoolismo* (italiano), *alcoolisme* (francês) e *alcoholism* (inglês). A interpretação semântica e morfológica de cada uma destas palavras resulta da RFP que as produziu nas respetivas línguas. Trata-se, portanto, de um significado compósito, associado a uma estrutura morfológica construída. Não obstante, é igualmente possível afirmar que uma destas línguas produziu o derivado originário que foi posteriormente importando pelas restantes; este facto não alteraria, contudo, a leitura compósita do significado dos derivados.

Além de ser um sufixo que se enquadra nas RFP do português, *-ismo* apresenta portanto fortes similitudes semânticas e formais com os cognatos de outras línguas,

reunindo deste modo as condições necessárias para poder ser considerado um sufixo internacional.

Em consequência, os produtos derivacionais destes sufixos «constituem frequentemente internacionalismos, isto é, aquelas unidades que têm uma estrutura semelhante em diferentes línguas e que por isso são mais facilmente compreensíveis e tradutíveis.» (Correia 2004: 107). Estas semelhanças, ao facilitarem a compreensão e tradução dos termos em causa agilizam e facilitam a comunicação. É por esta razão que «Muitas vezes, os internacionalismos constituem termos científicos ou técnicos» (Correia 2004: 107). Na criação e utilização de linguagens técnicas e de especialidade evita-se tanto quanto possível a ambiguidade. A utilização de um sufixo cuja leitura é idêntica em diferentes línguas reduz de modo considerável o risco de ambiguidade em situações de tradução ou de comunicação, escrita ou oral, para destinatários falantes de uma língua que não a de uso nessa situação de comunicação.

A proximidade formal, funcional e semântica existente entre os sufixos cognatos de *-ismo* reclama que aqui se faça uma descrição sumária da estrutura e da semântica dos derivados de algumas dessas línguas.

2.1.1. LÍNGUAS CLÁSSICAS: GREGO E LATIM

A origem do sufixo português *-ismo* e dos seus congêneres românicos e inglês parece, segundo Diez 1874 e Meyer-Lübke 1890-1906, situar-se no grego. Ainda que originariamente o sufixo não apresentasse exatamente a configuração que se difundiu pelas línguas modernas, «na língua grega era utilizado o sufixo *-mós*, em grego *-μός*, e não o próprio *-ismo* ou *-ismós*» (Gianastacio 2009: 21). Portanto, «faz-se necessário entender como o sufixo *-mós* passou para o latim em *-ismus*» (Gianastacio 2009: 22). De acordo com este autor, e em parte por força do modelo de *βαπτισμός*⁴, «o sufixo transportado do grego para o latim foi *-smós* ocorrendo a prótese com o acréscimo do fonema *i*, no latim ou juntando o *ι* “iota” antes do *s* “sigma” ainda no grego» (Gianastacio 2009: 28).

⁴ «Quando esse verbo é transformado em substantivo, o *s* (sigma) permanece antes do sufixo *-μός*, por exemplo, *βαπτισμός*, que é o ato da imersão.» (Gianastacio 2009: 26)

Não obstante as transformações formais de que possa ter sido alvo o sufixo grego originário, os sufixos *-ismo* (português, espanhol e italiano), *-isme* (francês) e *-ism* (inglês) têm todos a sua origem no mesmo sufixo grego. Nessa língua, o sufixo acoplava-se a bases verbais, dando origem a nomes abstratos (Piel 1940), mais especificamente «formava substantivos deverbais de ação» (Gianastacio 2009: 21). Deste modo, em grego antigo *-ismós* é «by origin a suffix with deverbial impersonal substantives» (Marchand 1969: 307), de que são apresentados os exemplos *baptismós* e *rheumatismós*. No que diz respeito aos produtos, «There are also a group of words meaning ‘idiom, peculiarity of speech’ which existed already in Old Greek and passed into Latin and hence into various European languages.» (Marchand 1969: 307).

Este padrão grego de derivação deverbial parece, contudo, ter sofrido uma transformação, resultado de uma reinterpretação da estrutura destes nomes feita já em latim. «“En otras palabras, el latín absorbe el sufijo *-ισμός*, pero no adopta la regla gramatical que rige su uso en griego» (Pharies 2002: 356; *apud* Gianastacio 2009: 26). Essa reinterpretação resulta de uma posterior e errada análise derivacional dos nomes em *-ismós/-ismus* que, em vez de identificar a base verbal que efetivamente se encontra ativada na derivação em grego, analisa a base como tendo origem adjetival: «The word *christianismós* in Ecclesiastical Greek was by origin a deverbial derivative from *christianízō* ‘profess christianity’, but could also be connected with *christianós* ‘christian’» (Marchand 1969: 307). A compreensão do porquê desta alteração do padrão derivacional estará muito provavelmente relacionada com o modo como o sufixo transitará para o latim através dos nomes gregos terminados em *-μός*. Estes nomes de origem grega pertencem, já o vimos, maioritariamente ao domínio religioso. No entanto, a presença destes deverbais gregos em latim não implica, necessariamente, que o verbo que tomaram por base também tenha transitado para a língua latina. «Pharies (2002, p. 356) afirma que a língua latina aceitou, em seu léxico, mais trinta vocábulos oriundos da língua grega, terminados por *-ismós*. Esses vocábulos, em geral, passaram para o latim com os seus verbos correspondentes *-izo*, por exemplo, *catechismus -i / catechizos*, *christianismus -i / christianizo*, *exorcismus -i / exorcizo*. Assim, para alguns vocábulos que passaram do grego para o latim, formados com a terminação *-mós*, nem sempre o verbo que serviu de base à formação do substantivo na língua grega também entrou para o léxico latino. Como exemplo temos o caso de *barbarismus*, pois o latim não recebeu do grego o verbo *barbarizo*, (comportar-se como

um bárbaro).» (Gianastacio 2009: 26). Nestes casos, por não existir em latim o correspondente ao verbo grego tomado por base, o sufixo seria associado a um radical nominal / adjetival de base e não a um radical verbal. Por esta ou por qualquer outra razão, o facto é que o padrão derivacional grego se perdeu em latim e com ele a leitura deverbal dos nomes em *-ismo*, abrindo espaço ao surgimento de novos padrões derivacionais e de novos valores semânticos que se desenvolverão não só em português mas também nas línguas que adotaram este sufixo.

Com efeito, a presença do sufixo *-ismo* no latim, herança grega, está intimamente ligada à difusão da religião cristã: «Il suffisso è entrato nel latino con il cristianesimo e si è diffuso, dapprima, nel latino Cristiano» (Tekavčić 1972: 41). Nesta língua, porém, por erróneo processo de análise da estrutura destes nomes, o sufixo vai adotar um comportamento distinto no que toca à seleção das bases, uma vez que passa a seleccionar bases adjetivais e já não verbais. No entanto, a sua configuração, a natureza categorial e a semântica dos seus produtos não sofrem alterações significativas relativamente ao modelo grego.

Sustentando a interpretação anteriormente apresentada, Marchand justifica do seguinte modo esta mudança de comportamento na seleção das bases: «The word [*christianismós*] passed into Ecclesiastical Latin as *christianismus* which was analysed as derived from *christianus*. Signifying ‘practice, religious system of the christians’ it attracted *paganismus* [...] derived from *paganus*.» (Marchand 1969: 307). Seria então a partir deste padrão de seleção de uma base adjetival presente em latim que o sufixo *-ismo*, bem como os sufixos cognatos de outras línguas europeias, definiria o seu comportamento nas línguas modernas.

Temos ainda de considerar o facto de o sufixo não parecer muito produtivo em latim. De acordo com Gianastacio «percebe-se que o sufixo *-ismo* não era utilizado na língua Latina, no caso o *-ismus*» (Gianastacio 2009: 29). O sufixo parece ter ficado como que fossilizado em latim, sobretudo no latim eclesiástico, para vir a recuperar o seu dinamismo, séculos mais tarde: «tanto o sufixo *-ismo* como *-ista* foram bem utilizados no latim medieval, para designar sistemas doutrinários e seus seguidores: *sabbatismus*, *legalista*. Percebe-se, então, que o sufixo *-ismo*, com sua origem na língua grega, sobreviveu às traduções dos textos gregos para o latim» (Gianastacio 2009: 31).

Em suma, parece claro ter sido dentro do latim eclesiástico que se deu a reformulação do paradigma derivacional de *-ismus* e é através dele, e com as características que este lhe imprimiu, que o sufixo chega a e se difunde nas línguas românicas e no inglês: «cette dérivation a reçu une grande extension au moyen age dans le latin de la scholastique; c'est de là qu'elle a passé dans les idiomes vulgaires» (Darmesteter 1972: 208-209).

2.1.2. LÍNGUAS MODERNAS: PORTUGUÊS, ESPANHOL, ITALIANO, FRANCÊS E INGLÊS

É inquestionável que o sufixo *-ismo* «é comum a tôdas as línguas de civilização da Europa» (Piel 1940: 211). Esta afirmação sustenta que, juntamente com argumentos já expostos, *-ismo* seja considerado um sufixo internacional. Por consequência, o sufixo apresenta uma configuração, comportamento e produtos semelhantes nessas línguas, revelando uma origem comum e um percurso idêntico e com pontos de interseção entre as várias línguas.

A presente secção não tem como propósito fazer uma apresentação do percurso histórico do sufixo *-ismo* nas diversas línguas nem uma análise sincrónica em profundidade do comportamento dos sufixos próprios dessas línguas. Procura sim fazer uma breve apresentação do sufixo *-ismo* e seus cognatos, das regras de formação de palavras em que se enquadram e dos seus derivados tal como presentemente são entendidos pelos investigadores das línguas em apreço, por forma a que mais claramente se compreendam os muitos aspetos que nestas línguas aproximam os sufixos cognatos de *-ismo*.

As línguas sob escopo apresentam nomes em *-ismo* (português, espanhol e italiano), *-isme* (francês) e *-ism* (inglês) de diferentes proveniências. As línguas românicas herdam, aquando da sua formação, nomes latinos em *-ismus* que passam a integrar o seu vocabulário: *catecismo* (português e espanhol), *catechismo* (italiano) e *catechisme* (francês). Depois de constituídas, estas línguas continuam a recorrer às duas línguas clássicas como fonte de empréstimos⁵ ou como fonte de radicais capazes de

⁵ Entende-se por empréstimo «1. Processo de transferência de uma unidade lexical de um registo linguístico para outro dentro da mesma língua ('empréstimo interno'), ou de uma língua para outra

operar nos seus sistemas derivacionais. Como se trata de um sufixo internacional, o intercâmbio entre estas línguas é frequente, surgindo assim empréstimos que têm como fonte também as línguas modernas (§ 2.1.3.). Por fim, cada uma destas línguas gera os seus próprios nomes em *-ismo* (português, espanhol e italiano), *-isme* (francês) e *-ism* (inglês) através dos mecanismos derivacionais que desenvolveram.

Nas secções seguintes procuramos fazer a descrição sumária destes mecanismos derivacionais tal como atualmente se apresentam, e não a descrição do modo como se estabeleceram.

2.1.2.1. PORTUGUÊS

A configuração morfológica do sufixo em português não levanta qualquer tipo de problemas. As maiores dificuldades que se observam na caracterização do comportamento derivacional deste sufixo dizem respeito à determinação categorial das bases e à descrição do valor semântico dos seus produtos.

Em português têm sido consideradas diversas subclasses morfológicas para as bases de *-ismo*. Piel aponta como base o radical «que pode servir qualquer nome comum, próprio ou adjetivo, desde que exprima uma noção que se pode tornar o ponto de partida de um determinado credo religioso, filosófico, político ou artístico» (Piel 1940: 212). Villalva 2003, dando continuidade a esta proposta, apresenta como bases possíveis o radical nominal, adjetival mas também verbal.

Categorialmente, os adjetivos e/ou nomes têm sido consensualmente apontados como bases do sufixo, mas há propostas que alargam este leque de possibilidades categoriais das bases. Villalva 2003 refere as bases verbais e Câmara, além dos adjetivos e nomes próprios, faz notar que as siglas, «pessedismo, de PSD» (Câmara 1976: 222), também se podem constituir como bases.

Considerando que o produto da derivação em *-ismo* é um nome de qualidade, Correia 2004 propõe que as bases preferenciais sejam adjetivos. A presença de bases categorialmente distintas deve-se à existência de algum tipo de impedimento para a seleção do adjetivo, portanto são entendidas como uma segunda escolha. Esta proposta

(‘empréstimo externo’)) (Correia & Lemos 2005: 53). Portanto, no caso em apreço, ao falarmos de empréstimo, estamos a falar do que as autoras definem como ‘empréstimo externo’.

e as questões relacionadas com a categoria das bases serão analisadas com maior detalhe em § 3.1.3.

O produto da sufixação por *-ismo* é sempre um nome. Piel 1940 acrescenta que se trata de um nome abstrato, já que o sufixo toma por base adjetivos. Como se verá, esta classificação dos produtos de *-ismo* não é pacífica em português (§ 5.1.3.1.1) nem em outras línguas.

A semântica dos produtos de *-ismo* tem sido alvo da atenção dos autores que dela têm feito descrições mais ou menos pormenorizadas. De acordo com Piel, «o sufixo exprime:

- uma atitude, inclinação, convicção ou tendência individual ou colectiva: *humorismo, egoísmo* [...]» (Piel 1940: 212);
- «certas particularidades de ordem lingüística e estilística: *latinismo, galicismo* [...]»⁶ (Piel 1940: 212);
- «credo religioso, filosófico, político ou artístico: *protestantismo* [...] – *dualismo* [...] – *absolutismo* [...] – *classicismo*[...]»⁷ (Piel 1940: 212).

Este último valor semântico é também apresentado por Ali 1964, que enuncia ainda outros:

- «maneira de falar própria de certas pessoas em *vulgarismo* [...]» (Ali 1964: 244);
- «imitação da língua estrangeira em *latinismo* [...]» (Ali 1964: 244);
- «particularidades de certas expressões que as diferenciam do falar usual em *arcaísmo* [...]» (Ali 1964: 244);
- «maneira de proceder ou de pensar de acordo com o procedimento ou doutrina própria de certo género de indivíduos em *heroísmo* [...]» (Ali 1964: 244);
- «Em linguagem científica caracteriza certos fenómenos em *magnetismo* [...]» (Ali 1964: 244).

Também Câmara aponta como semântica das bases «a expressão de uma “profissão de fé”» (Câmara 1976: 222) e a «caracterização de ideologias políticas» (Câmara 1976: 222).

⁶ Este significado é referido também em Cunha & Cintra 1995.

⁷ Este significado é referido também em Cunha & Cintra 1995 e Bechara 1999.

Numa tentativa de enquadrar o sufixo *-ismo* no sistema de regras de formação de palavras do português, Rio-Torto 1992 apresenta-o como um operador da RCP QUAL que forma derivados parafraseáveis por «“o facto de ser X”, “propriedade (qualidade) de ser X”» (Rio-Torto 1992: 430). Ao operador *-ismo* pode também associar-se «o conteúdo convencional de “sistema (doutrina) ideológico, filosófico, cívico, político, estético, religioso afecto a x” (v.g.: *autoritarismo*; *brasileirismo*; *classicismo*; *comunitarismo* [...])» (Rio-Torto 1992: 433). Esta proposta será posteriormente desenvolvida pela autora e assim:

«os produtos que representam nomes de sistema científico, filosófico, ideológico, e que são derivados [...] em *-ismo* (*protestantismo*), adquiram, por força da especificidade do próprio sufixo, e da estrutura semântica das bases a que se anexam (bases que designam ser humano definido pelo seu perfil filosófico, ideológico, religioso), a significação mais específica de “sistema científico, filosófico, ideológico relacionado com Nb”»

(Rio-Torto 1998a: 123).

Em nota de rodapé são ainda aduzidas pela autora outras significações aos produtos de *-ismo*:

- «“ocupação/actividade sistemática” (*campismo*; *clubismo*; [...])» (Rio-Torto 1998a: 123);
- «“atitude, procedimento relacionada/o com Xb” (*bairrismo*; *clubismo*)» (Rio-Torto 1998a: 123);
- «“atitude de quem é A” (*pedantismo*; *servilismo*; *snobismo*)» (Rio-Torto 1998a: 123);
- «e, ainda por metonímia, “produto resultante da atitude/praxis de quem é A”» (Rio-Torto 1998a: 123);
- «e “aquilo que é A” (*arabismo*; *barbarismo*; *estrangeirismo*; *vulgarismo*).» (Rio-Torto 1998a: 123).

A proposta mais recente e desenvolvida sobre o sufixo *-ismo* é a de Correia 2004, nomeadamente no que diz respeito à semântica dos produtos, e ao condicionamento que sobre esta exerce a semântica das bases. O sufixo é encarado como sendo primariamente formador de nomes de qualidade, parafraseáveis por «“o

facto de ser objectivamente X» (Correia 2004: 294). Como os derivados em *-ismo* nem sempre são nomes de qualidade puros, podem atualizar outros significados. É assim que servem para:

- «denominar formas de comportamento, atitudes assumidas de forma sistemática» (Correia 2004: 295), como em *aristotelismo* (Correia 2004: 292);
- «têm a capacidade de denominar a própria ideologia, religião, sistema político ou sistema filosófico» (Correia 2004: 295), é o caso de *budismo* (Correia 2004: 292);
- «denominar as práticas / actividades / técnicas com as quais o adjectivo se encontra relacionado» (Correia 2004: 295), como em *automobilismo* (Correia 2004: 292);
- «denominar o conjunto das manifestações da faculdade / parte que é focalizada pela base» (Correia 2004: 295), como em *sexualismo* (Correia 2004: 292);
- «a construção de nomes de doenças / mal-formações / deficiências e, ainda, intoxicações / dependências físicas» (Correia 2004: 295), como em *artritis* (Correia 2004: 292).

2.1.2.2. ESPANHOL

Em espanhol, o sufixo *-ismo* revela uma diversidade de bases idêntica à que se encontra em português. De acordo com Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert, as bases podem ser «nominales [...] y adjetivales [...]. Más raras resultan – aunque existen – las derivaciones deverbales [...] y en casos especiales podemos encontrar otro tipo de bases (*leísmo, dequeísmo, queísmo*).» (Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert 1999: 4569). Lang 1992 enuncia alguns destes «casos especiales» que podem constituir-se como base de *-ismo*: os acrónimos, «UCD → ucedismo» (Lang 1992: 178) e estruturas sintagmáticas, «oveja negra → ovejanegrismo» (Lang 1992: 178).

Apesar de contemplar apenas as bases adjetivais, Martínez Celdrán refere a sua estrutura interna, indicando tratarem-se de «adjetivos, que, en su mayoría, han sido adjetivados anteriormente por otros sufijos» (Martínez Celdrán 1975: 120). Isto é, são adjetivos construídos em espanhol ou de estrutura compósita; entre outros, são dados como exemplo os derivados *alpinismo, albinismo* e *activismo*.

Assim, *-ismo* acopla-se a bases categorial (nomes, adjetivos e verbos) e estruturalmente (simples e derivadas) diversas.

Em relação ao valor semântico dos nomes em *-ismo* temos que: «El grupo más numeroso de derivados se caracteriza por expresar opiniones o «posicionamientos» que pueden ser políticos [*comunismo*, [...]], económicos [*colectivismo*, [...]], religiosos o filosóficos [*anglicanismo*, *aristotelismo* [...]], científicos [*inductivismo*, [...]], artísticos [*romanticismo* [...]] etc.» (Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert 1999: 4570); existem ainda «derivados que designam caracteres, cualidades, o formas de organización social o política asociados com esas opiniones: *autoritarismo*, *feminismo* [...]» (Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert 1999: 4570); e, por fim, existem «derivados que indican una actividad profesional: *ensayismo*, *medievalismo* [...]» (Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert 1999: 4570). Complementarmente, Varela Ortega sublinha o papel do sufixo na formação de nomes de qualidade: «Los pocos *-ismos* que no dan el correspondiente derivado en *-ista* [...] son nombres abstractos de cualidad que tienen en la base un adjetivo que ya ha lexicalizado la cualidad o propiedad correspondiente» (Varela Ortega 2005: 46).

Também Pena enquadra *-ismo* no grupo dos sufixos que formam nomes de qualidade; contudo, acrescenta que «Los sufijos *-ería* e *-ismo* son los más periféricos en la categoría de los nombres de cualidad.» (Pena 2004: 10; nota de rodapé 3).

Considerando a natureza categorial das bases, Miranda 1994 indica como significado dos produtos a denominação de «‘movimientos políticos, grupos sociales, actividades culturales» (Miranda 1994: 134), quando a base é um nome e, quando a base é um adjetivo, os produtos são «nombres abstractos referidos a la cualidad del Adj» (Miranda 1994: 136).

Tal como nas outras línguas analisadas, *-ismo* é um sufixo que em espanhol não apresenta variações formais, mas que pode desencadear essas modificações nas suas bases. As regras de truncamento de um sufixo pertencente à base são referidas por Lang no que diz respeito ao sufixo *-ic* «cínico → cinismo» (Lang 1992: 179). Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert referem-se a este fenómeno como «la haplología de un sufijo en la base de derivación, especialmente en el caso de *-ico* [...] aunque también se observa idiosincrásicamente en otros casos» (Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert 1999: 4569). Além de considerarem o truncamento de diferentes sufixos presentes na base de *-ismo*, os autores apresentam ainda outros fenómenos de modificação formal

da base, chamando porém a atenção para a sua assistemática: «Aunque normalmente se elide la vocal final de la base no resultan infrecuentes los ejemplos de conservación»; são igualmente identificáveis casos de «monoptongación de la base [...] Aunque no en todos los casos se produce» (Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert 1999: 4569).

Existe ainda um fenómeno de modificação formal da base que, ao contrário dos anteriores, aparenta ser sistemático, isto é, isento de exceções, trata-se da «conversión de /k/ en /t/: *clasicismo, criticismo*» (Santiago Lacuesta & Bustos Gisbert 1999: 4569).

Um trabalho mais recente sobre este sufixo, Muñoz Armijo 2010, vem confirmar os dados apresentados, revelando um sufixo capaz de atualizar diversos valores semânticos e de selecionar bases distintas. Este trabalho não incide tanto sobre a análise do comportamento derivacional do sufixo, mas sobretudo no registo do seu surgimento e difusão no espanhol e ainda nas áreas semânticas em que inicialmente surge atestado e aquelas em que vai apresentando atestações inovadoras. Porque adota uma perspetiva cronológica do sufixo, a autora estabelece uma distinção muito forte entre os nomes produzidos em espanhol e os empréstimos. Esta análise permite-lhe indicar os momentos em que os significados hoje existentes nos nomes em *-ismo* surgem e se a sua presença se verifica na derivação em língua espanhola ou se resulta de empréstimo. Procede-se ainda à determinação das fontes de empréstimo que, sobretudo nos períodos mais recentes, são o inglês (que se configura como uma língua muito produtiva) e o francês (muitas vezes como intermediário entre o inglês e o espanhol ou entre o espanhol e as línguas clássicas).

A análise semântica da autora realiza-se sobretudo em termos cronológicos e de áreas léxico-conceituais em que o sufixo surge e não tanto em termos de significados inerentes do sufixo e passíveis de ser (ou não) atualizados. Desta forma, no que à análise de estrutura semântica do sufixo concerne, o seu trabalho não acrescenta dados distintos em relação aos anteriormente apresentados, nem explicita a dinâmica interna do sufixo que permite o surgimento desses valores associados a uma mesma unidade afixal.

2.1.2.3. ITALIANO

De forma muito idêntica ao que se verifica em português e espanhol, também no italiano as bases derivacionais de *-ismo* são, sobretudo, nomes e adjetivos. Scalise 1986 considera tratar-se de «a very productive process which attaches the suffixes in question to Nouns and Adjectives, the combination characterized by [+ N]» (Scalise 1986: 141). Além destas bases de natureza nominal, o autor reconhece a existência de bases verbais, porém, «the fact that so few cases of this rule can be found shows that it is not productive and therefore not in conflict with the general rule» (Scalise 1986: 141), que seleciona uma base portadora do traço nominal. As bases verbais são, então, encaradas como casos de exceção que não contrariam a regra geral que preconiza uma base nominal ou adjetival para *-ismo*. Esta visão categorial das bases é partilhada por Rainer: «Per quanto riguarda la categoria sintattica delle basi, abbiamo già menzionato che troviamo, in quest'ordine di importanza, sostantivi, aggettivi [...] e verbi.» (Rainer 2004: 259).

Renzi, Salvi & Cardinaletti 1995 identificam ainda bases de estrutura sintaxiforme: «i suffissi *-ista / -ismo* hanno la possibilità de aggiungersi a sintagmi» (Renzi, Salvi e Cardinaletti 1995: 492), apresentando como exemplo *pressapochismo*, *perbenismo* e *menefreghismo* (492). Acrescentam, no entanto, que «ma non a tutti sintagmi indistintamente [...], non in modo produttivo, c) tale possibilità è favorita se la base ha subito un processo di lessicalizzazione.» (Renzi, Salvi & Cardinaletti 1995: 492), sublinhando o carácter quase excepcional deste tipo de base.

Tekavčić 1972 (41) considera que os produtos de *-ismo* são nomes abstratos. Contudo, Rainer 1989 toma uma posição diferente ao afirmar que *-ismo*:

«non è un suffisso astrato vero e proprio, anche se a volte avvicina notevolmente a un suffisso di questo tipo», «i pressunti usi astratti di *-ismo* altro non sono che usi secondari dei significati 'stato anomalo' e 'concezione'»

(Rainer 1989: 296)

Justifica a sua análise com a coexistência de formações em *-ismo* e derivações abstratas por outros sufixos, formadas sobre a mesma base, como *convenzionalità / convenzionalismo* ou *intellettualità / intellettualismo* (Rainer 1989: 296). O facto de os

dois derivados estarem atestados significa que não podem desempenhar ambos a função de nome abstrato, não sendo, portanto, sinónimos absolutos; deste modo se justifica (e explica) a não atuação das regras de bloqueio sobre um dos derivados. A função de nome abstrato cabe, nestes casos, ao derivado em *-ità*.

A possibilidade de *-ismo* formar nomes abstratos não é, contudo, negada em absoluto pelo autor; «la possibilità di una lettura astratta si dà sempre quando l'aggettivo-base da solo esprime già una concezione, disposizione, o simile» (Rainer 1989: 297). Consequentemente existem:

«vari gradi di “astrattezza” con la parole en -ismo, a secondo del significato della base aggettivale.», sendo que «Gli astratti più puri sono quelli derivati da aggettivi che designano inequivocabilmente una determinata concezione [...] L'altro polo è costituito da basi che non possono mai esprimere un significato da questo genere»

(Rainer 1989: 298)

«Il suffisso *-ismo* è fra i suffissi più produttivi dell'italiano moderno e ricorre in un gran numero di significati diversi non sempre nitidamente delimitabili fra di loro.» (Rainer 2004: 256). Consequentemente, em relação ao valor semântico dos produtos derivacionais de *-ismo*, também em italiano se encontram várias propostas. Tekavčić considera que os derivados de *-ismo* «esprimono qualità, correnti filosofiche, scientifiche, politiche [...] modi di essere, ecc.» (Tekavčić 1972: 41). Na perspectiva de Dardano 1997, o sufixo denota «il fatto di essere» (Dardano 1997: 292), «l'attitudine permanente del partigiano», «un'ideologia», «una disposizione dell'animo» (Dardano 1997: 292) ou «un atteggiamento» (Dardano 1997: 292). Rainer 1989 considera que os nomes em *-ismo* «designano una teoria, una disposizione psichica o una malattia» (Rainer 1989: 294); «Un altro gruppo di formazioni “astrattoide” in -ismo è quello [...] che denota una concezione, un atteggiamento. Prevalce el campo político.» (Rainer 1989: 294) e existem ainda nomes que designam uma «concezione estetiche» (Rainer 1989: 296). O autor faz ainda referência à relação que o sufixo estabelece com algumas áreas do conhecimento: «In medicina -ismo serve a designare malattie o più genere stati morbosi o comunque anomali» (Rainer 1989: 293); «Alcune formazioni, poco numerose, provengono dal campo delle scienze naturali e dalla matematica: paralelismo, polimorfismo» (Rainer 1989: 294). Posição muito idêntica é assumida

pelo autor em trabalho posterior. Os nomes em *-ismo* expressam «concezioni di ogni tipo: politiche, filosofiche, scientifiche, religiose, artistiche, ecc.» (Rainer 2004: 256), «fenomini sociali [...]». Un sottogruppo ben delimitato di questa categoria è costituito dalle attività sportive» (Rainer 2004: 258), «termini medici che designano malattie o comunque stati in qualche modo anomali» (Rainer 2004: 258), «particolarità linguistiche» (Rainer 2004: 259) «i nomi collettivi» (Rainer 2004: 259), ainda que com muito menor representatividade.

2.1.2.4. FRANCÊS

Darmesteter considera que em francês «les substantifs abstraits en -isme sont d'ordinaire formés après les adjectifs concrets auxquels ils correspondent» (Darmesteter 1972: 216).

Contudo, mais recentemente, a visão que se tem das bases derivacionais de *-isme* modificou-se e, tal como sucede nas línguas já referidas, também em francês as suas bases derivacionais são hoje consideradas «les plus diverses (rarement des verbes cependant)» (Grevisse 1995: 216). O sufixo acopla-se então a «une base apparemment verbale (*arrivisme*), nominale (*stalinisme*) ou adjectivale (*chauvinisme*)» (Corbin 1987: 704-705). Ainda de acordo com Corbin 1987 (573-574), encontram-se também na base derivacional de *-isme* estruturas sintaxiformes (*je m'en fous > je m'en foutisme*) e siglas (*CGT > cégétiste*). Estas estruturas levantam como problema a sua classificação categorial. A solução encontrada pela autora é a de «considérer je m'en fous et CGT comme des bases nominales, que la théorie présentée ici peut traiter comme des entrées lexicales indépendentes et non structurées» (Corbin 1987: 574). Assim, categorialmente (e de modo independente da sua estrutura interna) as bases são classificáveis como nomes, adjetivos ou verbos.

O valor semântico dos produtos derivacionais de *-isme* é objeto de outras propostas. Scalise 1986 apresenta dois significados principais «“doctrine, attitude, tendency or current” in relation to the base» (Scalise 1986: 161) e «“quality” of that which is designated by the base» (Scalise 1986: 161). Posição muito idêntica é a de Darmesteter 1972 ao afirmar que os derivados em *-isme* servem para «donner des noms aux systèmes, aux doctrines» (Darmesteter 1972: 209). Corbin 1987 apresenta como significado dos derivados «un sens paraphrasedable par “système de pensée (qui consiste

à V, de N, dont l'un des actants est Adj.» (si V, N, Adj. représentent respectivement les bases des noms construits))» (Corbin 1987: 705). É ainda referido o facto de os derivados poderem ser «noms d'“état” ou de “maladies”» (Corbin 1987: 704).

Uma proposta mais recente admite a variabilidade categorial referida, mas considera que o sufixo faz uma interpretação diversa da sua base. Assumindo tal como as anteriores propostas a polissemia, procura estabelecer uma associação entre os significados atualizados pelos produtos e as bases. Deste modo, segundo Roché 2007, o sufixo apresenta três significados essenciais, condicionados pela natureza semântica e/ou categorial da base. Isto é, semanticamente o sufixo atualiza três valores essenciais aos quais se pode associar uma tipologia de bases específica e um percurso histórico próprio.

O sufixo *-isme* pode estabelecer com a base uma relação axiológica. A base «est valorisé, d'une façon ou d'une autre, selon les trois axes traditionnels (le bien, le beau, le vrai), ou simplement considérée comme important» (Roché 2007: 46). Categorialmente, «La base est le plus souvent un nom, ou s'il s'agit d'un adjectif, d'un verbe, d'une expression, il n'est pas pris en tant qu'adjectif, verbe, etc., mais implicitement nominalisé.» (Roché 2007: 46).

O produto de *-isme* pode ainda ser:

- «un **nom processif** et un **nom d'agent** (ou bien l'un des deux seulement))» (Roché 2007: 46) que seleciona bases verbais;
- «ou bien un nom qui représente un autre participant au procès – l'instrument, par exemple» (Roché 2007: 46). Os exemplos apresentados são «*exorciser* V → *exorcisme* N» e «*parachute* N → *parachutisme* N» (Roché 2007: 46).
- um nome de qualidade, que «s'apparente à la grande famille des noms de propriété à base adjectivale et des noms de qualité formés sur un nom de personne» (Roché 2007: 46). Os exemplos apresentados são «*parallèle* Adj → *parallélisme* N» e «*dilettante* Nhu → *dilettantisme* N» (Roché 2007: 46).

Procurando explicar a génese deste modelo derivacional, o autor considera que «Les modèles qui construisent les dérivés en *-isme* du français procèdent, directement ou indirectement, du petit stock de lexèmes empruntés au grec, *via* le latin d'abord puis directement» (Roché 2007: 46). Os nomes classificáveis como «nom processif» são os que resultam de empréstimo. Os outros dois significados são resultado «d'une

réinterprétation, d'une réanalyse des dérivés empruntés.» (Roché 2007: 47). Genericamente, os nomes com significação axiológica «n'ayant pas été empruntée, *christianisme* va être rattaché directement à *chrétien*. Sur ce modele, seront formés *arianisme, catholicisme, luthéranisme, phrisaïsme*» (Roché 2007: 47). «Ainsi s'est mis en place, au 16^e siècle, le modèle axiologique qui est devenu le modèle dominant.» (Roché 2007: 47). Os nomes de qualidade em *-isme* surgem porque «L'évolution vers le nom de qualité est en germe dès le grec ancien, comme on le voit dans le cas de *atticisme*. Une fois le verbe éliminé, il ne reste plus que la relation entre l'adjectif et le dérivé en *-isme*.» (Roché 2007: 47).

2.1.2.5. INGLÊS

Apesar de ser uma língua de origem não latina, o inglês partilha com as línguas latinas o uso do sufixo *-ism*, não só no que diz respeito à configuração do sufixo, mas também no que diz respeito à configuração, comportamento e semântica das suas bases e dos seus produtos.

Quanto às bases, selecciona, de acordo com Marchand 1969, nomes próprios e comuns e adjetivos, sendo que alguns desses adjetivos se formam a partir de nomes próprios, apresentando, portanto, uma estrutura construída. Em sentido contrário, Aronoff 1985 admite apenas a possibilidade de bases adjetivais, estipulando a regra de formação de palavras $[[X]_A \#ism]$ (Aronoff 1985 [1976]: 58). Considera ainda que as diversas bases adjetivais não apresentam o mesmo grau de produtividade, existindo sufixos adjetivais mais recorrentes do que outros, «The suffix *#ism* attaches productively to words ending in *-al*» (Aronoff 1985 [1976]: 57). Tal como Marchand 1969, reconhece a existência de bases construídas, ainda que as estruturas referidas não sejam exatamente as mesmas. Mais recentemente, o leque de bases derivacionais de *-ism* é apresentado como sendo mais diversificado:

«*-ism* is freer in choosing the bases it attaches to than (2) [The Redundancy Restriction] would lead us to expect. It attaches to personal nouns, both simple and derived [...], to non-personal concrete nouns [...], to abstract processual nouns, many of which are complex [...] The suffix *-ism* does not [...] attach to nouns derived with other $[-material]$ suffixes»

(Lieber 2004: 163)

De forma a sintetizar estes postulados, pode considerar-se que «The deadjectival suffixes *-ism* and *-ist* seem to attach freely to all kinds of adjectives, provided that the combination is licensed semantically» (Plag 1999: 89). Acrescentando a esta informação alguns dados sobre os produtos de *-ism*, afirma o autor que «Forming abstract nouns from other nouns and adjectives, derivatives belonging to this category denote the related concepts state, condition, attitude, system of beliefs or theory, as in *blondism*, *Parkinsonism*, *conservantism*, *racism*, *revisionism*, *Marxism*, respectively» (Plag 2003: 91).

A regra de formação de palavras em *-ism* pode ser, no que toca à etimologia das bases, de dois tipos distintos. Pode ser «word-formation on a native basis of coining» (Marchand 1969: 215) ou «word-formation on a foreign or Neo-Latin basis of coining» (Marchand 1969: 216). Independentemente de as bases selecionadas serem formas inglesas nativas ou de resultarem de empréstimo latino ou de uma formação sobre elementos latinos ou estrangeiros, como produto encontram-se sempre substantivos abstratos (Marchand 1969: 306).

Do ponto de vista semântico, tal como nas línguas que vimos anteriormente, estas regras dão origem a derivados com significados distintos. Plag enquadra o sufixo no grupo de «Abstract-noun forming suffixes» (Plag 1999: 76). Mais especificamente, estes derivados podem significar «‘doctrinal system of principles’. The principles may be of a religious, philosophical, political or literary character [...]. In medical use [...] conveys the meaning ‘abnormal condition’ [...] ‘idiom, peculiarity of speech’» (Marchand 1969: 306-307) e por último os nomes em *-ism* podem ainda denotar «peculiarity of style when tacked on to the name of a writer» (Marchand 1969: 307).

Mais recentemente, a proposta de Adams 2001 apresenta três grandes áreas semânticas nas quais atuam os valores semânticos dos derivados em *-ism*:

- i) a primeira indica «‘State’ or ‘condition’» (Adams 2001: 60) e dela pode obter-se a indicação «pathological condition» (idem, ibidem), como no nome *parkinsonism*;
- ii) a segunda indica «‘activity’» (Adams 2001: 60);

iii) a terceira, «virtually peculiar to *-ism*, occurs in nouns like *Marxism*, *revisionism* [...] can be defined with the use of expressions like ‘system of belief’, ‘theory’, ‘principles’» (Adams 2001: 60).

Menos representativo é o padrão semântico encontrado em «count nouns denoting an instance of kind of activity, usually a peculiarity of expression, like *colloquialism*» (Adams 2001: 60).

O valor semântico do sufixo é apresentado em termos mais genéricos da seguinte forma: «*-ism* bears only the feature [–material], and the last group of nouns is characterized by [–material, dynamic], *-ism* should still effect enough of a semantic change to be felicitous on this group of abstract nouns» (Lieber 2004: 163).

Ao longo das últimas secções pudemos constatar como a categoria e a estrutura das bases e a semântica dos nomes em *-ismo* se aproxima nas línguas abordadas. A secção seguinte refletirá sobre o modo como essas semelhanças são, em simultâneo, causa e consequência da permeabilidade que essas línguas apresentam no que toca aos nomes em *-ismo*.

2.1.3. CONTACTOS DE LÍNGUAS

As anteriores secções, ao descreverem o comportamento do sufixo em diversas línguas europeias, permitiram-nos compreender até que ponto os nomes derivados em *-ismo* nelas se assemelham. O que então não foi referido é que, não obstante a partilha de um mesmo padrão derivacional herdado de uma origem comum, essas línguas estabelecem entre si contactos que resultam na influência de umas sobre outras. Destes contactos resulta que alguns nomes em *-ismo* encontrados, por exemplo, em português não se expliquem pela aplicação de uma regra de formação de palavras do português nem por empréstimo (direto ou indireto) feito ao grego ou ao latim, mas sim por empréstimo feito a uma dessas línguas.

Em seguida exemplificaremos casos de nomes em *-ismo* atualmente atestados em português e que devem a sua existência às línguas clássicas ou a uma língua moderna em que foram cunhados e posteriormente tomados de empréstimo pelo português. A indicação da origem etimológica apresentada é a fornecida pelas fontes

indicadas em § 1.2.2. para nomes em *-ismo* que resultam de herança latina ou de empréstimo quer de uma língua clássica, quer de uma língua moderna.

O grego, língua originária do sufixo, serve como fonte primeira de nomes em *-ismo*. O português pode recolher diretamente desta língua um nome:

- | | | | |
|----|---------------------------|---|---------------------------|
| 1. | <i>anthrōpismōs</i> (gr.) | > | <i>antropismo</i> (port.) |
| | <i>asterismós</i> (gr.) | > | <i>asterismo</i> (port.) |

ou utilizar outras línguas como intermediárias. Entre as línguas que estabelecem a ponte entre o grego e o português encontram-se o latim (2.) e o francês (3.). O latim serviu como intermediário em momentos diversos e por mecanismos também eles diversos. Nomes como *judaísmo* resultam de um processo evolutivo; o nome presente em grego entra cedo no latim, onde permanece, e a partir de onde segue para o português. Já os nomes *idiotismo*² e *trismo* não resultam deste processo contínuo. *Idiotismo*² surge apenas no latim tardio e *trismo* será recolhido em contexto específico de um domínio científico.

- | | | | | | |
|----|-------------------------|---|--------------------------------|---|---------------------------------------|
| 2. | <i>idiōtismós</i> (gr.) | > | <i>idiōtismus</i> (lat. tard.) | > | <i>idiotismo</i> ² (port.) |
| | <i>ioudaïsmós</i> (gr.) | > | <i>judaismus</i> (lat.) | > | <i>judaísmo</i> (port.) |
| | <i>trismós</i> (gr.) | > | <i>trismus</i> (lat. cient.) | > | <i>trismo</i> (port.) |

O francês revelou-se a língua moderna mais frequentemente apontada como desempenhando o papel de intermediária entre o grego e o português.

- | | | | | | |
|----|---------------------------|---|--------------------------|---|---------------------------|
| 3. | <i>chrōmatismós</i> (gr.) | > | <i>chromatisme</i> (fr.) | > | <i>cromatismo</i> (port.) |
| | <i>lakōnismós</i> (gr.) | > | <i>laconisme</i> (fr.) | > | <i>laconismo</i> (port.) |

O ciclo que introduz uma nova palavra no português é por vezes mais complexo. A produção científica recorre de forma regular às línguas clássicas para produzir novos termos que posteriormente se difundem pelas diversas línguas europeias. Frequentemente cabe a uma dada língua a tarefa de difundir o termo pelas restantes línguas. Este papel é muitas vezes assumido pela língua francesa (fenómeno idêntico foi referido para o espanhol, § 2.1.2.2.), sobretudo do século das Luzes em diante, uma vez que a França assumia o comando da evolução científica e técnica. Assim acontece com palavras como as exemplificadas em 4. Neste ciclo complexo, em

relação ao português, cabe então mais uma vez ao francês o papel de diretamente emprestar o seu termo.

4. *sygkrētismós* (gr.) > *synchrētismus* (lat. cient.) > *synchrétisme* (fr.) > *sincretismo* (port.)

É um dado adquirido o importante papel que o latim assume na formação do léxico português, seja de modo direto, seja de modo indireto e ao longo de diferentes períodos da língua portuguesa. «Os chamados latinismos são particularmente importantes: através de traduções nos séculos 12 e 13, através do lt. eclesiástico nos séculos 14 e 15, e sobretudo no século XVI (cfr. Herculano de Cravalho 1984: 123) - na época do humanismo -, em que se deu a relatinização do português [...] ou ainda através dos chamados internacionalismos como, por exemplo, materialismo, racionalismo, ou fornecendo modelos de formação [...], cuja presença se verifica sobretudo nos séculos XIX e XX» (Vilela 1994: 19). Como vimos (§ 2.1.1.), o latim serviu-se pouco do sufixo *-ismus* na produção de novos derivados, embora seja possível identificar nomes como o de (5.).

5. *chrīstīānīsmus* (lat.) > *cristianismo* (port.)

A utilização do sufixo nesta língua beneficia sobretudo da sua utilização tardia como língua de ciência na qual, a par do grego, se cunham novos termos. Na realidade, «a língua latina contribui, de forma ininterrupta, ao longo de toda a nossa história linguística, para melhorar as possibilidades expressivas do nosso idioma. Ao longo de todo o seu percurso temporal, o português reaproxima-se constantemente da língua que lhe dera origem para aumentar o seu caudal léxico» (Maia 1999: 85).

O desenvolvimento da ciência e da técnica desempenham um papel importante na difusão do sufixo entre as várias línguas e são também campo de proliferação de termos cunhados nas línguas clássicas e posteriormente difundidos pelas diferentes línguas europeias. Como afirma Verdelho, «A circulação das linguagens de especialidade activou-se com a intercomunicação plurilingue a partir do século XVII. Entretanto, já anteriormente, a conjuntura da Europa Ocidental [...] tinha criado uma certa predisposição para o encontro transnacional e translinguístico e sobretudo tinha latinizado e grecizado os processos de neologia lexical e de criação terminológica» (Verdelho 1998: 6). Percebemos então como esta permeabilidade de nomes em *-ismo* e seus cognatos acompanha o sufixo desde o momento em que a sua utilização pelas

diferentes línguas começa a ser mais frequente. Assim, os nomes técnicos chegam ao português frequentemente por intermédio de uma outra língua, que na maioria das vezes é o francês, mas podem encontrar-se também casos de empréstimo feito ao inglês (6.).

- | | | | | | |
|----|--------------------------------|---|-----------------------|---|-------------------------|
| 6. | <i>sialismus</i> (lat. cient.) | > | <i>sialisme</i> (fr.) | > | <i>sialismo</i> (port.) |
| | <i>tropismus</i> (lat. cient.) | > | <i>tropism</i> (ing.) | > | <i>tropismo</i> (port.) |

As línguas europeias também são uma profícua fonte de nomes em *-ismo* para o português. Vimos já como o inglês e o francês se podem constituir como línguas intermediárias entre as línguas clássicas e o português, mas também podem fornecer nomes nelas derivados. «Os anglicismos, sobretudo a partir do século XVIII, e a dado momento os americanismos, directa ou indirectamente, inundaram o léxico português e em quase todos os domínios (...) truismo (...) absolutismo» (Vilela 1994: 20). Do inglês tomámos de empréstimo nomes como:

- | | | | |
|----|--------------------------|---|----------------------------|
| 7. | <i>truism</i> (ing.) | > | <i>truísmo</i> (port.) |
| | <i>pragmatism</i> (ing.) | > | <i>pragmatismo</i> (port.) |

e, por via indirecta, tendo geralmente o francês como intermediário:

- | | | | | | |
|----|------------------------|---|------------------------|---|--------------------------|
| 8. | <i>tourism</i> (ing.) | > | <i>tourisme</i> (fr.) | > | <i>turismo</i> (port.) |
| | <i>ergotism</i> (ing.) | > | <i>ergotisme</i> (fr.) | > | <i>ergotismo</i> (port.) |

O francês assume um importante papel pela sua função de intermediário na introdução de empréstimos neoclássicos e ingleses em português, mas também fornece ao português nomes derivados em francês (9.). «Os francesismos têm sido, sobretudo a partir de dado momento, uma presença constante no português e mesmo vocábulos de outras origens (sobretudo inglesa) chegavam-nos, até há cerca de uma dezena de anos, e por via de regra, por via francesa» (Vilela 1994: 19).

- | | | | |
|----|-------------------------|---|---------------------------|
| 9. | <i>voyeurisme</i> (fr.) | > | <i>voyeurismo</i> (port.) |
| | <i>tabagisme</i> (fr.) | > | <i>tabagismo</i> (port.) |

Ainda que menos significativamente, o italiano também serve de fonte de empréstimos de nomes em *-ismo* ao português.

- | | | | |
|-----|-----------------------|---|-------------------------|
| 10. | <i>fascismo</i> (it.) | > | <i>fascismo</i> (port.) |
|-----|-----------------------|---|-------------------------|

irredentismo (it.) > *irredentismo* (port.)

Em português encontramos ainda um nome em *-ismo* oriundo do alemão, tomando o francês como intermediário.

11. *autismus* (alm.) > *autisme* (fr.) > *autismo* (port.)

Os nomes exemplificados de 1. a 11. constituem empréstimos que tornam claro o movimento existente entre as diversas línguas. Este movimento contribui para a uniformidade formal e semântica encontrada entre os nomes em *-ismo* (português, espanhol e italiano), *-isme* (francês) e *-ism* (inglês) existentes nessas línguas. Estas observações permitem ainda reforçar o que anteriormente se afirmou sobre a consideração de *-ismo* como um sufixo internacional.

2.2. BREVE PERCURSO HISTÓRICO DO SUFIXO *-ISMO* EM PORTUGUÊS

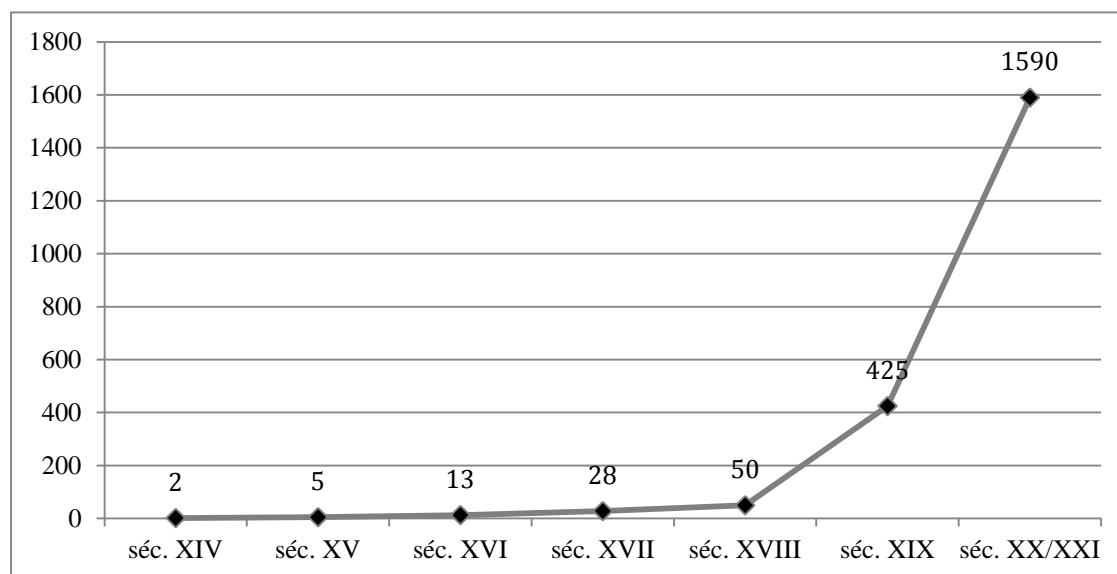
Ao longo deste capítulo temos vindo a mostrar as proximidades formais, derivacionais e semânticas que os sufixos *-ismo* (português, espanhol e italiano), *-isme* (francês) e *-ism* (inglês) apresentam. Em § 2.1.1. foram apresentados os sufixos *-ismós* (grego) e *-ismus* (latim), sendo o primeiro considerado a fonte original de todos os outros sufixos. Esta origem comum será parte das causas das semelhanças encontradas e para as quais não devemos esquecer a influência mútua que as línguas modernas parecem ter vindo a exercer entre si através do intercâmbio de nomes em *-ismo* que entre elas se verifica (§ 2.1.3.).

O sufixo *-ismo* chega então inicialmente ao português através das línguas grega e latina e encontra-se, sobretudo, em palavras utilizadas em contexto eclesiástico, tal como apresentámos em § 2.1.1. Em § 2.1.2. mostrámos ainda o papel que as línguas europeias desempenham na presença de nomes em *-ismo* em português; quer como fonte direta de nomes em *-ismo*, quer como intermediárias (francês e inglês) entre as línguas clássicas e o português. Esta secção procura fazer uma breve síntese do percurso do sufixo na língua portuguesa desde as suas primeiras atestações até ao presente. Recordamos que o propósito central do nosso trabalho é o conhecimento do comportamento genlexical sincrónico do sufixo. Esta breve análise histórica decorre do facto de acreditarmos que, ainda que podendo ser estudados em isolamento, os

dados presentes da língua só podem ser cabalmente compreendidos quando enriquecidos pelos dados históricos.

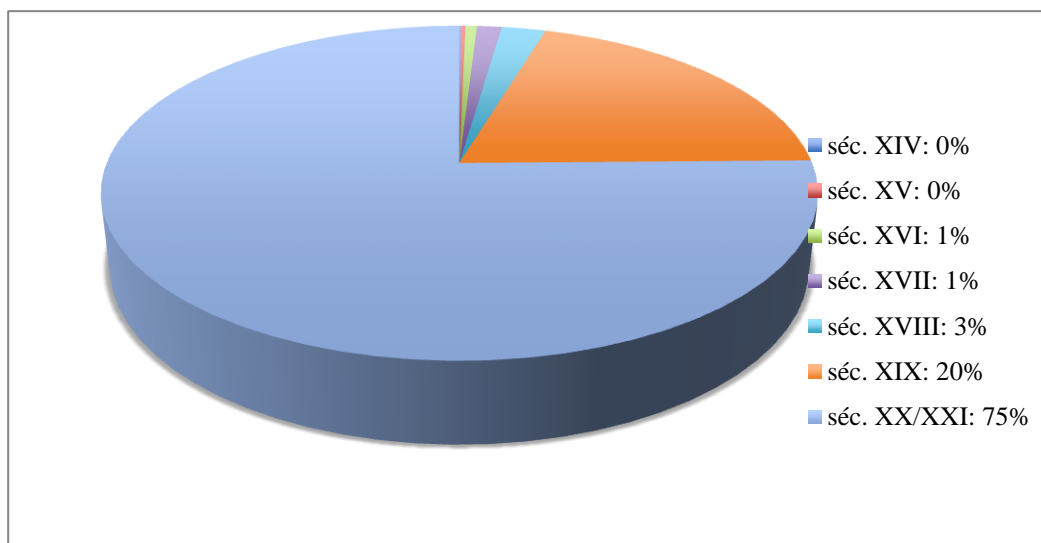
Os dados apresentados, no que toca ao número de nomes em *-ismo* atestado em cada século e ao significado por eles atualizado, foram elaborados sobre um *corpus* construído a partir de dados disponíveis *online* em O Corpus do Português (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>). Para os séculos XVIII e XIX fizemos ainda recurso dos dicionários de Bluteau (1712-1721) e Moraes Silva (1889-1891), respetivamente.

O Quadro 2.1 apresenta o número de nomes em *-ismo* que encontramos para os diferentes séculos. Note-se que os valores apresentados correspondem ao número de nomes em *-ismo* e não ao número total de ocorrências desses nomes. Como se pode observar, a presença dos nomes em *-ismo* no léxico português só se torna significativa a partir do século XIX; contudo, será nos séculos XX e XXI que estes nomes apresentarão maior representatividade.



Quadro 2.1: Lemas de *-ismo* presentes em português desde o século XIV aos séculos XX/XXI – valores absolutos

No Quadro 2.2 apresentam-se os valores percentuais correspondentes aos dados apresentados no quadro anterior. Temos assim uma visão mais esclarecedora do peso relativo dos últimos 212 anos, que forneceram 95% dos nomes em *-ismo* recolhidos neste trabalho.



Quadro 2.2: Lemas de *-ismo* presentes em português desde o século XIV aos séculos XX/XXI – valores percentuais

Em seguida, faremos uma breve análise dos dados recolhidos para os vários séculos e com os quais elaborámos os quadros. Por vezes, e sobretudo nos primeiros séculos, a mesma palavra surge ortografada de diferentes formas num mesmo século. Sempre que tal se verificou optámos pela grafia com maior número de atestações; é dessa grafia que nos servimos para a exposição que agora fazemos. Os valores numéricos apresentados para essa palavra recobrem a soma de todas as ocorrências, independentemente da ortografia, não se estabelecendo, portanto, uma distinção entre as variantes ortográficas de uma mesma unidade.

O século XIV, o primeiro em que surgem nomes em *-ismo*, apresenta apenas dois nomes, *bautismo* e *Virismo*. O primeiro, tal como já mencionado, pertence ao domínio religioso, que se configura como a porta de entrada deste sufixo no português, e representa uma herança do latim eclesiástico. O segundo nome não é relevante para o nosso estudo por ser a denominação de uma localidade⁸; pelo que a sua terminação em *-ismo* será uma coincidência e não resultado de um processo de formação de palavras anterior e idêntico ao que terá estado na origem de *bautismo*. Aliás, este nome não se encontra atestado nos séculos seguintes. Relevante é ainda o número de atestações que estes nomes apresentam no Corpus do Português. De 114 ocorrências que, no total, os

⁸ O nome *virismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «do Míngo; e desi todo Lemos, assi como vai per Vivizo e **Virismo** e Simyviano e Foillana ataa o ryo do Sil;», retirado da *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

nomes em *-ismo* apresentam neste século, 113 pertencem a *bautismo* (incluindo as suas variantes ortográficas) e apenas uma ao nome *virismo*.

No século XV encontra-se um total de cinco nomes: *bautismo* (já atestado no século anterior), *abismo*, *cathezismo*, *engolismo* e *exorzismo*. Três destes nomes (*bautismo*, *cathezismo* e *exorzismo*) pertencem ao domínio religioso. Além de pertencerem ao domínio religioso, são os nomes que aparecem maior número de vezes, sugerindo uma maior difusão de uso e uma utilização muito marcada do sufixo dentro deste domínio, tal como referido em secções anteriores. *Bautismo* aparece 277 vezes, *cathezismo* 11 e *exorzismo* 8 vezes. O nome *abismo* apresenta apenas 7 atestações. Este nome não se presta a uma leitura construída. *Engolismo*⁹, com 1 ocorrência, parece ser a denominação de uma localidade, pelo que também não é relevante para o estudo do sufixo *-ismo*. À semelhança do que vimos suceder com *Virismo*, *Engolismo* aparece atestado apenas neste século.

Além de maioritariamente se enquadrarem no domínio religioso, os nomes atestados no século XV resultam de herança das línguas clássicas. Nada nestes nomes sugere que o português tivesse desenvolvido algum mecanismo derivacional de nomes em *-ismo*.

O século XVI apresenta um aumento dos nomes em *-ismo*, encontramos 16 nomes diferentes cobrindo um total de 589 ocorrências. Alguns destes nomes já haviam surgido no século anterior, mas é sobretudo relevante o facto de pela primeira vez encontrarmos nomes em *-ismo* cujo significado não pertence ao domínio conceptual da religião. A larguíssima maioria dos nomes pertence ainda assim ao domínio religioso, num total de 532, distribuídos do seguinte modo: *baptismo* surge 429 vezes, *cathecismo* surge 88 vezes, *paganismo* surge 7 vezes, *judaismo* surge 5 vezes, *christianismo* surge 2 vezes e *exorcismo* surge 1 vez.

Como referimos, encontram-se, pela primeira vez neste século, nomes em *-ismo* aplicados a um domínio que não o religioso. Trata-se de um surgimento tímido, tanto na variedade dos nomes, quanto no número de atestações que apresentam, mas que será

⁹ O nome *Engolismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «cujo coração Deus educara. O qual per conselho e outorgamento do bispo de **Engolismo**, que é o coração delle stilara semente de discordia», retirado de Sam Bernardo. Este nome surge duas vezes, sendo que a outra atestação pertence à mesma obra.

paulatinamente reforçado nos séculos posteriores. Na sua maioria, os novos nomes pertencem ao domínio dos estudos linguísticos e/ou filosóficos. Este dado é relevante, pois o domínio que segundo Barbosa & Rio-Torto 2009 (129-130) será predominante para os nomes em *-ismo* do século XX é precisamente o das Ciências humanas e sociais, crenças e pensamentos. Os nomes que no século XVI se enquadram neste domínio são:

- *barbarismo*¹⁰ (5 ocorrências);
- *silogismo*¹¹ (1 ocorrência);
- *solecismo*¹² (4 ocorrências).

Todos estes nomes surgem atestados na gramática de João de Barros (1540).

Entre os novos nomes atestados neste século encontramos ainda *algarismo*¹³ (1 ocorrência), ligado às ciências exatas, *ostracismo*¹⁴ (1 ocorrência), termo que denomina um procedimento penal praticado na antiga Grécia e, por último, os nomes *christianismo* (2 ocorrências), *paganismo* (7 ocorrências) e *judaísmo* (5 ocorrências), ligados à religião.

¹⁰ O nome *barbarismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta os seguintes contextos: «**Barbarismo** é vício que se comete na escritura de cada uma das partes ou na pronunçaçám.», retirado da *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros (1540); «Conforme a isto dignissimo de louvor he elRey Dom João o Terceyro, cuja morte nem com lagrymas de sangue sera nunca assaz chorada, o qual vendo que em seus Reynos não avia escolas geraes de todas as sciencias, por desterrar o **barbarismo** delles, criou, & perfeiçou a Universidade de Coimbra, & mandou buscar letrados estrangeiros mui doctos, & insignes em todas as faculdades», retirado de *Diálogos* de Amador Arrais (1589).

¹¹ O nome *silogismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «E será com um **silogismo** que a outro preposito fáz o mesmo Séneca (Sene de moribus): Todo pécado é obrár e todo obrár é voluntário, quer seja torpe quer honést: lógo, todo pécado é voluntário.», retirado da *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros (1540).

¹² O nome *silogismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «**Solecismo** é o segundo género dos vícios que podemos cometer. Este se comete na construiçám e órdem das partes, quando délas usamos per algum módo apartádo do comum uso de falár.», retirado da *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros (1540).

¹³ O nome *algarismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «E eu dou-lhe algúa fé, porque um escravo chi que comprei pera interpretação destas cousas, sabia também ler e escrever nossa linguagem, e era grande contador de **algarismo**.», retirado de *Décadas da Ásia (Década Primeira, livros I-X)* de João de Barros.

¹⁴ O nome *ostracismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Temístocles, da pátria sua emparo, o forte, liberal Címon, e aquele que leis ao povo deu de Esparta antigo, testemunhas serão disto que digo. Pois ao justo Aristides um robusto, votando no **ostracismo** costumado, lhe disse claro assi: - Por que era justo desejava que fosse desterrado», retirado da obra de Luís de Camões.

Os novos nomes em *-ismo* surgidos neste século resultam principalmente de processos de importação do grego e do latim¹⁵. Desta forma, a sua importância reside principalmente no facto de alguns deles pertencerem a áreas do conhecimento que até então não faziam uso destes nomes. Este dado permite-nos inferir que a diversidade de áreas temáticas em que atualmente o sufixo é utilizado não surge nas línguas modernas, mas que reside já nas línguas clássicas e que, portanto, o processo de importação que se vai verificando fornece padrões não só formais mas também semânticos.

Há ainda um aspeto relevante no que toca aos significados identificados. O nome *barbarismo* (cf. nota de rodapé 7), apresenta dois significados distintos. Por um lado, e tal como os restantes nomes, denomina um fenómeno linguístico, este significado surge em quatro ocorrências e já se verificava no grego antigo; por outro lado, o nome denomina a ‘qualidade de ser bárbaro’, significado que ocorre apenas uma vez. O significado ‘qualidade’, incipiente em grego e latim, assumirá um papel importante na semântica dos nomes em *-ismo*, tal como se verá nos Capítulos 4 e 5. Este significado, hoje commumente, embora não consensualmente, associado ao sufixo, terá surgido de forma autónoma apenas nas línguas romance; ainda que se possa considerar que «L’*évolution vers le nom de qualité est en germe dès le grec ancien*» (Roché 2007: 47).

De referir ainda o nome *mourismo*¹⁶ que «tem um enorme valor simbólico para a língua portuguesa, se se tratar efectivamente de um dos primeiros derivados em *-ismo* desta.» (Barbosa & Rio-Torto 2009: 122). Na realidade, a interpretação deste nome não é isenta de dificuldade. Sendo a fonte citada a única atestação e havendo, no mesmo século, quatro atestações para *mourisma*, tendo por significado o valor coletivo de ‘conjunto de mouros’, é plausível admitir que este nome resulte de algum tipo de gralha e que esteja atestado por vez de *mourisma*. A ser assim, teremos de esperar pelo século seguinte para encontrar nomes em *-ismo* produzidos em português.

Em suma, no século XVI encontramos uma inovação semântica em parte justificada pela aplicação dos nomes em *-ismo* a outros domínios do conhecimento

¹⁵ algorismo: «Do lat. med. *algorismus*», Cunha 1986; cristianismo «Do lat. *chrīstīānīsmus*», Cunha 1986; judaísmo: «Do lat. lat. *judaismus*, deriv. do gr. *ioudaīsmós*»; ostracismo: «Do lat. *ostracismus -ī*, derivado do grego *ostrakismós*», Cunha 1986; paganismo «Do lat. *pāgānīsmus -i*, derivado do grego *syllōgismós*»; silogismo: «Do lat. *syllōgismus -i*, derivado do grego *syllōgismós*», Cunha 1986; solecismo «Do lat. *solōecismus -ī*, derivado do grego *solōikismós*», Cunha 1986.

¹⁶ O nome *mourismo* foi recolhido online do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «e o mourismo irado com o pesar de nosso bem», retirado de Gil Vicente.

(estudo linguísticos e/ou filosóficos, ciências exatas) além do domínio religioso. Estes novos campos de atuação configurar-se-ão como áreas que possibilitam a expansão da utilização do sufixo.

O Quadro 2.1 mostra que no século XVII continuam a surgir novos nomes em *-ismo*. Ainda que o número total de ocorrências no Corpus do Português seja menor relativamente ao século anterior, apenas 168, aumenta o número de novas produções em *-ismo*.

Além dos nomes que transitaram dos séculos anteriores, encontramos formas que surgem pela primeira vez e são essas que agora apresentaremos. À semelhança do que se verificou nos séculos anteriores, vemos este sufixo surgir em novos nomes, que denominam novas realidades, pertencentes ao domínio religioso; assim, temos:

- *arrianismo*¹⁷ (1 ocorrência);
- *calvinismo*¹⁸ (1 ocorrência);
- *jansenismo*¹⁹ (1 ocorrência);
- *mourismo*²⁰ (1 ocorrência);
- *quietismo*²¹ (3 ocorrências).

¹⁷ O nome *arrianismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Justina mãy do Emperador Valentino Junior, favorecendo o **Arrianismo**. Escusa-se relação de outras na lembrança de Eva; que arruinou o marido mais santo, & o mayor imperio temporal, & espirital, como imos descrevendo», retirado de *Eva e Ave* de António de Sousa Macedo. O Corpus do Português coloca este nome no século XVIII, provavelmente por ter feito de uso de uma edição que não a primeira da obra. A data de publicação 1676, require que coloquemos este nome no *corpus* do século XVII.

¹⁸ O nome *calvinismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «O intento de El-Rei Cristianíssimo na extinção do **calvinismo** é tão divino, e tão útil em uma igreja, que não pode Deus deixar de o ajudar, como já começava a ver o mundo com admiração,», retirado de *Cartas* de Padre António Vieira.

¹⁹ O nome *jansenismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «A este fim são mandados lá bispos franceses, que, com as omnipotências que daqui levam, perturbam as jurisdições dos nossos bispados, e têm inquietado quanto lá estava em paz, não sem graves indícios e provas quase certas de que são iscados de **jansenismo**», retirado de *Cartas* de Padre António Vieira.

²⁰ O nome *mourismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Não tema o turco não, Nesta sezão, Nem o seu grande **mourismo** Que não conheceu baptismo», retirado de *Cartas* de Padre António Vieira.

²¹ O nome *jansenismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Aqui nao há de novo mais que desterrarem al mas pessoas por **quietismo**, que é aquêlê célebre erro da religiao pelo qual se poe a alma aos pés do Criador e o corpo nos braços das criaturas, como se a resignação de espírito fosse um privilégio para as liberdades do corpo.», retirado de *Cartas* de José da Cunha Brochado.

O sufixo *-ismo* revela-se bastante disponível no domínio religioso, e essa disponibilidade só parece enfraquecer-se quando a própria religião perde importância a nível político e social. A explicação para o facto de os novos nomes em *-ismo* surgirem principalmente no domínio religioso residirá possivelmente no modo como o sufixo se introduz nas línguas modernas. O sufixo «appartient exclusivement à la langue savante: seuls l'ital. christianesimo, paganesimo et quelques autres présentent une forme populaire» (Meyer-Lübke 1985: 608). Os homens da Igreja são os únicos conhecedores das línguas clássicas, os únicos, portanto, com acesso aos nomes em *-ismós* e *-ismus* e capazes de intermediar a sua integração nas línguas modernas. Será necessário esperar pela difusão da alfabetização e do desenvolvimento de outras áreas do conhecimento para que estes nomes encontrem, de modo profícuo, novos domínios de utilização. Contudo, um nome como *mourismo* (ver adiante) sugere que o sufixo *-ismo* não fosse já um sufixo de uso exclusivamente culto.

É ainda durante o século XVII que se inicia um movimento intelectual e científico em toda a Europa, que se acentuará nos séculos seguintes, e do qual a expansão dos nomes em *-ismo*, utilizados na criação da nova terminologia, está fortemente dependente.

Enquadrando-se no campo dos estudos linguísticos e/ou filosóficos encontramos o nome *aforismo*²² (3 ocorrências).

Dando continuidade ao que já se verificara no século anterior, surgem novos nomes comportando o significado de ‘qualidade’:

- *idiotismo*²³ (1 ocorrência);
- *gentilismo*²⁴ (1 ocorrência);

²² O nome *aforismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Use V. Ex.^a daquele **aforismo** do anjo Rafael a Tobias, que é só o que neste sentimento me tem dado algum alívio», retirado de *Cartas* de Padre António Vieira.

²³ O nome *idiotismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Como já o fizeraõ Homero, e Virgilio, e que em nossos tempos hé tam aduertido, como dos Critos, censurado, em cuja indignação sentirei auer chaido, se são discretos, porque quando taës não sejaõ, o mesmo será, censurár, que sér momos, em quem estaá o çentro do **idiotismo**. Pois como há leys justas pera os que cometem delictos, as auia de àuer pera os idiotas,», retirado de *Insulana* de Manoel Thomas (1625).

²⁴ O nome *gentilismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «os homens destas partes nas trevas de seu **gentilismo** viviam, ordinariamente falando, com ignorancia invencível da Fé divina; e

- *laconismo*²⁵ (2 ocorrências);
- *mourismo*.

Vimos já como o nome *mourismo* se enquadra no domínio religioso. A leitura do excerto de onde foi retirado (cf. nota de rodapé 17) não invalida o facto de o seu significado poder ser entendido como ‘qualidade de ser mouro’, mais do que ‘aquele que professa a religião islâmica’.

No que diz respeito à sua constituição, estes quatro nomes não são absolutamente iguais. Os nomes *idiotismo* e *laconismo*²⁶ podem ser considerados como empréstimos feitos às línguas clássicas (ainda que possam ter uma leitura à luz das RFP do português), mas *mourismo* é um nome claramente formado em português, quer quanto à sua estrutura morfológica, quer quanto à sua estrutura semântica. Recorde-se que este nome surgira já no século XVI, ainda que com uma configuração dúbia e semântica distinta da agora apresentada. Também o nome *gentilismo* pode ser interpretado à luz das RFP do português.

Ainda no século XVII encontramos pela primeira vez nomes em –ismo aplicados à área da medicina²⁷ (embora já anteriormente estes nomes tenham surgido ligados às ciências exatas), denominando patologias, *paroxismo*²⁸ (2 ocorrências) e *priapismo*²⁹ (1 ocorrência). Atualmente, e em várias línguas, este significado é

por conseguinte sem pecado de infidelidade, porque houvessem de ser condenados.», retirado de *Crónica da Companhia de Jesus* de Simão de Vasconcelos (1663).

²⁵ O nome *laconismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Dizei isto em duas palavras. L530 (545). **Laconismo** utar. Porque os Lacedemonios eram muito breves no fallar.», retirado de *Do Reino de Cristo consumado na Terra (Livro Terceiro)* de Padre António Vieira.

²⁶ *idiotismo*: «Do lat. tard. *Idiōtismus*, deriv. do gr. *idiōtismós*» (Cunha 1986); *laconismo*: «Talvez do fr. *laconisme* e. este, do gr. *lakōnismós*» (Cunha 1986)

²⁷ A utilização de –ismós na área da medicina já se verificava em grego, língua originária de *sinapismós*, denominação de uma prática clínica que recorria ao uso de mostarda, *sinapi* (Cunha 1986). Este derivado grego fornece-nos ainda uma informação genolexical: ao apresentar um derivado em –ismós formado sobre base nominal e não verbal, como seria a configuração mais difundida das bases gregas (§ 2.1.1.), parece antecipar o comportamento do sufixo português que, como se verá, apresenta preferência por bases nominais (§ 3.3.).

²⁸ O nome *paroxismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «deu-lhe um **paroxismo**, que lhe tirou a fala, e lhe ia por momentos tirando a vida», retirado de *Casamento Perfeito* de Diogo de Paiva de Andrada (1630).

²⁹ O nome *priapismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «**Priapismo** doença, < cum mentula intumescit sine Veneris appetentia.», retirado de *Prosódia 6* de Bento Pereira (1697).

reconhecidamente associado ao sufixo: «In medical use, wich is international, -ism conveys the meaning ‘abnormal condition’» (Marchand 1969: 307).

Novidade são também os nomes ligados ao campo político, como *maquiavelismo*³⁰ e *nepotismo*³¹. Estes dois nomes podem ser analisados à luz das RFP do português, apresentando um padrão derivacional e semântico idêntico ao atual. Assim, mais uma vez neste século, e como seria de esperar, estamos perante derivados em *-ismo* cuja formação pode ser totalmente interpretada dentro das regras de formação de palavras do português. Tendo como base um antropónimo não português, *maquiavelismo* pode ser entendido como empréstimo. No entanto, *nepotismo* apresenta uma base portuguesa atestada no século XVII, pelo que não parece haver razão para questionar a sua formação dentro do português.

Apesar de serem em elevado número os empréstimos das línguas clássicas, o português parece começar a definir neste século algumas das linhas que permitem determinar a atual regra de formação de palavras do sufixo *-ismo*. Estas linhas dizem respeito ao valor categorial e semântico das bases (§ 3.3. e § 3.4.), e aos significados atualizados pelo sufixo (§ 4.1.) que se encontram ativos nos nomes derivados nos séculos XX e XXI.

Se levarmos em linha de conta as palavras de Said Ali, de que nestes primeiros séculos,

«Algumas destas palavras puderam, graças à Igreja Cristã, vulgarizar-se facilmente; mas nem por isso perderam o seu carácter erudito, a linguagem popular, usando-as embora com frequência, não manifestou a menor disposição para torná-las tipo produtor de novos derivados em *-ismo*.»

(Ali 1964: 243)

³⁰ O nome *maquiavelismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Não sei se me ria ou chore do medo com que os vejo de Claudio Clemente, que vem atrás deles, jurando que os há-de degolar a todos com os argumentos do seu livro que, a esse fim, de antemão intitulou **Maquiavelismo Degolado**», retirado de *O hospital das letras* de Francisco Manuel de Melo (1657).

³¹ O nome *nepotismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «O cardeal fica com febre, de que fazem diferentes prognósticos os médicos, e já se fala em que poderão e pretenderão suceder-lhe no lugar ou Carpenha ou Maximi ou Colona ou Gabriel, que são os que por consanguinidade ou afinidade, todas remotas, podem ter direito ao **nepotismo**», retirado de *Cartas* de Padre António Vieira.

a passagem do século XVII para o século XVIII representará uma viragem importante no comportamento do sufixo. Essa viragem está ligada sobretudo à total autonomização da produção de nomes em *-ismo* e à manutenção da capacidade de importação a partir das línguas clássicas.

Nos séculos seguintes seria outro o comportamento: «A tarefa de mudar a situação coube à língua culta, influenciada pelo movimento intelectual que se operou em França nos séculos XVIII e XIX. Não só adotou grande número de vocábulos criados no estrangeiro e que se internacionalizaram, mas ainda tornou o sufixo *-ismo* apto a produzir palavras de derivantes nacionais.» (Ali 1964: 243). Esta mesma ideia é enfatizada por Verdelho: «foi sobretudo a partir de meados do século XVIII que a língua portuguesa se integrou no interfluxo lexicográfico europeu, de modo a absorver as terminologias plurilingues que se encontravam, já então, num progrediente curso de dicionarização» (Verdelho 1998: 6).

Tal como Ali, acreditamos que os séculos seguintes representam efetivamente uma mudança para o sufixo *-ismo*. No entanto, contrariamente ao que o autor defende, julgamos que os mecanismos lexicogénéticos começaram a ser definidos, ainda que de modo incipiente e paulatino, nos séculos XVI e XVII. O que sucede do século XVIII em diante é o surgimento de condições sócio-culturais que possibilitam uma ampla utilização deste sufixo e que se relacionam com o desenvolvimento verificado nas ciências exatas e humanas e com a circulação do conhecimento entre as nações europeias. Igualmente inovador será o aumento do fluxo de importação de nomes em *-ismo* a partir de línguas modernas, num momento inicial o francês e posteriormente o inglês. Este fenómeno, referido em § 2.1.2., só se generalizou depois do século XVIII. Embora a generalização deste fenómeno só se tenha verificado do século XVIII em diante, nomes como *calvinismo* e *maquiavelismo*, atestados no século XVII, podem ser interpretados como resultado de empréstimo de línguas modernas.

No século XVIII continua, portanto, a aumentar o número de nomes em *-ismo*. Os dados que aqui apresentamos para este século resultam do cruzamento do *corpus* recolhido *online* a partir do Corpus do Português com o *corpus* recolhido do *Vocabulario portuguez e latino* de Rafael Bluteau (1712-1721). Alguns nomes estão

apenas atestados no *Vocabulário português e latino*, pelo que para esses nomes não será possível apresentar o número de ocorrências.

O surgimento de novos nomes em *-ismo* neste século verifica-se em áreas do conhecimento onde se haviam estreado nos séculos precedentes. Assim, a par dos nomes que se mantêm dos séculos anteriores, encontramos no domínio religioso atestados como novos nomes:

- *atheismo*³²;
- *monaquismo*³³;
- *maometismo*³⁴ (2 ocorrências);
- *protestantismo*³⁵ (1 ocorrência).

Quanto à sua estrutura, o nome *monaquismo* difere dos restantes por ser produzido sobre uma base latina, ao contrário dos outros nomes que selecionam uma base que pode ser entendida como portuguesa, ainda que de origem latina. Apesar de muito provavelmente a base ser um radical latino, a formação do nome parece ter-se dado em português.

No domínio linguístico e/ou filosófico também encontramos novas atestações, resultantes de proveniências diversas. Estes nomes atualizam significados distintos, em termos genéricos podemos considerar que denominam uma locução ou uma prática/procedimento relacionados com a base. Esses nomes são:

- *arcaísmo*³⁶ (2 ocorrências);
- *dialogismo*³⁷;

³² «A impiedade de não crêr, que há Deos no mundo», Rafael Bluteau, *Vocabulário português e latino* (1712-1721)

³³ «Ordem Monástica. Estado Monacal. Vida de Monjes», Rafael Bluteau, *Vocabulário português e latino* (1712-1721)

³⁴ O nome *maometismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «De Castela e Portugal nao quero dizer quantos saem a abraçar o judaismo, o **maometismo** e o protestantismo», retirado de *Cartas sobre a educação da mocidade* de António Nunes Ribeiro Sanches (1760).

³⁵ O nome *protestantismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «De Castela e Portugal nao quero dizer quantos saem a abraçar o judaismo, o maometismo e o **protestantismo**», retirado de *Cartas sobre a educação da mocidade* de António Nunes Ribeiro Sanches (1760).

³⁶ O nome *arcaísmo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «**Arcaismo** chamaõ os Grammaticos, e Reticos a todas as vozes, ou frases antigas, as quaes podemos dividir em duas classes, para nos sabermos haver prudentemente no seu uso, e não uso.», retirado de *Elementos da invenção e locução rhetorica, ou princípios de eloquência: ilustrados com breves notas* de António Pereira (1759).

- *grecismo*³⁸ (1 ocorrência);
- *hebraismo*³⁹;
- *paralogismo*⁴⁰;
- *peripatismo*⁴¹ (1 ocorrência);
- *prosyllogismo*⁴².

Destacamos o nome *grecismo* que apresenta como significado ‘locução própria de Grécia’. Este significado encontra-se hoje em dia presente num grupo de nomes em *-ismo* e é um dos significados que claramente se recorta da semântica do sufixo. Apesar de *grecismo* ser o nome que marcará um uso mais difundido deste significado⁴³ e apesar de esse significado aparecer tão tardiamente, não significa que ele seja uma inovação das línguas modernas. De acordo com Marchand, esse significado está atestado já em grego: «There are also a group of words meaning ‘idiom, peculiarity of speech’ which existed already in Old Greek and passed into Latin and hence into various European languages» (Marchand 1969: 307).

No domínio das ciências exatas e da medicina, continua a verificar-se um aumento discreto de nomes em *-ismo*. Note-se que no século anterior estes domínios já faziam uso de nomes em *-ismo*, o século XVIII irá apenas acentuar essa tendência. Tendência que prevalecerá, uma vez que atualmente estes dois domínios do conhecimento ainda são fonte de novos nomes em *-ismo*. Assim, no campo da medicina encontramos seis novas atestações que servem a denominação de patologias e de práticas clínicas:

³⁷ «He huma figura, que se faz, praticando com sigo», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

³⁸ «(Termo Grammatical) Dizse da cõstrução da phrase, ou modo de fallar, proprio da Lingoa Grega», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

³⁹ «Phrase, ou modo de fallar, particular do Dialecto Hebraico», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

⁴⁰ «he vicio de demonstraõ, quando de principios falsos, ou que se passaráõ por alto sem prova bastante, se tira huma conclusaõ», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

⁴¹ O nome *peripatismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Foraõ muy celebradas as escolhas, que possesavaõ o **peripatismo**, a Alexandrina de Aleandre de Hales, a Albertina de Alberto Magno, a Venturina de S. Boaventura, outras muitas.», retirado de *Promptuario historico I* de Frei Manoel da Mealhada (1760)

⁴² «Termo Dialectico. He huma casta de argumentação», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

⁴³ Recordamos que no século XVI se encontra atestado o nome *barabrismo* significando um fenómeno linguístico. Contudo, esta significação permanecerá isolada e só no século XVIII se encontram novamente nomes em *-ismo* apresentando este significado.

- *analogismo*⁴⁴ (3 ocorrências);
- *anatomismo*⁴⁵ (1 ocorrência);
- *apoflematismo*⁴⁶;
- *ptialismo*⁴⁷;
- *reumatismo*⁴⁸;
- *strabismo*⁴⁹.

Do ponto de vista da sua formação, estes nomes correspondem principalmente formas tomadas de outras línguas.

Difundidos por outras áreas do conhecimento e ligados às ciências exatas encontramos igualmente nomes que apresentam significados muito distintos. Neste momento, o sufixo parece dotado de uma ampla capacidade semântica, sendo capaz de atualizar significados muito distintos e cuja relação se torna difícil de dilucidar. Estes nomes são:

- *asterismo*⁵⁰;
- *anachronismo*⁵¹;
- *mecanismo*⁵² (2 ocorrências).

⁴⁴ «Curar por **analogismo** (segundo a phrase Medica.) he curar huma doença ignota, que de novo aparece, com medicamentos de outra semelhante.», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

⁴⁵ O nome *anatomismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «L Leucipo, e Democrito, inventores do **Anatomismo**.», retirado de *Promptuario historico I* de Frei Manoel da Mealhada (1760)

⁴⁶ «Dizse de huns Medicamentos, que mastigados puxaõ pela pituita do cerebro», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

⁴⁷ O nome *ptialismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Resultoulhe desta desordem, (pois naõ o tinha purgado) que á segunda applicação da untura juntamente com o **ptialismo** se seguisse hũa contracção dos braços, e pernas, e hũa renitencia no ventre.», retirado de *Discurso apologetico cirurgico-medico* de Manoel Caetano (1729)

⁴⁸ «Doença», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

⁴⁹ «Palavra de Medico. Convulsaõ no olho, que impede o seu movimento», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

⁵⁰ «(Termo Astronómico) (...) composto de várias estrelas», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

⁵¹ «He o erro, que se comete no computo, ou supputação dos Tempos», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

⁵² O nome *mecanismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Como físico instruido nas leis do **mecanismo**, ele lhes ensinará a aumentar as fôrças pelo meio das máquinas, nao só simples, mas também compostas.», retirado de *Obras econômicas* de J. J. da Cunha Azeredo Coutinho (c1790s)

No domínio político também surgem novos nomes em *-ismo* que podem ser interpretados como empréstimos do francês, talvez a mais provável das hipóteses, ou como produções autoctótonas:

- *despotismo*⁵³ (3 ocorrências);
- *jacobinismo*⁵⁴ (2 ocorrências).

Encontramos ainda alguns novos nomes que apresentam o significado de ‘qualidade’. Estes nomes não se enquadram necessariamente numa área do conhecimento, servem apenas a denominação de uma qualidade, independentemente do seu campo de aplicação. São nomes que se utilizam fora de domínios específicos do conhecimento, na linguagem comum. Acreditamos que este significado (timidamente atestado desde o século XVI) resulta de e contribui para a utilização do sufixo fora do que são os usos e domínios cultos da língua. Estes nomes são:

- *fanatismo*⁵⁵ (1 ocorrência);
- *pedantismo*⁵⁶;
- *patriotismo*⁵⁷ (1 ocorrência).

⁵³ O nome *despotismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «assim devia ser porque a vaidade, que resulta das ciências, é vaidade de homens livres, e estes só os há na Europa: o **Despotismo** reduziu as outras partes a escravidão.», retirado de *Reflexão sobre a vaidade* de Matias Aires (1743)

⁵⁴ O nome *jacobinismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «No parlamento da Inglaterra, o general Tarleton, depois de mostrar que o **jacobinismo** tem uma estreita afinidade com o sistema sobre a abolição do resgate dos escravos da costa da África, e que ele estava persuadido de que a maior parte das infelicidades que têm acontecido desde vinte anos são devidas aos princípios semelhantes aos que servem de pretexto à abolição do dito comércio, afirmou na presença de todo o parlamento que em Paris, no ano de 1791, se lhe tinha dito que um diploma de **jacobinismo** tinha sido enviado ao honorável membro que no mesmo parlamento insistia sobre a abolição do dito comércio», retirado de *Obras económicas* de J. J. da Cunha Azeredo Coutinho (c1790s)

⁵⁵ O nome *fanatismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «Introduziu-se aquele mesmo **fanatismo** em França, e chegou a tanto extremo, que Luiz XII, para o evitar, determinou, que em todas as livrarias se fechassem com cadeias os livros dos Nominais», retirado de *Reflexão sobre a vaidade* de Matias Aires (1743)

⁵⁶ «Impertinente, & pueril erudição de pedante», Rafael Bluteau, *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1721)

⁵⁷ O nome *patriotismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «estando sempre guardados e observados pelos seus mestres e inspectores, não se estragam com vícios; adquirem um animo de **patriotismo**, e se consideram pertencerem ao Estado», retirado de *Cartas sobre a educação da mocidade* de António Nunes Ribeiro Sanches (1760)

Encontramos ainda um nome em *-ismo* em que podemos identificar não só o valor de ‘qualidade’, mas também um valor coletivo, referindo-se a todos os que partilham as propriedades da base, *vilanismo*⁵⁸ (3 ocorrências).

Como o Quadro 2.1 torna claro, o século XIX representa um enorme aumento do número de nomes em *-ismo* no português. Os novos nomes surgidos neste século vão aparecer nos mais variados domínios do conhecimento e servir-se dos mecanismos derivacionais já desenvolvidos nos séculos anteriores. Portanto, encontramos neste século um processo derivacional perfeitamente desenvolvido e dotado de elevada operacionalidade. À semelhança do procedimento adotado para os *corpora* dos séculos anteriores, recolhemos os dados de O Corpus do Português, disponível *online*. O facto de muitos dos contextos apresentados pertencerem a obras literárias levou-nos a recorrer, quando o significado dos nomes não se tornava absolutamente claro, ao *Diccionario da Língua Portuguesa* de Moraes Silva, na sua edição de 1889-1891.

Dando continuidade ao que se verifica desde os primeiros séculos, a área das ciências humana e sociais, crenças e pensamentos é a que apresenta maior número de novos nomes. Este dado é até certo ponto expectável, na medida em que é nesta área, mais especificamente no domínio religioso, que se enquadram os primeiros nomes em *-ismo* do português. Por força do contexto histórico e cultural, os nomes ligados à religião perdem expressividade. Em sentido inverso, as ciências humanas e sociais vão ganhando representatividade. Como exemplos, temos:

- *canibalismo*⁵⁹ (12 ocorrências);
- *determinismo*⁶⁰ (7 ocorrências).

Dentro do grupo das ciências humanas e sociais surge um elevado número de nomes significando ‘locução’ (significado já atestado no século anterior) de que são exemplo:

⁵⁸ O nome *vilanismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: « Daqui se segue claramente, que menor guerra pode fazer a esta nova doutrina infima baixesa, do que a infima rudeza do **vilanismo**», retirado de *Antídoto da língua portuguesa* de José de Macedo (assinado por António Melo da Fonseca)

⁵⁹ «antropofagia» Moraes Silva 1889-1891

⁶⁰ «t. phil. Systema de philosophia escolastica que subordina as determinações da vontade á acção providencial» Moraes Silva 1889-1891

- *germanismo*⁶¹ (2 ocorrências);
- *italianismo*⁶² (1 ocorrência);
- *provincialismo*⁶³ (1 ocorrência).

Chamamos especial atenção para o nome *determinismo* que apresenta como significado ‘princípio epistemológico’. É curioso notar que apenas no século XIX encontremos nomes em *-ismo* que claramente apresentem este significado, uma vez que nos séculos XX e XXI será o significado com maior número de atestações (§ 4.1.2. e § 4.1.8.). Há que referir que este significado não é absolutamente novo. O século XVIII apresentava no campo da política o nome *jacobinismo*. Além disso, desde o século XVII que encontramos nomes que denominam feições religiosas, *arrianismo*, *calvinismo*, *jansenismo* e no século XVIII *protestantismo* e *maometismo*. Estes nomes denominam uma religião ou uma feição religiosa, pelo que apresentam como significado não apenas um princípio epistemológico, mas todas as restantes práticas e concepções que lhe estão associadas; portanto, embora o significado ‘princípio epistemológico’ não fosse isolável, fazia já parte do significado desses nomes. O que de relevante se verifica neste século é a presença de vários nomes que têm por principal função a denominação de um ‘princípio epistemológico’. Estes nomes situam-se fora do domínio religioso, estando disseminados por várias áreas do conhecimento.

Com o segundo maior número de novos nomes em *-ismo* surgem os nomes que se enquadram no campo da política, da economia, do comércio ou das finanças de que servem de exemplo:

- *abolicionismo*⁶⁴ (74 ocorrências);
- *comunismo*⁶⁵ (6 ocorrências);
- *militarismo*⁶⁶ (15 ocorrências).

⁶¹ «modo de fallar proprio da língua Allemã § Estudo das línguas, litteraturas, e antiguidades Germanicas» Moraes Silva 1889-1891

⁶² «maneira de fallar, locução propria da língua italiana» Moraes Silva 1889-1891

⁶³ «accento, idiotismo particlular a uma provincia» Moraes Silva 1889-1891

⁶⁴ «o partido ou doutrina que sustenta a abolição da escravatura» Moraes Silva 1889-1891.

⁶⁵ «t. Novo, Doutrina da comunidade dos bens (...) aniquilação do direito de propriedade» Moraes Silva 1889-1891.

⁶⁶ «systema militar; predomínio dos militares n’uma nação» Moraes Silva 1889-1891.

Os nomes ligados à medicina surgem como os terceiros mais atestados:

- *metabolismo*⁶⁷ (2 ocorrências);
- *nervosismo*⁶⁸ (6 ocorrências).

Tal como nos séculos precedentes, as ciências exatas e as novas tecnologias também fazem recurso a nomes em *-ismo* e assim temos como exemplos:

- *automatismo*⁶⁹ (12 ocorrências);
- *cataclysmo*⁷⁰ (45 ocorrências);
- *galvanismo*⁷¹ (2 ocorrências).

Neste século encontramos pela primeira vez nomes em *-ismo* ligados ao domínio das artes, denominando períodos ou estilos:

- *classicismo*⁷² (13 ocorrências);
- *gongorismo*⁷³ (4 ocorrências).

No que toca aos mecanismos de produção de nomes em *-ismo*, este século introduzirá algumas novidades a que será dada continuidade nos séculos seguintes. Pela primeira vez se encontra uma base derivacional tomada de uma estrutura sintaxiforme, *sem-vergonhismo*⁷⁴ (1 ocorrência). Estas bases encontrar-se-ão sempre em número muito reduzido nos nomes em *-ismo*. Mais recorrentes tornar-se-ão as bases derivadas

⁶⁷ «mudança de natureza mollecular dos corpus» Moraes Silva 1889-1891.

⁶⁸ «t. Med. Systemas de medicina nos quaes todos os phenomenos mórbidos são attribuídos ás aberrações da força nervosa § Doença» Moraes Silva 1889-1891.

⁶⁹ «(...) t. de phys. A qualidade de autómatos no animal, i. é., o systema dos movimentos automaticos» Moraes Silva 1889-1891.

⁷⁰ «t. de phys. Transtorno, grande revolução de ordinário acompanhada de inundação, que muda em grande parte ou na totalidade a superfície do globo» Moraes Silva 1889-1891.

⁷¹ «t. phys. Electricidade desenvolvida pelo contacto de substancias heterogeneas, sem percussão nem fricção» Moraes Silva 1889-1891.

⁷² «systema dos partidários exclusivos dos escriptores (...) Expressão, locução» Moraes Silva 1889-1891

⁷³ «t. de litter. Especie de affectação, de concerto demasiado singular, que se introduz na litteratura Hespanhola pela imitação de estylo de Gongora» Moraes Silva 1889-1891.

⁷⁴ O nome *sem-vergonhismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «O alamao não se deu por achado e, com todo o **sem-vergonhismo**, me retrucou», retirado de *Inocência* de Afonso de E. Taunay (1872).

como as de *naturalismo*⁷⁵ (22 ocorrências), *orientalismo*⁷⁶ (6 ocorrências) ou *parlamentarismo*⁷⁷ (13 ocorrências) que surgem pela primeira vez neste século. A principal estrutura morfológica das bases derivacionais de *-ismo* nunca será a derivada; contudo nos séculos XX e XXI esta estrutura irá aparecer num número considerável de nomes em *-ismo* (§ 3.1.2.2.).

O estudo detalhado dos nomes em *-ismo* dos séculos XX e XXI será feito nos Capítulos 3 e 4.

Ao longo desta secção fomos aludindo ao facto de os nomes em *-ismo* não terem sempre a mesma origem. Ainda que o propósito deste Capítulo não seja o estudo da introdução destes nomes no português, temos de levar em linha de conta as diferentes origens. Como referido em § 1.3.2.1., consideramos como formação portuguesa qualquer nome que seja analisável à luz das RFP do português, excluindo, portanto, apenas do nosso estudo aqueles nomes que claramente não podem ser analisados de acordo com esse critério. «Em suma, são as seguintes as formas de introdução de novos nomes em *-ismo* em português:

Importação do grego e/ou do latim

Importação de línguas românicas (francês, italiano)

Importação de línguas germânicas (inglês)

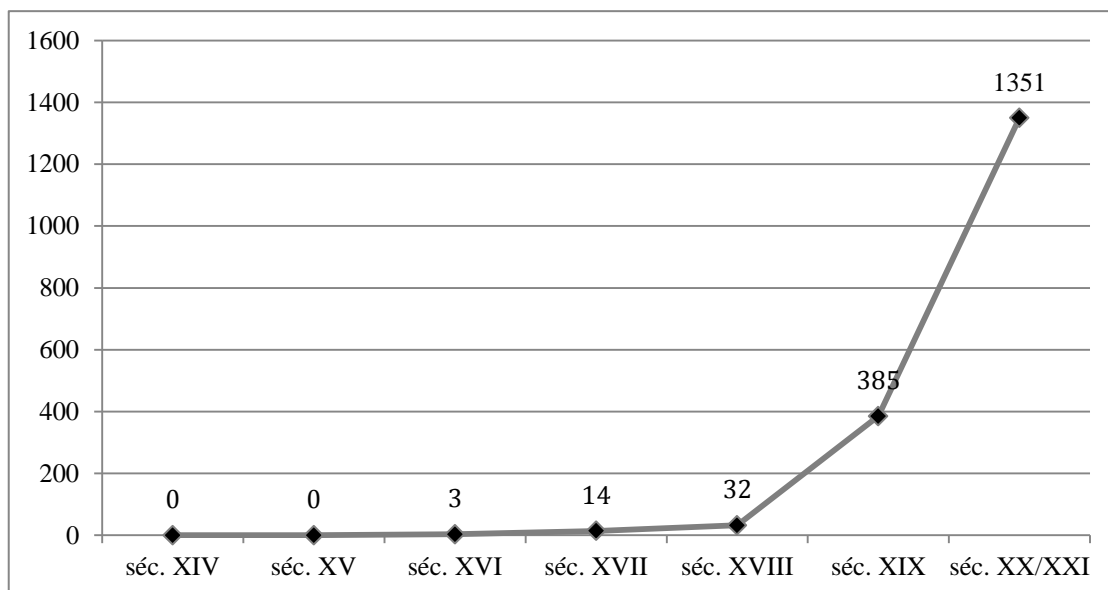
Formação em português» (Barbosa & Rio-Torto 2009: 127).

Tomando em consideração estes dados, analisámos os *corpora* dos séculos XIV a XX/XXI, retirando todas as formas não analisáveis em português. Os resultados são apresentados no Quadro 2.3.

⁷⁵ «Qualidade do que é produzido por uma causa natural (...) § Systema de religião, que attribue tudo á natureza como primeiro princípio» Moraes Silva 1889-1891.

⁷⁶ «Conjuncto dos conhecimentos relativos ás línguas, á história, ás literaturas e sciencias dos povos orientais» Moraes Silva 1889-1891.

⁷⁷ O nome *parlamentarismo* foi recolhido *online* do Corpus do Português, Mark Davies e Michael Ferreira (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/>>) e apresenta o seguinte contexto: «O **parlamentarismo** não falhou entre nós, por mau regimen, mas porque não há fórmulas eficazes para nacionalidades caducas como a nossa.», retirado de *Gatos* de Fialho de Almeida (1872).



Quadro 2.3: Lemas em *-ismo* formados em português desde o século XIV aos séculos XX/XXI

O Quadro 2.3 permite-nos compreender não tanto a presença destes nomes no português, informação disponibilizada pelos Quadros 2.1 e 2.2, mas sobretudo compreender o ritmo de crescimento da capacidade derivacional do português no que toca aos nomes em *-ismo*.

Os primeiros nomes em *-ismo* formados em português, ou interpretáveis como formados em português, encontram-se no século XVI: *barbarismo*, *judaísmo* e *paganismo*. Apesar de intepretáveis em português, estes nomes estão atestados nas línguas clássicas⁷⁸, pelo que, mais provavelmente, resultam de empréstimo. Assumimos que estes nomes podem ser de formação portuguesa por serem semântica e formalmente associáveis a *bárbaro*, a *judeu* e a *pagão*. Como vimos, terá sido este tipo de associação que ajudou a criar aquele que é hoje o padrão derivacional dos nomes em *-ismo*.

Quando surgem numa língua, os nomes em *-ismo* podem ser considerados neologismos de um de dois tipos: neologismos formais, construídos «Per sufixació (FSUF): neologismes formats a partir de l'adjunció explícita d'un suffix a un radical [...]. També s'inclouen en aquesta categoria els derivats d'antropònims» (Cabré & Estopà 2009: 13) e manleus, ou importações, «Unitats importades d'una altra llengua» (Cabré & Estopà 2009: 16).

⁷⁸ barbarismo: «Do lat. *barbarismus*, deriv. do gr. *barbarismós*», Cunha 1986; judaísmo «Do lat. *judaismus*, deriv. do gr. *ioudaismós*», Cunha 1986; paganismo: «Do lat. *pāgānismus*», Cunha 1986.

Comparando o Quadro 2.1 com o Quadro 2.3, verifica-se que para 13 nomes atestados para o século XVI, apenas 3 apresentam uma estrutura interpretável como portuguesa, correspondendo a cerca de 19% do *corpus*.

Neste século referimos ainda o nome *mourismo*, que tem uma estrutura passível de ser analisada em português, mas como referido anteriormente pode não se tratar realmente de um nome em *-ismo*.

O século XVII apresenta formações enquadráveis nas línguas românicas, a par de algumas criações autóctones em língua portuguesa, começando a delinear-se o padrão derivacional existente hoje em dia. Os nomes *calvinismo*, *jansenismo*, *maquiavelismo* e *priapismo* tomam por base nomes próprios e tanto podem ter sido cunhados em português, como resultar da importação para o português de formações europeias. A este propósito recordamos o seguinte: «A circulação das linguagens de especialidade activou-se com a intercomunicação plurilingue a partir do século XVII. Entretanto, já anteriormente, a conjuntura da Europa Ocidental, caracterizada pelo uso geral do latim como língua escrita, sobretudo nos textos de erudição e de informação escolarizada, tinha criado uma certa predisposição para o encontro transnacional e translinguístico» (Verdelho 1998: 6).

O nome *quietismo* admite duas interpretações: pode ser de formação portuguesa ou resultar de empréstimo do francês. Na mesma situação encontra-se *idiotismo*, sendo que neste caso a língua de origem será o latim e o empréstimo terá sido feito a diretamente do francês.

De formação seguramente portuguesa temos os nomes *gentilismo*, *mourismo*, *nepotismo* e *poetismo*. Categoricalmente as bases destes nomes são classificáveis como nome (*poeta* e *nepote*) e adjetivo/nome⁷⁹ (*mouro* e *gentio*). Obtivemos esta classificação categorial observando os contextos de uso destas palavras no século XVII em O Corpus do Português. É significativo que sejam estas as categorias das bases atestadas nos primeiros nomes derivados em *-ismo*, uma vez que estas serão, para os séculos XX e XXI, as categorias mais frequentemente encontradas na base destes nomes. De referir ainda que estruturalmente estas bases são radicais simples, característica da maioria das bases atuais de *-ismo*. Estes nomes são construídos sobre

⁷⁹ Para a compreensão desta categoria no que às bases derivacionais de *-ismo* diz respeito, veja-se § 3.1.3.4.

bases que podemos considerar portuguesas, como *mouro*, *nepote* e *poeta* e sobre uma base latina, *gentil*. As bases que assumimos serem portuguesas, embora tendo origem latina, apresentam uma morfologia e uma semântica que permitem o seu enquadramento no português. Já *gentil*, enquanto base derivacional de *gentilismo*, apresenta por significado aquele que está atestado em latim⁸⁰ e para o qual o português dispõe do nome *gentio*; por esta razão acreditamos que a base selecionada seja a latina e não a portuguesa.

Encontramos então neste século, pela primeira vez, nomes em *-ismo* aos quais podemos atribuir uma formação que ocorreu de acordo com os mecanismos genolexicais de formação de palavras disponíveis no português. Estes nomes foram construídos sobre radicais simples portugueses ou sobre um radical latino.

Se mais uma vez estabelecermos a comparação entre os Quadros 2.1 e 2.3, podemos ver que o número de nomes em *-ismo* formados em português apresenta no século XVII um significativo crescimento em termos percentuais. Do total de 28 nomes atestados, 14, portanto, cerca de 50%, podem ser entendidos como formados em português.

O século XVIII irá manter e ampliar os padrões derivacionais estabelecidos no século anterior. Encontramos nomes como *grecismo* e *ptyalismo* que são interpretados como resultando da concatenação do sufixo *-ismo* a um radical neoclássico, inaugurando um procedimento que se multiplicará nos séculos seguintes.

Ainda neste século vemos estrear-se as bases de estrutura complexa como a que se encontra em *jacobinismo*. Embora tenhamos de considerar que o nome em *-ismo* possa ter sido importado, o facto é que a sua estrutura também é passível de ser analisada como sendo complexa não construída em português, uma vez que a base derivacional apresenta um sufixo adjetivalizador (*-in-*) operante em português. Como veremos, as bases complexas construídas, de que *jacobino* se pode entender como predecessor, irão surgir de forma recorrente nos séculos seguintes.

Neste século, o número de novos nomes em *-ismo* correspondendo a 64% dos nomes atestados. Portanto, os nomes gerados em português ou suscetíveis de ser analisados como formados em português superam, pela primeira vez, o número de

⁸⁰ *gentilis*, e (...) 3. Pertencente a uma nação, nacional (Ferreira 1995 *Dicionário de Latim-Português*. Porto Editora)

importações. Podemos assumir que os mecanismos lexicogenéticos estavam já se não totalmente definidos, pelo menos suficientemente definidos para serem aplicados com alguma produtividade.

O século XIX revela-se como aquele em que surge o maior número de nomes derivados em *-ismo*. Dos 425 novos nomes atestados, cerca de 91% correspondem a nomes que podem ser lidos à luz das regras de formação de palavras do português. Os dois séculos seguintes apresentam um abrandamento na produção de novos nomes, que correspondem a cerca de 85%.

2.3. SUMÁRIO

Neste capítulo observaram-se o sufixo português *-ismo* e alguns dos seus congêneres, uma vez que estes sufixos (*-ismo*, português, espanhol e italiano, *-isme*, francês e *-ism* inglês) podem ser considerados sufixos internacionais.

Como vimos, é necessário ao sufixo apresentar determinadas condições para ser considerado um sufixo internacional. Observámos então em que medida os sufixos apresentados, com especial incidência no sufixo *-ismo* português, se assemelham para satisfazer essas condições. Neste ponto sumariamos os traços que estes sufixos partilham e aqueles em que divergem.

Um aspeto em relação ao qual estes sufixos apresentam uma forte semelhança é a classificação categorial das bases que seleccionam. As bases portadoras do traço [+N] (nomes e adjetivos) são as preferencialmente seleccionadas, ainda assim, em todas as línguas, é possível encontrar bases verbais, siglas e estruturas sintaxiformes. Este facto não deixa de ser surpreendente, sobretudo no que toca às bases verbais, consideradas quase sempre uma exceção, na medida em que até as exceções parecem ser similares entre as diversas línguas. Quanto às siglas e estruturas sintaxiformes, podem ser consideradas estruturas nominais, no seguimento da proposta de Corbin 1987 (§ 2.1.2.4.), enquadrando-se assim, do ponto de vista categorial, no primeiro grupo.

Os produtos derivacionais destes sufixos colocam os autores perante a mesma questão, a de saber se se trata ou não de um nome de abstrato. De modo geral, as soluções encontradas infletem no mesmo sentido. Nem todos os produtos podem ser considerados nomes abstratos, apenas aqueles que tomam por base um adjetivo e

destes, aqueles que tomam um adjetivo com determinado valor semântico e que a nível lexical não encontram a concorrência de outro afixo formador de nomes abstratos aplicado à mesma base. Consequentemente, coloca-se a questão de este ser ou não um sufixo formador de nomes de qualidade. Também neste ponto os autores não partilham as mesmas opiniões.

A nível da semântica são igualmente várias as semelhanças entre os produtos dos sufixos cognatos de *-ismo*. Estes nomes permitem denominar doutrinas ou sistemas ideológicos de várias áreas como a religião, política, arte, filosofia, ciências, economia, etc. Dentro das áreas do conhecimento são destacadas algumas significações, como a possibilidade de os derivados em *-ismo* (português, espanhol e italiano)/ *-isme* (francês)/ *-ism* (inglês) denominarem uma particularidade linguística ou estilística, a de denominarem doenças ou estados mórbidos ou práticas, atividades, técnicas. Os sufixos podem igualmente formar nomes que designam formas de comportamento, atitudes ou procedimentos relacionados com a forma de base; neste grupo podem ser incluídas as designações das profissões. Assumindo que alguns dos derivados são nomes abstratos, mais especificamente nomes de qualidade, a estes é atribuído o valor semântico de ‘o facto de ser Adj’.

Fomos referindo ao longo do Capítulo que estes nomes se enquadram em diversas áreas do conhecimento. Cremos que merece uma reflexão os termos em que esse enquadramento se verifica. Alves 2002 estabelece a distinção entre «corpus de divulgação, um conjunto de textos produzidos por especialistas de uma área de especialidade e dirigidos a um público não-especializado nessa área e a usuários em geral» (Alves 2002: 139) e «corpus especializado um conjunto de textos produzidos por especialistas e também destinados a especialistas» (Alves 2002: 139). Não desenvolvemos uma análise aturada do nosso *corpus* de acordo com estes dois critérios; contudo acreditamos que muitos dos nomes em *-ismo* que servem a denominação de termos científicos tendem a aproximar-se mais dos nomes do primeiro grupo do que dos nomes enquadráveis num *corpus* especializado.

Na segunda parte do capítulo apresentou-se o percurso do sufixo *-ismo* dentro da língua portuguesa. Os primeiros nomes atestados surgem no domínio religioso e resultam da herança latina, sendo alguns destes nomes originários do grego. Aos poucos, o sufixo vai sendo utilizado em outros domínios do conhecimento, acabando por surgir nas ciências humanas e exatas e na linguagem comum.

Também os mecanismos lexicogenéticos se vão ampliando. Os empréstimos têm origem nas línguas clássicas e nas línguas europeias modernas e vão ser encontrados ao longo de toda a história do português. Não obstante, no século XVII surgem os primeiros nomes em *-ismo* inequivocamente gerados por derivação na língua portuguesa. Estes nomes que tomam por base um radical simples apresentam o tipo de base atualmente mais frequente em português. Posteriormente surgirão os outros tipos de bases. É, portanto, neste século que começa a definir-se o padrão genolexical do sufixo *-ismo* hoje existente em português.

3. AS BASES

Este capítulo observará as bases derivacionais operantes no processo de derivação em *-ismo*. Definir-se-ão as suas propriedades fonético-fonológicas (§ 3.1.), morfológicas (§ 3.2.), categoriais (§ 3.3.) e semânticas (§ 3.4.). No final do capítulo será então possível descrever as condições de afixação observadas e presentes nas bases relevantes para a produção de nomes em *-ismo*.

Rio-Torto 1998a (39) considera a formação de palavras como um «domínio que envolve todas as componentes da língua – desde a componente fonológica, à morfológica, à lexical, à semântica e à sintáctica». Assume-se então que os afixos selecionam bases com determinadas propriedades fonético-fonológicas, morfológicas, categoriais, argumentais e semânticas e que é através do cruzamento destas propriedades que se define o tipo de bases a que se concatenam.

Uma das características mais notórias do sufixo *-ismo* é a sua capacidade de selecionar bases derivacionais difíceis de enquadrar num grupo homogéneo no que diz respeito a traços fonético-fonológicos, a estruturas morfológicas, a propriedades categoriais e a traços semânticos. Nas subsecções seguintes procurar-se-á determinar quais as propriedades (fonético-fonológicas, morfológicas, categoriais e semânticas) que permitem que determinada base seja selecionada pelo sufixo *-ismo*, ou seja, quais são os traços que o sufixo necessita de encontrar numa base para a selecionar e a ela se acoplar.

Trabalhamos portanto sobre «um conjunto de princípios balizados pela aceitação da composicionalidade formal e semântica dos produtos» (Rio-Torto 2004: 19) (§ 1.3.2.). Neste pressuposto teórico, as propriedades das bases constituem o conjunto de condições necessárias para a adjunção de determinado constituinte afixal. Estas propriedades, combinadas com as do afixo, contribuirão para a determinação da configuração morfológica e semântica do produto. A diversidade apresentada pelas bases de *-ismo* é grande e verifica-se, como referimos, a nível fonético-fonológico (§ 3.1.), morfológico (§ 3.2.), categorial (§ 3.3.) e semântico (§ 3.4.). Nestas secções procuraremos definir estas propriedades das bases de modo a compreender qual(is) o(s)

seu(s) elemento(s) homogeneizador(es), ou seja, de modo a definir o tipo de bases selecionado por este sufixo.

3.1. PROPRIEDADES FONÉTICO-FONOLÓGICAS

As propriedades fonético-fonológicas resultam da análise dos traços fonéticos e fonológicos da fronteira direita das bases com as quais se combina o sufixo. Nesta secção procuramos determinar se alguns destes segmentos fonéticos se constituem como um impedimento à afixação de *-ismo*.

Para saber que restrições de nível fonético poderá haver na afixação de *-ismo* a uma base, é necessário determinar que sons presentes na fronteira direita da base o podem anteceder. No Quadro 3.1 apresentam-se os sons do português e os derivados em *-ismo*, quando os há, que exemplificam a concatenação do afixo a uma base em que esse som está presente.

Como se pode verificar no Quadro 3.1, o segmento final das bases com as quais *-ismo* se combina pode ser uma vogal oral, uma semivogal ou uma consoante, ainda que haja um preferência notória por consoantes.

Antes de avançarmos na análise é necessário chamar atenção para um fenómeno que por vezes se verifica: o som presente na fronteira direita da base antes da afixação de *-ismo* nem sempre é o mesmo que antecede o sufixo na forma derivada. Isto é, a afixação do sufixo *-ismo*, como a de outros sufixos, pode desencadear uma série de processos fonológicos da base. Assim, no Quadro 3.1 representam-se na coluna da esquerda os sons que, na forma derivada, antecedem o sufixo e não aqueles que estão presentes na base antes da afixação.

[a]	<i>ensaísmo</i>	---	---	---
[ɐ]	<i>acmeísmo</i>	<i>cirenaísmo</i>	<i>dadaísmo</i>	<i>damaísmo</i>
[ɛ]	<i>caféísmo</i>	---	---	---
[e]	---	---	---	---
[i]	---	---	---	---
[ɨ]	---	---	---	---
[ɔ]	<i>averroísmo</i>	---	---	---
[o]	---	---	---	---

[u]	<i>altruísmo</i>	<i>casuísmo</i>	<i>congruísmo</i>	<i>bilinguismo</i>
[j]	<i>absenteísmo</i>	<i>antropoteísmo</i>	<i>ateísmo</i>	<i>deísmo</i>
[w]	---	---	---	---
[p]	<i>aerotropismo</i>	<i>anemotropismo</i>	<i>antotropismo</i>	<i>barotropismo</i>
[b]/[β]	<i>cambismo</i>	<i>cenobismo</i>	<i>cubismo</i>	<i>darbismo</i>
[t]	<i>absentismo</i>	<i>absintismo</i>	<i>absolutismo</i>	<i>acratismo</i>
[d]/[dʃ]	<i>budismo</i>	<i>contrabandismo</i>	<i>dandismo</i>	<i>fundismo</i>
[k]	<i>anarquismo</i>	<i>apsiquismo</i>	<i>baçoquismo</i>	<i>barroquismo</i>
[ʎ]	<i>barriguismo</i>	<i>coleguismo</i>	---	---
[f]	<i>alomorfismo</i>	<i>amorfismo</i>	<i>anamorfismo</i>	<i>extremismo</i>
[v]	<i>ativismo</i>	<i>algarvismo</i>	<i>anervismo</i>	<i>arrivismo</i>
[s]	<i>academicismo</i>	<i>agnosticismo</i>	<i>anglicismo</i>	<i>arsenicismo</i>
[z]	<i>burguesismo</i>	<i>chinesismo</i>	<i>despesismo</i>	<i>espinosismo</i>
[ʃ]	<i>capachismo</i>	<i>fetichismo</i>	<i>gauchismo</i>	<i>haxixismo</i>
[ʒ]	<i>alogismo</i>	<i>anagogismo</i>	<i>analogismo</i>	<i>antilogismo</i>
[l]	<i>acromegalismo</i>	<i>actualismo</i>	<i>aeromodelismo</i>	<i>alcoolismo</i>
[ʌ]	<i>bandalhismo</i>	<i>canhalhismo</i>	<i>caudilhismo</i>	<i>pontilhismo</i>
[r]	<i>alegorismo</i>	<i>alocentrismo</i>	<i>alocroísmo</i>	<i>amadorismo</i>
[R]	<i>bairrismo</i>	<i>bandarrismo</i>	<i>socorrismo</i>	---
[m]	<i>academismo</i>	<i>acosmismo</i>	<i>aerodinamismo</i>	<i>alarmismo</i>
[n]	<i>abolicionismo</i>	<i>abstencionismo</i>	<i>abstraccionismo</i>	<i>coleccionismo</i>
[ɲ]	<i>montanhismo</i>	---	---	---

Quadro 3.1: Segmentos fonético-fonológicos na fronteira adjacente de *-ismo*

Este quadro confirma a disponibilidade do sufixo *-ismo* para se acoplar a praticamente todos os segmentos fonético-fonológicos do português. Existem, no entanto, sons de natureza vocálica e semivocálica aos quais o sufixo não se acopla: [a], [e], [i], [ɨ], [o], [w].

Na observação da estrutura fonético-fonológica da base e do seu derivado em *-ismo* encontram-se por vezes desencontros entre o último segmento da base e aquele que efetivamente antecede o sufixo. Estes desencontros entre o som final da base, tomada isoladamente, e o som final que a base apresenta depois da concatenação do sufixo podem ser exemplificados por: *bíblico* > *biblicismo* ([k] e [s]) e *abstenção* >

abstencionismo ([w̃] e [n]). A fonologia lexical apresenta explicações para estes desencontros.

Mateus & Andrade 2000 expõem situações em que a adjunção do sufixo *-ismo* desencadeia um processo fonológico que transforma /k/ em [s] e /g/ em [ʒ].

«other [-continuant] consonants are subject to the spreading of vowel features when preceding suffixes beginning with /i/ followed by [...] a consonant (*-ista, -ismo, -idade*). In these cases, two rules are applied: a spirantization rule that changes /k/ into [s] (see (12)) and a velar softening rule (VS) that changes /g/ into [ʒ] (see (13)).

(12) católico [kɛtɔlik-u] [...]

-ismo catholic-ismo [kɛtɔlis-iʃmu]

[...]

(13) psicólogo-o [psikɔlug-u] [...]

-ismo psicolog-ismo [psikɔluʒ-iʃmu]»

(Mateus & Andrade 2000: 99)

O traço [+ nasal] não aparece nas vogais e semivogais que imediatamente antecedem o sufixo (*xamanismo, darwinismo*). Segundo Mateus & Andrade 2000 (21), «underlyingly, there are no nasal vowels in Portuguese. At the underlying level, we will treat them as sequences of oral vowels plus nasal segment». Portanto, esta estrutura fonológica, vogal oral + segmento nasal, determina, a nível de superfície, a nasalidade dos sons vocálicos: «Portuguese nasal vowels receive their nasality from a nasal segment that is deleted at the phonetic level» (Mateus & Andrade 2000: 23).

Nas bases encontramos então um processo de nasalização, descrito como «the assimilation of nasality by vowels when they are followed by a nasal consonant: as a sequence of the assimilation, the nasal consonant gets deleted.» (Mateus & Andrade 2000: 130).

Alguns processos derivacionais de afixação colocam estas sequências fonológicas, vogal oral + segmento nasal, em contacto com um segmento vocálico oral. Nestas circunstâncias, e a propósito do prefixo de negação *in-*, os autores consideram que «this particular prefix has a single underlying representation, but is phonetically

realized as a nasal vowel before consonant, or as vowel followed by a consonant, when the following context is a vowel» (Mateus & Andrade 2000: 22). Verifica-se com o sufixo *-ismo* algo de semelhante, isto é, quando na fronteira direita do radical derivacional está um segmento nasal, após a sufixação de *-ismo*, atualiza-se a consoante nasal [n], que passa a ocupar a posição de ataque da sílaba.

Este processo fonológico ocorre sempre que estas condições (segmento nasal na fronteira direita do radical derivacional a que se junta um sufixo iniciado por vogal) se verificam. Entre outros, encontram-se os seguintes exemplos:

1. *xamã* > *xamanismo*
- Jansen* > *jansenismo*
- Darwin* > *darwinismo*
- Bacon* > *baconismo*
- mórmon* > *mormonismo*

Este grupo, além de reduzido, tem a particularidade de ser formado por antropónimos (§ 3.3.3.) ou palavras de origem não portuguesa (§ 3.2.2.1. e § 3.2.2.2.2.). Não devendo, por essa razão, ser tomado como paradigmático do comportamento deste processo derivacional.

Existe, no entanto, um conjunto mais numeroso de bases de configuração caracteristicamente portuguesa terminadas em som nasal, as que terminam no ditongo <ão>, [ẽw̃]. Independentemente de o ditongo fazer parte ou não de um constituinte afixal, o comportamento destas formas é idêntico ao das anteriores, sendo atualizado, a nível de superfície, o som [n] a anteceder o sufixo *-ismo*. Isto mesmo pode ser observado nos exemplos seguintes:

2. *Japão* > *japonismo*
- macarrão* > *macarronismo*
- abolição* > *abolicionismo*
- abstenção* > *abstencionismo*
- abstracção* > *abstraccionismo*
- colecção* > *coleccionismo*

Algumas destas bases são nomes derivados através do sufixo *-ção* que, após a concatenação de *-ismo*, apresentam a variante formal /sioN/ (Mateus & Andrade 2000:

91). A concatenação de um novo sufixo implica, pois, que a base derivacional acionada (*abolicion-*) apresente uma configuração distinta da palavra (*abolição*). Trata-se de um caso de alomorfia da base desencadeado, neste caso, pela concatenação do sufixo *-ismo*.

Apresentando uma estrutura fonológica idêntica, em /ioN/, na sequêncica da explicação de Mateus & Andradre 2000, os nomes terminados em *-ão* também dispõem de uma base derivacional alomórfica que surge na sequêncica de processos de sufixação; é o que sucede nos nomes *japonismo* e *macarronismo* (2.).

No que diz respeito aos sons vocálicos orais na fronteira direita da base, constatamos que nem todos se mantêm na fronteira direita da sílaba aquando da adjunção do sufixo. Contudo, não é possível definir este grupo através de um conjunto de traços distintivos partilhados. *-ismo* é antecedido por sons vocálicos em fronteira direita de base, por vezes reconfigurados por passarem a posição átona, e com os seguintes traços:

- [+ **baixo**], [ɛ] (*caféismo*), [ɔ] (*averroísmo*)
- [+ **alto**], [u] (*altruísmo*), [i] (---)
- [+ **recuado**], [ɐ] (*prosaísmo*), [ɨ] (---), [ɔ] (*averroísmo*), [o] (---), [u] (*altruísmo*)
- [+ **arredondado**], [ɔ] (*averroísmo*), [o] (---), [u] (*altruísmo*)

O facto de o sufixo suceder a sons com determinado traço não significa necessariamente, como se pode observar, que se combine com todos os sons portadores desse traço. Deste modo, encontramos-lo afixado a:

- 1) bases terminadas nos sons [ɔ] e [u], mas não a bases terminadas em [o], todos sons portadores do traço [+ arredondado];
- 2) bases terminadas na vogal [+ alta] [u], mas não na vogal, igualmente [+ alta] [i];
- 3) bases terminadas nos sons [+ recuado] [ɐ], [ɔ] e [u], mas não no som [o].

O sufixo *-ismo* apresenta então capacidade de se afixar a qualquer um dos traços distintivos definitórios dos sons vocálicos mas não seleciona, necessariamente, todos os sons portadores desses traços.

Perante a impossibilidade de determinar os traços que permitem a adjunção do sufixo, consideramos que a inexistência de radicais terminados em [e], [o] e [w] não se deve a um impedimento estrutural do português ou à presença ou ausência imprescindível de determinada propriedade fonológica. Assim, não se pode considerar a existência de um traço distintivo que impossibilite a concatenação do sufixo; do mesmo modo que não podemos considerar a existência de um traço que garanta essa concatenação.

A estrutura silábica da base e do produto poderá esclarecer esta realidade. A vogal inicial de *-ismo* é acentuada, impedindo a sua semivocalização, pelo que a concatenação a bases terminadas em [e] e [o] geraria um hiato. Quanto à afixação a uma base terminada em [w], produziria um ditongo crescente, [wi], inexistente no português.

Há ainda dois sons que parecem não surgir imediatamente à esquerda do sufixo *-ismo*: [i] e [ʔ]. O facto de não se encontrar o som [ʔ] a anteceder o sufixo sucede por este som não surgir em português na formação de hiatos. Em casos como o de *bilinguismo*, a seleção do radical como base leva à supressão de [ʔ]. Na realidade, na forma do singular, este som é habitualmente elidido no discurso oral, isto é, não apresenta realização fonética.

O som [i] sofre um processo sistemático de truncamento pelo facto de a base preferencialmente selecionada por *-ismo* ser, como se verá adiante (§ 3.2.1.), um radical (*travest-* > *travestismo*).

As consoantes apresentam-se como um grupo de bases bastante mais significativo, o que não é surpreendente, já que *-ismo* é um sufixo iniciado por vogal e que, como se exporá adiante (§ 3.2.1.), seleciona preferencialmente radicais por base.

O número de exemplos encontrados para cada som consonântico é muitíssimo variável. Como sons menos frequentes encontramos:

- [ʌ]: 6 exemplos;
- [R]: 3 exemplos;

- [ɣ]: 2 exemplos;
- [ɲ]: 1 exemplo.

Como sons mais frequentes aparecem:

- [n]: 232 exemplos;
- [l]: 204 exemplos;
- [t]: 199 exemplos;
- [r]: 158 exemplos.

O facto de ser possível encontrar todos os sons consonânticos na fronteira direita da base de *-ismo* leva-nos a crer que estas diferenças na distribuição estejam relacionadas com a frequência de ocorrência dos sons na língua e não com os seus traços distintivos inerentes ou com as possibilidades de articulação destes com os do sufixo.

Perante os dados apresentados, não é possível determinar propriedades fonético-fonológicas que viabilizem ou inviabilizem a afixação do sufixo *-ismo* a determinada base. Sendo este, portanto, um aspeto de reduzida relevância para o estabelecimento das propriedades combinatórias de *-ismo*.

3.2. PROPRIEDADES MORFOLÓGICAS

Nesta subsecção observar-se-ão as estruturas morfológicas (simples ou construída) (§ 3.2.2.) e a categoria morfológica (radical, tema ou palavra) (§ 3.2.1.) das bases derivacionais selecionadas por *-ismo*. Assim, a estrutura simples, derivada ou composta das bases e a seleção de radicais e de estruturas classificáveis como temas ou palavras por parte do sufixo serão o objeto de análise desta secção. Há ainda a considerar a existência de elementos de origem não portuguesa nas bases derivacionais dos nomes em *-ismo*. Estes elementos surgem como base simples não autónoma (§ 3.2.2.1.) ou em estruturas compostas (§ 3.2.2.2.).

Como veremos, ainda que revelando expressivamente preferências, o sufixo *-ismo* não seleciona um único tipo de bases, sendo antes capaz de se acoplar a bases com diferentes estruturas e categorias morfológicas.

3.2.1. CATEGORIA MORFOLÓGICA

Entende-se por categoria morfológica de uma base a sua configuração morfológica, independentemente da estrutura interna que possa apresentar. Seguindo a proposta de Villalva 2000, as bases derivacionais disponíveis em português pertencem a três categorias: radical, tema e palavra. «Em Português, os processos de formação de palavras seleccionam como formas de base unidades lexicais semanticamente interpretáveis, portadoras de informação relativa à categoria sintáctica e pertencentes a diversas categorias morfológicas, ou seja, radicais [...], temas [...] ou palavras [...]» (Villalva 2000: 116). Como veremos, a base derivacional de *-ismo* assumir-se-á maioritariamente como um radical sem, no entanto, excluir de todo a possibilidade de serem seleccionadas como base algumas palavras.

Entendemos por radical as «unidades lexicais portadoras de informação idiossincrática de natureza morfológica, sintáctica e semântica [...] especificados quanto à categoria sintáctica, quanto à classe temática e ainda quanto ao género, no caso do nomes» (Villalva 2003: 920). Estes constituintes podem apresentar-se como simples ou complexos. O primeiro tipo trata-se de uma «forma inalisável» (Villalva 2003: 920) e o segundo tipo corresponde a um radical construído. No que diz respeito à sua disponibilidade, nos processos derivacionais do português, «a base pode ser um radical em processos de sufixação deadjectival, denominal ou deverbal» (Villalva 2000: 122).

Os radicais, simples ou complexos, autónomos podem ser foneticamente idênticos à palavra que integram, sendo necessário justificar a razão pela qual estas formas foram por nós consideradas radicais e não palavras.

Neste ponto, utilizamos a definição de palavra apresentada por Villalva que considera a palavra uma «estrutura morfológica formada pela adunção da flexão

morfológica (FM) ao tema» (Villalva 2000: 120). Na sequência, a autora apresenta a análise de algumas palavras:

«[[[*nov*]_{RADJ} [*o*]_{IT}]_{TADJ} []_{FM}]_{ADJ[-plu]}
[[[*cas*]_{RN} [*a*]_{IT}]_{TN} [*s*]_{FM}]_{N[+plu]}»

(Villalva 2000: 120)

Como mostram os exemplos, alcança-se o nível da palavra procedendo-se à FM, aplicada nestes casos sobre o tema. O facto de a autora considerar a existência de tema 0 permite que a FM se aplique sempre ao tema e não ao radical, uma estrutura que, conseqüentemente, residirá num nível mais profundo da estrutura da palavra. Note-se que também a FM pode ter uma realização fonética nula, tendo como consequência o facto de o tema *novo* e a palavra *novo* serem foneticamente idênticos.

Esta proposta, como se depreende da breve análise apresentada, não é isenta de problemas, possibilitando uma sobreposição fonética entre tema e palavra, entre radical e palavra e até entre radical, tema e palavra.

A sobreposição entre tema e palavra é visível no exemplo dado pela autora citado supra para a análise do adjetivo *novo* e que aqui retomamos. Uma vez que a flexão morfológica, que atua sobre o tema, pode não ser foneticamente representada, tema e palavra apresentam no singular a mesma configuração fonética, não sendo possível distinguir, foneticamente, uma forma da outra.

«[[[*nov*]_{RADJ} [*o*]_{IT}]_{TADJ} []_{FM}]_{ADJ[-plu]}»

(Villalva 2000: 120)

Também radical e palavra podem ser foneticamente coincidentes no caso dos radicais atemáticos:

[[*contorção*]_{RN} ()_{IT} []_{FM}]_{N[-plu]}

Esta coincidência fonética justifica a inclusão destas formas no grupo das bases derivacionais de *-ismo* que pertencem à categoria morfológica de radical. A nossa opção é ainda suportada pelo elevado número de radicais que, por oposição às outras categorias morfológicas, servem de base ao sufixo, o que sugere que o sufixo opte por esta categoria morfológica sempre que possível.

Por fim, encontram-se ainda casos em que radical, tema e palavra não se distinguem foneticamente, como sucede com as palavras de tema Ø, que no singular não apresentam a realização fonética do constituinte temático.

[[*oriental*]_{RN} [Ø]_{IT} []_{FM}]_{ADJ/N[-plu]}

À semelhança da opção tomada para os radicais atemáticos, julgamos ser acertado considerar que quando estamos perante palavras de tema Ø o sufixo *-ismo* seleccionará para base derivacional o radical dessa palavra.

Os radicais atemáticos e as palavras de tema Ø não têm ou não apresentam marca fonológica do constituinte temático e no singular não apresentam marca fonológica da FM. O facto de estes campos serem vazios ou de serem preenchidos por um zero fónico permite-nos considerar que a base seleccionada é o radical. Sustenta ainda esta decisão o facto de os radicais não autónomos (portanto, perfeitamente distintos da palavra a que pertencem) tomados como base derivacional de *-ismo* serem em elevado número. Consequentemente, apenas as formas de base que apresentam manifestação fonética do constituinte temático e ainda que sem marca aparente de FM serão consideradas palavras. Nestes, no nosso *corpus*, reduzidíssimos casos, tema e palavra são foneticamente idênticos.

Temos consciência de que as dificuldades na definição de palavra são muitas e de longa data. Não pretendemos com a reflexão apresentada dilucidá-las. Pretendemos apenas refletir sobre a proposta de trabalho que adotámos por forma a estarmos plenamente conscientes das suas virtualidades e limitações.

Como referido, trabalhamos tendo como referência a “Condição sobre a Base” proposta por Villalva 2000, que determina que a base derivacional deve ser uma variável lexical (radical, tema ou palavra). Contudo a proposta da autora não se fica por aqui. As bases derivacionais são radicais de origem nominal, adjetival e verbal, mas quando a base derivacional assume a forma de tema, este só pode ter origem verbal: «a base pode ser um radical em processos de sufixação de adjectival, denominal ou deverbal [...] o tema é seleccionado pelos processos flexionais [...] e por processos de sufixação derivacional deverbal» (Villalva 2000: 122). Como veremos em § 3.3., os verbos só excepcionalmente se tornam base derivacional de *-ismo* e, além disso, quando

o fazem, assumem sempre a forma inequívoca de radical. Não devemos ainda esquecer que muitas vezes a flexão morfológica não apresenta manifestação fonética, pelo que tema e palavra são foneticamente idênticos. Assim, as bases exemplificadas em 3. poderiam ser consideradas como temas ou como palavras.

3. *plebe* > *plebeísmo*
 trauma > *traumatismo*

Tendo em consideração a categoria sintática das bases e que «a palavra é uma base disponível para os processos de prefixação e para alguns processos de sufixação deadjectival e denominal» (Villalva 2000: 122), excluímos a hipótese de se configurarem como temas. De notar que categorialmente as bases de *-ismo* são na sua quase totalidade nomes e/ou adjetivos (§ 3.3.), pelo que satisfazem os requisitos expostos pela autora. Assumimos então que as bases derivacionais de *-ismo*, quanto à categoria morfológica, são radicais ou palavras.

Em suma, no que diz respeito à categoria morfológica das suas bases, o sufixo *-ismo* procura como base preferencialmente radicais, portugueses ou clássicos (§ 3.2.2.1 e § 3.2.2.2.), na sua maioria não autónomos (§ 3.2.2.3.), ainda que aceite como base derivacional algumas palavras. Em termos numéricos, o nosso *corpus* apresenta 1264 radicais contra 34 palavras tomados como base derivacional de *-ismo*. Em termos percentuais temos uma representação de 97% de radicais e de 3% de palavras.

3.2.2. ESTRUTURA MORFOLÓGICA

Além da categoria morfológica da base, é ainda necessário ter em atenção as diferentes estruturas morfológicas que pode apresentar. Nesta subsecção determinaremos se as bases (radicais e palavras) seleccionadas por *-ismo* são estruturalmente simples ou construídas.

Verificámos, na sequência da proposta de Corbin 1987 (§ 1.3.2.1.), que as palavras podem ter três tipos de estrutura morfológica (não complexa não construída,

complexa não construída e construída). Paralelamente, as bases derivacionais obtidas a partir dessas palavras são passíveis de apresentar o mesmo tipo de estruturas.

O sufixo *-ismo* pode então acoplar-se a bases:

(i) não complexas não construídas, «auquel on n’assignera aucune structure interne formelle ni sémantique» (Corbin 1987: 187). São bases simples que não resultam de um processo de formação de palavras, não sendo, portanto, decomponíveis, e que têm um significado não composicional:

4. [*álcool*] > *alcoolismo*
 [*estet*]- > *estetismo*

(ii) complexas não construídas, que «ont une certaine structure interne formelle et sémantique, mais qui ne remplissent pas toutes les conditions pour que cette structure soit identifiée à celle d’un mot construit» (Corbin 1987: 188). Neste tipo de bases, as partes, ou uma das partes, são delimitáveis e reconhecíveis. No entanto, o seu processo de formação não é suscetível de ser enquadrado numa das RFP do português, ou porque a base não pode ser considerada como tal ou porque o seu significado não procede de um processo de construção do português:

5. [*bi*[*gemin*]]- > *bigeminismo*
 [[*expre*]ssão] > *expressionismo*

(iii) construídas, estas bases resultam claramente da aplicação das RFP do português:

6. [[*eleitor*]al] > *eleitoralismo*
 [[*object*]iv]- > *objectivismo*
 [[*seguir*]d]- > *seguidismo*

Nas bases construídas de *-ismo* encontram-se estruturas derivadas, como as apresentadas, e estruturas compostas. Por composição entendemos «um processo de formação de palavras que consiste na concatenação de duas ou mais variáveis lexicais, que podem ser radicais ou palavras.» (Villalva 2003: 971). Em § 3.2.2.2. analisam-se com maior detalhe as bases compostas. Esta tipologia de bases é escassa. Apresentamos os seguintes exemplos:

7.	[[<i>terceir</i>] [<i>mund</i>]]-	>	<i>terceiro-mundismo</i>
	[[<i>quatro</i>] [<i>cent</i>]]-	>	<i>quatrocentismo</i>

A base composta selecionada apresenta sempre a categoria morfológica de radical.

Do ponto de vista da estrutura interna da sua base, *-ismo* tem capacidade para selecionar estruturas simples (4.) ou complexas (5., 6. e 7.). O radical simples (§ 3.2.2.1.) configurar-se-á como base preferencial do sufixo, uma vez que é a que está mais representada. O radical complexo (derivado e composto) (§ 3.2.2.2.) e a palavra são bases atestadas mas com menor representatividade. Verificaremos que o número de bases simples é claramente superior ao de bases derivadas e compostas, sendo o número destas últimas quase residual.

3.2.2.1. ESTRUTURAS SIMPLES

Em 4. exemplificaram-se derivados em *-ismo* formados sobre uma base simples, correspondendo, na terminologia de Corbin 1987, a uma estrutura não complexa não construída.

Estas bases simples têm duas proveniências distintas: (i) um primeiro grupo resulta da disponibilidade que os radicais clássicos demonstram ter para se constituírem como base derivacional de afixos ativos em português. Em 4. exemplificaram-se alguns desses radicais que, além de origem clássica, têm a propriedade de ser estruturas simples totalmente integradas na língua portuguesa às quais se acopla o sufixo *-ismo*; (ii) um segundo grupo de bases simples é constituído por elementos de origem portuguesa (10.).

No primeiro grupo encontram-se elementos de origem grega ou latina (8.), que ainda hoje se apresentam disponíveis para a formação de neologismos em português, contudo são desprovidos de autonomia sintática em português, atuando apenas ao nível da formação de palavras, pelo que serão considerados radicais simples não autónomos (§ 3.2.2.3.).

8.	<i>argir-</i>	>	<i>argirismo</i>
	<i>encratitae, ārum</i> (lat.)	>	<i>encratismo</i>
	<i>nihil</i> (lat.)	>	<i>niilismo</i>
	<i>dǎbǒlus, -ī</i> (lat.)	>	<i>diabolismo</i>
	<i>holos</i> (gr.)	>	<i>holismo</i>
	<i>ptýalon</i> (gr.)	>	<i>ptialismo</i>
	<i>rin-</i>	>	<i>rinismo</i>
	<i>sacar-</i>	>	<i>sacarismo</i>

Uma vez que na sua generalidade são estruturas de origem neoclássica, estas bases só surgem em português enquanto elementos de formação de palavras. Eventualmente, terão dado origem a palavras do português, como sucede com *dǎbǒlus, -ī*, que originou *diabo*; no entanto, o sufixo *-ismo* não toma a forma portuguesa por base, mas sim a forma clássica de origem latina.

Neste grupo incluímos ainda bases de origem não portuguesa, mas que também não têm origem grega nem latina, aparecem exemplificados em 9. e, à exceção de *diamat*, são estruturas originariamente simples. Relativamente às bases neoclássicas, estas bases constituem uma minoria.

9.	<i>diamat</i> (alem.)	>	<i>diamatismo</i>
	<i>gestalt</i> (alem.)	>	<i>gestaltismo</i>
	𐤀𐤓𐤁𐤀 (ár.)	>	<i>xiismo</i>

Nestes casos, as bases selecionadas são-no por inexistência na língua portuguesa de uma palavra ou radical que cobrisse os conceitos que designam. Relativamente ao português, tal como as anteriores, estas unidades não dispõem de autonomia sintática.

Como vimos, o grupo de bases não portuguesas numericamente mais significativo é então o que se compõe por elementos de formação de palavras de origem clássica ou neoclássica. Estes elementos de formação de palavras assumem funções na morfologia derivacional do português, aparecendo em vários derivados e tendo como particularidade o facto de (à semelhança do que veremos suceder para certas estruturas compostas) não se constituírem como formas autónomas (8.), isto é, o

facto de nunca receberem a marca de flexão morfológica que lhes proporcionaria autonomia sintática.

Em suma, as bases de origem não portuguesa, são estruturas não complexas não construídas e apresentam-se sempre sob a configuração de radical. Estes constituintes, de estrutura simples, e tal como alguns compostos morfológicos (§ 3.2.2.2.), definem-se pela sua origem clássica ou neoclássica, e em português não apresentam autonomia sintática, embora estejam lexicalmente disponíveis para a formação de palavras.

No seu trabalho, Correia 1999 serve-se do conceito de arqueconstituente, que poderíamos ter utilizado para cobrir as estruturas não autónomas a que temos vindo a fazer referência. A autora define os arqueconstituintes como sendo «radicais de origem grega ou latina que permitem a construção de inúmeros compostos» (Correia 1999: 55). Estes elementos, «embora sejam portadores de significado descritivo ou referencial e embora seja possível atribuir-lhes uma categoria morfossintáctica, não podem, por si só, ocupar posições sintáticas, isto é, são unidades não-autónomas» (Correia 1999: 55). Como dissemos, seria de considerar a hipótese de este conceito enquadrar as bases que considerámos como não-portuguesas, apresentando uma estrutura construída não autónoma ou uma estrutura simples não autónoma: contudo tomámos a opção de não considerar essa hipótese.

A opção de não trabalhar com o conceito de arqueconstituente deve-se a razões de vária ordem. Alguns desses elementos de origem clássica, como *epi-* ou *hipo-*, funcionam essencialmente como prefixos e não como radicais. Há que ter em atenção o facto de nem todos estes elementos serem de origem greco-latina. Ainda que de forma residual existam, como vimos, elementos de origem alemã e árabe (9.) que assumem comportamento idêntico ao das estruturas simples de origem clássica ou neoclássica; e ainda elementos que pertencem ao sistema de formação de palavras do português (*zoo-*, *rin-*). Não obstante a sua origem clássica, estes elementos estão totalmente integrados na língua, não sendo sentidos como estrangeiros.

Um segundo grupo de bases de estrutura simples é constituído por bases portuguesas (Corominas 1980-1991; Cunha 1986), de que são exemplo os nomes de 10. Previsivelmente, são na sua maioria radicais (autónomos e não autónomos), somando 720 elementos do nosso *corpus*.

10.	<i>prosa</i>	>	<i>prosaísmo</i>
	<i>comum</i>	>	<i>comunismo</i>
	<i>profet-</i>	>	<i>profetismo</i>
	<i>umbig-</i>	>	<i>umbiguismo</i>

3.2.2.2. ESTRUTURAS COMPLEXAS

Analisa-se nesta secção as bases que, ao contrário, das anteriores apresentam uma estrutura complexa. A estrutura complexa de uma base tem de ser considerada em várias perspetivas.

Em primeiro lugar devemos esclarecer o que entendemos por estrutura complexa. Seguindo a proposta de Corbin 1987 (§ 1.3.2.1 e § 3.2.2.), a base complexa pode ser i) construída na língua em análise ou ii) não construída na língua de análise. As bases complexas construídas enquadram-se perfeitamente na leitura das RFP da língua, sendo possível identificar os constituintes morfo-lexicais, a RFP ativada e, portanto, compreender o processo de construção do seu significado dentro dos mecanismos próprios da língua. As bases complexas não construídas apresentam uma estrutura identificável como construída, mas que, por alguma razão, não é suscetível de ser lida à luz das RFP da língua em apreço. Estas estruturas complexas não construídas podem apresentar graus de transparência diversos.

Em segundo lugar devemos considerar que a estrutura complexa construída se obtém através de dois mecanismos: a derivação (§ 3.2.2.2.1.) e a composição (§ 3.2.2.2.2.).

E por último há que ter em conta que as bases derivacionais de *-ismo* se apresentam derivadas por prefixação e por sufixação.

3.2.2.2.1. ESTRUTURAS DERIVADAS

As bases de estrutura derivada que encontramos nos nomes em *-ismo*, pertencem ao grupo das bases complexas construídas e podem sê-lo por prefixação e por sufixação.

No que diz respeito às bases derivadas por prefixação, verificamos serem pouco diversificados os prefixos presentes em bases selecionadas por *-ismo*. Encontramos alguns exemplos com o prefixo *trans-*, como em *transexualismo*, e com o prefixo *in-* em *imobilismo*. No entanto, a estrutura morfológica destes derivados em *-ismo* pode ter duas leituras:

a) [[tans[[sexo]_{Nal}]_{Adj}]_{Adj}ismo]_N

[[in[móvel]_{N/Adj}]_{Adj}ismo]_N

b) [trans[[[sexo]_{Nal}]_{Adj}ismo]_N]_N

[in[[móvel]_{N/Adj}ismo]_N]_N

Em a), a base derivacional de *-ismo* apresenta os prefixos (*trans-* e *in-*) anexados, por sua vez, a uma base derivada (*sexual*) e a uma base simples (*móvel*). Contudo, a leitura apresentada em b) é igualmente possível e nela os prefixos são o último patamar da cadeia derivacional, sendo acoplados a uma base derivacional a que já pertence o sufixo *-ismo*.

Para determinar qual o último patamar derivacional (prefixação ou sufixação por meio de *-ismo*) tomámos em consideração o significado do produto. Tomem-se os exemplos de 11., nomes que apresentam o sufixo *-ismo* e o prefixo *anti-*. Este prefixo, tal como os anteriores, levanta-nos algumas dificuldades na leitura da estrutura do derivado.

11. *antiamericano* > *antiamericanismo*

«Desconhece-se que papel vai desempenhar no futuro Jean-Bertrand Aristide, cujas ardentes homílias, um misto de teologia da libertação e de **anti-americanismo** primário, o levaram da Cité Soleil (o maior bidonville de Port-au-Prince) à Presidência, cargo que exerceu, segundo a oposição e os Estados Unidos, com despotismo sanguinário.» (CETEMPúblico *par=ext599765-clt-soc-95b-2*)

terrorismo > *antiterrorismo*

«atitude ou procedimento cujo objectivo é combater actividades terroristas» (DPE 2006)

Os dois nomes de 11. apresentam os mesmos elementos afixais, *anti-* e *-ismo*, acoplados à base derivacional; contudo requerem leituras distintas. A leitura de

antiterrorismo como o ‘que é contrário ao terrorismo’ implica que primeiro se forme o nome *terrorismo* e só posteriormente se acople o prefixo. Nesta medida, o nome *antiterrorismo* não pode ser interpretado como um derivado em *-ismo*. Já o nome *antiamericanismo* apresenta uma leitura diferente: ‘que é antiamericano’. Assim, à base *antiamericano* juntou-se o sufixo *-ismo*, permitindo a leitura apresentada.

Estas duas leituras sugerem estruturas derivacionais distintas, implicando um tratamento distinto, e não um tratamento unificado, que não poderia respeitar o processo derivacional envolvido nem a construção do significado de todos estes nomes. Casos como o de *antiamericanismo* serão considerados de derivação em *-ismo*, o que não sucede com nomes que tenham um comportamento idêntico ao de *antiterrorismo*, excluídos da análise da derivação em *-ismo* por esta se ter dado num nível anterior. Neste exemplo, a derivação em *-ismo* será analisada na formação de *terrorismo*, a base derivacional de *antiterrorismo*.

Será portanto com base na leitura dos derivados de estrutura idêntica à apresentada por *antiamericanismo*, e porque seguimos um modelo associativo de formação de palavras (Booij 2007b, 2009, 2012; Corbin 1987, 2000; Rio-Torto 1998a), que determinaremos se estamos perante um caso de derivação por meio do sufixo *-ismo* ou não.

Há ainda que considerar um outro aspeto relacionado com as bases prefixadas presentes nos nomes em *-ismo*. Algumas bases de estrutura construída prefixada apresentam a especificidade de não serem unidades sintaticamente autónomas e de apresentarem um prefixo concatenado a um radical neoclássico. Estas unidades não foram, portanto, alvo da FM, tal como proposta por Villalva 2000. Em 12. exemplificam-se estas bases.

12. *anacron-* > *anacronismo*
hipergin- > *hiperginismo*

Devemos referir que esta estrutura (concatenação de um prefixo a um radical neoclássico) se encontra também em elementos detentores de autonomia sintática, como os de 13.

13. *amorf-* (< *amorfo*) > *amorfismo*
antilog- (< *atilogia*) > *antilogismo*

O conjunto de sufixos presentes nas bases derivacionais de *-ismo* é mais vasto. Como já referimos, são escassíssimas as bases constituídas por palavras e nestes casos são sempre formas simples. É então nos radicais que se encontram as bases de estrutura complexa derivada por sufixação. Recordamos que consideramos como derivada uma forma construída ou interpretável como construída em português, isto é, que pode ser lida à luz das suas RFP. Portanto, a presença de uma forma sufixal em determinada palavra pode dever-se à sua formação numa outra língua e sua posterior importação para o português. Uma génese não portuguesa pode, ainda assim, permitir o enquadramento de determinada forma dentro das RFP do português.

Em seguida listamos os sufixos encontrados nos radicais que servem de base a *-ismo* (14.). Consideramos os radicais construídos derivados (RCD) e os radicais complexos não construídos (RCNC) por também nestes ser possível identificar formas sufixais.

14.	-ção	RCNC	<i>adopção</i>	>	<i>adopcionismo</i>
		RCD	<i>intuição</i>	>	<i>intuicionismo</i>
			<i>colaboração</i>	>	<i>colaboracionismo</i>
-ic-	RCNC	<i>escolástico</i>	>	<i>escolasticismo</i>	
		<i>pindérico</i>	>	<i>pinderiquismo</i>	
	RCD	<i>académico</i>	>	<i>academicismo</i>	
		<i>clássico</i>	>	<i>classicismo</i>	
-al	RCNC	<i>comensal</i>	>	<i>comensalismo</i>	
		<i>liberal</i>	>	<i>liberalismo</i>	
	RCD	<i>funcional</i>	>	<i>funcionalismo</i>	
		<i>nacional</i>	>	<i>nacionalismo</i>	
-an-	RCNC	<i>culterano</i>	>	<i>culteranismo</i>	
		<i>feniano</i>	>	<i>fenianismo</i>	
	RCD	<i>americano</i>	>	<i>americanismo</i>	
		<i>palaciano</i>	>	<i>palacianismo</i>	
-ári-	RCNC	<i>refractário</i>	>	<i>refratarismo</i>	
		<i>monetário</i>	>	<i>monetarismo</i>	
	RCD	<i>missionário</i>	>	<i>missionarismo</i>	
		<i>partidário</i>	>	<i>partidarismo</i>	

<i>-eir-</i>	RCNC	<i>bandoleiro</i>	>	<i>bandoleirismo</i>
		<i>cavalheiro</i>	>	<i>cavalhierismo</i>
	RCD	<i>ronceiro</i>	>	<i>ronceirismo</i>
		<i>grosseiro</i>	>	<i>grosseirismo</i>
<i>-ês</i>	RCNC	<i>inglês</i>	>	<i>inglesismo</i>
	RCD	<i>francês</i>	>	<i>francesismo</i>
		<i>japonês</i>	>	<i>japonismo</i>
<i>-iv-</i>	RCNC	<i>exclusivo</i>	>	<i>exclusivismo</i>
		<i>destrutivo</i>	>	<i>destrutivismo</i>
	RCD	<i>desportivo</i>	>	<i>deportivismo</i>
		<i>impulsivo</i>	>	<i>impulsivismo</i>
<i>-nt-</i>	RCNC	<i>obscurante</i>	>	<i>obscurantismo</i>
		<i>contingente</i>	>	<i>contingentismo</i>
	RCD	<i>brilhante</i>	>	<i>brilhantismo</i>
		<i>moderante</i>	>	<i>moderantismo</i>
<i>-os-</i>	RCNC	<i>ictioso</i>	>	<i>ictiosismo</i>
		<i>precioso</i>	>	<i>preciosismo</i>
	RCD	<i>nervoso</i>	>	<i>nervosismo</i>
<i>-vel</i>	RCNC	<i>possível</i>	>	<i>possibilismo</i>
		<i>miserável</i>	>	<i>miserabilismo</i>
	RCD	<i>vegetável</i>	>	<i>vegetabilismo</i>
<i>-dor</i>	RCNC	---		---
	RCD	<i>amador</i>	>	<i>amadorismo</i>
		<i>conservador</i>	>	<i>conservadorismo</i>

Como referimos, são radicais complexos não construídos formas nas quais é possível reconhecer alguns constituintes sufixais, mas que não são passíveis de ser interpretadas através de uma RFP do português na medida em que a sua estrutura não é formalmente enquadrável no português (*bandoleiro*) ou na medida em que (já) não é possível determinar o seu significado composicional, mesmo reconhecendo a existência de uma estrutura construída (*pindérico*).

Alguns dos sufixos em apreço requerem uma breve reflexão no que diz respeito à sua configuração.

O sufixo *-ção* apresenta variantes formais resultantes da evolução histórica que as palavras sofreram depois de construídas em latim. Estas palavras apresentam uma configuração do sufixo que não corresponde à configuração atualmente disponível para a formação de novas palavras, mas que resulta da sua formação em latim e posterior introdução no português. Nestas condições estão as variantes sufixais:

- | | | | | |
|-----|--------------|------------------|---|-----------------------|
| 15. | <i>-são</i> | <i>ilusão</i> | > | <i>ilusionismo</i> |
| | | <i>imersão</i> | > | <i>imersionismo</i> |
| | <i>-ssão</i> | <i>impressão</i> | > | <i>impressionismo</i> |
| | <i>-xão</i> | <i>flexão</i> | > | <i>flexionismo</i> |

As variantes *-são*, *-ssão* e *-xão* estão presentes apenas em palavras não construídas em português e constituem variantes formais do sufixo *-ção*, sendo esta a única configuração do sufixo atualmente disponível para a produção de novos derivados: «Dando continuidade ao latim *-tione*, o sufixo português é *-ção*, não apresentando alomorfes» (Caetano 2003: 338).

Encontra-se também nas bases derivacionais de *-ismo* o sufixo *-in-*. Ainda que este seja um sufixo disponível para a formação de novas palavras em português, nas bases derivacionais de *-ismo* encontramos-lo apenas em bases complexas não construídas. De acordo com Cunha 1986, *jacobino* resulta de importação do francês *jacobin*.

- | | | | | |
|-----|-------------|-----------------|---|--------------------|
| 16. | <i>-in-</i> | <i>jacobino</i> | > | <i>jacobinismo</i> |
|-----|-------------|-----------------|---|--------------------|

Muitos dos sufixos encontrados nas bases derivacionais de *-ismo* (*-ic-*, *-ári-*, *-al*, *-an-*, *-eir-*, *-ês*, *-in-* e *-os-*) atuam, de acordo com Rio-Torto 1998a, no âmbito da RFP REL, a regra de formação de palavras que permite derivar adjetivos tomando por base nomes. No entanto, o sufixo *-ismo* não se acopla a todos os operadores fonológicos desta RFP. Os sufixos «*-ad-* (*frutado* [...]); [...]; *-ej-* (*castrejo*); *-eng-* (*solarengo*); *-enh-* (*nortenho*); *-en-* (*terreno*); *-ense-* (*setubalense*); [...] *-esc-* (*gigantesco*); *-estre-* (*campestre*); *-et-* (*lisboeta*); *-éu* (*ilhéu*); [...] *-ista* (*clubista*); *-onh-* (*risonho*); [...] *-ot-* (*minhoto*); *-ud-* (*abelhudo* [...]).» (Rio-Torto 1998a: 103) também

são operadores afixais da RFP REL, mas não parecem ser selecionados pelo sufixo *-ismo*.

Nas bases encontram-se ainda sufixos ao serviço da RFP ACT (*-ção*) e da RFP AG (*-nt-* e *-dor*). Em ambos os casos, o produto destas regras é um nome deverbal. À semelhança do que se verificou com a anterior regra, os sufixos que se encontram nas bases derivacionais de *-ismo* não esgotam todos os operadores fonológicos disponibilizados por estas regras.

Falta ainda enquadrar o sufixo *-vel*, o único operador fonológico da RFP MODAL, que forma adjetivos deverbais.

3.2.2.2. ESTRUTURAS COMPOSTAS

As bases de *-ismo* de estrutura complexa construída são ainda resultantes do processo de composição. Este processo de formação de palavras não é homogéneo no que concerne a unidades de formação nem no que concerne a produtos. Esta diversidade, como se demonstrará ao longo desta secção, é visível nas bases derivacionais de *-ismo*.

Para determinar quais as bases formadas por composição, seguimos a proposta de Villalva 2000 para a análise dos processos de composição. Uma das primeiras preocupações da autora é definir o tipo de unidades que atuam no processo de composição. Propõe que se considere que «a composição procede à concatenação de, pelo menos, duas variáveis» (Villalva 2000: 349). Ao considerar como elementos operatórios da composição variáveis lexicais, radicais, temas e palavras, Villalva estabelece a distinção entre este processo e o de derivação, que opera com afixos, que não considera como variáveis lexicais, mas sim como constantes lexicais.

Dentro do processo de composição, Villalva 2000 define dois tipos: o morfológico e o sintático. Estes dois modelos de composição aparecem nas bases dos derivados em *-ismo*, ainda que com diferente representatividade.

Os compostos morfológicos são estruturas resultantes de um processo de concatenação de radicais simples ou complexos, por intermédio de uma vogal de ligação, sejam ou não autonomamente existentes na língua (Villalva 2000: 353; Rio-Torto & Ribeiro 2011: 3). No que às bases dos nomes em *-ismo* diz respeito,

verificamos existir um elevado número de bases compostas que se constrói pela utilização de radicais neoclássicos não autónomos. Assumimos que estas bases, apesar da origem grega ou latina dos seus elementos, são de formação portuguesa⁸¹: «a combinação de radicais neo-clássicos de origem grega com outros de origem latina nos chamados compostos híbridos (cf. Nunes 1919, 1975: 404) mostra que estas formas não podem ser consideradas empréstimos de uma ou de outra destas línguas» (Villalva 2000: 353).

Como referido pela autora, estes radicais podem combinar-se entre si, independentemente da língua clássica de onde provêm, e podem combinar-se com «formas vernáculas do Português» (Villalva 2000: 354). Os radicais neoclássicos mais atestados são os de origem grega, surgindo, de forma muito esporádica, combinados com radicais de origem latina. Como se pode observar em 17., o nome *filumenismo* apresenta na sua base uma estrutura composta que combina um primeiro radical de origem grega com um segundo de origem latina. A maioria das bases compostas de *-ismo* segue, contudo, o modelo de *micróbio* que combina dois radicais gregos. Palavras como *neoclássico* mostram a disponibilidade de compostos que combinam radicais neoclássicos com radicais/palavras portuguesas para se constituírem como base derivacional de *-ismo*.

17.	<i>filo</i> _(gr.) + <i>lumen</i> _(lat.)	>	<i>filumenismo</i>
	<i>micro</i> _(gr.) <i>bio</i> _(gr.)	>	<i>microbismo</i>
	<i>neo</i> _(gr.) <i>clássico</i> _(port.)	>	<i>neoclassicismo</i>

A composição morfológica apresenta duas estruturas distintas, a de modificação e a de coordenação. Atentaremos apenas no primeiro tipo de estruturas, uma vez que apenas esse surge nas bases derivacionais dos nossos nomes em *-ismo*. As estruturas de modificação «são binárias e têm núcleo à direita» (Villalva 2000: 389). Deste modo, semanticamente, «são interpretáveis como hipónimos do constituinte da direita» (Villalva 2000: 382). Nos nomes de 17., os radicais *bio* e *clássico* constituem o núcleo semântico da palavra, situando-se à direita, e são modificados pelo constituinte da

⁸¹ A presença de radicais de origem grega e latina em estruturas simples (§ 3.2.2.1.) ou combinados com prefixos (§ 3.2.2.1.1.) tem sido uma constante na análise morfológica das bases derivacionais de *-ismo*. Esta constância deve-se não tanto ao elevado número em que poderiam ocorrer, mas sobretudo à diversidade de estruturas morfológicas em que podem ser encontradas.

esquerda. Um *micróbio* é uma forma de vida (*bio*) de dimensões extremamente reduzidas (*micro*); *neoclássico* remete para um ressurgimento (*neo*) do que é *clássico*.

Esta estrutura binária que resulta numa leitura de modificação do constituinte da direita pelo constituinte da esquerda nem sempre, do ponto de vista semântico, é visível. Apesar de a estrutura morfológica poder ser reconhecível, verifica-se que uma «perda de composicionalidade semântica resulta de processos de lexicalização e relaciona-se, globalmente, com os fenómenos de polissemia que podem afectar qualquer unidade lexical.» (Villalva 2000: 345). Nomes como *filumenismo* («estudo e colecção de caixas e carteiras de fósforos» (DPE 2006)) revelam a atuação destes processos precisamente por ser difícil fazer uma leitura composicional do seu significado.

Os compostos morfológicos presentes nas bases derivacionais de *-ismo* apresentam ainda uma outra particularidade, já encontrada em estruturas construídas por prefixação (§ 3.2.2.2.1.): a de nem todos os elementos se apresentarem com capacidade de autonomia sintática. Trata-se de estruturas que se formam para se constituírem como base derivacional de *-ismo*, atuando apenas a nível genlexical, nunca surgindo como itens lexicais autónomos. Estas bases são, porém, em número reduzido e os elementos que as constituem são de origem neoclássica e existem em português enquanto elementos de formação de palavras. Além do nome *filumenismo*, apresentado em 17. e que se encontra nestas condições, apresentamos ainda os exemplos de 18.

- | | | | |
|-----|------------------|---|---------------------|
| 18. | <i>monofis-</i> | > | <i>monofisismo</i> |
| | <i>paracron-</i> | > | <i>paracronismo</i> |
| | <i>politel-</i> | > | <i>politelismo</i> |

Os radicais compostos como os apresentados em 18. são presos. O facto de não encontrarmos estas bases senão associadas ao sufixo *-ismo*, ou a outro sufixo, sustenta que consideremos a sua funcionalidade exclusivamente a nível genlexical e que a língua e os seus falantes não sintam a necessidade de dispor destes itens a nível sintático.

Resta-nos falar dos compostos sintáticos (Rio-Torto & Ribeiro 2011: 5) encontrados nas bases derivacionais de *-ismo*. São apenas em número de cinco mas,

ainda assim, apresentam diferenças estruturais. Estas unidades «são estruturas formadas por um mínimo de duas variáveis [...] neste tipo de compostos as variáveis são palavras que integram expressões sintáticas.» (Villalva 2000: 390).

O nome *pára-quedas*, base derivacional de *para-quedismo*, foi formado por reanálise, sendo no nosso *corpus* a única base deste tipo. Consideramos que «A composição por reanálise actua sobre expressões sintáticas cujo núcleo ou termos coordenados não pertencem à mesma categoria sintáctica do composto.» (Villalva 2000: 417). A pertença dos elementos de composição a distintas categorias sintáticas é ilustrada por *pára-quedas*, que tem no primeiro elemento uma forma verbal e no segundo uma forma nominal.

Os restantes nomes que surgem na base de *-ismo* (19.) constituem «expressões sintáticas em posições X^0 » (Villalva 2000: 411) e apresentam seguintes estruturas: [Adj N] (*livre-câmbio*; *terceiro-mundo*) e [N Adj] (*chico-esperto* e *pato-bravo*). Estas estruturas são descritas por Rio-Torto & Ribeiro 2011 como «Syntactic or phrasal compounds [...] involve word sequences whose internal structure obeys the syntax rules typical of phrases.» (Rio-Torto & Ribeiro 2011: 5). Destas estruturas [N Adj]_N é o subtipo mais representativo.

19.	<i>chico-espert-</i>	>	<i>chico-espertismo</i>
	<i>livre-camb-</i>	>	<i>livre-cambismo</i>
	<i>pato-brav-</i>	>	<i>pato-bravismo</i>
	<i>terceiro-mund-</i>	>	<i>terceiro-mundismo</i>

Estes nomes apresentam, contudo, um significado não previsivelmente construído, isto é, não resultante da combinatória do significado dos seus constituintes, pelo que Villalva 2000 (418) considera que não devem ser considerados como compostos.

Em síntese, as estruturas complexas construídas presentes nas bases derivacionais de *-ismo* pertencem a dois tipos: derivacionais e composicionais. As estruturas derivacionais são em maior número (364 bases), e resultam principalmente do processo de sufixação. Os sufixos presentes na base derivacional de *-ismo* são numerosos e distribuem-se por diferentes RFP, a RFP ACT, a RFP AG, a RFP MODAL e a RFP REL.

Vimos ainda como algumas estruturas portadoras de prefixo impõem, pela composicionalidade do seu significado, uma leitura que coloca o prefixo no último patamar derivacional, pelo que as excluímos do estudo da formação de palavras por meio de *-ismo*.

Por fim, observámos as características morfológicas das bases compostas (138 bases), que pertencem na sua quase totalidade à composição morfológica por modificação. A proposta de Villalva 2000 coloca fora do campo da composição quatro das cinco bases que nela poderiam incluir-se; contudo, a proposta de Rio-Torto & Ribeiro 2011, assumindo-as como «Syntactic or phrasal compounds», viabiliza a integração destas estruturas no domínio da composição.

3.2.2.2.3. SÍNTESE

A análise exposta permite-nos inferir que a base preferencial de *-ismo*, porque é a que se encontra em maior número (762 nomes), é um radical simples, que pode ou não ser autónomo (20.).

20.	<i>artrit-</i>	>	<i>artrismo</i>
	<i>celt-</i>	>	<i>celtismo</i>
	<i>ocult-</i>	>	<i>ocultismo</i>
	<i>álcool</i>	>	<i>alcoholismo</i>
	<i>civil</i>	>	<i>civilismo</i>
	<i>real</i>	>	<i>realismo</i>

A preferência por radicais simples não invalida que seja possível encontrar o sufixo concatenado a radicais complexos construídos (21.). Estes radicais perfazem um total de 502 bases de um *corpus* de 1351 nomes em *-ismo*. As formas construídas foram obtidas por derivação (364 bases), quer prefixal quer sufixal, sendo que também elas podem ser ou não autónomas:

21.	[[<i>patriot</i>]eir]-	>	<i>patrioteirismo</i>
	[[<i>vitori</i>]an]-	>	<i>vitorianismo</i>
	[in[<i>dependent</i>]]-	>	<i>independentismo</i>
	[[<i>chin</i>]ês]	>	<i>chinesismo</i>

[[<i>eleitor</i>] <i>al</i>]	>	<i>eleitoralismo</i>
[[<i>exibi</i>] <i>ção</i>]	>	<i>exibicionismo</i>

As estruturas construídas obtidas por composição perfazem um total de 138 bases. Também estes radicais podem ou não dispor de autonomia sintática e, tal como se verifica com os radicais anteriores, as formas não autónomas surgem em maior número.

22.	[[<i>auto</i>][<i>móvel</i>]]	>	<i>automobilismo</i>
	[[<i>neo</i>][<i>liberal</i>]]	>	<i>neoliberalismo</i>
	[[<i>aero</i>][<i>plan</i>]]-	>	<i>aeroplanismo</i>
	[[<i>pára</i>][<i>qued</i>]]-	>	<i>pára-quedismo</i>

O grupo dos radicais, simples e complexos (derivados e compostos), como *artrit-*, *patrioteir-*, *independent-*, *pára-qued-* ou *nihil*, que constitui a larguíssima maioria das bases selecionadas por *-ismo*, é formado, sobretudo, por radicais simples não autónomos. Se bem que em menor número, como observado, não deixa de ter alguma expressão o número de radicais, simples e derivados, autónomos. Estes radicais são formalmente idênticos à palavra que constituem, no entanto, classificamo-los como radicais, e não como palavras, por considerarmos que no momento de formação do derivado em *-ismo* se apresentam desprovidos de IT e de FM, que são marcados, nestes casos, por Ø (§ 3.2.2.).

As palavras de estrutura morfológica simples estão também presentes nas bases derivacionais de *-ismo*, mas com fraquíssima expressão, constituindo apenas 3% das bases.

Portanto, o sufixo *-ismo* apresenta clara preferência por radicais. Os radicais são maioritariamente estruturas desprovidas de autonomia sintática; contudo, o radical pode ser formalmente coincidente com a palavra pela concatenação da FM por zero fónico para a obtenção de uma forma sintaticamente autónoma (§ 3.2.1.).

As bases derivacionais de *-ismo* apresentam, então, diferentes categorias e estruturas morfológicas: radical simples ou radical construído (derivado ou composto), sendo a configuração morfológica preferencial, porque maioritária, o radical simples, entendido como o radical não complexo e o radical complexo não construído. Dentro

do grupo dos radicais derivados observou-se a capacidade do sufixo *-ismo* para se acoplar a bases derivadas por diversos afixos, enquadráveis em diferentes RFP. O sufixo acopla-se também a radicais neoclássicos, estando estes produtos muitas vezes ligados a linguagens técnicas e de especialidade de diferentes áreas do conhecimento. Ainda que de forma residual, o sufixo revelou igualmente a capacidade de se acoplar a palavras.

3.3. PROPRIEDADES CATEGORIAIS

Ao longo do tempo, a natureza categorial das bases de *-ismo* tem sido alvo de propostas diferentes (§ 2.1.2.1.). De acordo com Piel 1940 (212), a base do sufixo pode ser um radical retirado de um «nome comum, nome próprio ou adjetivo». Rio-Torto 2006b mostra que o sufixo pode selecionar radicais adjetivais, nominais e verbais. E Mocho 1988 (7-8) detalha uma maior variedade de bases: «1. nomes próprios [...] 2. substantivos [...] 3. verbos [...] 4. adjetivos [...] 5. unidades de outro tipo [...]».

A proposta mais desenvolvida é, no entanto, a de Correia 1999, dissertação de Doutoramento que aqui citaremos na versão publicada de 2004. No seu trabalho, a autora defende que «os substantivos em *-ismo* se constroem basicamente sobre bases adjetivais, mas que, quando *-ismo* não encontra uma base adjectival que reúna as condições formais e semânticas óptimas para a construção do substantivo, a sufixação vai ocorrer sobre uma base categorialmente distinta, mas que reúne as condições semânticas e formais óptimas para a construção do derivado.» (Correia 2004: 289). Em seguida, a autora enuncia os fatores de ordem formal ou semântico-referencial que levam à seleção de uma base não adjectival.

São apresentados três fatores de ordem formal:

«a) a base adjectival constitui uma forma de dimensão superior à média da dimensão das palavras da língua em estudo e o sufixo adjectival não é indispensável ao reconhecimento da base»

(Correia 2004: 290)

Exemplifica-se este caso com *aristotelismo* que toma como base o nome *Aristóteles* e não o adjetivo *aristotélico*.

«b) a língua tende a evitar sequências de segmentos fonológicos semelhantes»

(Correia 2004: 290)

No entanto, o nome *bergsonianismo* apresenta a sequência de segmentos fonológicos que se pretenderia evitar. Encontramos este nome atestado na lista de assuntos da obra *Introduction a la philosophie* de R. Le Senne, na base de dados da biblioteca da Universidade Católica Portuguesa (<URL: [http://www.biblioteca.porto.ucp.pt/docbweb/plinkres.asp?Base=LC&Form=COMP&StartRec=0&RecPag=5&NewSearch=1&SearchTxt=%22DE%20Bergsonianismo%22%20%2B%20%22DE%20Bergsonianismo%24%22](http://www.biblioteca.porto.ucp.pt/docbweb/plinkres.asp?Base=LC&Form=COMP&StartRec=0&RecPag=5&NewSearch=1&SearchTxt=%22DE%20Bergsonianismo%22%20%2B%20%22DE%20Bergsonianismo%24%22>)>). Bastante mais recorrente é *bergsonismo*, que seleciona a base nominal *Bergson*.

«c) a língua pode tender a marcar uma distinção formal entre derivados que pretendem denominar tipos de entidades substancialmente diferentes. [...] um dos nomes em *-ismo* constrói-se sobre a base adjectival e o outro directamente sobre a base nominal»

(Correia 2004: 290)

Exemplificam esta situação os pares *mecanismo / mecanicismo*; *organismo / organicismo*; *romanticismo / romantismo*. A seleção de duas bases categorialmente distintas, portadoras de um valor semântico idêntico dever-se-á a razões de natureza semântico-referencial.

Relativamente aos fatores de ordem semântico-referencial enunciados, considera a autora que se «o substantivo em *-ismo* pretende denominar uma qualidade que resulta da prática de uma determinada acção ou a adopção de um determinado comportamento; no entanto, a língua não dispõe de nenhum adjectivo, deverbais ou denominais, capaz de exprimir adjectivalmente essa qualidade, a não ser o participio passado; como as formas de participio passado se prestam dificilmente a constituir bases de derivados, o substantivo em *-ismo* constrói-se directamente sobre a forma identificativa do verbo que denomina essa acção – exs.: *facilitismo*, *deambulismo*, *devorismo*» (Correia 2004: 290-291).

A proposta de Correia 2004 parte do pressuposto da unicidade categorial das bases, isto é, cada afixo selecionará bases que pertençam a determinada categoria sintática, sendo, por princípio, relutante à seleção de bases pertencentes a qualquer outra categoria. Assim, torna-se necessário explicar o porquê da existência de bases “desviantes”, isto é, de bases pertencentes a uma categoria sintática diferente; no caso de *-ismo*, há que explicar o porquê da seleção de uma base não adjetival, ou seja, nominal ou verbal. Nesta perspetiva, para o sufixo *-ismo*, temos de assumir como excepcionais as bases que sejam pertencentes a outras categorias, pelo exposto, as nominais e verbais. Além disso, o facto de *-ismo* ser na perspetiva da autora um sufixo formador de nomes de qualidade suporta a sua decisão de tomar a base adjetival como a única base não excepcional deste sufixo; ou seja, o adjetivo é a base de *-ismo*.

As razões invocadas para a não seleção de bases adjetivais impõem-nos uma reflexão, na medida em que o nosso *corpus* apresenta elementos que permitem afirmar que essas razões talvez não se apliquem de forma sistemática.

O argumento de ordem formal que se baseia na dimensão média das palavras (a) é contrariado pela existência de formas como *antiferromagnetismo* ou *comportamentalismo*, que apresentam oito e sete sílabas, respetivamente. Estes exemplos revelam-nos que a grande dimensão da palavra não é um fator sistematicamente impeditivo para a formação de derivados em *-ismo*.

O segundo argumento de natureza formal invocado prende-se com a tentativa da língua para evitar sequências de segmentos fonologicamente idênticos (b)), no entanto no nosso *corpus* encontram-se *agostinianismo*, *arminianismo* e *ciceronianismo* que apresentam precisamente a sequência fonética que no exemplo se procurava evitar pela seleção de uma base não adjetival.

Por último, o argumento que diz respeito a fatores de natureza semântico-referencial e que procura explicar a seleção de bases verbais por parte de *-ismo*. A não seleção da forma de particípio passado do verbo é justificada pela sua fraca disponibilidade para se apresentar como base. Apesar dessa fraca disponibilidade, no nosso *corpus* encontramos *garridismo*, *seguidismo* e *passadismo*, nomes formados sobre o adjetivo que tem origem no particípio passado. Reconhecemos que atualmente *passado* terá já sido alvo de processos de lexicalização, mas o mesmo não sucede com os restantes exemplos. Verifica-se portanto que não existe incompatibilidade absoluta entre o sufixo e bases tomadas do particípio passado.

A natureza híbrida do participípio passado, entre o verbo e o adjetivo e que, em princípio, o tornaria indisponível ou pouco disponível para se constituir como base foi alvo da reflexão de Rainer 1989, que mostra como certas formas de participípio passado têm um comportamento próximo do adjetivo. Observando o comportamento semântico das formas participiais, verifica a existência de um «processo diacrónico di lessicalizzazione» (Rainer 1989: 67), viabilizando a possibilidade de essas unidades participiais se constituírem como bases derivacionais de nomes de qualidade⁸².

A existência no nosso *corpus* de bases adjetivais que apresentam características formais e semântico-referenciais que, pelo exposto em Correia 2004, levariam à seleção de outro tipo de base, leva-nos a reconsiderar as afirmações da autora. Assim, vemo-nos na necessidade de procurar outras explicações para o facto de as bases derivacionais de *-ismo* poderem ser não só adjetivais, mas também nominais e verbais. Esta seção dedicar-se-á à procura dessas explicações.

Contrariamente a Correia de 2004 consideramos que um sufixo, em particular o sufixo *-ismo*, tem a capacidade de seleccionar bases categorialmente distintas desde que apresentem a categoria morfológica de radical. Vimos já que as bases derivacionais de *-ismo* são em esmagadora maioria radicais, estando assim em condições de poderem pertencer a diferentes categorias sintáticas, nome, adjetivo e verbo. Este mesmo sufixo é utilizado por Villalva para exemplificar a sua proposta: «Quanto à sufixação de verbal, ela pode seleccionar radicais (cf. *determinismo* [...]) [...] alguns dos sufixos que seleccionam radicais podem também associar-se a radicais adjetivais (cf. *formalismo*) ou a radicais nominais (cf. *cubismo*).» (Villalva 2000: 123).

Num quadro de análise de formação de palavras mais amplo, a hipótese da unicidade categorial da base tem vindo a ser progressivamente infirmada. De tal modo, que a variedade categorial das bases é tomado como um dado confirmado. Em Rio-Torto 2006b, por exemplo, pode comprovar-se que um elevado número de unidades afixais selecciona bases pertencentes a mais do que uma categoria. Assim, *-eir-*, *-ent-*, *-ista* e *-ilh-* seleccionam bases nominais e verbais; *-ia* e *-ice* seleccionam bases

⁸² «Un certo numero di questi participi aggettivali puri ha súbito, come ho argumentato, un processo diacronico di lessicalizzazione acquisendo così tratti semantici aggiuntivi sono responsabili della loro possibilità di partecipare anche ad altre regole tipicamente aggettivali [...] e tra cui dobbiamo annoverare puré la formazione di nomi di qualità.» (Rainer 1989: 67).

adjetivais e verbais; e *-ismo*, *-onh-*, *-os-*, *-inh-* e *-it-* selecionam bases nominais, adjetivais e verbais⁸³.

Partimos então para a análise categorial das bases derivacionais assumindo como pressuposto que o sufixo *-ismo*, à semelhança de outros, pode selecionar bases categorialmente diversas. Impõe-se como requisito a esta diversidade categorial o serem radicais, o que se verificou ser verdade no caso do sufixo *-ismo* (§ 3.2.1.).

A grande questão colocada pela determinação da natureza categorial das bases derivacionais de *-ismo* diz principalmente respeito às bases nominais e adjetivais. É assim por duas ordens de razões. Em primeiro lugar, as bases nominais e adjetivais são numericamente superiores; sendo os valores encontrados para bases verbais apenas residuais (§ 3.3.1.). Em segundo lugar, determinar uma fronteira inequívoca entre o nome e o adjetivo nem sempre é tarefa isenta de dificuldades (§ 3.3.4.).

3.3.1. BASES VERBAIS

Começaremos por analisar as bases verbais identificadas e em relação às quais os números são suficientemente expressivos. Num *corpus* de 1351 nomes em *-ismo* formados em português, apenas 13 selecionam base verbal, colocando esta categoria numa posição bastante periférica em relação ao que parece ser a base preferencial do sufixo. Em seguida apresentam-se os nomes em *-ismo* que tomam uma base verbal:

23. *alienar* > *alienismo*
 autodeterminar > *autodeterminismo*
 concentrar > *concentrismo*

⁸³ «O quadro que se segue ilustra a possibilidade que um mesmo operador sufixal possui de se combinar com bases marcadas por categorias sintáticas diversas.

Q2

Sufixo	Base: N	Base: A	Base: V
-eir-	trapaceiro		herdeiro
-ent-	birrento		embirrento
-ia		alegria	correria
-ice		patetice	coscuvilhice
-ismo	bombismo, terrorismo	sensacionalismo	facilitismo, reunismo
-ista	contrabandista		chupista
-onh-	medonho, risonho	tristonho	enfadonho
-os-	caloroso, rigoroso	feioso	esquivoso, fungoso
-inh-	mesinha	velhinho	cuspinhar
-it-	janelita	tolito	saltar
-ilh-	pecadilho		fervilhar

A policategorialidade aqui explicitada, e já amplamente atestada em português (cf. Rio-Torto 1993 e 1997), inviabiliza a "hipótese de base única" preconizada por Aronoff (1985 [1976]: 47).» (Rio-Torto 2006b: 3).

3. AS BASES

<i>deambular</i>	>	<i>deambulismo</i>
<i>determinismo</i>	>	<i>determinismo</i>
<i>devorar</i>	>	<i>devorismo</i>
<i>dirigir</i>	>	<i>dirigismo</i>
<i>facilitar</i>	>	<i>facilitismo</i>
<i>hebetar</i>	>	<i>hebetismo</i>
<i>iluminar</i>	>	<i>iluminismo</i>
<i>pontilhar</i>	>	<i>pontilhismo</i>
<i>transformar</i>	>	<i>transformismo</i>
<i>vegetar</i>	>	<i>vegetarismo</i>

A questão que estes derivados em *-ismo* colocam é a de compreender o porquê da seleção de uma base verbal em detrimento das hipóteses adjetival e nominal, bastante mais frequentes. Não poderemos escudar-nos na inexistência de formas nominais que pudessem servir de base, uma vez que estes verbos, com exceção de *dirigir* (24.), apresentam uma forma nominal que aparentemente reúne as condições necessárias para se constituir como base derivacional de *-ismo*. Deste modo, obtemos como potenciais bases nominais de derivação em *-ismo* os nomes presentes em 24. Como se pode observar, o único verbo que não dispõe de forma nominal é *dirigir*, pelo que é o único ao qual se poderá aplicar o argumento de inexistência de base nominal. Para os restantes nomes teremos de considerar a possibilidade de terem sido rejeitados pelo sufixo.

24.	<i>alienar</i>	>	<i>alienação</i>
	<i>autodeterminar</i>	>	<i>autodeterminação</i>
	<i>concentrar</i>	>	<i>concentração</i>
	<i>deambular</i>	>	<i>deambulação</i>
	<i>determinismo</i>	>	<i>determinação</i>
	<i>devorar</i>	>	<i>devoração</i>
	<i>dirigir</i>	>	---
	<i>facilitar</i>	>	<i>facilitação</i>
	<i>hebetar</i>	>	<i>hebetação</i>
	<i>iluminar</i>	>	<i>iluminação</i>
	<i>pontilhar</i>	>	<i>pontilhação</i>

<i>transformar</i>	>	<i>transformação</i>
<i>vegetar</i>	>	<i>vegetação</i>

Presumir que estes nomes poderiam ser a base derivacional de *-ismo* decorre do facto já observado de os nomes de ação resultantes da sufixação em *-ção* estarem disponíveis para a formação de nomes em *-ismo* (§ 3.2.2.1.), como se pode ver nos seguintes exemplos:

25.	<i>criação</i>	>	<i>criacionismo</i>
	<i>integração</i>	>	<i>integracionismo</i>
	<i>protecção</i>	>	<i>proteccionismo</i>
	<i>situação</i>	>	<i>situacionismo</i>

De facto, no nosso *corpus* existe um total de 46 nomes em *-ismo* formados a partir de bases resultantes de derivação em *-ção*. Na base derivacional do nome em *-ismo* encontra-se, portanto, um nome deverbal, parafraseável por ‘o facto de V’. O produto da derivação em *-ismo* é um nome capaz de denominar determinada ‘prática’ (*coleccionismo*, *contorcionismo*), ‘princípio epistemológico’ (*criacionismo*, *proteccionismo*) ou ‘atitude’ (*integracionismo*) relacionados com o nome de base. Os derivados em *-ismo* que selecionam uma base verbal apresentam significados idênticos; *autodeterminismo*, *concentrismo*, *determinismo*, *dirigismo*, *iluminismo* e *vegetarismo* denominam ‘princípios epistemológicos’ (políticos, económicos, de pensamento, alimentares); *deambulismo*, *devorismo*, *facilitismo*, *pontilhismo* e *vegetarismo* denominam uma ‘prática’. Estes dados, juntamente com os que serão apresentados em § 4.2., levam-nos a admitir que estrutural e semanticamente não se detetam razões que imponham a necessidade de seleção da base verbal por impossibilidade de utilização da base nominal. Exceção feita, como já referido, a *dirigismo*.

Uma outra hipótese que se impõe é a de o sufixo poder acoplar-se a adjetivos formados a partir destes verbos. Estes verbos apresentam como forma adjetival correspondente uma unidade com configuração idêntica à do particípio passado (26.). Sabemos que o particípio passado não se configura como base derivacional. Não obstante, vimos também que o adjetivo com configuração idêntica à do particípio

passado pode ser selecionado para base de um nome de qualidade e que o sufixo *-ismo* pôde, ainda que em raríssimas ocasiões, acoplar-se a estas bases adjetivais. Assim, não se torna descabido considerar a possibilidade, não verificada, de o sufixo se acoplar aos adjetivos resultantes das formas participiais destes verbos.

26.	<i>alienar</i>	>	<i>alienado</i>
	<i>autodeterminar</i>	>	<i>autodeterminado</i>
	<i>concentrar</i>	>	<i>concentrado</i>
	<i>deambular</i>	>	<i>deambulado</i>
	<i>determinismo</i>	>	<i>determinado</i>
	<i>devorar</i>	>	<i>devorado</i>
	<i>dirigir</i>	>	<i>dirigido</i>
	<i>facilitar</i>	>	<i>facilitado</i>
	<i>hebetar</i>	>	<i>hebetado</i>
	<i>iluminar</i>	>	<i>iluminado</i>
	<i>pontilhar</i>	>	<i>pontilhado</i>
	<i>transformar</i>	>	<i>transformado</i>
	<i>vegetar</i>	>	<i>vegetado</i>

Observámos que a língua disponibiliza formas nominais e adjetivais associadas a estes verbos que poderiam figurar como base derivacional de *-ismo*. A razão pela qual essas formas não são selecionadas não é passível de ser aferida com os dados presentemente disponíveis. Ainda que não consigamos averiguar as razões que presidem à seleção destas bases verbais, o facto é que elas existem e que os derivados que geram se comportam de modo idêntico aos derivados de base nominal e adjetival (§ 4.2.).

3.3.2. BASES ADJETIVAIS

Atentemos então nas bases adjetivais. Entendemos que os adjetivos constituem «uma classe de palavras de natureza essencialmente gregária, adjuntiva» (Rio-Torto 2006c: 104) que «não é compatível com determinantes ou com especificadores, mas com modificadores [...] e com complementos tipicamente pospostos [...] e que desempenha essencialmente funções predicativas» (Rio-Torto 2006c: 105).

Pelas suas propriedades, e porque o sufixo é também associado à formação de nomes de qualidade (§ 1.3.4.), os adjetivos têm sido considerados a base prototípica de derivados em *-ismo*; «Tome-se como princípio o facto de, salvo raras excepções, os derivados por meio de *-ismo* serem parafraseáveis por “o facto de ser X”, o que significa, por outras palavras, assumir que *-ismo* selecciona por bases fundamentalmente adjetivos» (Correia 2004: 287).

Os dados do nosso *corpus* apresentam-nos, no entanto, dados ligeiramente distintos. A esmagadora maioria das bases derivacionais de *-ismo* é, como se vem referindo, nominal e/ou adjetival. Referimos já que o facto de os derivados em *-ismo* serem frequentemente considerados nomes de qualidade tem levado os autores a considerar a base adjetival como base dominante ou preferencial e a base nominal como secundária em termos de preferência. A análise do nosso *corpus* vem, contudo, infirmar estas leituras, apresentando 359 bases adjetivais contra 628 bases nominais das quais 158 são nomes próprios.

Assim, as bases adjetivais não se apresentam como numericamente superiores e, em termos percentuais, representam apenas 29% das bases. Consideramos, portanto, que não há por que tomá-las como o ponto neutro para a classificação das bases de *-ismo*. Não devemos igualmente esquecer o facto seguinte: se o adjetivo é a base prototípica dos nomes de qualidade, não estamos, contudo, a lidar com um sufixo típico de formação de nomes de qualidade. Já que, como se verá adiante, nem todos os derivados de *-ismo* são pacificamente classificáveis como nomes de qualidade (§ 4.1. e § 5.1.3.2.) e não estamos sequer a lidar com um sufixo que consensualmente seja considerado como formador de nomes de qualidade (§ 2.1.2.). Acresce a estes dados o facto de semanticamente os adjetivos presentes na base de *-ismo* não terem a carga semântica habitualmente associada à base dos nomes de qualidade⁸⁴.

3.3.3. BASES NOMINAIS

Observemos agora o grupo constituído pelas bases nominais. Note-se que o estudo proposto por Correia 2004 deixa suspeitar a possibilidade de as bases nominais de *-ismo* serem numericamente superiores ao que habitualmente se espera. A autora, que,

⁸⁴ Sobre o tipo de adjetivo presente na base de um nome de qualidade veja-se a posição de Rainer 1989 exposta em § 2.1.2.3.

como dissemos, parte do princípio da unicidade categorial das bases e assume o adjetivo como a base preferencial do sufixo, apresenta nove tipos de bases:

- «a) adjectivos / nomes / verbos [...];
- b) adjectivos / nomes / verbos relacionais [...];
- c) adjectivos que, nominalizados por conversão de focalização, são susceptíveis de denominar entidades [...];
- d) adjectivos que, nominalizados por conversão de focalização, são susceptíveis de denominar entidades [...];
- e) adjectivos que, nominalizados por conversão de focalização, denominam entidades [...];
- f) adjectivos denominais construídos sobre faculdades [...];
- g) adjectivos que, ao serem nominalizados por conversão de focalização, denominam entidades [...];
- h) adjectivos construídos sobre partes do corpo [...];
- i) adjectivos construídos sobre o nome de uma substância [...].»

(Correia 2004: 291-292)

O trabalho de Correia 2004 considera que a base derivacional de *-ismo* é, por princípio, uma base adjectival; no entanto, apenas as alíneas f), h) e i) descrevem uma entidade inequivocamente categorizável como adjetivo. Os adjectivos pela autora inseridos em a) e b) também são passíveis de inequivocamente serem categorizadas como tal. Contudo, as restantes alíneas parecem, pela sua formulação, estar mais próximas da descrição de nomes do que de adjectivos. Ainda que se trate de nomes deadjectivais obtidos por uma operação de conversão, não podemos ignorar o facto de a autora os descrever pela sua função denominativa (função que não cabe ao adjetivo) e não pela sua função predicativa. Nas alíneas a) e b) também são enunciados como base nomes.

Temos ainda de considerar os dados do nosso *corpus* que revelam um número significativamente superior de bases nominais. Esta superioridade não é esmagadora, mas acreditamos ser suficiente para nos fazer rever uma proposta como a de Correia 2004 no sentido de não tomarmos os adjectivos como a base de referência dos nomes em *-ismo*. As bases nominais constituem 50% das bases, portanto metade das bases. Perante os dados apresentados nesta secção e na anterior cremos que os adjectivos não

podem ser considerados como base prototípica do sufixo *-ismo*. Por ora, e pelos dados de que dispomos, temos de assumir que categorialmente a base preferencial do sufixo é o nome.

3.3.4. BASES ADJETIVAIS/NOMINAIS

Os números até agora apresentados para bases verbais, nominais e adjetivais não esgotam ainda assim a totalidade das bases derivacionais de *-ismo* no que diz respeito à sua classificação categorial. Não devemos esquecer que nomes e adjetivos apresentam proximidades semânticas e formais que, por vezes, tornam muito difícil a exata classificação categorial dos termos, que só em contexto sintático se consegue fazer. Veja-se o exemplo:

27. a) *Esse pressuposto é absurdo*_{Adj.}
 «*transforma-se em Estado tirano*_{Adj.}» (CETEMPúblico par=ext227878-soc-95a-1)
 b) *O absurdo*_N *da situação reside na falta de informação por parte dos implicados.*
 c) «*celebravam a queda do tirano*_N» (CETEMPúblico par=ext373228-pol-95b-1)

Formal e semanticamente, a observação, fora de contexto, de *absurdo* e de *tirano* não nos possibilita uma determinação inequívoca da sua categoria sintática, sendo necessária a criação de um contexto sintático que nos viabilize, sem dúvidas, a sua categorização. O português apresenta muitas palavras em situação idêntica, não sendo possível, ao nível da formação de palavras, determinar qual a categoria sintática selecionada para base, sobretudo quando se trata, como é o caso, de um sufixo capaz de se acoplar a bases que, de forma inequívoca, são enquadráveis em uma das duas categorias em questão. Categorizar as palavras nesta situação como nomes ou como adjetivos seria totalmente aleatório e, no que diz respeito ao processo derivacional em questão, não poderia ter qualquer fundamento. Como consequência, optou-se pela criação de um grupo no qual se colocaram as palavras que se encontram em idêntica situação. Deste grupo fazem, então, parte as palavras para as quais não é possível, senão em contexto sintático, determinar inequivocamente serem nome ou adjetivo. Este grupo é composto por 248 elementos e representa 20% das bases.

As palavras pertencentes a este grupo, a que nos referimos como adjetivo/nome, quando usadas como adjetivo atribuem determinado predicado/atributo/qualidade/

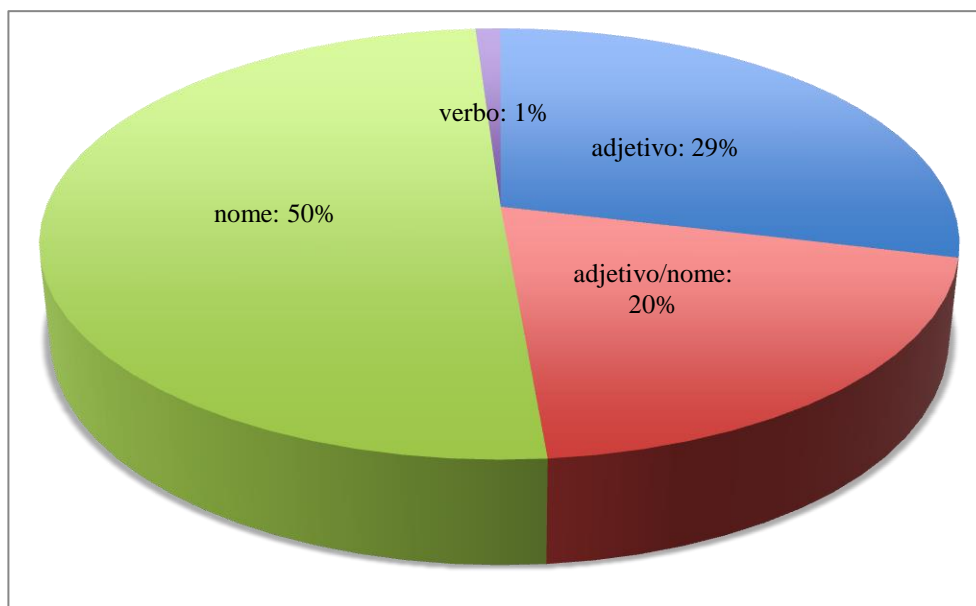
propriedade (27. a)); quando usadas como nome denominam esse predicado/atributo/qualidade/propriedade (27. b)) ou denominam uma entidade portadora desse predicado/atributo/qualidade/propriedade (27. c)). Ao sufixo *-ismo* parece interessar o predicado/atributo/qualidade/propriedade envolvido, independentemente do modo (adjetival ou nominal) como é formulado. Esta formulação parece não impedir ou dificultar o acesso do sufixo à informação semântica da base. Veja-se o exemplo de 28., trata-se da denominação de um conceito que pode ser formulada através do nome *absurdo* ou do adjetivo capaz de atribuir os predicados/atributos/qualidades/propriedades próprios do nome. Uma leitura sustentada numa base adjetival não diverge de uma leitura que se sustente numa base nominal, o que corrobora a opção de trabalhar com uma classe de adjetivos/nomes.

28. *absurdismo* «doutrina de certos existencialistas contemporâneos, segundo os quais o mundo e a vida são absurdos». (DPE 2006)

3.3.5. SÍNTESE

Sintetizando, é notória a preferência do sufixo *-ismo* por bases nominais (cf Quadro 3.2.). O Quadro 3.2 apresenta, em termos percentuais, a distribuição categorial das bases de *-ismo*. Expondo de modo claro o elevado peso de bases portadoras de traços nominais, presentes quer no grupo de bases nominais, quer no grupo de bases adjetivais/nominais. Estes dados implicam a secundarização do traço adjetival para a determinação das bases, contrariando o que se esperaria encontrar num sufixo associado à formação de nomes de qualidade (§ 1.3.4.).

Tratando-se de uma preferência, não fica excluída a possibilidade de o sufixo se acoplar a bases categorizáveis como adjetivo/nome, adjetivo ou verbo. Os nomes e os adjetivos partilham o traço nominal e os adjetivos e os verbos têm em comum o traço de predicador. No entanto, o radical verbal selecionado para base é retirado do infinitivo do verbo, uma forma que em contexto sintático tem a capacidade de apresentar traços nominais e, portanto, de funcionar como nome, aproximando-se, assim, dos outros tipos de bases.



Quadro 3.2: Distribuição categorial das bases derivacionais de *-ismo* – valores percentuais

Villalva 2003 aduz outra explicação que ajuda a defender a possibilidade de o sufixo *-ismo* ter capacidade de se acoplar, de igual modo, a bases nominais, adjetivais, adjetivais/nominais e verbais. Afirmar a autora que «Os sufixos derivacionais que seleccionam radicais como forma de base são os únicos que podem associar-se a formas pertencentes a diferentes categorias sintáticas» (Villalva 2003: 947-948). Como vimos, *-ismo* é um desses sufixos derivacionais que seleciona preferencialmente radicais para base (§ 3.2.1.). De facto, quando a base seleccionada é uma palavra tem sempre a categoria sintática de nome (29.). cremos que este dado ajuda a sustentar a hipótese que avançamos de não podermos assumir o adjetivo como a base preferencial do sufixo.

29.	<i>dama</i>	>	<i>damaísmo</i>
	<i>mitra</i>	>	<i>mitraísmo</i>

Até ao momento, ainda nenhuma das propriedades das bases analisadas (fonético-fonológicas, estrutura e categoria morfológicas e propriedades categoriais das bases, classificadas como nome, adjetivo/nome, adjetivo e verbo) se constituiu como fator determinante das condições combinatórias do sufixo *-ismo*. Na realidade, verificámos que o sufixo em questão não se apresenta como muito restritivo em relação a estes aspetos, podendo acoplar-se a sons portadores dos mais diversificados traços fonético-fonológicos e a bases de estrutura simples e construída, derivacional ou

composta, pertencentes a diferentes classes categoriais. Ainda que não apresente um comportamento restritivo, o sufixo revelou preferência por bases que se apresentem como radicais nominais simples.

Determinámos que as bases derivacionais de *-ismo* se distribuem por três categorias sintáticas distintas (§ 3.3.): nome, adjetivo e verbo; e verificámos ainda a necessidade de determinar uma quarta categoria que classifica os seus elementos como adjetivo/nome por ser impossível, fora de contexto sintático, determinar qual seria a categoria dominante e, portanto, aquela a que o sufixo acede; esta categoria tem um carácter exclusivamente operacional. Considerámos ainda que representando os nomes cerca de metade das bases derivacionais de *-ismo*, isso não nos obriga a encarar as restantes categorias como exceções. As restantes bases, sendo classificadas como adjetivo/nome ou como adjetivo comportam o traço nominal que encontramos nos nomes, pelo que acreditamos não ter interesse encará-las como exceções.

Em suma, categorialmente o sufixo *-ismo* acopla-se a nomes, adjetivos/nomes, adjetivos e verbos. O facto de se acoplar sobretudo a estruturas morfológicamente classificáveis como radicais permite-lhe a variedade categorial que encontramos nas suas bases. Não acreditamos que uma destas categorias sintáticas seja preferida pelo sufixo e que as outras categorias surjam como base por falta de um elemento dessa categoria que apresente as condições necessárias. Caminho que foi tomado por Correia 2004, assumindo como categoria das bases o adjetivo e vendo-se na necessidade de explicar os casos desviantes em que a base apresenta uma outra classificação categorial. Julgamos que a possibilidade de definir uma preferência em termos de selecção categorial não nos obriga a considerar como exceções as bases que categorialmente não se definem como nome. A verdade é que os adjetivos/nomes constituem 20% das bases e se são adjetivos também não deixam de ser nomes. Quanto aos adjetivos, que representam 29% das bases, apresentam traços em comum com o nome, o que lhes confere a possibilidade de serem nominalizados (veja-se supra o que dissemos sobre a proposta de Correia 2004). Portanto, não são bases muito diferentes das nominais, como os verbos. Estes representam apenas 1% das bases, o que significa que existem, contudo apresentam reduzidíssima representatividade.

Os dados apresentados sugerem, portanto, que as propriedades categoriais da base não sejam o fator determinante de selecção de bases por parte do sufixo *-ismo*.

3.4. PROPRIEDADES SEMÂNTICAS

Nas secções anteriores (§ 3.2. e § 3.3.), verificámos que o radical nominal simples se revelou como a base derivacional de *-ismo* numericamente mais significativa. Igualmente numerosos revelaram ser os radicais classificáveis como adjetivo/nome e como adjetivo, apresentando-se os radicais verbais e as palavras categorizáveis como nomes em número muito reduzido. Ao longo desta secção procuraremos analisar o valor semântico destas bases tomando em consideração a sua distribuição categorial por forma a mais completamente descrever as bases derivacionais de *-ismo*.

Tendo identificado uma unidade categorial, o nome, entre as diferentes bases, seria operacionalmente útil identificar essa unidade a nível semântico. Do ponto de vista da funcionalidade semântica, é tradicionalmente considerado que os nomes têm uma função essencialmente denominativa, permitindo à língua referir o real, e que verbos e adjetivos têm uma função predicativa, ou seja, possuem a capacidade de, por vias distintas, atribuir propriedades⁸⁵. Temos vindo a assumir uma quarta categoria, exclusivamente operacional, a que determinámos pertencerem algumas das bases derivacionais de *-ismo*, a dos adjetivos/nomes, que se caracteriza por apresentar elementos que tanto podem funcionar predicativa como denominativamente. Numa referência à sua significação (§ 3.3.4.) observámos o facto de estes elementos disporem de um predicado/atributo/qualidade/propriedade que pode ser atualizado de forma predicativa ou denominativa.

Retomando valores numéricos já avançados, e obtidos com base no nosso *corpus*, constata-se a superioridade numérica das bases com capacidade denominativa: temos 628 nomes como base derivacional de *-ismo*. As bases que apresentam valor predicativo (adjetivos e verbos) são, claramente, em menor número, perfazendo um total de 372 elementos. Este valor é superior ao das bases que podem apresentar valor denominativo e predicativo, as que designámos por adjetivo/nome, e que são 248.

⁸⁵ Observe-se., entre muitos outros, o depoimento de Basílio: «A classe de palavras que denominamos substantivo pode ser definida pela propriedade semântica de designar seres ou entidades [...] a classe dos adjetivos é definida pelas propriedades de caracterizar ou qualificar, sobretudo os seres designados pelos substantivos [...] os verbos são definidos como a classe de palavras que representa relações (estados, evento, etc.) no tempo, com a função de predicação» (Basílio 2008: 23-24).

Estes valores poderiam levar-nos a considerar a hipótese de a predicatividade da base não se constituir como um valor essencial para que o sufixo *-ismo* se possa acoplar. Se o adjetivo fosse efetivamente a base preferencial do sufixo teríamos de tomar a predicatividade como um traço semântico determinante deste processo derivacional. Contudo, em função dos dados de que dispomos, temos de ponderar a possibilidade de não ser exatamente assim; os valores numéricos encontrados levam-nos a ter de procurar em outras direções ou, em alternativa, a procurar argumentos de natureza não categorial para este dado. Desta forma, somos levados a considerar que a predicatividade não deva assumir-se como um traço absolutamente exclusivo de adjetivos e verbos, podendo também estar presente, ainda que numa outra dimensão, nos nomes (§ 3.4.1. e § 4.2.). A ser assim, este traço poderá configurar-se como a propriedade unificadora das bases de *-ismo*.

A possibilidade de encontrar um traço semântico partilhado pelas diferentes bases impõe que encaremos os mecanismos genolexicais numa perspetiva ligeiramente diferente. A existência desse traço semântico implica que os critérios morfológicos e categoriais disponham de uma importância menor do que a geralmente assumida para os mecanismos genolexicais.

O propósito desta secção será então analisar os valores semânticos encontrados nas bases, de modo a conseguir abstrair propriedades ou traços semânticos que os caracterizem e assim uniformizar uma variedade de critérios de seleção das bases aparentemente aleatória. Faremos a análise semântica das bases partindo das categorias sintáticas, uma vez que estas categorias contribuem para a construção do significado dos termos que classificam. Assim, em primeiro lugar serão abordados os valores semânticos dos nomes (§ 3.4.1.), em seguida dos adjetivos/nomes (§ 3.4.2.), dos adjetivos (§ 3.4.3.) e, por último, dos verbos (§ 3.4.4.)

A polissemia é um dado comum nas palavras (§ 5.1.1.). Para o estudo do valor semântico das bases, é necessário ter presente que na formação do significado de uma forma derivada apenas um dos significados da base é ativado e utilizado pelo afixo derivacional. Por conseguinte, para procedermos à análise semântica das bases temos de tomar em consideração o significado do nome em *-ismo* que será determinante para a compreensão de qual o significado selecionado da base. Considerar-se-á então, em cada caso, apenas o valor semântico da base ativado pelo sufixo *-ismo* para a construção do significado do seu produto.

3.4.1. PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DOS NOMES

Considerando, como já referimos, que o número de bases nominais, ao contrário do que anteriores trabalhos sugeriam, justifica que não as tomemos como uma segunda escolha, abordaremos nesta secção as suas especificidades semânticas, à semelhança do que faremos para as restantes categorias sintáticas presentes na base dos nomes em *-ismo*.

Numa primeira instância, podemos subdividir os nomes do nosso *corpus* em nomes próprios e nomes comuns de acordo com a seguinte distribuição: 158 são nomes próprios e 472 são nomes comuns. Bosque 1999 dá-nos as seguintes informações sobre os nomes «El ‘nombre propio’ es la categoría que distingue o identifica una cosa entre los demás elementos de su misma clase. Amado Alonso y Henríquez Ureña (1938: II 41) lo expresaban muy gráficamente: el nombre común nos dice sobre un objeto o una persona: «qué es», mientras que el nombre propio nos dice «como se llama.» (Bosque 1999: 5).

Partindo desta divisão inicial do nome em próprio e comum, passamos para a análise semântica de cada um destes grupos presentes na base derivacional de *-ismo* (§ 3.4.1.1. nomes próprios e § 3.4.1.2. nomes comuns). No Quadro 3.3 apresenta-se o esquema que seguiremos ao longo da secção para a análise semântica destas bases nominais.

Nome próprio	antropónimo			
	topónimo			
Nome comum	imaterial	abstrato	propriedade / qualidade de	
			sentimento	
			condição / estado	
			área do conhecimento	
			entidade	
	ação / processo / evento			
	material	animado	humano	que tem determinada ocupação / profissão / modo de vida
				que tem determinada propriedade / condição / traço de carácter
		inanimado	produto da atividade humana	animal
				objeto
substância				

			matéria natural
			partes-do corpo
			doença
			informação espacial
			valor coletivo
			letra

Quadro 3.3: Propriedades semânticas das bases nominais de *-ismo*

3.4.1.1. NOMES PRÓPRIOS

A primeira subcategorização que se pode fazer no grupo de nomes que servem de base a *-ismo* é entre nomes próprios e nomes comuns. Atentaremos primeiro nos nomes próprios: «sémantiquement, le nom propre [...] a pour caractéristique fondamentale de designer une entité unique, qu'il s'agisse d'un individu, d'un concepte, d'un événement, d'un lieu ou d'un objet» (Walter 1995: 237). Tomando como referência esta definição de nome próprio, organizámos as bases do nosso *corpus* em dois grupos de nomes próprios: o de antropónimos e o de topónimos.

O grupo de topónimos é reduzido:

30. *Algarve* > *algarvismo*
 «termo ou expressão característica do Algarve» (DPE 2006)
- Éden* > *edenismo*
 «vida edénica» (DPE 2006)
- Grécia* > *grecismo*
 «locução peculiar à língua grega» (DPE 2006)
- Japão* > *japonismo*
 «⇔ **japonesismo** («imitação dos usos dos Japoneses; predilecção por tudo o que é japonês»)» (DPE 2006)
- Sião* > *sionismo*
 «estudo das coisas relativas a Sião (Jerusalém); doutrina que tinha por objecto a formação de um estado israelita independente, na Palestina» (DPE 2006)
- Síbaris* > *sibarismo*
 «qualidade de sibarita; desejo imoderado dos prazeres e do luxo» (DPE 2006)

Pela leitura do significado do derivado em *-ismo* formado com base nestes topónimos, verificamos que os seus significados são incorporados no derivado de modos distintos. *Algarve*, *Grécia* e *Sião* são tomados pelo seu valor toponímico, isto é, participam na formação do significado do nome derivado enquanto denominadores de determinada região ou determinado país.

Mas esta leitura talvez não deva ser tão linear: uma locução, estudo de ou doutrina relacionados com determinada região requerem que ainda que de forma não totalmente óbvia essa região seja encarada como um conjunto de traços qualificativos que a individualizam. Com relação aos nomes *Éden* e *Japão*, verifica-se de modo mais claro que o seu significado é incorporado no derivado não como denominador de uma região ou país, mas sobretudo como sendo constituído por um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades associados a essa região ou país. Os seus produtos em *-ismo* denominam um ‘modo de vida’, uma ‘prática’, uma predileção relacionados com tudo o que se define pelos predicados/atributos/qualidades/propriedades que caracterizam aquelas regiões.

Enquanto designativo de uma região ou de uma propriedade a ela associada, *Síbaris* não parece ter contributo semântico na construção do significado de *sibarismo*. De facto, este nome é sinónimo de *sibaritismo*, que toma como base *sibarita*. Quase podemos afirmar que se *Síbaris* é a base formal de *sibarismo*, pouco contribui para o que é apresentado como o seu primeiro significado, que parece ligar-se a *sibarita*, justificando-se assim a forte proximidade semântica entre os dois nomes. No derivado *sibarismo* encontramos predicados/atributos/qualidades/propriedades associados a *Síbaris*, e não o seu valor geográfico. O nome em *-ismo* diferencia-se de *sibarita* pelo facto de sobre esses predicados/atributos/qualidades/propriedades aplicar uma instrução semântica de ‘atitude’, ‘prática’, enquanto *sibarita* terá por valor ‘aquele que aprecia o luxo e o prazer’. Semanticamente, o sufixo parece procurar na sua base um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades. O facto de esses predicados/atributos/qualidades/propriedades poderem ser veiculados através do nome *Síbaris* ou do adjetivo/nome *sibarita* não se afigura como relevante.

Constituindo um grupo mais numeroso, também os antropónimos nos merecem algumas reflexões quanto aos significados que transportam para os derivados em *-ismo*.

A generalidade destes nomes é tomada como designativa de um indivíduo que se destacou por ter criado um sistema, uma doutrina, uma escola, uma religião, um partido, etc. ou por ser o seu expoente máximo. Apresentam-se alguns exemplos:

31. *Cabral* > *cabralismo*
«sistema político que preponderou em Portugal durante o ministério de Costa Cabral (1803-1889)» (DPE 2006)
- Marx* > *marxismo*
«sistema doutrinário do economista alemão Karl Marx (1818-1883), segundo o qual é a produção dos bens materiais que condiciona, de modo geral, a vida social, intelectual e política, e que considera o colectivismo dirigido pelo Estado como o termo fatal e necessário da evolução social» (DPE 2006)
- Mitra* > *mitraísmo*
«religião oriental primitivamente consagrada ao deus Mitra tornada depois religião oficial da Pérsia antiga, estendendo-se aos centros da Ásia Menor, Grécia e Roma» (DPE 2006)
- Napoleão* > *napoleonismo*
«partido político que tinha por chefe Napoleão, e defendia a sua política interna e o seu imperialismo» (DPE 2006)
- Wagner* > *wagnerismo*
«escola musical imposta por R. Wagner» (DPE 2006)

Nestes casos, o antropónimo designa o indivíduo. Contudo, enquanto nomes de base não são encarados pela sua capacidade de denominar um indivíduo na sua totalidade. Entre as muitas informações associadas a um indivíduo, existe a que nos diz que é responsável por uma obra ou comportamento que teve os seus reflexos na área de ação em que o indivíduo se insere. O sufixo *-ismo* reconhecê-lo-á como um feixe de princípios, atitudes, comportamentos, etc. capazes de vir a sustentar um sistema, escola, religião ou partido e que têm no indivíduo denominado pela base o seu expoente máximo. O indivíduo denominado configura-se como uma entidade representativa do feixe de predicados/atributos/qualidades/propriedades que sustentam o sistema, escola, religião ou partido a denominar pelo derivado em *-ismo*⁸⁶. Consequentemente, no nome

⁸⁶ Uma conceção do significado como um composto de feixes encontra-se já em Kleiber & Reigel, numa reflexão sobre o significado de livro e as suas várias capacidades referenciais: «La lecture, l'écriture, les

formado por *-ismo* surgirão apenas os traços ou propriedades (associados a esse indivíduo) que sustentam o sistema, escola, religião ou partido denominado pelo derivado. Os nomes de base estão associados a áreas do conhecimento e os seus produtos em *-ismo* mantêm, na generalidade, relação com essa mesma área, os exemplos de 31. ilustram este facto.

Estes nomes não são apenas nomes de indivíduos reais, podendo pertencer, ainda que de forma minoritária, a figuras da mitologia ou da religião (*Mitra*). Um nome pode ser inserido neste grupo, ainda que não se refira a seres humanos ou a figuras antropomorfizadas, é o nome *Presença*, designativo de uma revista literária que fez escola e que originou uma série de princípios estético-literários designados por *presencismo*. Também neste caso, base e derivado são enquadráveis dentro da mesma área de conhecimento. O derivado em *-ismo* seleciona da sua base o conjunto de princípios estético-literários que sustentam o movimento que designa e não o significado mais imediato de denominação de uma publicação.

No conjunto dos antropónimos é necessário destacar um outro grupo, constituído por nomes que têm um comportamento distinto do que acabámos de descrever. Uma vez que não se trata de uma lista muito extensa, apresentaremos todos os exemplos encontrados no nosso *corpus*.

32. *Bovary* > *bovarismo*
 «estado de espírito mediante o qual um indivíduo faz de si mesmo e da sua condição uma ideia falsa, como sucede com Emma Bovary» (DPE 2006)
- Chauvin* > *chauvinismo*
 «1 patriotismo exagerado; 2 amor exaltado à grandeza da pátria; 3 atitude ou expressão própria de chauvinista» (DPE 2006)
- Masoch* > *masoquismo*
 «1 perversão sexual na qual o prazer só pode ser obtido mediante sofrimentos físicos ou morais (flagelações, humilhação, insultos)

idées, la publication, etc., d'un livre, son (à la différence, par exemple, de la reliure, de la couleur, de la couverture, du type de caractère d'imprimerie) des caractères essentiels d'une entité comme livre. Ils sont par là-même des parties jugées suffisamment représentatives de l'entité tout entière, de telle sorte que les attributs qui leur correspondent plus particulièrement deviennent du coup également pertinents pour l'entité elle-même.» (Kleiber & Reigel 1989: 414).

- impostos ao próprio; **2** prazer que se tira do sofrimento causado a si próprio» (DPE 2006)
- Narciso* > *narcisismo*
 «**1** amor excessivo por si próprio; atenção exagerada com o próprio corpo; **2** PSICOLOGIA persistência ou regresso de um estágio psicosssexual, em que o objecto de amor é a própria personalidade, ou um objecto com o qual o sujeito se identifica» (DPE 2006)
- Onan* > *onanismo*
 «**1** ⇒ **masturbação**; **2** qualquer forma de coito incompleto tendente a evitar a fecundação; coito interrompido» (DPE 2006)
- Pantagruel* > *pantagruelismo*
 «sistema dos que se preocupam apenas com os prazeres da mesa» (DPE 2006)
- Pompadour* > *pompadourismo*
 «orientação artística ou literária inspirada na figura histórica de Madame Pompadour, favorita de Luís XV, rei da França (1721-1764), e na sua época» (DPE 2006)
- Quixote* > *quixotismo*
 «**1** qualidade de quixotesco; **2** modo quixotesco de pensar e proceder; **3** cavalheirismo exagerado; **4** fanfarronice» (DPE 2006)
- Rocambole* > *rocambolismo*
 «processos ou aventuras rocambolescas» (DPE 2006)
- Sade* > *sadismo*
 «**1** perturbação do instinto sexual em que a satisfação sexual é alcançada por meio do sofrimento físico ou moral infligido ao parceiro; **2** perversão que consiste em tirar prazer do sofrimento alheio; crueldade» (DPE 2006)
- Safo* > *safismo*
 «relacionamento erótico entre mulheres; lesbianismo; homossexualidade feminina» (DPE 2006)

Tal como os anteriores antropónimos, estes têm a capacidade de designar um indivíduo; contudo, fazem-no destacando de modo mais evidente um dos seus predicados/atributos/qualidades/propriedades em particular e que se sobrepõe a todos os outros, tendo assim um certo carácter predicativo. Tomemos como exemplo Chauvin

(> *chauvinismo*); este indivíduo é conhecido, sobretudo, por um traço de caráter, o seu excessivo apego à pátria. O seu nome evoca precisamente esta sua qualidade, um patriotismo excessivo, e quando *-ismo* o toma por base derivacional, esta propriedade constitui toda a informação semântica contida na base relevante para o sufixo e transmitida ao derivado. Um outro exemplo, Safo, poetisa grega do século VII a.C., tem o seu nome associado à homossexualidade feminina. O nome, que não se associa apenas à sua obra ou ao seu trabalho, associa-se também a um dos seus predicados/atributos/qualidades/propriedades, o facto de ter práticas homossexuais. Quando se torna base derivacional de *-ismo*, é apenas este traço do nome que é semanticamente retomado pelo sufixo e, portanto, a única informação semântica da base que consta do derivado.

Como consequência deste comportamento, em que a base derivacional parece selecionar um traço semântico da palavra em que se origina e transportá-lo, só a ele, para o derivado, temos de assumir que o valor referencial ou denominativo da base não é semanticamente relevante para o sufixo *-ismo*, que antes procura nestas bases valores de predicatividade. Esta afirmação decorre de termos observado que os nomes de base são encarados como semanticamente constituídos por um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que permitem definir o indivíduo em questão. Na formação do nome em *-ismo*, o sufixo parece apresentar capacidade seletiva e ativar apenas o predicado/atributo/qualidade/propriedade da base que lhe convém para a construção do seu significado. O comportamento semântico da unidade afixal, em particular a sua capacidade para selecionar da sua base determinados traços semânticos, é assim explanada: «un affixe ne réfère pas, il sert a formuler des opérations sur et des relations entre des référents; son role sémantique consiste soit à sélectionner dans le sens des bases auxquelles il peut s'appliquer les propriétés conformes à son instruction sémantique, soit à spécifier le schéma d'interprétation défini par la règle à laquelle il est associé.» (Corbin 2000: 1290).

Estes nomes constituem, na sua maioria, a denominação de personagens ficcionais, que, por isso mesmo, pertencem ao campo da literatura. Verificamos, no entanto, que os nomes em *-ismo* que originam se enquadram em distintas áreas do conhecimento, ou pertencem à linguagem do quotidiano, não tendo o seu enquadramento léxico-conceitual confinado ao enquadramento do nome de base (33.).

3. AS BASES

33.	<i>Bovary</i> (literatura)	>	<i>bovarismo</i> (psicocomportamentalismo)
	<i>Narciso</i> (mitologia)	>	<i>narcisismo</i> (psicologia)
	<i>Onan</i> (literatura, mitologia?)	>	<i>onanismo</i> (?)
	<i>Pantagruel</i> (literatura)	>	<i>pantagruelismo</i> (?)
	(Dom) <i>Quixote</i> (literatura)	>	(<i>dom</i>) <i>quixotismo</i> (?)
	<i>Rocamboles</i> (literatura)	>	<i>rocambolismo</i> (?)

Além destes nomes próprios de entidades ficcionais, é possível isolar nomes de figuras reais dos quais o sufixo *-ismo* irá selecionar apenas determinado traço semântico. Duas dessas figuras são enquadráveis no campo da literatura enquanto autores literários (34.), embora o derivado em *-ismo* não possa ser enquadrado no campo da literatura, uma vez que no derivado aparece ativado um significado da base que se relaciona com as vidas privadas destes indivíduos. As ‘práticas’, relacionadas com a sua atividade sexual, são generalizadamente associadas a esses indivíduos, constituem um dos seus predicados/atributos/qualidades/propriedades, e por isso os seus nomes podem servir para a sua ativação semântica no nome em *-ismo*.

34.	<i>Sade</i>	>	<i>sadismo</i>
	<i>Safo</i>	>	<i>safismo</i>

Uma outra figura se encontra relacionada não apenas com a literatura, mas com determinado período cultural (35.).

35.	<i>Pompadour</i>	>	<i>pompadourismo</i>
-----	------------------	---	----------------------

Por fim, uma última figura, relacionada com a vida militar e política.

36.	<i>Chauvin</i>	>	<i>chauvisismo</i>
-----	----------------	---	--------------------

Na realidade, a inserção do derivado em *-ismo* numa área do conhecimento revela-se mais difícil do que a associação dos nomes próprios que lhe servem de base a determinada área. A associação destes nomes a determinadas áreas do conhecimento não levanta grandes dificuldades, uma vez que designam figuras, reais ou ficcionais, que simbolizam ou representam determinada ‘atitude’, ‘prática’ ou ‘qualidade’. Já os derivados em *-ismo* não são tão fáceis de inserir porque apresentam uma significação próxima da dos nomes de essivos (Rio-Torto 1998a), denominando, grosso modo, uma

‘qualidade’, ‘prática’ ou ‘atitude’ (*bovarismo*, *masoquismo*, *narcisismo*, *onanismo*, *quixotismo*, *sadismo* e *safismo*).

Verifica-se assim que o sentido literal das bases, a denominação de um indivíduo, não é convocado para a formação do derivado em *-ismo*. George Kleiber, estudando o comportamento semântico dos nomes próprios, apresenta a seguinte conclusão: «Les sens instructionnel de dénomination devient ici un sens descriptif de dénomination, transformation légitimée par le fait que le nom d’un individu représente eu même temps une propriété de cet individu» (Kleiber 1995: 32). O sentido denominativo instrucional é, de acordo com o autor, uma função privativa do nome próprio: «Ce sens dénominatif correspond alors [...] à l’instruction de chercher ou de trouver le référent qui porte le nome en question» (Kleiber 1995: 26). Ao abandonarem este sentido denominativo, referencial, os nomes próprios, numa perspectiva semântica, comportam-se como nomes comuns (essa é a transformação a que Kleiber se refere). Dando como exemplo *poubelle*, *frigorifère* e *don juan* defende o autor «qu’il s’agit de Nc véritables, les emplois prédictifs des Npr sont des emplois construits ou dérivés dont l’interprétation continue de se faire à partir de Npr de départ. Ce sont donc, si l’on veut, des Nc “discursifs” dérivés, des emplois prédictifs ou descriptifs des formes normalement non destinées à une telle tâche» (Kleiber 1995: 32).

Seguindo a proposta de leitura do comportamento semântico destes nomes próprios, podemos considerar que o sufixo os encara como nomes comuns, isto é, portadores de uma estrutura semântica com capacidade descritiva, da qual o sufixo *-ismo* selecionará os traços semânticos relevantes. Deste modo, podemos colocar a hipótese de semanticamente o sufixo *-ismo* selecionar sempre bases nominais que, no caso de serem nomes próprios, interpreta como se se tratassem de nomes comuns. Dos nomes até agora apresentados, e que de acordo com Kleiber 1995 podem ser encarados como comuns, portanto com estrutura semântica descritiva, o sufixo seleciona traços semanticamente relevantes para a construção do significado do derivado. Estes traços têm valor predicativo, na medida em que terão de ser constituídos por um feixe de predicados/atributos/qualidades/propriedades associados à entidade, porque só assim poderiam funcionar como descritores dessa mesma entidade. Veja-se o nome próprio *Bandarra* e o nome comum *bandarra* (37.) que exemplificam o postulado por Kleiber 1995. O nome comum (*bandarra*) foi desprovido da sua capacidade referencial, mas comporta os traços semânticos do nome próprio originário (*Bandarra*). A informação

semântica relevante para o sufixo não se prende com a capacidade referencial ou descritiva, mas com os predicados/atributos/qualidades/propriedades que a sustentam, pelo que é indiferente, para a leitura semântica do nome *-ismo*, assumir um ou outro nome como base.

Alguns nomes próprios podem originar um derivado em *-ismo* ao qual se associam duas leituras distintas (37.). A associação de duas leituras num mesmo nome em *-ismo* tem alguma recorrência e verifica-se sobre todos os tipos de base (§ 4.3). Os diversos significados associados aos nomes em *-ismo* serão abordados com mais detalhe em § 4.1.

37. *Bandarra* > *bandarrismo*
 «**1** vida de bandarra; **2** ociosidade; **3** crença nas profecias de Bandarra, sapateiro e poeta popular português (1500-1550), célebre pelas suas trovas consideradas proféticas» (DPE 2006)
- Maquiavel* > *maquiavelismo*
 «**1** doutrina segundo a qual ao príncipe ou ao Estado é lícito recorrer a todos os meios (incluindo o assassínio) para alcançar os seus fins; **2** [fig.] característica do que procede sem escrúpulos, unicamente para atingir os seus objectivos; velhacaria; perfídia» (DPE 2006)
- Pírron* > *pirronismo*
 «**1** FILOSOFIA doutrina de Pírron, filósofo grego (365-275 a. C.), que defendia a impossibilidade para o espírito humano de alcançar a verdade e que preconizava a suspensão do juízo em todos os domínios, fundamentado na ideia de que, sobre qualquer assunto, é possível defender, de modo igualmente válido e verdadeiro, duas teses opostas; cepticismo; **2** tendência para duvidar ou fingir que se duvida de tudo; **3** [fig.] obstinação; teimosia» (DPE 2006)
- Satã* > *satanismo*
 «**1** qualidade do que é satânico; maldade; **2** culto de Satanás» (DPE 2006)

Para cada um destes derivados em *-ismo* é possível delinear dois significados distintos, cuja existência se deve ao modo como o significado do nome próprio de base surge no derivado. Isolando os dois significados, obtemos definições presentes em 38. e 39.

38. *bandarrismo* > «crença nas profecias de Bandarra, sapateiro e poeta popular português (1500-1550), célebre pelas suas trovas consideradas proféticas» (DPE 2006)
- maquiavelismo* > «doutrina segundo a qual ao príncipe ou ao Estado é lícito recorrer a todos os meios (incluindo o assassinio) para alcançar os seus fins» (DPE 2006)
- pirronismo* > «FILOSOFIA doutrina de Pírron, filósofo grego (365-275 a. C.), que defendia a impossibilidade para o espírito humano de alcançar a verdade e que preconizava a suspensão do juízo em todos os domínios, fundamentado na ideia de que, sobre qualquer assunto, é possível defender, de modo igualmente válido e verdadeiro, duas teses opostas» (DPE 2006)
- satanismo* > «culto de Satanás» (DPE 2006)

Nestes casos, o nome próprio (*Bandarra, Maquiavel, Pírron, Satã*) designa o indivíduo responsável por determinado ‘princípio epistemológico’, constituindo o derivado em *-ismo* a denominação dada a esse princípio. O comportamento destes nomes próprios, enquanto bases derivacionais, é idêntico ao que anteriormente referimos para os nomes exemplificados em 31. A entidade que a base denomina é encarada por um dos seus predicados/atributos/qualidades/propriedades.

A particularidade dos quatro nomes de base agora em apreço consiste no facto de, em simultâneo, permitirem ao derivado em *-ismo* comportar-se como um nome essivo (§ 1.3.4.) (*maquiavelismo, satanismo*), de ‘modo de vida’⁸⁷ (*bandarrismo*) ou de ‘atitude’⁸⁸ (*pirronismo*). Isolaremos os significados que neste ponto contemplamos:

39. *bandarrismo* > «vida de bandarra; 2 ociosidade» (DPE 2006)
- maquiavelismo* > «característica do que procede sem escrúpulos, unicamente para atingir os seus objectivos; velhacaria; perfídia» (DPE 2006)
- pirronismo* > «tendência para duvidar ou fingir que se duvida de tudo; 3 [fig.] obstinação» (DPE 2006)
- satanismo* > «qualidade do que é satânico; maldade» (DPE 2006)

⁸⁷ O significado ‘modo de vida’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.3.

⁸⁸ O significado ‘atitude’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.4.

Estes significados colocam-nos perante uma base tomada de modo claramente predicativo, à semelhança do que sucede, por exemplo, com *masoquismo* ou *pantagruelismo* (32.), já abordados. Para a formação do significado destes nomes em *-ismo*, torna-se relevante um predicado/atributo/qualidade/propriedade evocado pelo nome de base e não a entidade por ele denominada. Assim, a base, formalmente constituída por um nome próprio, evoca um predicado/atributo/qualidade/propriedade do indivíduo que, no decurso do processo derivacional, será selecionada pelo sufixo *-ismo*. Portanto, apenas esse significado aparece no derivado em *-ismo*.

George Kleiber vem mostrando como a distinção entre nome próprio e nome comum pode ser pouco nítida. Perante os dados apresentados, acreditamos que o sufixo *-ismo*, ao encarar os nomes próprios como se se tratassem de nomes comuns, entronca na visão do autor: «le risque est grand de charger le Npr de traits sémantiques qui ne sont que des traits factuels du porteur du nome et de voir dans le sens du Npr tout en partie de ce que nous savons du porteur du nom» (Kleiber 1995: 13). É precisamente a este risco que sucumbimos ao considerar que na base do derivado em *-ismo* se encontra um nome próprio do qual o sufixo selecionará apenas determinados traços predicativos e não a totalidade do seu significado, que implicaria que a base fosse tomada pelo seu valor denominativo, referencial. Sabemos que «les Npr sont perçus comme occurrences d’une catégorie conceptuelle» (Kleiber 1995: 28); contudo, como observámos ao longo desta secção, não é desta forma que são tomados pelo sufixo *-ismo*: assim, devem antes ser considerados «comme des prédicats, c’est-à-dire des termes généraux, de Nc en quelque sorte, qui dénotent une certaine catégorie regroupent des occurrences sur la base de propriétés communes.» (Kleiber 1995: 31). Portanto, estes nomes apresentam-se como constituídos por um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades convocados para a definição da entidade denominada e dos quais o sufixo selecionará, os que considera pertinentes para a construção do significado do seu produto (§ 5.1.4.).

3.4.1.2. NOMES COMUNS

Semanticamente, os nomes comuns «servent eux aussi à organiser la réalité perçue, à ranger ensemble des choses différentes, à categoriser en somme l’hétérogénéité de notre expérience» (Kleiber 1995: 31). Selecionando propriedades

partilhadas, o nome comum denominará os elementos que relevantemente as comportam, apresentando-se assim «avec un contenu descriptif» (Kleiber 1995: 31), que o distingue do nome próprio.

Os nomes comuns constituem a maioria das bases nominais de *-ismo* e podem ser subdivididos em vários grupos. Observando o Quadro 3.2 verifica-se que a primeira análise dos nomes próprios permite distinguir os que denotam uma entidade material dos que denominam uma entidade imaterial. Estes últimos nomes coincidem significativamente com o que consideramos nomes abstratos, que serão abordados em § 3.4.1.2.3.

Dentro do grupo de nomes que denotam uma entidade material distinguem-se os animados e os inanimados, no âmbito de cada um dos quais se encontram novos subgrupos. Remetemos para o Quadro 3.2 que apresenta a distribuição dos nomes por estes grupos.

À semelhança do procedimento adotado com os nomes próprios, iremos apresentar os significados constantes nestas bases, dentro destes grupos.

3.4.1.2.1. NOMES QUE DENOTAM SER ANIMADO

O grupo de nomes classificáveis como animados divide-se em dois grandes grupos: aquele que denota entidades humanas (§ 3.4.1.2.1.2.), e o que denota entidades não humanas (§ 3.4.1.2.1.1.).

3.4.1.2.1.1. NOMES QUE DENOTAM SER ANIMADO INUMANO

Os nomes que denotam um ser não humano enquadram-se nos seres vivos animados. São exemplo *camaleão* > *camaleonismo*, *micróbio* > *microbismo* e *tarântula* > *tarantulismo*.

Estas bases denominam seres vivos animados e, à exceção de *camaleão*, transmitem esse mesmo significado ao nome em *-ismo*, aparecendo no derivado a sua capacidade de referenciar determinado grupo de indivíduos. Em *microbismo* e *tarantulismo*, as bases do derivado têm, precisamente, por significado o ser vivo animado que o nome denomina.

40. *micróbio* > *microbismo*
 «BIOLOGIA ser vivo, animal ou vegetal, de dimensões tão pequenas que só pode ser visto com o auxílio do microscópio» (DPE 2006)
- tarântula* > *tarantulismo*
 «ZOOLOGIA grande aranha, geralmente venenosa, das regiões do Mediterrâneo, pertencentes à família dos Licosídeos» (DPE 2006)
- «⇔ **tarantismo** (MEDICINA doença nervosa e epidémica que erradamente se atribuía à picada da tarântula (aranha); tarantulismo; tarentismo)» (DPE 2006)

No caso de *camaleonismo*, a base não tem por significado a denominação do animal (o nome *camaleão* denomina o animal), mas um dos seus predicados/atributos/qualidades/propriedades, a capacidade que este tem de mudar a pigmentação da pele. O derivado em *-ismo* denomina então um predicado/atributo/qualidade/propriedade aplicável a camaleões e a outras entidades entendidas como animadas que disponham desse predicado/atributo/qualidade/propriedade. Esta característica do animal, assumida não no seu sentido literal, mas no sentido figurado, é passível de ser aplicada a entidades humanas e apenas essa característica é selecionada por *-ismo*.

41. *camaleão* > *camaleonismo*
 «**1** ZOOLOGIA designação de uns Saurios (vários géneros), da família dos Camaleonídeos (...) em muitos dos quais se verificam fenómenos miméticos de coloração; **2** [fig.] pessoa que muda muito de aparência e aprecia a mudança; **3** [fig., pej.] Pessoa volúvel que muda conforme os seus interesses» (DPE 2006)
- «ZOOLOGIA faculdade de certos animais, entre eles o camaleão, de mudarem bruscamente de pigmentação» (DPE 2006);
 «A justificação que dá para este **camaleonismo** militante tem o mérito de não esconder nada» (CETEMPúblico *par=ext911942-nd-93b-2*)

O DPE apresenta a significação de *camaleonismo* como aplicável a animais e num sentido exclusivamente morfológico; contudo, a citação apresentada, retirada de CETEMPúblico (<URL: <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>>), mostra como, no uso real que os falantes fazem da palavra, o sufixo consegue selecionar um significado da base obtido por analogia. *Camaleão* é um animal cuja pigmentação muda em função

do ambiente que o rodeia; ao selecionar este nome como base, *-ismo* não só rejeita o significado originário (a denominação do animal) como seleciona apenas parcialmente um dos predicados/atributos/qualidades/propriedades que lhe estão associados, a capacidade de mutação da pigmentação da pele. O nome *camaleão* tem também este significado de mudança física e atitudinal atestado em dicionário, como se vê pela citação de 41. Assim, à base derivacional de *-ismo* associar-se-á apenas como significado a capacidade de mutação atitudinal e de carácter aplicável a indivíduos que sejam humanos. Mais uma vez, observamos o sufixo *-ismo* a selecionar da base nominal, não o seu significado literal completo ou a sua capacidade denominativa, mas apenas determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade associado a esse nome.

3.4.1.2.1.2. NOMES QUE DENOTAM SER ANIMADO HUMANO

No que diz respeito às bases presentes no nosso *corpus*, a propriedade de ser humano inere a um maior número de nomes do que os que a apresentam negativamente. Remetemos mais uma vez para o Quadro 3.2, que nesta subsecção deve estar sempre presente, para verificarmos que o grupo de nomes animado humano pode ser subdivido.

Assim, temos um grupo de nomes que designam aquele ‘que tem determinada ocupação / fonte de rendimento / modo de vida’ (42.). Utilizamos como exemplo *cacique* > *caciquismo*, *druida* > *druidismo*, *lama* > *lamaísmo*, *mandarim* > *mandarinismo*.

42. <i>cacique</i>	> <i>caciquismo</i>
«1 chefe político que dispõe dos votos dos eleitores de uma comunidade» (DPE 2006)	«1 influência política dos caciques; 2 os caciques» (DPE 2006)
<i>druida</i>	> <i>druidismo</i>
«nome dos antigos sacerdotes gauleses e celtas que exerciam ainda funções pedagógicas e judiciais» (DPE 2006)	«religião dos druidas» (DPE 2006)
<i>lama</i>	> <i>lamaísmo</i>
«sacerdote budista tibetano» (DPE 2006)	«RELIGIÃO forma particular do budismo professado pelos lamas (sacerdotes budistas)» (DPE 2006)

mandarim

«alto funcionário chinês» (DPE 2006)

> *mandarinismo*

«**1** sistema de provas e concursos exigidos na China aos candidatos a mandarim; **2** governo de mandarins» (DPE 2006)

Neste grupo consideramos então que as bases denominam um indivíduo que se define por ter determinada ocupação principal ou fonte de rendimento. O sufixo *-ismo* apropria-se dos predicados/atributos/qualidades/propriedades caracterizadores do indivíduo ‘que tem determinada ocupação / fonte de rendimento / modo de vida’, atribuindo-lhes a dimensão de uma ‘prática’ regular relacionada com / fundada sobre ou de um ‘princípio epistemológico’ fundado sobre essa ocupação / fonte de rendimento / modo de vida.

Um segundo grupo pode ser definido como denotando aquele em que se enquadra todo o indivíduo que apresenta determinada ‘propriedade / condição / traço de caráter’, de que são exemplo:

43. *colega*

«**1** pessoa que pertence à mesma colectividade ou categoria; **2** pessoa que exerce a mesma profissão ou tem as mesmas funções» (DPE 2006)

> *coleguismo*

«lealdade ou procedimento próprio de colega» (DPE 2006)

nepote

«1. [Figurado] Sobrinho do papa. 2. Pessoa protegida ou favorecida» (<URL: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=nepote>>; 15/09/2009)

> *nepotismo*

«**1** HISTÓRIA posição de relevo, no campo honorífico ou administrativo, dada por alguns papas a pessoas da própria família; **2** preferência dada por alguém que tem poder a familiares ou amigos, independentemente do seu mérito pessoal; favoritismo» (DPE 2006)

pedagogo

«**1** aquele que professa a pedagogia; pedagoga; **2** [ant.] professor de crianças; **3** bom professor; **4** [fig.] mentor» (DPE 2006)

> *pedagogismo*

«processo ou sistema dos pedagogos» (DPE 2006)

Destas bases o sufixo seleccionará a propriedade, condição ou traço de caráter relevantemente associado ao indivíduo denominado. A construção do significado do

derivado incidirá sobre o traço semântico selecionado pelo sufixo, portanto sobre um predicado/atributo/qualidade/propriedade presente na base, e não sobre a capacidade referencial do nome de base.

Vimos nesta secção que os nomes presentes na base derivacional de *-ismo* classificáveis como animados podem ser subdivididos em dois grupos, um de nomes que denotam um ser humano e outro constituído por nomes que denotam um ser inumano. Os nomes humanos são suscetíveis de ser subdivididos em dois outros grupos: o grupo dos nomes que denominam o indivíduo que tem determinada ‘ocupação / fonte de rendimento / modo de vida’ e o grupo dos nomes que denominam o indivíduo que tem determinada ‘propriedade / condição / traço de carácter’. Na sua generalidade, estes nomes fazem transitar para o derivado em *-ismo* não o seu significado referencial, mas um predicado/atributo/qualidade/propriedade que esteja associado de forma relevante ao seu significado.

3.4.1.2.2. NOMES QUE DENOTAM ENTIDADE INANIMADA

Opondo-se ao conjunto de nomes definíveis como animados, encontra-se o grupo dos nomes denotadores de entidade inanimada. Por apresentar maior diversidade semântica, este grupo pode ser dividido em sete outros grupos que em seguida analisaremos.

3.4.1.2.2.1. NOMES QUE DENOTAM ‘MATÉRIA NATURAL’ E ‘PRODUTO DA ATIVIDADE HUMANA’

Consideramos na mesma secção os nomes que denotam ‘matéria natural’ e os que denotam ‘produto da atividade humana’ por serem grupos semânticos que apresentam fronteiras pouco claras. Se há elementos inequivocamente enquadráveis num ou noutro grupo, também há elementos cujo enquadramento nos impõe uma reflexão mais apurada e há ainda elementos que, como veremos, podem ser enquadrados num destes ou em ambos os grupos, fazendo-se depender este enquadramento da linha de leitura semântica seguida.

Apresentamos alguns exemplos de nomes do grupo dos que denominam ‘matéria natural’. Sob esta designação incluímos todos os elementos da natureza inanimados, o resultado é um relativamente pequeno grupo, de 23 elementos. Caracterizam-se estes nomes por denominarem um elemento natural, isto é, que existe na natureza sem necessidade de intervenção humana.

44. <i>átomo</i>	> <i>atomismo</i>
«1 FÍSICA, QUÍMICA porção mais pequena de matéria que caracteriza um elemento químico, composta por um núcleo (constituído por prótons e neutrões) em torno do qual se situa a nuvem electrónica» (DPE 2006)	«1 FILOSOFIA doutrina que admite a existência de átomos (partículas indivisíveis) como elementos constituintes da matéria; 2 FÍSICA teoria atómica » (DPE 2006)
<i>carne</i>	> <i>carnismo</i>
«1 tecido muscular do homem e dos animais» (DPE 2006)	«abuso da carne na alimentação; o m. q. carnivorismo» (DPE 2006)
<i>éter</i>	> <i>eterismo</i>
«2 QUÍMICA líquido muito volátil e inflamável resultante da desidratação do álcool pelo ácido sulfúrico; 3 QUÍMICA nome genérico dos óxidos de alquilos» (DPE 2006)	«anestesia pelo éter; intoxicação produzida pelo excesso de éter» (DPE 2006)
<i>teína</i>	> <i>teísmo</i>
«QUÍMICA princípio activo do chá que, tal como a cafeína, pode funcionar como estimulante» (DPE 2006)	«MEDICINA conjunto de acidentes mórbidos causados pelo abuso de substâncias que contêm teína» (DPE 2006)

Na sua generalidade, estas bases oferecem à derivação em *-ismo* a denominação de uma entidade sobre a qual se operará uma ‘prática’⁸⁹ (*carnismo*), da qual decorrerá uma ‘intoxicação’⁹⁰ (*eterismo*, *teísmo*) ou sobre a qual é possível estabelecer um ‘princípio epistemológico’⁹¹ (*atomismo*).

As bases que geram nomes de ‘intoxicação’, como *eterismo* e *teísmo*, transportam para o derivado apenas uma parte do seu significado. Para fazer a denominação de uma ‘intoxicação’, o sufixo necessita de aceder à informação sobre as

⁸⁹ O significado ‘prática’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.

⁹⁰ O significado ‘intoxicação’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.5.1.

⁹¹ O significado ‘princípio epistemológico’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.2.

propriedades tóxicas da base, ignorando todas as restantes informações que constroem a significação completa do nome de base. É a presença na base da informação sobre as suas propriedades tóxicas que lhes permite configurarem-se como bases de nomes de ‘intoxicação’. O nome *batata*, por exemplo, não poderia dar origem a **batatismo*, ‘intoxicação pela batata’, porque na informação semântica do nome *batata* não constam quaisquer propriedades tóxicas.

O nome de base *carne* originará um derivado que pode ser parafraseado por ‘prática relacionada com Nb’, o que o afasta dos restantes exemplos e o aproxima das bases que denominam ‘partes do corpo’ (§ 3.4.1.2.2.2.) e que originam nomes que designavam ‘evento relacionado com Nb’, mais especificamente ‘fenómeno patológico’⁹² relacionado com Nb. Há, no entanto, uma diferença assinalável. Todos esses nomes, bases e derivados em *-ismo* são, como se verá, enquadráveis na área da medicina, mas este enquadramento não é possível nem em relação a *carne*, nem em relação a *carnismo*. Além disso, *carne* não designa uma parte específica do corpo animal; é uma denominação genérica para tecidos moles de origem animal muitas vezes utilizados na alimentação. Este último traço semântico afigura-se de especial importância para a construção do significado do derivado em *-ismo*.

Observemos agora o conjunto de nomes que denominam ‘produto da atividade humana’, todos eles objetos ou substâncias obtidos ou produzidos através da ação humana.

- | | |
|--|--|
| <p>45. <i>aeromodelo</i>
«miniatura de um aparelho voador usado para experiências laboratoriais ou para fins recreativos» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>aerodelismo</i>
«1 construção de pequenos modelos de aviões destinados a experiências, à prática desportiva ou ao lazer; 2 DESPORTO modalidade desportiva que consiste em controlar à distância um modelo de avião em miniatura» (DPE 2006)</p> |
| <p><i>cocaína</i>
«QUÍMICA alcalóide anestesiante e estupefaciente extraído das folhas da coca» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>cocainismo</i>
«intoxicação pela cocaína» (DPE 2006)</p> |

⁹² O significado ‘fenómeno patológico’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.5.2.

<p><i>ergotina</i></p> <p>«FARMÁCIA substância alcalóide obtida da espiga do centeio, e que tem aplicação medicamentosa» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>ergotinismo</i></p> <p>«envenenamento pela ergotina» (DPE 2006)</p>
<p><i>magnete</i></p> <p>«objecto que tem a propriedade de atrair certos metais e suas ligas, como o ferro, e que pode ser constituído por esses mesmos metais ou por magnetite» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>magnetismo</i></p> <p>«1 FÍSICA propriedade atractiva dos ímanes ou magnetes; 2 FÍSICA estudo das propriedades dos ímanes e dos fenómenos que delas resultam ou a elas se podem ligar; 3 [fig.] influência de um indivíduo sobre outro; 4 [fig.] poder de encantar; atracção; sedução» (DPE 2006)</p>
<p><i>velocípede</i></p> <p>«veículo de duas ou mais rodas, accionado por pedais ou dispositivos análogos» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>velocipedismo</i></p> <p>«desporto em velocípede; ciclismo» (DPE 2006)</p>

Enquanto bases de denominação em *-ismo*, estes nomes apresentam o significado global com que são comumente utilizados. Isto é, o sufixo acede a todo o seu significado literal e não apenas a um dos seus traços. Esta afirmação não é aplicável, por exemplo, às bases que geram nomes de ‘intoxicação’. Como vimos anteriormente, dessas bases são tomadas apenas alguns dos predicados/atributos/qualidades/propriedades da substância que denominam. Embora o significado de bases como as de 45. seja tomado na sua globalidade, os predicados/atributos/qualidades/propriedades que as definem são convocados para a construção semântica do nome em *-ismo*.

Neste grupo, encontramos ainda o par *capacho* > *capachismo* que apresenta um comportamento diferente. A base denomina um objeto produzido pela atividade humana, mas este seu significado não transitará para o derivado em *-ismo*.

<p>46. <i>capacho</i></p> <p>«1 tapete de esparto a que se limpa o calçado; 2 [fig.] pessoa servil» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>capachismo</i></p> <p>«⇔ capachice («1 adulação; 2 servilismo»)» (DPE 2006)</p>
--	---

Durante o processo de derivação em *-ismo*, o significado ativado não é o significado fundamental do nome, a denominação de determinado objeto, mas sim um significado dele decorrente. Este significado obtém-se pela atribuição, com valor predicativo, dos predicados/atributos/qualidades/propriedades do objeto *capacho* a um indivíduo que se caracteriza por ser humano. Verifica-se que o sufixo seleciona da sua base apenas determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades, relevantes para a definição de certas entidades denominadas pela base, mas também para a construção do significado do nome em *-ismo*. Portanto, em jogo está não tanto uma denominação, mas sim uma predicação, ou seja, a possibilidade de atribuição de determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades a qualquer indivíduo a quem se possa atribuir o epíteto *capacho*. Recordamos as palavras de George Kleiber que encara os nomes comuns como «des prédicats, c'est-à-dire dès termes généraux» (Kleiber 1995: 31).

Temos ainda de considerar a existência de nomes que servem para denominar quer uma ‘matéria natural’ quer o ‘produto da atividade humana’ dela resultante.

47. *álcool*

«1 QUÍMICA nome genérico dos compostos orgânicos cuja fórmula se pode obter da de um hidrocarboneto, por substituição de um ou mais átomos de hidrogénio por igual número de grupos OH; 2 QUÍMICA líquido incolor volátil e inflamável, e obtido através da destilação de substâncias açucaradas ou farináceas, utilizado na composição de muitas bebidas como o vinho, a cerveja e a aguardente; etanol» (DPE 2006)

café

«1 BOTÂNICA semente do cafeeiro; 2 cafeeiro; 3 bebida preparada com esta semente, depois de torrada e moída, por infusão» (DPE 2006)

quina

«1 produto rico em alcalóides, também

> *alcoolismo*

«1 abuso de bebidas alcoólicas; 2 estado patológico causado pelo abuso de bebidas alcoólicas» (DPE 2006)

> *caféismo*

«intoxicação pelo café» (DPE 2006)

> *quinismo*

«MEDICINA intoxicação provocada pelo uso

designado quinino, com velhas aplicações terapêuticas» (DPE 2006) imoderado dos alcalóides da quina» (DPE 2006)

Estes nomes têm em comum a capacidade de designar uma ‘matéria natural’ ou uma substância obtida a partir dela; como esta fronteira é, por vezes, pouco nítida, nomes como os apresentados foram incluídos nos dois grupos. As duas leituras que apresentam são suscetíveis de ser isoladas uma da outra, eventualmente poderíamos perder uma leitura sem que isso afetasse a restante. O significativo grau de independência dos dois significados justificou que incluíssemos estes nomes em dois grupos, e não que criássemos um grupo para nomes com esta característica. No entanto, este dado não é verdadeiro para todos estes nomes: em *café* e *quina*, são as propriedades resultantes da atividade humana que são selecionadas para a construção do nome em *-ismo*, pelo que estas duas bases se encontram apenas em ‘produto da atividade humana’.

Cicuta, *café* e *quina* são nomes designativos não só da planta como da substância dela extraída. *Cicuta* denomina um género de plantas que inclui quatro espécies que se caracterizam pelo facto de serem altamente venenosas. Assim, o nome da planta e o nome da substância dela extraída partilham a mesma propriedade semântica que será seleccionada pelo sufixo *-ismo*. Afigura-se-nos impossível determinar com exatidão qual dos significados se encontra na base do derivado em *-ismo*, uma vez que, como vimos, a planta e a substância partilham as propriedades intoxicantes que o sufixo seleciona para a construção do significado do nome em *-ismo*. Esta coincidência semântica entre a substância natural e o produto dela obtido não é tão forte em *café* e *quina*. A planta ou a semente do café não são semanticamente associadas às propriedades que reconhecemos na bebida e que constituem o traço semântico da base selecionado pelo sufixo para formar *caféismo*. Algo de semelhante se passa com *quina*, nome designativo da planta ou da substância dela extraída. No derivado em *-ismo* surgem, no valor semântico da base, as propriedades da substância e não as da planta.

3.4.1.2.2.2. NOMES QUE DENOMINAM ‘PARTES DO CORPO’

Na base de nomes em *-ismo* estão alguns radicais de nomes que designam ‘partes do corpo’. Muitos destes radicais participam na construção semântica do derivado em *-ismo* pela denominação dessas ‘partes do corpo’ (48.), mas este dado, como se verá, não é verdadeiro para todas as bases com esta significação (49.).

48. *clitóride* > *clitoridismo*
 «ANATOMIA ⇒ clítoris («ANATOMIA pequeno órgão erétil do aparelho genital feminino»)» (DPE 2006) «masturbação da mulher» (DPE 2006)
- esófago* > *esofagismo*
 «ANATOMIA órgão do aparelho digestivo representado por um tubo que estabelece a comunicação da faringe com o estômago» (DPE 2006) «MEDICINA espasmo do esófago» (DPE 2006)
- próstata* > *prostatismo*
 «ANATOMIA órgão glandular situado em volta do início da uretra dos machos de quase todos os vertebrados» (DPE 2006) «1 PATOLOGIA estado patológico motivado por doença da próstata; 2 PATOLOGIA conjunto de circunstâncias patológicas originadas pela hipertrofia da próstata» (DPE 2006)
- tímpano* > *timpanismo*
 «anatomia cavidade do ouvido que corresponde ao ouvido médio» (DPE 2006) «⇒ **timpanite** («1 MEDICINA inflamação do tímpano; 2 MEDICINA intumescimento provocado por gases acumulados no canal digestivo»)» (DPE 2006)
- útero* > *uterismo*
 «1 ANATOMIA órgão oco e musculoso que faz parte do aparelho genital feminino» (DPE 2006) «dor uterina (espasmódica)» (DPE 2006)
- vagina* > *vaginismo*
 «1 ANATOMIA órgão genital feminino» (DPE 2006) «MEDICINA contracção espasmódica e dolorosa da vagina, na ocasião do coito» (DPE 2006)

Pode considerar-se que os derivados em *-ismo* destes nomes apresentam um comportamento semântico idêntico, isto é, todos denominam uma ‘prática’ (§ 4.1.3.) ou ‘fenómeno patológico’ (§ 4.1.5.1.) relacionado com o nome de base, não havendo portanto divergência entre o significado do nome e o seu significado enquanto base derivacional. A ‘prática’ e o ‘fenómeno patológico’ que os nomes em *-ismo* denominam são eventos definíveis pela coocorrência de uma série de fatores que se desenrolam no tempo. Alguns desses eventos, pela sua natureza, assumem também um caráter iterativo de prática, é o que sucede com *clitoridismo*. Mesmo o ‘fenómeno patológico’ pode implicar iteratividade, como sucede com *esofagismo*, *uterismo* e *vaginismo*, que se caracterizam pela repetição de um dado evento. A ‘prática’ ou ‘fenómeno patológico’ que estes nomes referem constitui-se então por uma repetição de práticas ou acontecimentos.

Estes nomes, ainda que sendo do conhecimento comum, enquadram-se na área da medicina, assim como os nomes em *-ismo* deles derivados.

Outras bases nominais, também designadoras de ‘partes do corpo’, apresentam um comportamento distinto. Os nomes em *-ismo* que as apresentam estão exemplificados em 49. O seu comportamento é distinto do das anteriores por não serem encaradas pelo sufixo como denominadores de uma parte do corpo. Estas bases parecem ter sido alvo de um processo de metonímia, mais especificamente de sinédoque, na medida em que são utilizadas para referir o indivíduo a que pertencem. Os seus produtos em *-ismo* apresentam um significado próximo, denominando a ‘qualidade’ (§ 4.1.1.) e/ou a ‘atitude’ (§ 4.1.4.) daquele que tem excesso de preocupação consigo próprio. A leitura da definição de *barriguismo* e de uma frase em que se utiliza *umbiguismo*, apresentadas em 49., revela isto mesmo. A ‘qualidade’ e/ou ‘atitude’ denominadas recaem sobre o indivíduo e não apenas sobre a sua *barriga* ou o seu *umbigo*.

- | | |
|---|--|
| 49. <i>barriga</i> | > <i>barriguismo</i> |
| «1 cavidade do tronco do homem e dos animais que encerra o estômago e os intestinos» (DPE 2006) | «qualidade de barriguista («pessoa que só cuida dos seus interesses»»)» (DPE 2006) |
| <i>umbigo</i> | > <i>umbiguismo</i> |
| «1 ANATOMIA cicatriz abdominal, saliente | «Tal como Ionine, convida-nos a reconhecer |

ou reentrante, no ponto em que o cordão umbilical de prendia ao indivíduo durante a sua vida fetal» (DPE 2006)

os limites de uma visão europeia fechada num **umbiguismo** autocomplacente e exorta-nos** a contemplar vales e planícies, não do monte Branco invadido por turistas, mas das alturas vulcânicas do gigantesco Chimborazo, dos seus cumes nevados, no sopé dos quais os peruanos levantavam templos de ouro ao Sol e de prata à Lua .» (CETEMPúblico *par=ext1356144-soc-92b-1*)

Neste grupo poderíamos incluir também o par *órgão* > *organismo*. Contudo, o significado de *organismo* parece estar em permanente construção, sendo difícil relacioná-lo com o da sua base, *órgão*: levando-nos a acreditar na possibilidade de este derivado em *-ismo* ter sido alvo de um processo de lexicalização que obscurece a compreensão do modo como o seu significado se formou.

órgão

«1 BIOLOGIA, ANATOMIA cada uma das partes independentes do corpo de um ser vivo, que tem a seu cargo uma função específica» (DPE 2006)

> *organismo*

«um ser organizado; o m. q. ser vivo; constituição; compleição; ordem; combinação; conjunto de partes ou elementos dispostos para funcionamento; instituição; corporação; concelho» (DPE 2006)

3.4.1.2.2.3. NOMES QUE DENOTAM ‘FENÓMENO PATOLÓGICO’

Relacionável com a área da medicina é ainda o grupo de bases que designa um ‘fenómeno patológico’. Utilizamos esta designação num sentido lato e pouco preciso para designar qualquer estado ou evento patológico. Aos nomes derivados em *-ismo* também é imputada esta significação, em § 4.1.5.2. analisam-se estes nomes.

As bases que denominam um ‘fenómeno patológico’ são utilizadas na produção de nomes em *-ismo* que também se encontram ligados à área da medicina. Em 50. apresentamos algumas dessas bases e os seus respetivos derivados. Na generalidade, as bases contribuem com a denominação de um ‘fenómeno patológico’⁹³ sobre o qual o

⁹³ O significado ‘fenómeno patológico’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.5.2.

sufixo construirá a denominação de uma realidade contígua, mas delimitável por traços menos exatos que os da sua base.

<p>50. <i>endemia</i></p> <p>«MEDICINA enfermidade que grassa numa região (povo, país, etc.), e que tem causas exclusivamente locais» (DPE 2006)</p> <p><i>fagedena</i></p> <p>«MEDICINA úlcera maligna» (DPE 2006)</p> <p><i>nevralgia</i></p> <p>«MEDICINA dor intensa, aguda, que irradia para a região enervada por um nervo periférico» (DPE 2006)</p> <p><i>tétano</i></p> <p>«MEDICINA doença infecciosa, grave, provocada pela acção de um bacilo e caracterizada por contracção persistente e dolorosa dos músculos de todo o corpo» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>endemismo</i></p> <p>«fenómeno da distribuição das espécies (ou subespécies) animais ou vegetais referida a uma área restrita e mais ou menos isolada.» (DPE 2006)</p> <p>> <i>fagedenismo</i></p> <p>«1 MEDICINA qualidade ou estado de fagedénico; 2 MEDICINA lesão ulcerosa com extensão indefinida; 3 MEDICINA gangrena nos tecidos.» (DPE 2006)</p> <p>> <i>nevralgismo</i></p> <p>«estado doloroso difuso, ordinariamente bilateral, em região mais ou menos extensa do corpo» (DPE 2006)</p> <p>> <i>tetanismo</i></p> <p>«estado tetânico» (DPE 2006)</p>
--	--

Como se afere da leitura dos nomes de 50., a relação *endemia* > *endemismo* é distinta da agora descrita. A base, *endemia*, diz respeito a fenómenos patológicos perspetivados pela sua distribuição geográfica. O nome em *-ismo* diz respeito à distribuição geográfica de espécies animais e vegetais, situando-se, portanto, fora do campo da medicina. Perante estas significações, podemos supor que este par não apresente uma relação de base / derivado, mas que seja constituído por dois nomes, em *-ia* e *-ismo*, que partilhem uma mesma base.

Algumas das bases que designam ‘fenómeno patológico’ têm ainda a particularidade de ter um significado igual ao do derivado em *-ismo* que originam, podendo ser usados, base e derivado, como sinónimos.

51. *acromegalia* > *acromegalismo*
 «MEDICINA doença que ocorre, por vezes, nos adultos, originada pelo funcionamento anormal da hipófise e caracterizada pela hipertrofia das extremidades do corpo, sobretudo das mãos, dos pés e da face» (DPE 2006)
 «⇒ **acromegalia**» (DPE 2006)
- anervia* > *anervismo*
 «MEDICINA falta de acção nervosa; paralisia» (DPE 2006)
 «⇒ **anervia** » (DPE 2006)
- histeria* > *histerismo*
 «**1** MEDICINA doença nervosa caracterizada pela exteriorização exagerada de perturbações de natureza emocional ou afectiva, manifestadas através de sintomas físicos (dores, paralisias, convulsões) e psíquicos (alucinações, angústia); histerismo; **2** irritabilidade excessiva; nervosismo exagerado; **3** excitação ou fúria descontrolada» (DPE 2006)
 «⇒ **histeria**» (DPE 2006)
- microtrauma* > *microtraumatismo*
 «MEDICINA trauma ligeiro; lesão ligeira; microtraumatismo» (DPE 2006)
 «MEDICINA ⇒ **microtrauma**» (DPE 2006)
- trauma* > *traumatismo*
 «**1** MEDICINA qualquer lesão ou perturbação produzida no organismo por uma agente exterior accionado por uma força; traumatismo; **2** ferida contusa; contusão» (DPE 2006)
 «**1** ferimento, lesão ou contusão provocada por acção violenta de um agente externo; trauma; **2** ferida contusa; **3** o agente produtor da lesão» (DPE 2006)

Merece atenção o par *trauma / traumatismo*. O significado dicionarizado que os nomes apresentam sugere que, à semelhança do que sucede com os restantes pares apresentados em 51., surjam nas mesmas situações de uso. Contudo, no uso corrente verificamos que estes dois nomes estabeleceram campos de utilização próprios; veja-se 52.

52. a) «Enquanto Karin viajou numa ambulância que transportava a filha mais velha, com **traumatismo** craniano e actualmente internada no Hospital São José, Rui Manuel e Lily Marleen chegaram num autocarro .» (CETEMPúblico: *par=ext4860-soc-94a-1*)
- b) «A morte desta criança ficou a dever-se a **traumatismo** violento, de natureza crâneo-encefálica, indicou a PJ .» (CETEMPúblico: *par=ext11002-soc-94a-2*)
- c) «Para além do **trauma** das perdas humanas, está o falhanço que é lembrado de cada vez que se fala nisso .» (CETEMPúblico: *par=ext5211-clt-98a-1*)
- d) «Era uma medida que visava proteger a comunidade filipina depois do **trauma** provocado pela execução, em Março passado, em Singapura, de uma criada filipina, por homicídio de uma filha dos patrões .» (CETEMPúblico: *par=ext17242-soc-95b-2*)

Os exemplos apresentados em 52. mostram-nos que houve uma especialização do significado por parte destes dois nomes. *Traumatismo* mantém o seu significado original, enquanto *trauma* especificou, por analogia, o seu significado, passando a denominar eventos traumáticos de nível emocional.

Temos vindo a observar bases portadoras do significado de ‘fenómeno patológico’ e os derivados em *-ismo* formados a partir delas que, regra geral, designam eventos ou estados de carácter mais geral relacionados com esse ‘fenómeno patológico’. Foi o que vimos suceder nos nomes de 50., com exceção do par *endemia / endemismo*. E observámos ainda alguns casos de coincidência semântica entre a base e o seu derivado, exemplificados em 51. Deste grupo, verificámos que no par *trauma / traumatismo* houve um estabelecimento de diferentes campos de atuação semântica por parte dos dois nomes que resultou numa situação de complementaridade de uso entre eles.

De referir ainda a base nominal *tifo* que apresenta um comportamento próprio que importa destacar. Quando tomado como base de *tifismo*, o nome assume um carácter predicativo, uma vez que são os seus sintomas enquanto propriedades a atribuir, e não toda a doença, que são seleccionados por *-ismo*. Deste modo, são as propriedades da doença, e não a doença em si, com todas as suas características específicas, que estão presentes no valor semântico de *tifismo*, que tem por apresenta por significado ‘qualidade’ (§ 4.1.1.).

53. *tifo* > *tifismo*
 «1 MEDICINA doença febril, grave, infecto-contagiosa, muitas vezes epidémica, com apresentação de exantemas, lesões hemorrágicas, nevrites, etc. em que o piolho do corpo exerce o papel de transmissor» (DPE 2006)

Três outras bases apresentam um significado definível como ‘fenómeno patológico’; porém não é claro de que modo o significado da base ou uma parte desse significado é transportado para o nome em *-ismo*. As bases que se encontram nestas condições são apresentadas em 54.

Nos casos de *ictiose / ictiosismo* e de *artrite / artritismo*, cremos ser mais acertado considerar que os dois nomes partilham um mesmo radical clássico ao qual se acoplaram diferentes sufixos. Esta leitura está em consonância com a presença dos significados de *ictio-* e *artrit-* visíveis nos nomes derivados e dispensa explicações difíceis de encontrar para o desaparecimento dos valores semânticos de *-ose* e *-ite* aquando da derivação em *-ismo*.

54. *sezão* > *sezonismo*⁹⁴
 «1 MEDICINA febre intensa e intermitente; 2 MEDICINA ⇒ **paludismo** («MEDICINA doença grave parasitária provocada por esporozoários (hematozoários) inoculados no homem por um mosquito»)» (DPE 2006)
 «⇔ **impaludismo** («MEDICINA [ant.] **paludismo**)»)» (DPE 2006)
- ictiose* > *ictiosismo*
 «MEDICINA doença da pele caracterizada pelo espessamento e descamação da epiderme que toma um aspecto semelhante ao das escamas dos peixes» (DPE 2006)
 «MEDICINA conjunto de acidentes tóxicos provocados pela ingestão de certos peixes venenosos ou em putrefacção» (DPE 2006)
- artrite* > *artritismo*
 «MEDICINA inflamação articular» (DPE 2006)
 «MEDICINA estado mórbido do organismo» (DPE 2006)

⁹⁴ No Capítulo 4, ao fazer-se a análise semântica dos nomes em *-ismo*, apresenta-se uma reflexão mais apurada sobre este derivado e outro nome em *-ismo*, *paludismo*, que apresenta um significado muito próximo, (§ 4.1.5.2.).

2006)

(diátese), relacionado com condições de transmissão hereditária» (DPE 2006)

3.4.1.2.2.4. NOMES QUE DENOTAM LOCAIS

Vimos, no grupo de nomes próprios (§ 3.4.1.1.), como um topónimo pode funcionar como base derivacional de *-ismo*. No nosso *corpus* encontramos ainda nomes comuns que veiculam informação espacial e que servem de base a *-ismo*.

O modo como estes nomes transmitem o seu significado aos derivados em *-ismo* não é uniforme. Podemos isolar um grupo (55.) em que o significado do nome não se mantém intacto quando este é tomado por base de *-ismo*, sendo que o derivado designa uma ‘locução’⁹⁵ (*localismo*) ou uma ‘prática desportiva’⁹⁶ (*campismo*, *montanhismo*) que se realiza no local portador de determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades veiculados pela base. O valor predicador retirado das bases contribuirá para a construção do significado do derivado. Esse valor ajuda a determinar que ‘prática desportiva’ está a ser denominada e as características que individualizam determinada ‘locução’.

Veja-se ainda o caso de *paisagismo* que, ao contrário, mantém na íntegra o significado da sua base, na medida em que se pode entender como ‘reprodução de paisagem’ ou ‘atuação sobre a paisagem’, significando este nome ‘tudo o que se pode ver com os olhos’. A base não designa, portanto, o local onde, mas sim o local sobre o qual; mantendo-se por isso como significado ativo no derivado em *-ismo* o de localização espacial.

55. *campo*

«**1** terra de cultivo; **2** pequena localidade fora da cidade, onde predominam as actividades agrícolas; aldeia; **3** terreiro sem edificação, dentro de uma povoação; **4** espaço plano; **5** [fig.] área rural fora do perímetro urbano» (DPE 2006)

> *campismo*

«actividade de lazer, turística ou desportiva, que consiste em acampar ao ar livre, em recintos próprios (parques de campismo) ou livremente em locais naturais (campismo selvagem)» (DPE 2006)

⁹⁵ O significado ‘locução’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.6.

⁹⁶ O significado ‘prática desportiva’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.2.

<p><i>local</i></p> <p>«localidade; sítio» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>localismo</i></p> <p>«acepção, vocábulo ou expressão característicos dos falantes de um determinado local» (DPE 2006)</p>
<p><i>paisagem</i></p> <p>«1 porção de território que se abrange num lance de olhos; vista; panorama; 2 pintura quadro que representa um sítio campestre; desenho sobre um motivo rústico» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>paisagismo</i></p> <p>«reprodução de paisagem em pintura; conjunto das questões relativas ao ambiente vivo do homem e ao ordenamento da paisagem» (DPE 2006)</p> <p>«Para fundamentar a sua oposição ao terminal, os residentes contam com pareceres dos professores Pedro Correia e Sidónio Pardal, no domínio do urbanismo, do paisagismo e da desvalorização imobiliária das propriedades vizinhas» (CETEMPúblico <i>par=ext1483746-soc-97b-1</i>)</p>
<p><i>montanha</i></p> <p>«1 elevação natural e considerável do solo; 2 monte muito alto e extenso» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>montanhismo</i></p> <p>«\Leftrightarrow alpinismo» («desporto que consiste em ascensões às grandes altitudes; gosto por estas ascensões; \Rightarrow montanhismo») (DPE 2006)</p>

Um outro nome denotador de uma localização espacial coloca algumas dificuldades à compreensão do modo como o seu significado se apresenta no derivado em *-ismo*:

<p>56. <i>bairro</i></p> <p>«1 parte de uma localidade que se distingue por determinada circunstância; 2 área administrativa ou fiscal em que se dividem algumas cidades; 3 aglomerado de habitações dentro de uma povoação» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>bairrismo</i></p> <p>«1 qualidade de bairrista; 2 apego de uma pessoa ao seu bairro, à sua região ou terra natal, que a leva a valorizá-lo sobre outros» (DPE 2006)</p>
--	--

Enquanto base de *bairrismo*, o nome *bairro* não se comporta como designador de determinado espaço físico, mas sim como designador de um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que associamos ao ambiente e à vivência característicos de determinado bairro. O sufixo *-ismo* parece interessar-se apenas por, e

recolher para a construção semântica do seu produto, esses predicados/atributos/qualidades/propriedades, ignorando ou secundarizando a capacidade de denominação espacial do significado da base.

Merece ainda reflexão uma outra base presente nos nomes em *-ismo*; trata-se do nome *ecúmena*.

57. <i>ecúmena</i>	> <i>ecumenismo</i>
«área da superfície terrestre permanentemente habitada pelo homem» (DPE 2006)	«tendência para formar uma única família em todo o Mundo; movimento tendente a restabelecer a unidade entre os discípulos de Cristo» (DPE 2006)
	«Sons de Cabo Verde, ritmos de Angola, fados de Lisboa, num ecumenismo que não chegou para se sobrepor ao som de Xipalapala que está a chamar, como lapidarmente escreveu uma vez o poeta José Craveirinha, cuja presença foi anunciada mas acabou por não estar presente.» (CETEMPúblico <i>par=ext1548449-clt-91a-1</i>)

Embora *ecúmena* designe um espaço geográfico, não é este seu significado que aparece na base de *ecumenismo*. Como podemos observar pelas citações de DPE 2006 e de CETEMPúblico, *ecumenismo* aponta para uma unidade entre indivíduos, quer se trate de uma unidade de natureza religiosa ou não. Assim, a base contribui semanticamente não com a denominação de um espaço geográfico, mas com as propriedades que atribuímos a esse espaço geográfico: o ser habitado por homens que partilham certas afinidades. O sufixo *-ismo* parece sensível precisamente a essas afinidades (e não à dimensão geográfica), uma vez que serão elas que convocará para a construção do significado do seu derivado.

Os nomes *bairro*, *campo*, *local*, *montanha* e *ecúmena* apresentam um comportamento idêntico ao que já vimos ser assumido por *Éden* e *Japão* (§ 3.4.1.1). Mais do que denominações de espaços geográficos, estes nomes fornecem ao derivado em *-ismo* um predicado/atributo/qualidade/propriedade ou um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades associado(s) aos diferentes espaços e sobre o(s)

qual(is) o sufixo poderá construir a denominação de um ‘modo de vida’ (§ 4.1.3.3.), de uma ‘prática desportiva’ (§ 4.1.3.2.), de uma ‘qualidade’ (§ 4.1.1.) ou de um ‘princípio epistemológico’ (§ 4.1.2.).

3.4.1.2.2.5. NOMES QUE DENOTAM UMA LETRA

Um muito reduzido número de bases é constituído pela denominação de uma letra, utilizando-se geralmente a denominação de origem grega. Estas bases permitem ao nome em *-ismo* denominar uma ‘prática’⁹⁷, geralmente de natureza oral, que implica a utilização da letra em questão (58.).

58. <i>beta</i>	> <i>betacismo</i>
«nome da segunda letra do alfabeto grego (β, B) correspondendo ao b » (DPE 2006)	«emprego frequente do b na linguagem» (DPE 2006)
<i>gama</i>	> <i>gamacismo</i>
«nome da terceira letra do alfabeto grego (γ, Γ), correspondente ao g » (DPE 2006)	«dificuldade ou impossibilidade de pronunciar as letras g, k e x» (DPE 2006)

3.4.1.2.2.6. NOMES QUE DENOTAM ENTIDADE COLETIVA

Alguns dos nomes que servem de base a *-ismo* denotam uma entidade coletiva, isto é, denominam uma entidade que se define por ser uma associação de elementos que partilham uma série de predicados/atributos/qualidades/propriedades. Os predicados/atributos/qualidades/propriedades partilhados constituem-se como o critério de associação desses elementos e, conseqüentemente, definem o conjunto. Em seguida veremos os casos de *academia* > *academismo*, *colecção* > *coleccionismo*, *elite* > *elitismo*, *partido* > *partidismo*, *raça* > *racismo*.

A maior parte destes nomes diz respeito a um coletivo de entidades animadas humanas: é o caso dos nomes apresentados em 59. Os indivíduos que compõem a *academia*, a *elite* ou o *partido* são encarados como portadores de determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades que os igualam, tornando-os aptos a integrar esse grupo. O derivado em *-ismo* que se forma sobre estas bases irá utilizar

⁹⁷ O significado ‘prática’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.

esses mesmos predicados/atributos/qualidades/propriedades para construir o seu significado.

- | | |
|---|---|
| <p>59. <i>academia</i></p> <p>«1 sociedade de escritores, artistas ou cientistas» (DPE 2006)</p> <p><i>elite</i></p> <p>«1 minoria prestigiada constituída por aqueles que são considerados superiores; o que há de melhor numa sociedade ou em determinado grupo» (DPE 2006)</p> <p><i>partido</i></p> <p>«união de muitas pessoas com objectivos comuns, geralmente políticos» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>academismo</i></p> <p>«1 apego ou sujeição a moldes de estilo tradicionais; 2 falta de originalidade; 3 estilo académico» (DPE 2006)</p> <p>> <i>elitismo</i></p> <p>«Podemos até imaginar que Torres Campos seja o mais entusiástico defensor da ideia -- e que o conhecido elitismo de Mega Ferreira teria oposto alguma resistência» (CETEMPúblico <i>par=ext73327-nd-98b-2</i>)</p> <p>> <i>partidismo</i></p> <p>«⇔ partidarismo («1 paixão partidária; proselitismo; 2 facciosismo»)» (DPE 2006)</p> |
|---|---|

Em relação aos derivados em *-ismo* formados sobre estas bases, temos de referir que a carga semântica que marca o valor de coletivo presente na base parece secundarizada perante os predicados/atributos/qualidades/propriedades que permitem definir determinado grupo homogéneo enquanto tal. Assim, as bases *academia*, *elite* e *partido* contribuem para o significado do derivado em *-ismo* não tanto com o seu valor de coletivo mas sobretudo com o conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades comuns a todos os elementos de cada coletivo. O derivado em *-ismo* denominará uma ‘atitude’⁹⁸ (*elitismo*) ou uma ‘prática’ (*academismo*, *elitismo* e *partidismo*) que são representados por conjunto(s) de indivíduos que partilham determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades.

Destacam-se dois dos nomes portadores do valor coletivo por dizerem respeito a um conjunto de entidades não necessariamente portadoras percecionadas como humanas:

- | | |
|---|--|
| <p>60. <i>colecção</i></p> <p>«1 reunião de objectos da mesma natureza; 2 conjunto; ajuntamento» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>coleccionismo</i></p> <p>«1 actividade ou hábito de coleccionar, 2 conjunto dos coleccionadores e as suas</p> |
|---|--|

⁹⁸ O significado ‘atitude’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.4.

	colecções organizadas; 3 hábito ou necessidade doentia de adquirir coisas inúteis» (DPE 2006)
<i>raça</i>	> <i>racismo</i>
«1 grupo de indivíduos pertencentes a um tronco comum e que apresentam particularidades análogas entre os membros da mesma espécie» (DPE 2006)	«doutrina que afirma a superioridade de certas raças e assenta na alegada superioridade o direito de dominar ou mesmo suprimir as outras.» (DPE 2006)

A base *colecção* é marcada por ser inhumana e inanimada enquanto *raça* é animada, podendo ser humana ou inumana. Para o derivado *racismo*, e à semelhança do que sucede com as bases anteriormente referidas, os predicados/atributos/qualidades/propriedades que permitem definir o conjunto *raça* teriam de ser relevantes, uma vez que *racismo* é uma doutrina que se sustenta em determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades apresentados por determinadas *raças*. Os predicados/atributos/qualidades/propriedades que se assumem como relevantes não são, no entanto, constantes. Assim, os predicados/atributos/qualidades/propriedades raciais do indivíduo que perfilha o *racismo* definem, pela sua ausência, a inferioridade de indivíduos de outra(s) *raça*(s).

Observe-se agora a base *colecção*. Os procedimentos, hábitos, comportamentos associados à realização de uma coleção, porque a coleção é também o produto de determinados procedimentos, serão relevantes para a formação do significado do nome em *-ismo*. *Coleccionismo* não é a ‘prática’ associada à reunião de determinados objetos, é a ‘prática’ associada à reunião de objetos que se definem por uma série de predicados/atributos/qualidades/propriedades e cuja prossecução pode implicar determinados procedimentos. São os predicados/atributos/qualidades/propriedades da coleção e da sua realização que transitam para a formação do significado do nome em *-ismo*.

3.4.1.2.3. NOMES ABSTRATOS

O grupo de nomes abstratos presentes nas bases derivacionais de *-ismo* não é semanticamente homogéneo e nele podemos recortar seis subgrupos, portadores de

diferentes graus de abstração. Entendemos que «Los nombres abstractos [...] designan las entidades a las que no atribuimos «una existencia real» [...] Constituyen, pues, «las cualidades que atribuimos a los objetos suponiéndoles separadas o independientes de ellos»». (Bosque 1999: 45).

Rio-Torto & Anastácio 2004 propõem que a abstração seja uma propriedade que não se manifeste de forma idêntica em todos os nomes, mas que se manifesta de forma gradativa⁹⁹. Deste modo, «A propriedade essencial dos nomes abstractos reside na sua dependência ontológica: para poderem referenciar necessitam de um suporte ou de um argumento ou, como afirma Nunes (1996: 122) «o nome abstracto envolve relação pelo menos com a entidade suporte do estado, ou envolvida no processo ou na acção por ele designada»» (Rio-Torto & Anastácio 2004: 213).

A proposta das autoras recai sobre nomes abstratos depredicativos, portanto, faz-se sobre nomes construídos que, quando deverbais, «têm em comum o facto de manterem a estrutura argumental da base» (Rio-Torto & Anastácio 2004: 218-219). Isto mesmo podemos confirmar no nosso *corpus*.

O grupo constituído por nomes designadores de ‘ação/processo/evento’ apresenta nomes deverbais formados a partir do sufixo *-ção* portadores de estrutura argumental igual à do verbo de base.

61. *O clube de cinema vai **exibir** o filme esta noite.*

*A **exibição** do filme pelo clube de cinema é esta noite.*

Além deste nome, existem outros derivados em *-ção* na base derivacional do sufixo *-ismo* (62.). Consideramos de igual modo nomes que apresentem uma leitura deverbal, quer sejam formados no português quer resultem de processos de importação¹⁰⁰.

62. *abolição*

«**1** acto ou efeito de abolir; **2** supressão; extinção; **3** indulto; **4** derrogação» (DPE 2006)

compensação

«**1** acto ou efeito de compensar ou igualar; **2**

> *abolicionismo*

«doutrina dos que defendem a abolição de qualquer instituição, nomeadamente a da escravatura» (DPE 2006)

> *compensacionismo*

«sistema moral que considera lícito não

⁹⁹ Uma reflexão sobre o comportamento do valor ‘abstrato’ nos nomes em *-ismo* será empreendida em § 5.1.3.1.1.

¹⁰⁰ Em § 3.2.2.2.1. procedeu-se à análise morfológica destes nomes.

vantagem que compensa; **3** indemnização; **4** igualdade; **5** lucro; **6** ganho» (DPE 2006)

divisão

«**1** acto ou efeito de dividir ou dividir-se; **2** repartição; partilha; **3** linha de separação; **4** compartimento; **5** discórdia; **6** operação lógica que consiste em as espécies de um género dado; **7** categoria sistemática» (DPE 2006)

expansão

«**1** acto ou efeito de expandir ou de se expandir; alargamento; **2** desenvolvimento; **3** movimento íntimo, espontâneo e comunicativo, de franqueza e estima; desabafo; **4** alegria; **5** difusão» (DPE 2006)

integração

«**1** acto ou efeito de integrar(-se); **2** inclusão de novos elementos num sistema; **3** processo pelo qual uma pessoa ou um grupo se adapta a uma sociedade ou a uma cultura; assimilação; adaptação» (DPE 2006)

observar uma lei duvidosa, mesmo contra uma opinião mais forte em favor da lei contrária» (DPE 2006)

> *divisionismo*

«PINTURA técnica de pintura que consiste na justaposição de pequenas manchas de cores puras aplicadas directamente na tela, em vez de uso de cores previamente misturadas na paleta; escola de pintura que adopta esta técnica» (DPE 2006)

> *expansionismo*

«alargamento; tendência ou doutrina que fomenta a expansão de ideias, influência ou domínio» (DPE 2006)

> *integracionismo*

«atitude que se define pela defesa da integração de uma determinada comunidade minoritária numa outra de maior dimensão» (DPE 2006)

Os derivados em *-ismo* que resultam destes nomes denominam um ‘princípio epistemológico’¹⁰¹ (*abolicionismo, compensacionismo*), uma ‘práxis’¹⁰² (*divisionismo*), uma ‘prática’¹⁰³ (*expansionismo, integracionismo*) ou uma ‘atitude’¹⁰⁴ (*integracionismo*) que se fundamentam na realização continuada do ato enunciado pelas suas bases.

Como nomes de ‘ação/processo/evento’ encontramos ainda nomes postverbais (Rodrigues 2001), exemplificados em 63. Estas bases não apresentam um comportamento significativamente distinto daquele apresentado pelas bases de 62.

¹⁰¹ O significado ‘princípio epistemológico’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.2.

¹⁰² O significado ‘práxis’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.1.

¹⁰³ O significado ‘prática’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.

¹⁰⁴ O significado ‘atitude’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.4.

63. *cálculo* > *calculismo*
 «1 acto ou efeito de calcular; 2 resolução de problema aritmético ou algébrico; 3 designação geral de alguns ramos das matemáticas superiores (cálculo diferencial, integral, etc.); 4 [fig.] conjectura; 5 [fig.] plano; desígnio» (DPE 2006)
reforma > *reformismo*
 «1 acto ou efeito de reformar; 2 nova forma; 3 nova organização; 4 mudança para melhor; melhoramento» (DPE 2006)
 «modo de proceder do calculista; atitude da pessoa que orienta cuidadosamente a sua actividade, submetendo-a incondicionalmente à defesa dos seus próprios interesses» (DPE 2006)
 «tendência ideológica para promover a transformação política e económica da sociedade por meio de reformas enxertadas na legislação e instituições preexistentes» (DPE 2006)

Na base derivacional de *-ismo* encontramos ainda nomes abstratos, maioritariamente de estrutura construída, denominadores de ‘propriedade/qualidade de’ ou de ‘área do conhecimento’.

Os nomes de ‘propriedade/qualidade de’, portadores na sua generalidade de estrutura compósita, apresentam a terminação *-ia* e não dispõem de estrutura argumental (64.). O significado do derivado em *-ismo* irá construir-se sobre o predicado/atributo/qualidade/propriedade denominado pela base.

64. *anacronia* > *anacronismo*
 «Elas estão ali para, em harmoniosa **anacronia**, mostrar aos automobilistas o caminho para uma demonstração de caça com falcões, semelhantes às de outros tempos -- a última iniciativa da Feira Medieval que este fim-de-semana voltou a invadir a cidade do Mondego» (CETEMPúblico: *par=ext314185-soc-98a-4*)
regalia > *regalismo*
 «1 privilégio do rei; 2 prerrogativa; vantagem; benefício; 3 privilégio que resulta de determinada actividade profissional; 4
 «1 erro de cronologia; 2 erro de atribuir a uma época o que pertence a outra; 3 coisa própria de época diferente» (DPE 2006)
 «sistema político dos que defendem os direitos do Estado nas suas relações com a Igreja» (DPE 2006)

imunidade» (DPE 2006)

No grupo de bases nominais que designam a ‘propriedade/qualidade de’ também existem estruturas simples como as apresentadas em 65.

65. *humor* > *humorismo*
 «1 capacidade para apreciar o que é divertido ou cómico; 2 veia cómica; 3 disposição de ânimo; 4 temperamento; índole» (DPE 2006)
 «qualidade do escritor humorista; estilo humorístico; boa disposição de espírito; veia cómica » (DPE 2006)
- rigor* > *rigorismo*
 «1 resistência à tensão; rigidez; dureza; força; 2 severidade; inflexibilidade; 3 exactidão; precisão; concisão; 4 auge do frio ou do calor; 5 insensibilidade; indiferença» (DPE 2006)
 «qualidade de rigoroso; rigor exagerado; moral severa; austeridade; pontualidade em questão de etiqueta; severidade extrema na interpretação e aplicação das leis morais» (DPE 2006)
- sexo* > *sexismo*
 «1 conjunto de características físicas e funcionais que distinguem o macho da fêmea; 2 conjunto de pessoas que têm morfologia idêntica relativamente ao aparelho sexual; 3 órgãos sexuais» (DPE 2006)
 «atitude de discriminação tomada por muitos homens contra as mulheres, que tem por base o sexo» (DPE 2006)
- vácuo* > *vacuísmo*
 «1 ausência de matéria ponderável; 2 FÍSICA espaço onde não existem moléculas nem átomos» (DPE 2006)
 «doutrina dos que admitem que, para além dos mundos, só existe o vácuo» (DPE 2006)

À semelhança das anteriores, estas bases denominam um predicado/atributo/qualidade/propriedade que estará presente no significado do derivado em *-ismo*, que atualizará os significados de ‘qualidade’¹⁰⁵ (*humorismo*, *rigorismo*), ‘atitude’ (*sexismo*) e ‘princípio epistemológico’ (*vacuísmo*).

A terminação *-ia* (que já vimos formar nomes de ‘fenómeno patológico’ e de ‘propriedade/qualidade de’ usados como base de *-ismo*) possibilita ainda a formação de nomes que denominam uma ‘área do conhecimento’ (66.). O grupo de nomes em *-ia*

¹⁰⁵ O significado ‘qualidade’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.1.

portadores deste significado é numericamente mais relevante do que aquele que vimos denominar uma ‘propriedade/qualidade de’.

- | | |
|--|---|
| <p>66. <i>biologia</i>
«ciência que estuda os seres vivos, os fenómenos vitais e as suas leis» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>biologismo</i>
«1 BIOLOGIA sistema que foca a realidade e a vida unicamente do ponto de vista biológico, considerando a vida orgânica como única forma de vida e os organismos individuais como individuações da vida em geral; 2 regime alimentar baseado no uso exclusivo de produtos naturais» (DPE 2006)</p> |
| <p><i>eugenia</i>
«aplicação racional das leis da genética à reprodução humana, preconizada pelo naturalista inglês Francis Galton (1822-1911), com o fim de obter a melhoria das estirpes, tanto do ponto de vista físico como mental» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>eugenismo</i>
«doutrina dos eugenistas» (DPE 2006)</p> |
| <p><i>teologia</i>
«1 estudo dos princípios e questões de uma religião; 2 meditação a respeito da existência de Deus e dos Seus atributos e relações com o Universo» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>teologismo</i>
«abuso da teologia, das discussões teológicas» (DPE 2006)</p> |

As bases apresentadas em 66. permitem ao derivado em *-ismo* construir um nome de ‘princípio epistemológico’ (*biologismo*, *eugenismo*) ou de ‘prática’ (*teologismo*) que se enquadra no que são os princípios e pressupostos da área do conhecimento a que pertencem.

Encontramos ainda nomes de ‘condição/estado’ na base derivacional de *-ismo*. Servem de exemplo os nomes presentes em 67. As bases que apresentam possibilitam a criação de um nome em *-ismo* cujo significado se constrói sobre os predicados/atributos/qualidades/propriedades que caracterizam a condição ou estado enunciados pela base.

67. *anarquia* > *anarquismo*
 «1 falta de chefe; 2 falta de governo; 3 regime em que não há governo; 4 negação do princípio da autoridade; 5 concepção política que exclui da sociedade todo o direito de coerção sobre o indivíduo» (DPE 2006)
nirvana > *nirvanismo*
 «1 no Budismo, extinção do desejo, da aversão e da ignorância que conduz à libertação de todo o sofrimento; 2 estado de libertação suprema» (DPE 2006)
 «⇔ **budismo** (religião fundada por Buda, hoje difundida no Tibete, no Sião e em parte da China e da Índia, que aconselha a extinção de todo o desejo e a renúncia a toda a actividade; corrente filosófica que defende a renúncia contra a reacção ao sofrimento e a necessidade de eliminar o desejo de viver)» (DPE 2006)

Além dos nomes de ‘propriedade/qualidade de’ outros nomes apresentam estrutura simples. De facto, verificamos que os nomes que denominam um sentimento (68.) e os que denominam uma entidade (69.) são maioritariamente de estrutura simples.

68. *amor* > *amorismo*
 «1 sentimento que predispõe a desejar o bem de alguém; 2 sentimento de afecto ou extrema dedicação; apego; 3 sentimento que nos impele para o objectos dos nossos desejos; atracção; paixão; 4 afecto; inclinação » (DPE 2006)
terror > *terrorismo*
 «1 grande medo; pavor; pânico» (DPE 2006)
 «sistema de governo por meio de terror e de medidas violentas; actos violentos praticados contra um governo, uma classe dominante ou pessoas desconhecidas que acidentalmente se deslocam em meios de transporte, ruas, etc.; aspecto terrível; modalidade de acção da guerra subversiva pela qual se procura criar a

insegurança dos dirigentes políticos e militares e o medo na população civil» (DPE 2006)

As bases que denominam um sentimento são assumidas pelos predicados/ atributos/qualidades/propriedades que reconhecemos como próprios desse sentimento. O sufixo procura esses traços definitórios do sentimento e sobre eles cria o significado do seu produto. Por exemplo, a ‘prática’ que se funda sobre a utilização do *terror*, procura sobretudo os seus efeitos no comportamento dos indivíduos, que tendem a atuar de forma passiva, ou seja, a não oferecer oposição.

Bases como as que se encontram em 69. são muito pouco frequentes. Caracterizam-se por denotarem uma entidade conceptual portadora de elevado grau de abstração sobre a qual o nome em *-ismo* irá construir o seu significado.

69. *manes*

«**1** as almas dos mortos consideradas como divindades, entre os Romanos; **2** deuses infernais do paganismo; **3** [fig.] a memoria dos antepassados» (DPE 2006)

psique

«**1** conjunto dos processo psíquicos, conscientes e inconscientes (C. G. Jung, psicólogo e psicanalista suíço, 1875-1961); **2** personificação do psiquismo (termo empregado por alguns psicólogos contemporâneos para evitar as implicações religiosas e espirituais das palavras alma e espírito)» (DPE 2006)

> *manismo*

«teoria de Herbert Spencer, filósofo inglês (1820-1903), segundo a qual a religião teria por origem o culto dos mortos» (DPE 2006)

> *psiquismo*

«conjunto dos fenómenos psíquicos que são objecto da psicologia; conjunto particular de fenómenos psíquicos que formam um todo (psiquismo inconsciente, psiquismo animal, etc.); formas irracionais da actividade psíquica» (DPE 2006)

3.4.1.3. NOMES QUE DENOTAM PERÍODOS DE TEMPO

Destaca-se ainda um pequeno grupo de nomes que, sendo originariamente numerais, são assumidos, enquanto bases derivacionais de *-ismo*, como nomes denominadores de períodos de tempo. Optámos portanto por não analisar estes nomes enquanto numerais. Sustenta esta nossa opção o facto de numa perspetiva morfológica estas palavras apresentarem uma estrutura que equivale à do nome, de apresentarem as

suas propriedades morfossintáticas de género e número e de semanticamente fornecerem ao nome em *-ismo* não a informação de quantidade que comportam, mas a referência ao período em questão.

70. *quatrocentos* > *quatrocentismo*
 «**A num.card.** trezentos mais cem **B s.m.** **1** o número 400 e a quantidade representada por esse número; **2** o que, numa série, ocupa o quadrigentésimo lugar; **3** o século XV» (DPE 2006)
 «estilo, gosto ou expressão da escola literária dos quatrocentistas» (DPE 2006)
- quinhentos* > *quinhentismo*
 «**A num.card.** quatrocentos mais cem **B s.m.** **1** o número 500 e a quantidade representada por esse número; **2** o que, numa série, ocupa o quinquentésimo lugar; **3** o século XVI» (DPE 2006)
 «**1** escola literária que prevaleceu em Portugal no século XVI e princípios do século XVII, formada por influência das obras literárias do Renascimento italiano; **2** gosto ou estilo dos quinhentistas» (DPE 2006)
- seiscentos* > *seiscentismo*
 «**A num.card.** quinhentos mais cem **B s.m.2núm.** **1** o número 600 e a quantidade representada por esse número; **2** o que, numa série, ocupa o seiscentésimo lugar; **3** o século XVII» (DPE 2006)
 «escola literária dos escritores seiscentistas, caracterizada por um estilo rebuscado, em que a forma predominava sobre o conteúdo; cultismo; gongorismo» (DPE 2006)
- setecentos* > *setecentismo*
 «**A num.card.** seiscentos mais cem **B s.m.2núm.** **1** o número 700 e a quantidade representada por esse número; **2** o que, numa série, ocupa o septingentésimo lugar; **3** o século XVIII» (DPE 2006)
 «conjunto dos escritores do século XVIII; feição literária desse século» (DPE 2006)
- vinte* > *vintismo*
 «**A num.card.** dez mais dez **B s.m.** **1** o número 20 e a quantidade representada por esse número; **2** o que, numa série, ocupa o vigésimo lugar» (DPE 2006)
 «sistema liberal dos partidários das ideias da revolução portuguesa de 1820; liberalismo exaltado» (DPE 2006)

Observando o significado do derivado em *-ismo* compreendemos que as bases não são tomadas pelo seu valor semântico de numeral. Pelo contrário, elas permitem

denominar um período histórico ao qual estão associados determinados procedimentos, sobretudo de carácter literário. Funcionando quase como nomes próprios de determinado período, estas bases permitem ao sufixo seleccionar os traços semânticos necessários para denominar uma escola literária ou sistema político. Esses traços semânticos constituem-se por um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades, relacionados com a literatura ou a vida política, assumidos como relevantes no período em questão e, por isso mesmo, capazes de o definir.

Tomando como exemplo *vinte* e *vintismo* compreenderemos melhor a aproximação que fazemos destas bases aos nomes próprios. *Vintismo* diz inquestionavelmente respeito a um sistema político decorrente da ideologia política surgida em Portugal nessa década do século XIX. Portanto, enquanto base de um nome em *-ismo*, *vinte* denota os anos 20 a 29 do século XIX em Portugal e toda a ideologia política então veiculada, não se referindo a idêntico período de nenhum outro século ou de nenhum outro país.

3.4.2. PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DOS ADJETIVOS/NOMES

Como referimos (§ 3.1.3.), algumas das bases derivacionais de *-ismo* são categorialmente classificáveis como adjetivo/nome. O facto de ser impossível, fora de contexto sintático, não acessível à componente genlexical, definir a natureza categorial de certas palavras levou-nos a optar pela criação deste grupo de bases. Outra particularidade destas bases é a de existir um núcleo de significado que se mantém idêntico quer sejam tomadas como nome, quer sejam tomadas como adjetivo. A categoria ativada de nome ou adjetivo irá orientar a leitura que se exerce sobre esse significado nuclear; contudo este dado não parece ser relevante para a formação de nomes em *-ismo*.

Tomando em consideração o valor semântico destas bases podemos então recortar cinco subgrupos: ‘propriedade/qualidade’, ‘profissão/atividade’, ‘naturalidade’, ‘partidário de’ e ‘condição’.

3.4.2.1. ‘PROPRIEDADE/QUALIDADE’

Abordemos o primeiro grupo, constituído por vocábulos classificados como adjetivo/nome e que apresentam uma ‘propriedade/qualidade’ como seu significado nuclear. Quando utilizadas como adjetivo estas palavras permitem fazer a atribuição dessa ‘propriedade/qualidade’ e quando utilizadas como nome denominam um indivíduo que se caracteriza por apresentar essa ‘propriedade/qualidade’. Como referimos, é relevante que esta ‘propriedade/qualidade’ se mantenha intocada nas duas atualizações, pois é essa inalterabilidade que possibilita que consideremos estar perante uma única unidade com duas manifestações categorialmente distintas.

- | | |
|--|---|
| <p>71. <i>analfabeto</i></p> <p>«1 que ou o que não sabe ler nem escrever; que ou o que desconhece o alfabeto; 2 que ou o que é ignorante» (DPE 2006)</p> <p><i>profissional</i></p> <p>«<i>adj.2gén.</i> 1 pertencente ou respeitante a profissão; 2 que prepara para certas profissões; 3 que desempenha o seu trabalho de modo sério, rigoroso, competente B
<i>s.2gén.</i> 1 o que sabe de uma profissão; 2 aquele que desempenha o seu trabalho com seriedade, rigor, competência» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>analfabetismo</i></p> <p>«desconhecimento do alfabeto; falta de instrução; ignorância» (DPE 2006)</p> <p>> <i>profissionalismo</i></p> <p>«conjunto de profissionais e sua actuação; carreira de profissional» (DPE 2006)</p> |
|--|---|

Como já vimos suceder em outros casos, os predicados/atributos/qualidades/propriedades que inerem à base assumem um papel importante na construção do significado do nome em *-ismo* que se faz sobre eles, capaz de secundarizar a formulação categorial que permite a sua inserção a nível sintático.

3.4.2.2. ‘QUE TEM DETERMINADA PROFISSÃO/ATIVIDADE’

A indicação de quem desempenha determinada ‘profissão/atividade’ é habitualmente feita através de palavras que optámos por incluir no grupo do adjetivo/nome. Nestes casos, o nome denomina a entidade que tem determinada ‘atividade/profissão’ e o adjetivo destaca um conjunto de predicados/atributos/

qualidades/propriedades que funcionam como estruturantes ou definitórios dessa atividade ou profissão. O conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades é convocado para a estruturação semântica do derivado em *-ismo* independentemente da sua atualização categorial como nome ou adjetivo.

72. <i>bandido</i>	>	<i>bandidismo</i>
« A <i>s.m.</i> 1 salteador; 2 malfeitor; 3 bandoleiro; 4 ladrão fugido à justiça B <i>adj.</i> 1 bandido; 2 desterrado» (DPE 2006)	«⇔	banditismo («acto ou profissão de bandido»)» (DPE 2006)
<i>funâmbulo</i>	>	<i>funambulismo</i>
« 1 equilibrista que anda ou dança em corda bamba» (DPE 2006)	«profissão ou exibição de trabalhos de funâmbulo »	(DPE 2006)

As bases presentes em 72. comportam um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades sem os quais não se pode desenvolver a ‘prática profissional’¹⁰⁶ denominada pelo nome em *-ismo*. Portanto, estas bases não são tomadas na totalidade da sua significação, mas encaradas como um feixe de predicados/atributos/qualidades/propriedades dos quais o sufixo seleciona os relevantes para a denominação da ‘prática profissional’.

Estas bases apresentam alguma proximidade semântica em relação às bases nominais que denominam o indivíduo ‘que tem determinada ocupação / fonte de rendimento / modo do vida’, abordadas em § 3.4.1.2.1.2. Contudo, apresentam diferenças suficientemente sensíveis para que as abordemos de modos distintos. Devemos então notar que semanticamente, nas bases agora em apreço, há um valor diferenciador entre o nome e o adjetivo. O nome é sempre uma entidade humana, procedendo à denominação de pessoas que desempenham determinada profissão. O adjetivo predica qualquer entidade que apresente os predicados/atributos/qualidades/propriedades que estão no núcleo do seu significado (e que são comuns ao nome). Este conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades inere a todas as entidades que desempenham determinada ‘prática profissional’, mas também pode ser atribuído a entidades humanas ou inumanas.

¹⁰⁶ O significado ‘prática profissional’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.2.

3.4.2.3. ‘NATURALIDADE’

Um outro grupo em que o significado do nome e do adjetivo são de tal modo próximos que não podem ser diferenciados é o das formas utilizadas para indicar ‘naturalidade’.

73. <i>árabe</i>	> <i>arabismo</i>
« A <i>adj.</i> referente à Arábia B <i>s.2gén.</i> natural da Arábia» (DPE 2006)	«palavra ou frase própria da língua árabe» (DPE 2006)
<i>mongol</i>	> <i>mongolismo</i>
« A <i>adj.2.gén.</i> relativo ou pertencente à Mongólia; mongólico B <i>s.2gén.</i> natural ou habitante da Mongólia» (DPE 2006)	« 1 religião do povo da Mongólia; 2 MEDICINA deficiência congénita profunda, associada a uma alteração da estrutura ou no número de cromossomas; que se manifesta por um atraso mental mais ou menos profundo e por características fisionómicas específicas, sobretudo pela face achatada e pela junção dos ossos nasais; síndrome de Down» (DPE 2006)
<i>transmontano</i>	> <i>transmontanismo</i>
« 2 relativo à província portuguesa de Trás-os-Montes B <i>s.m.</i> natural ou habitante de Trás-os-Montes» (DPE 2006)	«locução ou vocábulo privativo da região portuguesa de Trás-os-Montes» (DPE 2006)

Estes vocábulos, na sua maioria integráveis na RFP REL, apresentam, enquanto adjetivos, precisamente o significado de ‘relativo a Nb’; enquanto nomes denominam uma qualquer ‘entidade relacionada com / natural de Nb’. Este nome de base consiste na denominação de uma região. Também aqui, parece importar ao sufixo *-ismo* o conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que associamos ao que é originário ou próprio de determinada região e não o facto em si de ser originário dessa região.

Em relação a estas bases os nomes que denotam entidades humanas e os nomes que denotam entidades inumanas também apresentam um comportamento diferenciado consoante se trate do nome ou do adjetivo. O nome requer a propriedade humano,

portanto, refere sempre uma pessoa. O adjetivo pode aplicar-se a entidades denotadoras de entidade humana ou não humana.

O comportamento do sufixo em relação a estas bases é ligeiramente diferente do que temos vindo a encontrar. As bases são adjetivos/nomes derivados, portadores de um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades convocados para a construção do nome em *-ismo*. Esse conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades pertence à base do adjetivo/nome (Arábia, Mongólia, Trás-os-Montes), deixando suspeitar que se a base derivacional de *-ismo* fosse o nome do país ou região do qual se derivou o adjetivo/nome, o significado do nome em *-ismo* não seria diferente daquele que agora apresenta¹⁰⁷.

O par *mongol* > *mongolismo* apresenta dentro deste grupo um comportamento atípico no que concerne ao segundo significado de *mongolismo* apresentado em 73. Para a construção deste segundo significado, o sufixo seleccionará da base determinados traços semânticos, os que remetem para as características físicas dos indivíduos naturais da Mongólia, usando-os analogicamente para denominar uma patologia que confere um fâcies semelhante ao dos indivíduos naturais da Mongólia. Esta analogia torna-se mais clara na definição apresentada na versão electrónica do Dicionário da Porto-Editora: «(medic.) forma de atraso mental profundo, acompanhado de conformação fisionómica característica, semelhante à dos Mongóis».

3.4.2.4. ‘PARTIDÁRIO DE’

Os adjetivos/nomes apresentam ainda como valor semântico o de ‘partidário de’, exemplificado nos nomes de 74. Estas bases indicam a pertença consciente e deliberada a determinado grupo definido por uma série de predicados/atributos/qualidades/propriedades e/ou convicções e/ou práticas e/ou atitudes.

74. <i>jacobino</i>	> <i>jacobinismo</i>
«A s.m. 1 POLÍTICA membro dum clube político francês revolucionário (Clube dos Jacobinos), fundado em Paris em 1789,	« 1 POLÍTICA doutrina revolucionária dos jacobinos, que tinham como objectivo acabar com as diferenças de classes e com a

¹⁰⁷ Em § 3.4.3.1.2. apresentam-se de forma mais desenvolvida casos em que à estrutura morfológica da unidade construída tomada por base não corresponde uma leitura semântica composicional. Esses casos diferenciam-se do agora abordado por a sua construção semântica ser mais claramente ancorada num nível derivacional não imediatamente anterior.

cujas reuniões se faziam no antigo convento de frades com o mesmo nome; **2** POLÍTICA democrata exaltado ou radical; (...) **B** *adj.* **1** relativo ou pertencente aos membros do Clube do Jacobinos; **2** que tem ideias revolucionárias» (DPE 2006)

luterano

«**A** *adj.* relativo ao luteranismo **B** *s.m.* RELIGIÃO seguidor de Lutero ou do luteranismo» (DPE 2006)

realeza; **2** POLÍTICA ideias democráticas avançadas» (DPE 2006)

> *luteranismo*

«**1** RELIGIÃO doutrina religiosa do teólogo e reformador alemão Martinho Lutero (1483-1546), que se caracteriza pelo ataque ao culto dos santos e ao valor dos sacramentos e que defende a livre interpretação da Bíblia; **2** grupo que segue a doutrina desse reformador» (DPE 2006)

Estes vocábulos revelam a capacidade de em simultâneo denominar uma entidade física, sempre humana, que assumiu determinada ‘atitude’¹⁰⁸, ‘princípio epistemológico’¹⁰⁹ ou ‘modo de vida’¹¹⁰, quando funcionam como nomes, e a relação de uma entidade estabelecida com determinada ‘atitude’, ‘princípio epistemológico’ ou ‘modo de vida’, quando funcionam como adjetivos. Portanto, no seu uso nominal (e como vimos suceder para ‘profissão/atividade’ e ‘naturalidade’) estas bases têm por objeto de referência uma pessoa, mas no seu uso adjetival podem predicar quer um indivíduo, quer uma entidade inumana.

Em 75.a) *luterano* claramente denomina o indivíduo que assumiu determinados princípios retirados da doutrina elaborada por Lutero. Já em 75.b) surge o adjetivo na sua forma feminina predicando o nome *doutrina*, apresentando como significado ‘elaborada por Lutero’. Portanto, sendo nome ou adjetivo, o significado base é o mesmo ‘relativo a/de Lutero’, o que impossibilita a classificação categorial fora de contexto sintático. Estes exemplos permitem ainda observar o diferente comportamento das duas categorias em relação à propriedade humano.

¹⁰⁸ O significado ‘atitude’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.4.

¹⁰⁹ O significado ‘princípio epistemológico’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.2.

¹¹⁰ O significado ‘modo de vida’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.3.

75. a) O *luterano* parecia irredutível.
b) A doutrina *luterana* foi rapidamente compreendida.

A base adjetival/nominal *luterano* apresenta um comportamento peculiar a que já fizemos alusão neste trabalho (§ 3.4.2.3.), e que será retomado adiante (§ 3.4.3.1.2.). O significado do derivado em *-ismo* parece não se construir sobre o significado da forma adjetival/nominal *luterano*, mas sim sobre o da base derivacional desta, ou seja, sobre o nome *Lutero*. De certo modo, é como se o sufixo *-ismo* tivesse capacidade de anular ou de esvaziar de significado o sufixo *-an-* morfológicamente presente na base adjetival/nominal a que se acopla, e também a de aceder a uma forma que se encontra a um nível estrutural mais profundo, dela retirando os predicados/atributos/qualidades/propriedades de que necessita para formar o significado do seu produto¹¹¹.

3.4.2.5. ‘CONDIÇÃO’

Um último valor semântico se encontra associado aos adjetivos/nomes, o de ‘condição’.

- | | |
|--|---|
| <p>77. <i>escravo</i></p> <p>«A s.m. 1 aquele que vive em absoluta dependência de alguém; 2 pessoa privada de liberdade e submetida a um poder absoluto; (...) B adj. 1 cativo; 2 subjugado; dominado» (DPE 2006)</p> <p><i>parasita</i></p> <p>«A s.m. 1 BIOLOGIA animal ou planta que, associado com outro ser vivo, o prejudica de qualquer modo (...) B adj.2gén. 1 BIOLOGIA (animal, planta) que, associado com outro ser vivo, o prejudica de qualquer modo; 2 que vive à custa de outrem; 3 inútil; supérfluo» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>escravismo</i></p> <p>«organização social que admite a escravatura; esclavagismo» (DPE 2006)</p> <p>> <i>parasitismo</i></p> <p>«1 qualidade, hábitos ou estado de parasita; enga; 2 BIOLOGIA associação biológica de dois seres, em que um (parasita) prejudica o outro (parasitado ou hospedeiro)» (DPE 2006)</p> |
|--|---|

¹¹¹ A não coincidência entre a estrutura morfológica e a leitura semântica que o sufixo *-ismo* faz da sua base será desenvolvida em § 3.4.3.1.2.

Nestes casos, o nome tem por função denominar a entidade que apresenta determinada condição e o adjetivo destaca os predicados/atributos/qualidades/propriedades que determinam essa condição. O derivado em *-ismo* constrói o seu significado sobre esses predicados/atributos/qualidades/propriedades que definem o nome e o adjetivo. Atente-se no nome *parasitismo* que denomina um ‘modo de vida’¹¹². As condições em que este ‘modo de vida’ se desenrola dependem de um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades próprios do que é *parasita* e não das entidades que os podem apresentar. O termo *parasita* é aplicável quer a microorganismos quer a organismos complexos, contudo para a construção do derivado em *-ismo* esse dado é totalmente irrelevante, importando apenas o conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que os definem.

A análise dos cinco grupos semânticos das bases adjetivais/nominais permitiu verificar que apresentam um comportamento diferenciado no que diz respeito ao modo como o significado nuclear é categorialmente atualizado. Assim, ao nome cabe sempre a denominação de entidade portadora de determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades enquanto ao adjetivo cabe a tarefa de atribuir esses predicados/atributos/qualidades/propriedades. Apesar das diferentes configurações categoriais, o sufixo *-ismo* parece conseguir sempre aceder à informação de que necessita para construir o significado do seu derivado, sendo essa informação o predicado/atributo/qualidade/propriedade que inere à base.

Verificámos igualmente que a informação de humano ou inumano não se comporta do mesmo modo na utilização nominal e na utilização adjetival da palavra. A sua aplicação ao adjetivo não é restritiva, podendo aparecer marcada positiva e negativamente. Quando aplicado ao nome, são ativadas determinadas restrições de natureza semântica. Deste modo, o conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que constitui o núcleo semântico da forma classificada como adjetivo/nome pode levar a que esse traço tenha de ser obrigatoriamente marcado como positivo no caso do nome para os valores de ‘profissão/atividade’, ‘naturalidade’ e ‘partidário de’.

¹¹² O significado ‘modo de vida’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.3.

Mais uma vez, estamos perante nomes e adjetivos capazes de funcionar predicativamente, sendo o sufixo *-ismo* capaz de aceder aos predicados/atributos/qualidades/propriedades veiculados e tidos como relevantes, independentemente do modo como estes são categorialmente formalizados.

3.4.3. PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DOS ADJETIVOS

Analisa-se nesta secção os traços semânticos dos adjetivos que se encontram na base derivacional de *-ismo*. Como sabido, o adjetivo é «una classe de palabras cuyos miembros tienen unas características formales muy precisas; y es también una categoría semántica: hay un tipo de significado que se expresa preferentemente por medio de adjetivos. Como categoría gramatical puede ser un atributo o modificador del nombre sustantivo» (Demonte 1999: 133). A capacidade predicativa, própria do adjetivo, é explanada do seguinte modo por Rio-Torto: «entendendo-se por predicção a capacidade que ele activa de atribuir e/ou de modificar uma determinada propriedade ao denotado pelo nome a que se encontra associado.» (Rio-Torto 2006c: 105). Infere-se desta afirmação que a função de um adjetivo, a de «atribuir e/ou de modificar uma determinada propriedade ao denotado pelo nome a que se encontra associado.», só existe, portanto, pela relação que ele estabelece com um nome. A relação do adjetivo com o nome que predica implica que os adjetivos sejam «términos generales y por ello pueden aplicarse a múltiples objetos» (Demonte 1999: 134), referenciados por meio dos nomes.

Genericamente, o adjetivo apresenta os seguintes traços definitórios «generalidad o independencia del objeto, capacidad para adscribir propiedades o características a los objetos y a los acontecimientos y graduabilidad» (Demonte 1999: 135-136). À semelhança do que acontece com o nome e o verbo, os adjetivos são suscetíveis de ser subclassificados em função de determinadas propriedades que se encontram em certos elementos da categoria e não em outros. No entanto, «As formas de se classificar os adjetivos variam muito de autor para autor. Tanto a nomenclatura utilizada pelos diversos teóricos, quanto os fatos por eles classificados divergem.» (Bertoldi & Chishman 2006: 329).

O artigo já citado de Rio-Torto (2006c) procura fazer um ponto da situação relativamente ao estudo do adjetivo e à sua classificação e pode, nesta medida,

funcionar como uma síntese das diferentes leituras de que a classificação dos adjetivos tem sido alvo. Da leitura deste artigo compreende-se como a classificação ou estabelecimento de classes semântico-funcionais dentro da categoria do adjetivo está dependente do entendimento da relação que este estabelece com o nome que predica e das leituras que as estruturas sintáticas lhe podem incutir.

Sendo por definição uma categoria «de natureza essencialmente gregária, adjuntiva, no sentido em que tem de estar associado a um Nome ou a um Verbo» (Rio-Torto 2006c: 104), a interpretação semântica dos adjetivos depende, como já afirmado, em grande parte, da relação estabelecida com estas categorias. O artigo em referência mostra como realmente assim é. Ao apresentar a súmula de critérios que permitem definir cada uma das classes do adjetivo, são apresentados critérios de natureza sintática. Como consequência, na sua generalidade, estas classes não definem o significado nuclear do adjetivo (ainda que nele estejam ancoradas), mas o significado ativado quando o utilizamos em contexto com determinado verbo ou nome, pelo facto de serem argumentativamente dependentes, ou de surgirem em posição pré- e/ou pós-nominal. O problema que estes dados nos colocam é o de invocarem propriedades que decorrem do significado do adjetivo e não de invocarem propriedades que estruturam esse significado. Observemos o exemplo de *homem pobre* e *pobre homem* para esclarecer o que afirmamos. Fazemos diferentes leituras destas duas estruturas porque «Em português europeu, a posição prenominal é tipicamente marcada sob o ponto de vista avaliativo e/ou afectivamente, face à posnominal, tipicamente não marcada quanto a esses traços. Em anteposição são valorizados os valores expressivos dos adjectivos, e em posposição os valores informativos ou denotativos» (Rio-Torto 2006c: 107). Estes dados são inquestionáveis para a leitura das estruturas apresentadas, no entanto, quando o adjetivo *pobre* é tomado por base derivacional (e portanto fora de qualquer estrutura sintática), os valores «expressivos» não surgem no significado do derivado (78.).

78. *pobre*

«adj. 2 g.

1. Que aparenta ou revela pobreza (ex.: *ambiente pobre*). = HUMILDE ≠ LUXUOSO, RICO

2. Que é mal dotado, pouco favorecido.

3. Que tem pouca quantidade (ex.: *dieta pobre em gorduras*).

4. Que produz pouco (ex.: *solos pobres*). ≠ RICO

5. [Figurado] Que revela pouca qualidade (ex.: *o filme é muito pobre em efeitos especiais*).

adj. 2 g. s. 2 g.

6. Que ou quem não tem ou tem pouco do que é considerado necessário, vital. = NECESSITADO

7. Que ou quem tem poucos bens ou pouco dinheiro. ≠ = RICO

8. Que ou quem desperta compaixão, pena (ex.: *pobres crianças; nem sei como é que aquela pobre aguenta. a situação*). = COITADO, INFELIZ

s. 2 g.

9. Pessoa que pede esmola (ex.: *ainda há muitos pobres na rua*). = MENDIGO, PEDINTE» (<URL: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pobre>>; 27/03/2012)

pobremente

«De modo pobre»

(<URL: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pobremente>>; 27/03/2012)

pobretana

«1. Pobretão.

2. Pessoa pobre»

(<URL: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pobremente>>; 27/03/2012)

pobretão

«1. Homem muito pobre.

2. O que pede sem necessidade.

3. Indivíduo sem posses que se faz passar por rico. = PELINTRA»

(<URL: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pobretão>>; 27/03/2012)

pobrete

«adj.

1. Um tanto pobre.

s. m.

2. Homem digno de piedade, mísero.»

(<URL: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pobrete>>; 27/03/2012)

pobreza

« 1. Estado ou qualidade de pobre.

2. Falta do necessário à vida; escassez, indigência, penúria.

3. A classe dos pobres.

4. Pequeno número, pouca abundância.»

(<URL: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pobreza>>; 27/03/2012)

pobrezinho

« s. m.

1. Mendigo.

adj.

2. Diminutivo de pobre.

3. Coitadinho.»

(<URL: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pobrezinho>>; 27/03/2012)

pobrinho

« adj. s. m.

Que ou quem é pobrezinho.» (<URL:

<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pobrinho>>; 27/03/2012)

O que o significado dos derivados da base adjetival *pobre* nos mostra é que o significado transportado para o derivado é o seu significado nuclear de ‘que tem pouca quantidade de’. O valor afetivo associado ao adjetivo não é o que mais sobressai. Apenas os derivados *pobrete* e *pobrezinho* apresentam valores «expressivos» associados ao seu significado, «Que ou quem desperta compaixão, pena». Note-se contudo que os sufixos *-ete* e *-zinh-* são sufixos avaliativos, o que seguramente explicará a ativação de um significado da base que é menos saliente, mas que melhor se articula com o significado dos sufixos¹¹³. Em relação ao adjetivo simples *pobre*, este valor afetivo é instanciado sobretudo pelas estruturas sintáticas em que surge (*pobre homem*).

Esta reflexão procura mostrar como as classificações recaem significativamente sobre os valores semânticos que podem ser instanciados e não tanto sobre o significado nuclear no qual se sustentam. Como procurámos demonstrar, um critério como o da posposição ou preposição do adjetivo em relação ao nome não afere tanto do seu significado nuclear, mas sobretudo de significados eventualmente menos salientes que se associam não tanto ao adjetivo, mas sobretudo à estrutura sintática. Segundo nos parece, e aqui reside a dificuldade que estas análises nos colocam, este tipo de dados não está acessível aos sufixos derivacionais, uma vez que diz respeito a um significado que pode ser associado ao adjetivo pela estrutura sintática em que é utilizado. Porém, para definir a base derivacional do sufixo necessitamos de compreender os dados semânticos próprios dos adjetivos a que o sufixo *-ismo* é sensível¹¹⁴. Retomando novamente o exemplo de *pobre*, a leitura afetiva que se encontra em *pobrete* e *pobrezinho* só é possível pela coarticulação dos significados da base e dos sufixos. Se o valor «Que ou quem desperta compaixão, pena» não existisse na base, ele não poderia ser ativado pelos sufixos avaliativos. Contudo, a inexistência deste valor no adjetivo *pobre* não o impediria de, pelas razões invocadas, na estrutura *pobre homem* instanciar uma expressão de valor afetivo.

Por conseguinte, cremos que nem todos os elementos utilizados para a habitual classificação dos adjetivos nos possam ser úteis, uma vez que fornecem informações inacessíveis ao sufixo e à componente genolexical. Nas secções seguintes faremos uso

¹¹³ Sobre os mecanismos de coindexação que originam estes fenómenos ver § 5.1.4.

¹¹⁴ Recordamos que a inacessibilidade do sufixo aos dados sintáticos justificou que definíssemos um grupo de bases como adjetivo/nome, já que a determinação inequívoca da categoria só poderia ser feita em contexto sintático (§ 3.3.4).

dos critérios que nos parecem poder estar acessíveis, enquanto informação derivacionalmente relevante, aos afixos, neste caso a *-ismo*. Nesta medida, julgamos que a estrutura morfológica do adjetivo, nas suas implicações semânticas, está acessível ao sufixo (§ 3.4.3.1.). De igual modo, julgamos possível, dentro dos critérios que em função de algumas propostas utilizámos, delimitar duas classes de adjetivos, a de qualificativo e de relacional (§ 3.4.3.2.).

3.4.3.1. ESTRUTURA MORFOLÓGICA

A análise da estrutura morfológica das bases derivacionais de *-ismo* (§ 3.2.2.), mostrou que estas poderiam ser não complexas não construídas, complexas não construídas ou construídas. Como assinalado por Rio-Torto 2006c, estas diferentes estruturas morfológicas têm consequências para a estrutura semântica do adjetivo, pelo que serão aqui retomadas para serem alvo de uma análise semântica.

3.4.3.1.1. SEMÂNTICA DOS ADJETIVOS DE ESTRUTURA SIMPLES

Começamos pelos adjetivos que apresentam um radical simples, isto é, não complexo não construído. Estes adjetivos são surpreendentemente minoritários, cerca de 111 num total de 359 adjetivos, apresentando-se um pouco em contraciclo com as restantes bases, uma vez que estruturalmente as bases preferenciais do sufixo são simples. Para elucidar quanto ao diferente comportamento que neste ponto as bases adjetivais apresentam relativamente às restantes, expomos os seguintes dados percentuais: o total de bases simples do nosso *corpus* é de 62%; porém relativamente aos adjetivos, estas bases são de apenas 32%; o total de bases complexas do nosso *corpus* é de apenas 38%, apresentando os adjetivos 68% de bases complexas. Em 79. exemplificam-se alguns dos adjetivos de estrutura simples que encontramos na base derivacional de *-ismo*.

79. *actual*

«1 que existe presentemente ou no tempo em questão; 2 efectivo; real; 3 moderno; FILOSOFIA que está em acto; que adquiriu a

> *actualismo*

«1 GEOLOGIA doutrina segundo a qual os fenómenos geológicos do passado podem ser explicados pelas mesmas causas

sua forma final, acabada» (DPE 2006)

elegante

«**1** que tem elegância; **2** bem proporcionado; formalmente harmonioso; **3** esbelto; **4** que mostra bom gosto através de comportamento ou aparência; **5** requintado; chique; **6** delicado; cortês» (DPE 2006)

pleno

«**1** que está cheio; completo; **2** sem restrições; total; inteiro; absoluto; **3** perfeito» (DPE 2006)

secreto

«**1** que se guarda oculto; **2** que está em segredo; não divulgado; **3** discreto; **4** revelado apenas a algumas pessoas; confidencial; **5** ignorado; escondido; **6** não revelado; encoberto; dissimulado; **7** íntimo; reservado; **8** recôndito» (DPE 2006)

observadas na actualidade; **2** SOCIOLOGIA método que se baseia na observação de factos actuais» (DPE 2006)

> *elegantismo*

«elegância considerada excessiva ou afectada; dandismo» (DPE 2006)

> *plenismo*

«sistema filosófico de Leibniz, filósofo alemão (1646-1716), segundo o qual o Universo é completamente ocupado pela matéria, não existindo o vácuo» (DPE 2006)

> *secretismo*

«uso sistemático do segredo; uso do segredo na condução de um negócio ou na execução de um plano» (DPE 2006)

Como se pode ver pelos exemplos de 79., os adjetivos de estrutura morfológica simples apresentam um significado semanticamente não complexo («os adjectivos de estrutura morfológica simples, não derivada (*alto, baixo, curto, longo, gordo, magro, grande, pequeno, bonito, feio, fiel, bom, mau, capaz*) são semanticamente unidimensionais.» (Rio-Torto 2006b: 110)). Ao contrário do que vimos suceder em outros momentos, o significado da base é tomado pelo sufixo na sua totalidade e sem recurso a qualquer estratégia de analogia ou de seleção de traços semânticos. Para o nome em *-ismo* transitará o predicado/atributo/qualidade/propriedade comportado pelo adjetivo. Esse predicado/atributo/qualidade/propriedade servirá como base para a construção do significado do nome que sobre ele elaborará um significado que permite

proceder à denominação de um ‘princípio epistemológico’¹¹⁵ (*actualismo, plenismo*), de uma ‘qualidade’¹¹⁶ (*elegantismo, secretismo*) ou de uma ‘prática’¹¹⁷ (*secretismo*) que o tomam como elemento central.

3.4.3.1.2. SEMÂNTICA DOS ADJETIVOS DE ESTRUTURA COMPLEXA

Quanto aos adjetivos de estrutura complexa, e que representam a maioria das bases adjetivais dos nomes em *-ismo*, «são, por definição, portadores de uma estrutura morfológica mais enriquecida e, portanto, de uma espessura semântica acrescida e bastante mais complexa.» (Rio-Torto 2006c: 109). Estes adjetivos são formados sobre nomes e verbos; assim «Um adjetivo denominal ou deverbal, porque comporta também a semântica do radical nominal ou verbal que incorpora no seu interior, apresenta uma estrutura semântica composicional fortemente densificada, seja por força do semantismo da base, seja pelo do afixo.» (Rio-Torto 2006c: 109).

80. *amorfo* > *amorfismo*
 «1 que não tem forma determinada; 2 MINERALOGIA não cristalino na estrutura; 3 QUÍMICA diz-se do estado dos corpos cujos átomos ou moléculas se dispõem irregularmente » (DPE 2006) <=> **amorfia** (falta de forma determinada)» (DPE 2006)
- bíblico* > *biblicismo*
 «que diz respeito à Bíblia» (DPE 2006) «1 doutrina bíblica; 2 estudo da Bíblia» (DPE 2006)
- brilhante* > *brilhantismo*
 «1 que brilha; luzente; cintilante; 2 [fig.] muito inteligente; talentoso; 3 [fig.] célebre; notável; 4 [fig.] pomposo; magnífico; 5 [fig.] excelente; excepcional; 6 [fig.] próspero; fluorescente» (DPE 2006) «1 qualidade do que é brilhante; luzimento; 2 magnificiência; pompa; 3 perfeição» (DPE 2006)
- científico* > *cientificismo*

¹¹⁵ O significado ‘princípio epistemológico’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.2.

¹¹⁶ O significado ‘qualidade’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.1.

¹¹⁷ O significado ‘prática’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.

«1 relativo à ciência; 2 que revela ciência »
(DPE 2006)

material

«1 que diz respeito à matéria; 2 formado de matéria; 3 não espiritual; corpóreo; concreto; 4 relativo a bens materiais; referente a dinheiro; 5 pesado; maciço; 6 grosseiro, estúpido; 7 sensual» (DPE 2006)

«Esforço de certos cientistas e sábios de reduzir as teorias da ciência a fórmulas matemáticas » (JPM 1981)

> *materialismo*

«1 FILOSOFIA doutrina segundo a qual toda a realidade se reduz à matéria, que basta para explicar os fenómenos vitais e psíquicos; 2 doutrina ou atitude prática daqueles para quem os valores supremos são de ordem material ou sensível, buscando os bens materiais ou o prazer; 3 atitude de procura dos benefícios e prazeres materiais; obsessão pelos bens materiais ou pelo dinheiro» (DPE 2006)

Nos exemplos de 80. verifica-se como o adjetivo tomado por base derivacional apresenta uma estrutura semântica complexa. É ainda necessário atentar no modo como o sufixo *-ismo* se comporta relativamente a esta estrutura complexa. As bases complexas comportam-se de forma não muito distinta das bases simples, isto é, oferecem ao sufixo um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual o sufixo constrói o significado do nome. Assim, temos nomes de ‘princípio epistemológico’ (*materialismo*), de ‘práxis’¹¹⁸ (*biblicismo*), de ‘qualidade’ (*amorfismo*, *brilhantismo*) e de ‘atitude’¹¹⁹ (*cientificismo*). Os significados introduzidos pelo sufixo vão articular-se com o(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) comportado(s) pela base e que define(m) o ‘princípio epistemológico’, a ‘práxis’, a ‘qualidade’ e a ‘atitude’ denominadas.

Este comportamento não é, no entanto, extensível à totalidade dos adjetivos complexos na base de *-ismo*. Existe um pequeno grupo de bases adjetivais que apresenta um comportamento atípico na medida em que o sufixo parece aceder aos conteúdos semânticos presentes não no adjetivo que lhe serve de base, mas no nome sobre o qual se derivou este adjetivo.

¹¹⁸ O significado ‘práxis’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.3.1.

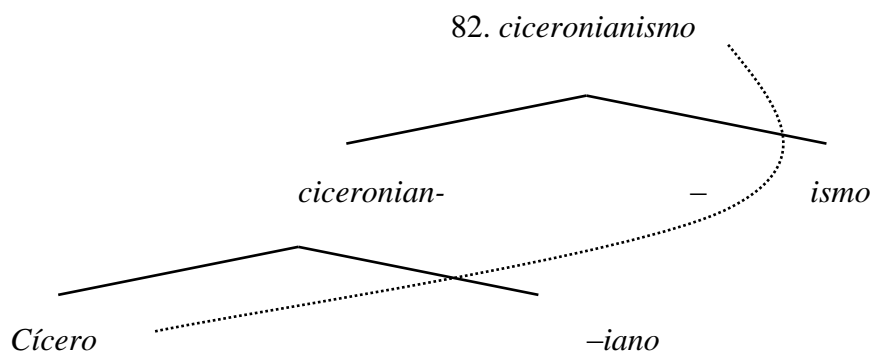
¹¹⁹ O significado ‘atitude’ dos nomes em *-ismo* será abordado mais desenvolvidamente em § 4.1.4.

Veja-se como exemplo o nome de ‘locução’ e ‘prática’ *ciceronianismo*¹²⁰, presente em 81. que não pode ter o seu significado explicado da forma como o fizemos para os nomes de 80. O modo como procedemos à leitura do significado deste nome aparece no esquema apresentado em 82. Observando a estrutura morfológica de *ambientalismo* ou *ciceronianismo*, esperaríamos observar a capacidade do sufixo para aceder ao significado da sua base (*ciceroniano* e *ambiental*), o que é o comportamento habitual de um afixo derivacional. Contudo, a leitura semântica destes nomes revela que não é desse modo que se constrói o significado do derivado em *-ismo*. O significado do produto em *-ismo* sugere que o sufixo tem capacidade para aceder a um nível estrutural mais profundo, recolhendo os valores semânticos das bases nominais *Cícero* e *ambiente*.

81. <i>ambiental</i>	> <i>ambientalismo</i>
«1 relativo a ambiente; 2 que diz respeito ao meio em que se vive» (DPE 2006)	«1 estudo do meio físico em que estão integrados os seres vivos com vista à sua protecção; 2 movimento ou sistema que visa a protecção do meio ambiente e preconiza um maior equilíbrio entre o homem e o meio em que está integrado» (DPE 2006)
<i>ciceroniano</i>	> <i>ciceronianismo</i>
«1 relativo a Cícero, político e orador romano, 106-43 a.C.; 2 eloquente como Cícero ou elevado como o seu estilo» (DPE 2006)	«1 expressão à maneira de Cícero; 2 imitação do estilo de Cícero» (DPE 2006)

Estes nomes tomam por base um adjetivo derivado de um nome próprio (*Cícero* > *ciceronian-*) ou de um nome comum (*ambiente* > *ambiental*). Contudo, parece existir um desencontro entre a sua estrutura morfológica e a leitura semântica de que são alvo. Em 82. servimo-nos do exemplo de *ciceronianismo* para evidenciar a estrutura morfológica $[[[X]_N Y]_{Adj} ismo]_N$, que caracteriza estes nomes, e o acesso que semanticamente o sufixo *-ismo* parece ter a X, ou seja, a base nominal do adjetivo derivado sobre o qual posteriormente se faz a derivação em *-ismo*.

¹²⁰ Na secção anterior (§ 3.1.4.2.) vimos a base *luterano* classificada como adjetivo/nome comportar-se de forma idêntica. Adiante se verá que apesar de categorialmente marcada como adjetivo/nome, esta base apresenta a mesma estrutura morfológica que o grupo de bases do qual faz parte o adjetivo *ciceroniano*.



De facto, *ciceronianismo* denomina uma ‘locução’ ou ‘prática’ que apresenta um conjunto de propriedades que reconhecemos como próprias de determinado indivíduo, Cícero. Portanto, para a construção do significado do nome em *-ismo*, o valor semântico da sua base adjetival (*ciceroniano*) é secundarizado face ao valor semântico nuclear, contido na base nominal Cícero. Estes dados entram em contradição com a Adjacency Condition (Siegel 1977), que prevê que ao sufixo esteja acessível apenas a informação contida no nível derivacional imediatamente anterior, neste caso, a informação contida em *-iano*, que é precisamente a matéria semântica ignorada por *-ismo*.

Da totalidade das bases adjetivais apenas 13 apresentam este comportamento. Dessas 13, sete apresentam uma estrutura idêntica à que vimos em *ciceronianismo*, ou seja, um nome próprio sobre o qual se forma um adjetivo em *-an-*. Os outros exemplos são os de *berkeley]an]ismo*, *confuci]an]ismo*, *hermesi]an]ismo*, *keynesi]an]ismo*, *voltairi]an]ismo* e *wesley]an]ismo*. Os restantes seis nomes têm estrutura semelhante à de *ambiental*, ‘princípio epistemológico ou práxis que se dedica à proteção ou estudo do ambiente’. Assim, apresentam na base derivacional do adjetivo um nome comum através do qual se deriva um adjetivo em *-al* ou *-ic-*; é este o caso de *comportament]al]ismo*, *comun]al]ismo*, *curi]al]ismo*, *econom]ic]ismo*, *fal]ic]ismo* e *providenci]al]ismo*. Para todos estes casos, será necessário recorrer ao nome, próprio ou comum, que permite derivar o adjetivo para adequadamente gerar o significado do derivado em *-ismo*.

Tal como para *ciceronianismo*, temos o significado de ‘locução ou prática fundada no modelo de Cícero’, assim para os restantes nomes temos:

- *berkeleyanismo*, ‘princípio epistemológico estabelecido por Berkeley’;
- *confucianismo*, ‘princípio epistemológico estabelecido por Confúcio’;
- *hermesianismo*, ‘princípio epistemológico estabelecido por Hermes’;

- *keynesianismo*, ‘princípio epistemológico estabelecido por Keynes’;
- *voltairianismo*, ‘princípio epistemológico estabelecido por Voltaire’;
- *wesleyanismo*, ‘princípio epistemológico estabelecido por Wesley’.

Interessa ao sufixo *-ismo* o conjunto de elementos que estruturam os fundamentos dos princípios epistemológicos fundados por estes indivíduos. Em consequência, da totalidade de informações semânticas contidas na base, apenas a desse conjunto transitará para o derivado.

Situação idêntica vimos acontecer para os nomes em *-ismo* derivados sobre adjetivos que tomam por base um nome comum.

- *comportamentalismo*, ‘princípio epistemológico que toma por base o comportamento (humano)’;
- *comunalismo*, ‘princípio epistemológico ou prática que toma por base a comuna’;
- *curialismo*, ‘prática da cúria’;
- *economicismo*, ‘princípio epistemológico que toma por base os princípios da economia’;
- *falicismo*, ‘princípio epistemológico que toma por base o falo’;
- *providencialismo*, ‘princípio epistemológico que toma por base a providência’.

Já há muito que estão identificados fenómenos como o referido. Pena, referindo-se a idêntico fenómeno de desencontro entre a estrutura morfológica e a leitura semântica do produto relativamente ao espanhol, dá-lhe a designação de «paradojas del encorchetamiento» (Pena 2003: 507). Este fenómeno «se refiere a la falta de correlación o correspondência entre la estructura formal y la estructura semântica de la palabra compleja o derivada» (Pena 2003: 507), como nos adjetivos *antigripal*, *posconciliar* e *unifamiliar*, «[...] que presentan la secuencia mórfica prefijo-sustantivo-sufijo. Los prefijos que figuran en tales adjetivos indican “adhesión u oposición”, “relación locativa”, “relación temporal” o “cuantificación”» (Pena 2003: 507). Nestes adjetivos, «la relación semântica expresada por el prefijo no se refiere a todo el adjetivo, sino solo a su base nominal» (Pena 2003: 507).

Casos idênticos são referidos para o inglês: «In a case of semantic subtraction, we find a derivation affix (Y) which attaches to an already affixed base ([base+X]),

yelding a word which structurally has the form [[base+X]+Y], but semantically seems to consist only of [base+Y]. That is, the meaning of the affix X plays no role in the interpretation of the derived word [[base+X]+Y].» (Lieber 2004: 174). As estruturas descritas adequam-se às estruturas que apresentámos e descrevem a mesma ausência de participação na construção do significado de um derivado por parte de alguns afixos. Esta descrição foi elaborada sobre afixos distintos dos que estão envolvidos na nossa análise, mas os sufixos abordados por Lieber 2004 e os que abordamos exemplificam o mesmo fenómeno. Tendo em vista a explicação destes casos, a autora postula a hipótese de se determinarem regras que levem ao apagamento da informação semântica desses afixos nos contextos aferidos: «we might need to postulate rules of semantic deletion that operate over composed semantic skeletons» (Lieber 2004: 175). No entanto, nos seus exemplos, e tal como nos nossos, este fenómeno de supressão de informação semântica não é sistemático, pelo que o estabelecimento de uma regra desta natureza seria excessivo. A solução encontrada pela autora é a de alomorfia do sufixo. Aplicando a sua proposta ao nosso estudo, teríamos de admitir que o sufixo *-ismo* apresentaria as variantes alomórficas *-ianismo*, *-alismo* e *-icismo*. Não julgamos que esta solução seja, pelo menos no caso do sufixo em apreço, a mais adequada, ainda que não sejamos capazes de avançar com uma explicação definitiva dos mecanismos que produzem este efeito.

Estes exemplos sugerem-nos que os adjetivos construídos possam ser seleccionados como base derivacional por outras propriedades que não as semânticas, já que o sufixo *-ismo* parece procurar o significado de nível mais profundo, o mesmo significado que se encontra na base do adjetivo. Advogamos que estes nomes, e de forma mais visível nos nomes próprios, se constituam não apenas pela sua função denominativa, mas também, e sobretudo, por um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que associamos ao denominado. A adjetivação denominal confere a estes significados a feição morfossintática de adjetivo que possibilita a atribuição destes predicados/atributos/qualidades/propriedades a nomes. Uma vez que estes valores inerem ao nome, o sufixo *-ismo* pode ir buscá-los diretamente (sem necessitar de recorrer ao adjetivo). Ao assumir este comportamento, o sufixo está a seleccionar para a estrutura semântica do seu derivado a carga semântica do nome e não podemos esquecer que os nomes constituem a categoria mais representada como base

derivacional de *-ismo*. Resta compreender por que razão recorre então ao adjetivo para construir a sua estrutura morfológica.

Como já referimos, não deixa de ser curioso o facto de a maioria das bases adjetivais de *-ismo* ser de estrutura morfológica complexa, uma vez que, como exposto, o sufixo tende a seleccionar radicais simples, em bases categorialmente marcadas como nome, adjetivo ou verbo (§ 3.2.). Ainda de acordo com Rio-Torto 2006c estes adjetivos, sobretudo os de base nominal, são os que, dentro da classe dos adjetivos se apresentam como menos prototípicos, «No outro extremo da escala de prototipicidade estariam os adjectivos derivados, sobretudo denominais, sendo portanto os menos prototípicos.» (Rio-Torto 2006c: 110). Se é curiosa preferência do sufixo por adjetivos complexos, é-o ainda mais o facto de, em alguns casos, a informação semântica do sufixo que forma o adjetivo ser preterida, optando o sufixo por aceder ao valor semântico presente no nome do qual se derivou o adjetivo.

Como vimos, a maioria das bases adjetivais do sufixo *-ismo* apresenta uma estrutura morfológicamente complexa. Essa estrutura complexa tem implicações semânticas e essas implicações estão de certo modo relacionadas com os aspetos semânticos abordados na secção seguinte e que dizem respeito à classificação dos adjetivos como qualificativos ou relacionais.

3.4.3.2. ADJETIVOS QUALIFICATIVOS E ADJETIVOS RELACIONAIS

A classificação dos adjetivos não é um campo consensual, havendo divergências na determinação de classes, nos critérios utilizados e, até, na designação que as classes recebem. Apesar destas divergências, podem definir-se algumas constantes. Uma dessas constantes é a que opõe adjetivos qualificativos a adjetivos relacionais (Brito 2003). Optámos por analisar estas duas classes, não só por constituírem duas classes consensuais e que recorrentemente surgem na bibliografia, mas também por esse trabalho implicar o recurso a vários critérios utilizados para analisar os adjetivos. Como veremos, critérios como a posição predicativa/atributiva, a graduabilidade e a estrutura morfológica simples ou complexa, que servem para

classificar os adjetivos, podem ser coarticulados na análise dos adjetivos em qualificativos ou relacionais.

Em termos genéricos, os adjetivos qualificativos «se refieren a un rasgo constitutivo del nombre modificado, rasgo que exhiben o caracterizan a través de una única propiedad física» (Demonte 1999: 137), assim, «designam cualidades en sentido estricto» (Demonte 1999: 137). Já os adjetivos relacionais, «se refieren a un conjunto de propiedades (todas las características que, conjuntamente, definam a sustantivos como mar, leche, campo) y las veículan» (Demonte 1999: 137) e são «los que indican propiedades que la entidad objeto de modificación posee por su relación con algo externo a ella» (Demonte 1999: 137-138).

Partindo destes pressupostos, analisámos o *corpus* por forma a determinar qual a classe de adjetivo que se encontra na base derivacional de *-ismo*. Os critérios que possibilitam a delimitação destas duas subcategorias não são totalmente uniformes entre os vários autores. Tomámos como referência para a determinação dos critérios de análise os trabalhos de Bertoldi & Chishman 2006, Demonte 1999, Raskin & Nirenburg 1995, Rio-Torto 2006c e Vilela & Koch 2001¹²¹, por forma a perceber quais os critérios mais recorrentes e/ou eficientes na determinação destas classes. Assim, acabámos por definir o seguinte conjunto de critérios para determinar a subcategoria dos adjetivos do nosso *corpus*:

- adjetivo qualificativo:
 - a) apresenta uma qualidade subjetiva ou refutável do nome que qualifica;
 - b) apresenta um traço interno ao nome e, nessa medida, é descritivo;
 - c) aceita grau;
 - d) aceita a posição pós-cópula.
- adjetivo relacional:
 - a) portador de qualidades não refutáveis;
 - b) apresenta um traço externo ao nome, permitindo inseri-lo numa dada classe;
 - c) não aceita grau;
 - d) rejeita a posição pós-cópula.

¹²¹ A natureza destes trabalhos não é igual. Bertoldi & Chishman 2006, Rio-Torto 2006c e Vilela & Koch 1991 apresentam uma sùmula das propostas existentes, consideravelmente mais desenvolvida nos dois primeiros casos. Raskin & Nirenburg 1995 apresentam uma reflexão mais problematizante das propostas existentes e avançam na sua proposta. Demonte 1999, fazendo a análise do adjetivo em espanhol, analisa as duas classes nas suas várias dimensões (semântica, morfológica e sintática).

Reconhecemos que nenhum destes critérios é isento de dificuldades. O primeiro critério diz respeito a uma qualidade veiculada pelo adjetivo e que é entendida como interna ou externa ao nome qualificado. A avaliação deste critério dependerá necessariamente do nome qualificado, contudo assumimos existirem adjetivos que comportam uma propriedade mais prototipicamente interna do que outros. *Austero* apresenta uma propriedade prototipicamente presente no nome que qualifica (*pai austero*), contrariamente ao que sucede com *artificial* que permite classificar (isto é, inserir numa determinada classe) o nome que qualifica (*flor artificial*). Estes exemplos permitem-nos esclarecer como lidámos com o critério que define uma propriedade como sendo interna ou externa. Mas podem ser também elucidativos para a questão da subjetividade ou refutabilidade da qualidade, uma vez que, idealmente, estes critérios são sobreponíveis. O facto de um pai ser austero ou não austero permite considerar uma zona de fronteira dúbia que dependa da interpretação / avaliação do falante. Já o facto de uma flor ser ou não artificial é isento de dúvida. Tendo de aplicar este critério sem dispor de um contexto de utilização, assumimos que o nome qualificado é, à semelhança do que se verifica nos exemplos apresentados, um nome que comumente associamos ao adjetivo em questão.

O segundo critério adotado diz respeito à possibilidade ou impossibilidade de o adjetivo apresentar grau e decorre do primeiro critério. Na medida em que apenas os adjetivos qualificativos apresentam uma interpretação da entidade qualificada, apenas eles podem apresentar grau. Considera-se então que são «adjectivos graduáveis os que descrevem propriedades concebidas como ordenadas ou ordenáveis numa escala de valores.» (Rio-Torto 2006c: 110). Tal como a decisão entre ser ou não ser austero depende do falante e apresenta uma fronteira pouco nítida, também a determinação do grau de austeridade depende da avaliação do falante. Ao contrário, o adjetivo *artificial* implica valores absolutos, ou é artificial ou não é artificial, portanto não existe margem para a aplicação de grau. Além de ser um critério habitualmente aplicado na classificação dos adjetivos, a possibilidade ou impossibilidade de apresentar grau tem a vantagem de poder ser avaliado de forma independente do contexto de uso do adjetivo e depende fundamentalmente da natureza do seu significado.

O último critério que utilizamos é o da possibilidade de o adjetivo ocorrer ou não em posição predicativa. Este critério apresenta desde logo como desvantagem

(tendo em consideração o trabalho que desenvolvemos) o facto de ser essencialmente sintático, porém não parece ser possível classificar os adjetivos em qualificativos ou relacionais sem fazer uso deste critério. Acresce o facto de a distinção entre adjetivo predicativo ou não predicativo ter estado sempre no centro das atenções: «The central issue of adjective syntax--and semantics--is the distinction between the predicating and nonpredicating adjectives, which can also be seen as the distinction between qualitative (scalar, gradable) adjectives, on the one hand, and relational (non-scalar, non-gradable) adjectives, on the other, notwithstanding the existence of a class of mixed relational/qualitative adjectives» (Raskin & Nirenburg 1995: 11).

Outro aspeto relevante para a consideração deste critério é o facto de que «solo gli aggettivi predicative sono suscettibili di fungere come base di nomi di qualità» (Rainer 1989: 71); definindo-os como os adjetivos que apresentam a «possibilità di essere utilizzati nel contesto post-copulativo» (Rainer 1989: 71). Os adjetivos não-predicativos, como os relacionais, definem-se pela «la loro scarsa disponibilità ad assumere la funzione predicativa» (Rainer 1989: 72). A relação entre predicatividade e não predicatividade da base e a natureza do produto assume importância na medida em que o sufixo *-ismo* tem sido associado à formação de nomes de qualidade¹²². Raskin & Nirenburg 1995 apresentam uma classe mista de adjetivo relacional/qualificativo. Ainda que no nosso *corpus* encontremos adjetivos mais ou menos prototípicos destas duas classes, é possível classificar cada um dos adjetivos, pelo que podemos dispensar o uso desta categoria. O próprio significado do adjetivo, que nem sempre é uno, também pode levantar algumas dificuldades à determinação da possibilidade de utilização em posição predicativa ou não. Assim, para aplicar este critério tivemos de, novamente, procurar trabalhar com o significado prototípico do adjetivo e com o significado do adjetivo que encontramos ativado no nome derivado em *-ismo*.

Na aplicação destes critérios não devemos esquecer que definem elementos prototípicos das diferentes classes e que, conseqüentemente, se verificam casos de não prototipicidade em que o adjetivo responde positivamente a dois critérios, mas negativamente ao terceiro.

¹²² Rainer 1989 defende precisamente que o sufixo *-ismo* não forma nomes de qualidade, o facto de seleccionar como base adjetivos relacionais é um dos vários argumentos utilizados para sustentar a sua proposta.

Aplicando os critérios expostos identificámos um total de 99 adjetivos qualificativos, dos quais damos uma pequena amostra em 83., e de 260 adjetivos relacionais exemplificados em 84.

83. *cómodo*

«**1** que é de uso fácil; **2** adequado; próprio; **3** favorável» (DPE 2006)

grosseiro

«**1** grosso; rústico; ordinário; tosco; **2** mal feito; de má qualidade; **3** indelicado; incivil; **4** imoral; **5** inculto » (DPE 2006)

mandão

«que ou aquele que manda com arrogância; autoritário; despótico; prepotente» (DPE 2006)

tolerante

«**1** que tolera ou suporta; **2** que consegue aceitar e conviver com a diferença (de ideias, de comportamentos, etc.) sem se sentir ameaçado por ela; **3** indulgente para com erros ou falhas» (DPE 2006)

Em 83. temos exemplificados os adjetivos qualificativos presentes na base de *-ismo*. Estes adjetivos apresentam um significado refutável porque decorrente da avaliação do sujeito enunciador. A decisão sobre o facto de uma entidade poder ser qualificada como *cómoda*, *grosseira*, *mandona* ou *tolerante* é variável em função do indivíduo decisor e, portanto, refutável. Daqui decorre que o sujeito possa atribuir um grau a essa qualidade *muito/pouco cómodo*, *grosseiro*, *mandão* ou *tolerante*. Por fim, todos estes adjetivos podem surgir em posição predicativa: *X é cómodo/grosseiro/mandão/tolerante*. Verifica-se, portanto, que estes adjetivos se comportam como qualificativos.

Comportamento distinto apresentam adjetivos como os exemplificados em 84. que classificamos de relacionais.

84. *clerical*

«**1** do clero; **2** referente ao clero ou ao clericalismo» (DPE 2006)

eurígnato

«diz-se do indivíduo que apresenta eurignatismo» (DPE 2006)

individual

«**1** referente ou pertencente ao indivíduo; **2** relativo apenas a uma pessoa; **3** que pertence a uma só pessoa; **4** particular; singular; **5** peculiar; especial» (DPE 2006)

monetário

«1 relativo a dinheiro; 2 relativo a moedas; 3 numismático» (DPE 2006)

Como já vimos, estes adjetivos apresentam um significado objetivo, não refutável, permitindo-lhes assumir um comportamento classificatório em relação ao nome que qualificam. Por essa razão, em Rio-Torto 2006c (124) encontramos um grupo de adjetivos definidos como classificativos/classificatórios apresentando um comportamento substancialmente coincidente com o dos adjetivos relacionais (também rejeitam a posição predicativa). O facto de determinada entidade poder ser classificada como *clerical*, *eurígnata*, *individual* ou *monetária* não depende da avaliação individual e, conseqüentemente, não está sujeita à graduabilidade. Estes adjetivos permitem inserir o nome que qualificam numa determinada classe que se define pelos predicados/atributos/qualidades/propriedades que o adjetivo comporta. Por fim, estes adjetivos tendem a surgir em posição atributiva, rejeitando a posição predicativa. Construções como *X é clerical/eurígnato/individual/monetário* resultam, se não inaceitáveis, pelo menos de aceitabilidade duvidosa.

Há que referir um outro aspeto para a classificação dos adjetivos em qualificativo e relacional: o da sua estrutura morfológica. Rio-Torto 2006c apresenta como um dos critérios para a delimitação entre adjetivos qualificativos e relacionais, para os quais sugere a designação de denominais, a sua diferente estrutura morfológica. Os adjetivos relacionais apresentariam estrutura derivada construída sobre base nominal, enquanto os adjetivos qualificativos apresentariam preferencialmente uma base simples. Não utilizámos este critério na nossa classificação por termos tido alguma dificuldade em articulá-lo com os critérios anteriormente apresentados e que se afiguram mais sensíveis à semântica e funcionalidade do adjetivos em apreço e na perspectiva em que os estudamos, ou seja, como bases derivacionais do sufixo *-ismo*. É certo que o critério morfológico é aplicável à maioria dos adjetivos qualificativos e relacionais, mas uma forma como *activo* coloca-nos problemas; apresenta a estrutura construída própria dos adjetivos denominais/relacionais, mas aceita grau e a posição pós-cópula próprios dos adjetivos qualificativos. A nossa opção foi colocar adjetivos como *activo* na categoria dos adjetivos qualificativos, em detrimento do critério estrutural. O mesmo sucedendo com *tolerante* que tendo uma estrutura construída se

comporta como um adjetivo qualificativo prototípico. Note-se que a própria autora alerta para o risco de assumir estritamente o critério morfológico ao afirmar que «muitos derivados há que podem igualmente desempenhar funções qualificativas» (Rio-Torto 2006c: 124).

Parece-nos que, apesar de todas as dificuldades e implicações associadas, o critério que apresentámos em a), o do significado do adjetivo, assume um papel de relevo. Recordá-se agora o que Rio-Torto 2006c nos diz sobre a semântica dos adjetivos qualificativos. Estes adjetivos apresentam «função qualificativa ou modificadora da intensão do N a que se acoplam. Expressam propriedades, qualidades, modos de ser, estados das entidades denotadas pelos nomes a que se associam.» (Rio-Torto 2006c: 124). Tomem-se como exemplo os adjetivos *autoritário*, *cómodo* e *elegante*, presentes nas bases derivacionais de *-ismo*. Em 85. podemos ver como estes adjetivos exprimem uma propriedade do nome a que se ligam.

85. *Ele sempre foi um pai **autoritário**.*

*Que sofá tão **cómodo**!*

*Teve uma atitude muito **elegante**.*

Quanto aos adjetivos relacionais, apresentam «natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado.» (Rio-Torto 2006c: 121) portanto, «delimitam uma classe daquilo que o nome de base denota, ou seja, as bases de que o adjetivo deriva representam o domínio relativamente ao qual se estabelece uma indicação objectiva de uma subclasse expressa pelo adjectivo» (Rio-Torto 2006c: 122).

86. *Adoptaram medidas **fundamentais** para a resolução da crise.*

*Apresentam o comportamento **simiano** típico.*

*É um veículo **utilitário** que apresenta um bom preço.*

Em 86. vemos como se comporta o adjetivo relacional, capaz de recortar um subgrupo do nome que classifica; assim, vemo-lo a seleccionar as medidas com a propriedade de serem fundamentais, o comportamento com a propriedade de ser próprio dos símios e os veículos com a propriedade de serem utilitários. Esta subcategorização feita pelo adjetivo exclui a possibilidade de qualquer outro tipo de medida, comportamento ou veículo.

Caracterizado que está o valor semântico de adjetivos qualificativos e relacionais, resta saber como se comportam enquanto bases derivacionais dos nomes em *-ismo*. Em 87. e 88. apresentam-se os significados dicionarizados dos adjetivos e do respetivo derivado em *-ismo*. Em 87. estão exemplificados os adjetivos qualificativos e respetivos derivados em *-ismo*.

<p>87. <i>autoritário</i></p> <p>«1 que se impõe pela autoridade; 2 adepto da existência de uma autoridade forte; 3 absolutista; 4 despótico» (DPE 2006)</p> <p><i>cómodo</i></p> <p>«1 que é de uso fácil; 2 adequado; próprio; 3 favorável» (DPE 2006)</p> <p><i>elegante</i></p> <p>«1 que tem elegância; 2 bem proporcionado; formalmente harmonioso; 3 esbelto; 4 que mostra bom gosto através do comportamento ou aparência; 5 requintado; chique; 6 delicado; cortês» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>autoritarismo</i></p> <p>«1 atitude autoritária; 2 carácter de um governo ou regime político autoritário; despotismo» (DPE 2006)</p> <p>> <i>comodismo</i></p> <p>«1 atitude de quem privilegia o próprio bem-estar e conforto; 2 comportamento de quem foge das dificuldades; 3 [pej.] egoísmo» (DPE 2006)</p> <p>> <i>elegantismo</i></p> <p>«elegância excessiva; dandismo» (DPE 2006)</p>
---	--

Estes nomes em *-ismo*, como recorrentemente temos visto acontecer, constroem o seu significado recortando um predicado/atributo/qualidade/propriedade da base sobre o qual exercem a sua instrução semântica, nos casos exemplificados a de ‘atitude’. Deste modo, o produto denomina uma ‘atitude’ que se define por ser ou por se guiar pelo predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser *autoritário*, *cómodo* ou *elegante*.

Em 88. apresentam-se os significados dos adjetivos relacionais e respetivos nomes derivados em *-ismo*.

<p>88. <i>fundamental</i></p> <p>«1 que serve de fundamento ou de alicerce a uma construção; 2 básico; essencial; principal; necessário» (DPE 2006)</p>	<p>> <i>fundamentalismo</i></p> <p>«RELIGIÃO manutenção e defesa dos princípios religiosos tradicionais e ortodoxos, como a infalibilidade dos textos sagrados, e sua aceitação como verdades</p>
---	--

	fundamentais imprescindíveis para a formação da consciência» (DPE 2006)
<i>simiano</i>	> <i>simianismo</i>
«1 relativo ou semelhante ao símio; 2 amacacado» (DPE 2006)	«teoria que estabelece a relação entre a origem do homem e a do macaco» (DPE 2006)
<i>utilitário</i>	> <i>utilitarismo</i>
«1 relativo à utilidade; 2 económico; 3 de interesse comum; 4 que considera a utilidade ou o interesse como fim principal dos seus actos» (DPE 2006)	«1 carácter do que ou daquele que visa unicamente o útil; 2 atitude daquele que regula a acção pelo interesse; 3 FILOSOFIA doutrina que coloca o valor supremo na utilidade, principalmente a doutrina da escola utilitarista inglesa, quer se trate da utilidade pessoal compreendida como a que é susceptível de propiciar os prazeres maiores (Bentham, filósofo inglês, 1748-1832) ou os prazeres mais elevados (Stuart Mill, filósofo inglês, 1806-1873)» (DPE 2006)

O significado destes adjetivos apresenta-se no nome em *-ismo* de forma idêntica à dos adjetivos anteriores. Isto é, o adjetivo de base fornece ao sufixo um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual aplicar a sua instrução semântica. No caso dos adjetivos exemplificados temos como instrução semântica a de ‘princípio epistemológico’.

Um último aspeto merece referência. Demonstrámos que os adjetivos na base de *-ismo* são maioritariamente relacionais e indicámos como um dos traço próprios desta classe o facto de ocorrer em posição atributiva, tendendo a rejeitar a posição pós-copulativa. A este respeito queremos recordar a seguinte passagem:

«Levi’s purpose is to prove that such adjectives are transformationally derived from the nouns to which they are morphologically related. Additionally, she puts forward six features that the non-predicating adjectives share with the nouns (1978: 18-29):

- (9) (i) Nondegreeness

- (ii) Nonconjunction of nonpredicating and predicating adjectives
- (iii) Quantification
- (iv) Semantic features
- (v) Case relations
- (vi) Nonnominalization»

(Raskin & Nirenburg 1995: 11-12)

Este dado fornece-nos algumas linhas para compreender o comportamento das bases adjetivais de *-ismo*. Ainda que em número relevante, cerca de 29% do *corpus*, estas bases são minoritárias, sendo a base mais representada a nominal. Outro aspeto divergente destas bases diz respeito à sua estrutura morfológica que é maioritariamente complexa, ainda que as bases simples sejam no computo geral maioritárias. Os dados agora apresentados, apesar de todas as objeções que lhes possam ser feitas, podem ajudar-nos a compreender por que razão os adjetivos relacionais, tipicamente não predicativos e denominais são a base adjetival maioritária, eles aproximam-se, mais do que os qualificativos, dos nomes. Recordamos ainda o facto já referido de Rio-Torto 2006c colocar estes adjetivos na fronteira externa da escala de prototipicidade dos adjetivos. Estes dados contrariam afirmações como a de que «La formación de sustantivos de adjetivales queda restringida a adjetivos de cualidad; no opera sobre adjetivos de relación, que no denotan cualidades o propiedades, sino que marcan una relación entre el significado del sustantivo al que se ajuntan y el significado de su sustantivo base» (Pena 2004: 9).

Como demonstrado, não nos foi possível identificar um comportamento significativamente diferente do sufixo *-ismo* relativamente às duas classes de adjetivos. Neste capítulo vimos que o adjetivo simples e o adjetivo complexo, o adjetivo qualificativo e o adjetivo relacional oferecem ao sufixo *-ismo* um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual aplicar a sua instrução semântica; no Capítulo seguinte veremos que a instrução semântica ativada não depende da classificação atribuída ao adjetivo.

3.4.4. PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DOS VERBOS

Vimos já que são em número muito reduzido os verbos que se constituem como bases derivacionais de nomes em *-ismo* (§ 3.3.). A maioria destes verbos serve de base a um nome de ação que, hipoteticamente, poderia figurar como base derivacional de *-ismo*, uma vez que se encontram nomes deverbais em *-ção* na base de nomes em *-ismo*, bem como a um particípio passado que, apesar de apresentar uma configuração pouco frequente para a base derivacional de *-ismo*, não lhe está de todo vedada.

Estes verbos podem dividir-se entre verbos de ação «aqueles em que a “processualidade” tem como ponto de partida um “Agente”, implicam um “fazer”» (Vilela & Koch 2001: 66), presentes em 89.: *autodeterminar, concentrar, deambular, determinar, devorar, dirigir, facilitar e pontilhar*; e verbos de processo «que designam uma mudança nas entidades às quais os verbos se aplicam e indicam um “acontecer”, um “passar-se com”» (Vilela & Koch 2001: 67), exemplificados em 90.: *alienar, hebetar, iluminar e vegetar*. Apesar de semanticamente podermos definir estes dois subgrupos de verbos, não se encontram comportamentos específicos de cada um no modo como contribuem para a construção semântica dos nomes em *-ismo* correspondentes.

De acordo com Oliveira 2003, estes verbos apresentam em comum o facto de constituírem eventos, maioritariamente télicos. Isto é, apresentam-se como dinâmicos e tendentes para um fim, a prossecução da ação do verbo resulta num estado consequente, distinto do que existia antes da sua realização. A única exceção está representada pelo verbo *deambular* que não é um evento atélico. Julgamos que o facto de estes verbos serem na sua quase totalidade télicos é relevante para a sua seleção como base derivacional de *-ismo*. O facto de pressuporem um fim faz-nos supor que o sufixo recorta da base esse fim e não a propriedades de dinamicidade subjacente à ação em si.

89. *autodeterminar*

«A rebelião desencadeada há três meses e meio por Kabila talvez seja apenas o ponto de partida para um grande reajustamento de forças que poderá definir tanto o pós-Mobutu como o destino do Sul do Sudão, que

> *autodeterminismo*

«POLÍTICA sistema político baseado na autodeterminação» (DPE 2006)

há pelo menos 14 anos se quer **autodeterminar** e fugir ao controlo do fundamentalismo islâmico.» (CETEMPúblico *par=ext530767-pol-97a-1*; 29/07/2009)

concentrar

«**1** fazer convergir para um centro; centralizar; juntar; reunir; **2** QUÍMICA aumentar a concentração de (uma solução); **3** aplicar a um só objecto ou assunto; focar» (DPE 2006)

deambular

«**1** vaguear; **2** passear» (DPE 2006)

determinar

«**1** demarcar os termos ou os limites a; **2** indicar com exactidão; **3** fixar; **4** diferenciar; **5** resolver; decidir; **6** ordenar; **7** ocasionar; causar; **8** persuadir; convencer; **9** FILOSOFIA condicionar de modo necessário e suficiente; **10** MATEMÁTICA encontrar; achar» (DPE 2006)

devorar

«**1** comer com sofreguidão; tragar; engolir de uma só vez; **2** consumir; fazer desaparecer depressa; destruir; **3** roer; corroer; **4** fazer (ler, ouvir, olhar, etc.) com avidez, com interesse; **5** cobiçar; **6** percorrer rapidamente; **7** afligir; **8** sofrer a custo; suportar (uma afronta, uma dor moral, etc.)» (DPE 2006)

dirigir

«**1** dar direcção a; orientar; **2** encaminhar; **3**

> *concentrismo*

«POLÍTICA sistema dos que advogam a concentração dos partidos políticos» (DPE 2006)

> *deambolismo*

«**1** hábito de deambular; **2** vida errante» (DPE 2006)

> *determinismo*

«**1** concepção segundo a qual todos os acontecimentos são determinados por um conjunto de circunstâncias anteriores; **2** FILOSOFIA teoria segundo a qual existem relações necessárias (leis) entre fenómenos do Universo, de tal maneira que cada fenómeno é condicionado pelos seus antecedentes ou concomitantes e que, conhecidos estes, é possível prever aquele» (DPE 2006)

> *devorismo*

«**1** [pop.] gasto exagerado; **2** dissipação da fazenda pública em proveito próprio ou de alguém» (DPE 2006)

> *dirigismo*

«POLÍTICA doutrina e politica em que o

enviar para um dado lugar; **4** enviar; endereçar; **5** ter a direcção de; administrar; governar; **6** dizer; proferir; **7** dar orientação a; ser responsável por (músicos, actores, etc.); **8** guiar; **9** voltar; virar» (DPE 2006)

pontilhar

«**1** desenhar, ponteando o papel ou picando o pano; **2** marcar com pontinhos; granir» (DPE 2006)

Estado gere e controla a economia do país» (DPE 2006)

> *pontilhismo*

«PINTURA técnica característica do neo-impressionismo, que surgiu na sequência do divisionismo, e que consiste na justaposição de pequenas manchas ou pontas de cores puras aplicadas directamente sobre a tela» (DPE 2006)

90. *alienar*

«**1** tornar alheio; alhear; **2** afastar; desviar; **3** transferir; ceder a outrem a propriedade de; **4** vender; **5** DIREITO limitar o direito de propriedade através da constituição de um outro direito real sobre o mesmo bem, sendo este direito em benefício de um terceiro que não o proprietário; **6** [fig.] alucinar» (DPE 2006)

hebetar

«entorpecer ou debilitar as faculdades intelectuais ou os sentidos de; tornar bronco ou embotado; estupidificar» (DPE 2006)

iluminar

«**1** difundir luz sobre; alumiar; **2** tornar luminoso; trazer claridade a; **3** enfeitar com luzes; **4** ornar com iluminuras; **5** [fig.] esclarecer; clarificar; **6** [fig.] inspirar; **7** [fig.] aconselhar; **8** [fig.] alegrar» (DPE 2006)

> *alienismo*

«loucura; alienação» (DPE 2006)

> *hebetismo*

«torpor ou embotamento dos sentidos ou das faculdades intelectuais; estupidez» (DPE 2006)

> *iluminismo*

«**1** movimento cultural e intelectual, relevante na Europa durante os sécs. XVII e XVIII, que pretendeu «dominar pela razão a problemática total do homem» (Bruger); filosofia das luzes; **2** doutrina dos que crêem na inspiração mística, e que é comum a várias seitas religiosas» (DPE 2006)

<i>vegetar</i>	>	<i>vegetarismo</i>
«1 (planta) desenvolver-se; 2 [fig.] desenvolver-se abundantemente; pulular» (DPE 2006)		«sistema alimentar dos vegetarianos» (DPE 2006)

Tanto os verbos de ação como os de processo permitem originar a denominação de um ‘princípio epistemológico’ (*autodeterminar, concentrar, determinar, dirigir, iluminar, vegetar*). Contudo, a formação de um nome em *-ismo* capaz de denominar uma ‘qualidade’ só se verifica quando o verbo de base é de processo (*alienar, hebetar*). Os verbos de ação *deambular* e *devorar* permitem a criação de um derivado em *-ismo* que denomina determinada ‘atitude’.

3.5. SUMÁRIO

Ao longo do capítulo temos vindo a observar e a caracterizar as bases derivacionais de *-ismo* com o propósito de compreender quais os elementos que estas necessitam de apresentar para serem selecionadas pelo sufixo.

Verificámos que a base derivacional mais prototípica deste sufixo é um radical simples não autónomo, portador do traço [+ N], ou seja, um radical que pode apresentar as categorias sintáticas de nome ou adjetivo ou ainda de adjetivo/nome. Obtendo dados idênticos para o italiano, Scalise faz a seguinte afirmação «The general rule is a very productive process which attaches the suffixes in question [*-ista* e *-ismo*] to Nouns and Adjectives, the combination characterized by [+ N]» (Scalise 1986: 141). Excecionalmente o sufixo seleciona verbos (num total de 13), mas não pudemos aferir por que razão (§ 3.3.1. e § 3.4.4.). Também aqui os nossos dados são paralelos aos de Scalise «Of a very long list of nouns ending in *-ista* and *-ismo*, only five can be derived from a verb: [...] *determinismo* [...] *arrivismo* [...] the fact that so few cases of this rule can be found shows that it is not productive and therefore not in conflict with the general rule of *-ista/-ismo* attachment» (Scalise 1986: 141). Portanto, morfológica e categorialmente temos uma base que se caracteriza por ser marcadamente simples e nominal.

Os adjetivos são, contrariamente ao que sucede com a estrutura morfológica das restantes categorias, maioritariamente de estrutura complexa. Acreditamos que este

comportamento se deve ao facto de serem denominais, procurando o adjetivo acesso à informação semântica do nome. Vimos como alguns nomes em *-ismo* instanciam na sua leitura semântica o significado da base nominal do adjetivo e não o significado do adjetivo derivado (§ 3.4.3.1.2).

As bases adjetivais apresentam ainda a particularidade de serem constituídas por um número significadivo de adjetivos relacionais, periféricos na escala de prototipicidade dos adjetivos. Este dado não concorre para a consideração de Rio-Torto 1998a e Correia 2004 do sufixo *-ismo* como formador de nomes essivos ou de qualidade. Acreditamos, porém, que este dado, por si só, também não permite que rejeitemos a leitura das autoras. Em § 2.1.2. foi possível observar a classificação oscilatória dos nomes em *-ismo* ou seus cognatos como nomes de qualidade ou não. Neste momento, acreditamos ainda não dispor de todos os dados necessários para nos manifestarmos em relação a esse ponto que, ao lado de outros, será alvo de desenvolvimento no Capítulo 4.

Um outro apeto relevante relacionado com a caracterização das bases é o do seu valor semântico. Apesar de semanticamente as bases apresentarem valores muito diversificados, é possível observar um comportamento recorrente. Como já foi dito ao longo do capítulo, a base derivacional de *-ismo* é preferencialmente o nome, categoria com função essencialmente denominativa. A denominação resulta da leitura conceptual que se faz da realidade, sendo assim, o nome tem um corpo semântico fundamentalmente descritivo. Nesta perspectiva, a denominação do real faz-se através da seleção de predicados/atributos/qualidades/propriedades que recortamos do real estabelecendo desse modo determinada entidade¹²³. Portanto, não só definimos a entidade como também a individualizamos das restantes. Sendo assim, e porque o conteúdo descritivo do nome se estrutura sobre os predicados/atributos/qualidades/propriedades identificados no real e que o nome comporta, a entidade pode ser nomeada e descrita¹²⁴. Retomando uma citação já apresentada, os nomes «*dénotent une certaine catégorie regroupant des occurrences sur la base de propriétés communes*» (Kleiber 1995: 31).

¹²³ Remetemos para § 3.4.1., secção onde foi feita análise semântica do nome e apresentado de forma mais desenvolvida a estrutura semântica do nome de acordo com a proposta de Kleiber 1995.

¹²⁴ Em § 5.1.2. apresentamos com detalhe a conceção de significado adotada ao longo deste trabalho. Essa conceção ajuda a compreender em que medida podemos assumir o nome como um recorte da realidade conceptualmente realizado a partir de um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades.

O conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que, a nível conceptual, possibilita a denominação está também na base da predicação, função tipicamente atribuída ao adjetivo (e ao verbo). Portanto, a base derivacional de *-ismo* pode definir-se como sendo semanticamente complexa, na medida em que comporta um feixe de predicados/atributos/qualidades/propriedades, habitualmente associados às categorias predicativas, mas que não podem ser considerados alheios do processo denominativo. Categoricalmente, e de modo não fundamentalmente relevante para o sufixo, as bases podem apresentar-se como adjetivo ou nome.

4. NOMES EM *-ISMO*

O presente capítulo tem como principal objetivo aferir os significados atualizados pelos nomes em *-ismo*, considerando que esses valores podem aparecer isolados no nome ou coabitar num mesmo nome. Uma vez determinados os significados dos nomes em *-ismo* será possível confirmar a hipótese postulada no capítulo anterior de o sufixo ter como principal critério de seleção da base o seu valor semântico.

Para alcançar estes objetivos, começaremos por analisar o valor semântico dos nomes sufixados em *-ismo* (§ 4.1.) e cujas bases foram analisadas no capítulo precedente. A capacidade do sufixo para atualizar diferentes significados é um dado que não levanta dúvidas e que há muito está identificada¹²⁵. Na sequência de trabalhos anteriores (Rio-Torto 1998a e Correia 2004), pretendemos identificar de forma sistemática esses valores semânticos próprios do sufixo, bem como compreender a sua capacidade de coabitação numa mesma unidade lexical (§ 4.3.).

As propriedades das bases seleccionadas por *-ismo* aos níveis fonético-fonológico (§ 3.1.), morfológico (§ 3.2.), categorial (§ 3.3.) e semântico (§ 3.4.) foram já observadas, tendo-se concluído então que a base preferencial deste sufixo é um radical nominal simples não autónomo. Não obstante, e tendo em consideração a existência de um número não totalmente despidendo de bases que não se coadunam com um ou outro destes parâmetros, os dados parecem apontar no sentido de o valor semântico da base ser o critério que mais eficazmente define as bases do sufixo. Para aferir a operacionalidade desta hipótese em relação ao sufixo *-ismo*, temos de começar por determinar os significados atestados pelos produtos. Assim, no que concerne ao significado dos produtos, como se observará ao longo do presente capítulo, trata-se de um sufixo associado à formação de nomes de qualidade (§ 4.1.1.), capaz também de apresentar os significados de ‘princípio epistemológico’ (§ 4.1.2.), ‘prática’ (§ 4.1.3.), ‘atitude’ (§ 4.1.4.), ‘fenómeno’ (§ 4.1.5.) e ‘locução’ (§ 4.1.6.).

¹²⁵ Veja-se a apresentação que no Capítulo 2 foi feita não só do sufixo *-ismo*, como também dos seus cognatos em espanhol, italiano, francês e inglês. Nesse capítulo torna-se clara a diversidade semântica do sufixo em algumas das línguas em que é utilizado. Ainda nesse capítulo (§ 2.1.1.), se mostra como na perspectiva de autores como Roché 2007 alguns desses significados se deixavam já adivinhar em grego antigo, língua de que o sufixo é originário.

Como já observámos (§ 3.3.), a determinação categorial das bases revelou-se particularmente complexa por a preferência manifestada pelo sufixo não ser expressiva em termos numéricos. Desta forma, não é despidiendo o facto de o sufixo seleccionar um número muito próximo de bases categorizáveis como adjetivais, ou como adjetivais/nominais. Ainda que as categorias de nome e de adjetivo partilhem o traço [+N], analisaremos o valor semântico dos produtos em *-ismo* tendo em conta a classe categorial específica da base. Pretendemos perceber se efetivamente o valor categorial da base é um aspeto relevante ou se, como os dados apresentados no Capítulo 3 sugerem, a categoria da base não é, por si só, determinante para a sua seleção pelo sufixo, sendo a sua importância subsumida no valor semântico da base. A relação existente entre as bases e os tipos de semântica que proporcionam ao derivado em *-ismo* será observada em § 4.2.

Os dados obtidos ao longo deste capítulo serão a matéria de trabalho sobre a qual se desenvolverá o Capítulo 5.

4.1. TIPOLOGIA SEMÂNTICA

Esta secção irá observar os diferentes valores semânticos atualizados pelos nomes derivados em *-ismo*. Porém, antes de avançarmos, faremos um brevíssimo esclarecimento sobre os valores semânticos, ou significados, que irão ser considerados. Partiremos do seguinte postulado: «Some of the alternative senses of a word are permanent and established features of the language, and we would expect them to be recorded in any dictionary worthy of the name.» (Cruse 1998: 257). Nesta afirmação, o autor pretende estabelecer a distinção entre os significados que recorrentemente surgem na utilização de uma palavra e aqueles que, em contexto específico, podem ser associados a essa palavra, «These uses of *rose* and *carnation* are perfectly comprehensible in context, but they are not established parts of the language, nor would we expect to find them in any dictionary, however complete. These are said to be *nonce readings*.» (Cruse 1998: 257). Este tipo de significado é totalmente dependente do contexto comunicacional e, por isso mesmo, não cabe no âmbito de estudo deste trabalho por constituir um tipo de informação marginal para a componente

genolexical¹²⁶. Pelo contrário, procuraremos identificar os significados que de forma sistemática e estável se associam aos nomes formados por *-ismo* para, por essa via, determinar a estrutura semântica própria do sufixo. Ainda que por vezes observemos os nomes em *-ismo* em contexto de uso, fá-lo-emos no intuito de clarificar ou ilustrar determinado significado¹²⁷ e não no intuito de encontrar um significado ainda não detetado ou não detetável no nome quando tomado de forma isolada. Embora procuremos e trabalhemos sobre um conjunto de significados que conseguimos identificar como sendo estável, não podemos esquecer-nos de que o significado está «intrinsecamente conectado com a experiência individual, cultural, social e histórica dos falantes.» (Silva 2006: 26), portanto, está permanentemente exposto à mudança. O Capítulo 2, sobretudo § 2.2., mostra como de facto assim é.

Na análise dos valores semânticos dos nomes em *-ismo*, procurámos determinar um grupo inicial e relativamente reduzido de grandes valores semânticos. Em seguida, e sempre que tal se justificou, determinámos a existência de subgrupos que, tendo em comum esse primeiro grande traço semântico, apresentavam especificidades semânticas que se impunha pôr em relevo. Deste modo, foi possível aferir a importância do significado de **QUALIDADE** para a estrutura semântica do sufixo (§ 5.1.3.), uma vez que deste valor decorrerão, por meio de concreção, os restantes valores semânticos atestados.

O procedimento adotado possibilita-nos a identificação de uma raiz comum aos diferentes significados ao permitir enfatizar os traços semânticos partilhados por todos os nomes que constituem determinado grupo, como os descritos em § 4.1.1. Nomes de qualidade, § 4.1.2. Nomes de princípio epistemológico, § 4.1.3. Nomes de prática, § 4.1.4. Nomes de atitude, § 4.1.5. Nomes de fenómeno e § 4.1.6. Nomes de locução, por um lado, e destacar as especificidades semânticas que podem ser isoladas dentro de alguns destes grupos, por outro. Assim, dentro dos Nomes de prática, podemos recortar os Nomes de práxis, § 4.1.3.1., os Nomes de prática profissional, § 4.1.3.2., os Nomes

¹²⁶ Em § 3.4.3.2., procedendo-se à análise dos adjetivos presentes na base de *-ismo*, foi problematizada a questão de análise de significados instanciados por contextos sintáticos específicos.

¹²⁷ As fontes dicionarísticas apresentam por vezes significados convencionalizados, efetivamente compreensíveis à luz da estrutura compósita das unidades, mas que nem sempre se coadunam com as significações ativas em uso pelos falantes. Por esta razão, procurámos complementar a informação obtida nos dicionários que nos serviram de referência com *corpora* que apresentam os significados em contexto, como é o caso de CETEMPúblico. Em § 1.2. apresentaram-se com maior detalhe as fontes a que recorreremos.

de prática desportiva, § 4.1.3.2., e os Nomes de modo de vida, § 4.1.3.3.; dentro do grupo dos fenómenos encontramos os Nomes de intoxicação, § 4.1.5.1., e os Nomes de fenómenos patológico, § 4.1.5.2. Os critérios que nos levaram ao estabelecimento destes subgrupos e as especificidades de cada um serão apresentadas ao longo das respetivas secções.

Um procedimento desta natureza tem ainda a vantagem acrescida de partir do mais geral para o menos geral na descrição dos significados dos nomes em *-ismo*, permitindo hierarquizar os valores semânticos ativados pelo sufixo, revelando as suas relações e interdependências, não só dentro de um grupo que apresenta subdivisões, mas também entre os grandes grupos inicialmente identificados. Assim, verificar-se-á que o valor de ‘qualidade’ (§ 4.1.1.), ainda que não sendo o valor semântico mais frequentemente atestado nos nomes em *-ismo*, assume um papel importante na organização e hierarquização dos diferentes significados identificados (§ 5.1.3.1.1.) nos nomes em *-ismo*.

4.1.1. NOMES DE QUALIDADE

Uma das questões centrais relacionadas com o sufixo *-ismo*, e seus cognatos, prende-se com a determinação dos seus produtos (ou parte dos seus produtos) como sendo ou não nomes de qualidade. Este configura-se como um ponto de divergência de opiniões, algumas das quais expostas em § 1.3.4. e ao longo do Capítulo 2, com referência aos sufixos congatos de *-ismo*.

Não obstante, e como referido anteriormente, o sufixo é muitas vezes considerado como um dos sufixos que em português tem a função de gerar nomes de qualidade, vejam-se as propostas de Rio-Torto 1992 (RCP QUAL) e 1998a (RFP ESS) ou de Correia 1999 e 2004, sintetizadas em § 2.1.2.1. O trabalho de Correia 2004 (294-295) prevê ainda que o valor semântico de ‘qualidade’ possa ser assumido como o significado primeiro dos nomes em *-ismo* do qual todos os outros decorrem ou se desviam.

Convém relembrar que a funcionalidade do sufixo *-ismo* como formador de nomes de qualidade não é um dado absoluto, isto é, alguns autores assumem um posicionamento diferente, quer por omissão, quer por negação. Incluem-se neste grupo autores como Rainer 1989 e 2004 (§ 2.1.2.3.), em trabalhos que dedica aos nomes de

qualidade, Piel 1940, Bechara 1999 ou Mocho 1988 (§ 2.1.2.1.). O primeiro destes autores considera que o sufixo não deve ser enquadrado no grupo de sufixos que formam nomes de qualidade, uma vez que não é sequer um sufixo abstrato, ainda que em certas circunstâncias o seu comportamento se possa aproximar do desses sufixos; «non è un suffisso astrato vero e próprio, anche se a volte avvicina notevolmente a un suffisso di questo tipo» (Rainer 1989: 292). Já os restantes autores não fazem referência a significado de ‘qualidade’.

Partindo do pressuposto de que o sufixo *-ismo* forma nomes de qualidade, o que se verifica pela análise do nosso *corpus*, assumimos que os nomes de qualidade «se caracterizam pelo facto de serem substantivos predicativos, sincategoremáticos, não-contáveis, polissémicos, denominando entidades referencialmente dependentes e com ocorrências múltiplas» (Correia 1999: 140).

Façamos então uma reflexão sobre o que cada um destes atributos significa. Para tal servir-nos-emos, a título de exemplo, dos nomes derivados em *-ismo* presentes em 1.

Entende-se por predicativo qualquer nome que denomina determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade, possibilitando a sua atribuição a um outro nome, denominador de uma entidade portadora desse predicado/atributo/qualidade/propriedade; pensemos no *amadorismo de um grupo de teatro*, no *poliglotismo revelado por alguém*, no *catitismo de certo indivíduo*, no *verticalismo de uma atitude*, no *antidotismo de determinada substância* ou no *monolitismo de um grupo*. Os nomes em *-ismo*, por serem predicativos, permitem-nos então denominar uma qualidade (a de ser *amador*, *poliglota*, *catita*, *vertical*, *antídoto* ou *monólito*) que conseguimos identificar como própria de ou presente em determinada entidade.

No nosso *corpus* aparecem nomes em *-ismo* com esta significação e com origem denominal. Numericamente não são significativos, mas existem. A sua baixa frequência entende-se pelo facto de os nomes de qualidade serem mais frequentemente deadjetivais («les substantifs abstraits en -isme sont d’ordinaire formés après les adjectifs concrets» (Darmesteter 1972: 215-216)). Ao seleccionar bases nominais, o sufixo destaca do seu significado determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade entendido como característico ou próprio do indivíduo denominado. Seleccionando e recuperando esse predicado/atributo/qualidade/propriedade da base, o nome em *-ismo* constitui-se como a sua forma de denominação.

Vejamos agora o que se entende por sincategoremático. A autora considera como sincategoremáticos os nomes que «denominam entidades que não têm existência independente e que, portanto, precisam de suporte referencial» (Correia 1999: 112, nota de rodapé 44). Isto mesmo se verifica nos nomes que tomámos como exemplo e nas paráfrases apresentadas. Nelas verificamos que o predicado/atributo/qualidade/propriedade em questão se manifesta através de um «suporte referencial», entendido como a entidade que manifesta esse predicado/atributo/qualidade/propriedade, isto é, o *grupo de teatro, alguém, certo indivíduo, uma atitude, determinada substância ou um grupo*.

Do facto de serem sincategoremáticos se compreende que os nomes de qualidade surjam «denominando entidades referencialmente dependentes e com ocorrências múltiplas», uma vez que «uma qualidade é necessariamente interpretada como uma entidade que apenas se manifesta e se reconhece na multiplicidade de objectos que caracteriza ou que é susceptível de caracterizar» (Correia 1999: 127).

Um outro traço definatório dos nomes de qualidade é o serem não-contáveis. Assim, podemos contar as entidades que apresentam determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade (*um ou dois grupo(s) de teatro, uma ou duas pessoa(s), um ou dois indivíduo(s), uma ou duas atitude(s), uma ou duas substância(s)*) enquanto manifestações desse predicado/atributo/qualidade/propriedade, mas não podemos contabilizar o predicado/atributo/qualidade/propriedade em si (**dois amadorismos, *dois poliglotismos, *dois catitismos, *dois verticalismos, *dois anedotismos, *dois monolitismos*).

- | | |
|---|--|
| <p>1. <i>amador</i>_{Adj/N}
 «1 que ou o que ama; namorado; amante; 2 que ou o que exerce qualquer arte, desporto ou ofício por gosto e não por profissão; 3 [pej.] que ou o que é inexperiente» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>amadorismo</i>
 «estado do indivíduo que cultiva uma arte ou pratica um desporto como amator.» (DPE 2006)
 «Só que o amadorismo do ex-avançado e o autoritarismo dos dirigentes acabariam por matar o sonho e o clube, que caiu numa profunda crise financeira .» (CETEMPúblico <i>par=ext28164-des-94a-2</i>)</p> |
| <p><i>poliglota</i>_{Adj/N}
 «A <i>adj.2gén.</i> 1 que sabe ou fala muitas línguas; 2 escrito em várias línguas B <i>s.2gén.</i></p> | <p>> <i>poliglotismo</i>
 «1 qualidade de poliglota; 2 facilidade de falar muitas línguas» (DPE 2006)</p> |

«pessoa que fala ou conhece várias línguas»

(DPE 2006)

*catita*_{Adj}

«**1** bem arranjado; bem vestido; **2** airoso»

(DPE 2006)

*vertical*_{Adj}

«**1** que segue a direcção do fio-de-prumo; perpendicular ao plano do horizonte; **2** [fig.] direito; apurado; **3** [fig.] recto; íntegro; honesto» (DPE 2006)

*antídoto*_N

«**1** FARMÁCIA substância que se emprega para diminuir ou anular os efeitos nocivos de um veneno no organismo » (DPE 2006)

*monólito*_N

«**1** obra ou monumento formado de uma só pedra, cujo simbolismo se desconhece; **2** pedra de grades dimensões» (DPE 2006)

*Catão*_{Np}

> *catitismo*

«⇔ **catitice** (**1** qualidade de catita; **2** elegância; **3** janotismo).» (DPE 2006)

> *verticalismo*

«Na introdução a A Humanidade de Deus, procurei mostrar que ambos os títulos tentavam dizer o sentido desta coluna: entender as razões de um divórcio que a História provocou e alertar para as tentações sempre renascentes de contrapor **verticalismo** e horizontalismo, entre os quais seria obrigatório optar .» (CETEMPúblico *par=ext1484479-nd-95a-1*)

> *antidotismo*

«Propriedade que tem uma substância *ou* medicamento de impedir a acção de outra substância *ou* de outro medicamento» (JPM 1981)

> *monolitismo*

«carácter daquilo que é monolítico (no sentido de fortemente unido)» (DPE 2006)
«na região que me elegeu poderá haver **monolitismo** de pensamento ?» (CETEMPúblico *par=ext204040-nd-91b-2*)

> *catonismo*

«austeridade; **3** rigidez de carácter» (DPE 2006)

«De acordo com o autor, o «**catonismo** político», ou seja, um discurso de apelo à virtude pública e à pureza de ideais, como veículos de melhoramento moral da política e de correlativo saneamento da pátria, foi um tópico uma e outra vez hasteado por figuras

gradas beirãs, que lograram altear a sua voz, a ponto de serem escutadas por todo o país (v. pp. 84-86).» (<URL: [Também a polissemia \(§ 5.1.1.\) é apresentada como uma característica dos nomes de qualidade. A autora entende por polissemia a capacidade que os nomes de qualidade têm de vir a atualizar outros valores semânticos além do de qualidade. Deste modo, os nomes de qualidade podem igualmente «denominar uma entidade X \(pessoa, objecto, acção, expressão, comportamento, etc.\) que apresenta de modo relevante a propriedade em causa» \(Correia 2004: 95\). Quando este fenómeno de mudança de significado se verifica, estes nomes «deixam de comportar-se como nomes intensivos, passando a comportar-se como substantivos contáveis, isto é, a transferência de significado implica uma transferência de subcategoria do substantivo» \(Correia 2004: 95\).](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:W7YWAvWgkXkJ:www.scielo.oc.es.mctes.pt/scielo.php%3Fpid%3DS0003-25732004000300014%26script%3Dsci_artext+catonismo&cd=37&hl=pt-PT&ct=clnk&lr=lang_pt&client=safari>)</p>
</div>
<div data-bbox=)

Em § 4.3. analisaremos com que outros significados podem coabitar num mesmo nomes em *-ismo* com o significado de ‘qualidade’ e que tipo de relação estabelecem entre si.

Rio-Torto 1998a, que enquadra o sufixo *-ismo* na RFP ESSIV, considera que estes derivados «são parafraseáveis por “o facto de ser x”, “propriedade/qualidade de ser x”, em que x designa um predicativo, expresso por um adjectivo [...] ou, menos frequentemente, por um nome [...], atributivamente considerado.» (Rio-Torto 1998a: 122). Podemos verificar em 2. que os nomes em *-ismo* têm a capacidade de apresentar as paráfrases indicadas. Mais uma vez, portanto, confirmamos a inclusão destes nomes no grupo dos nomes de qualidade. Fazendo a inclusão destes nomes na RFP ESSIV, compreendemos mais claramente o papel semântico desempenhado pela base seleccionada. A base é assumida como um predicado/atributo/qualidade/propriedade (§ 4.2.), independentemente da sua configuração categorial (§ 3.3.). Verificando-se

portanto que o traço semântico relevante para o sufixo é o de predicatividade, «PRED (A/N) → N ESSIV» (Rio-Torto 1998a: 122).

2. *amadorismo* > ‘o facto de ser amador’
‘propriedade/qualidade de ser amador’
- poliglottismo* > ‘o facto de ser poliglota’
‘propriedade/qualidade de ser poliglota’
- catitismo* > ‘o facto de ser catita’
‘propriedade/qualidade de ser catita’
- verticalismo* > ‘o facto de ser vertical’
‘propriedade/qualidade de ser vertical’
- antidotismo* > ‘o facto de ser antídoto’
‘propriedade/qualidade de ser antídoto’
- monolitismo* > ‘o facto de ser monólito’
‘propriedade/qualidade de ser monólito’
- catonismo* > ‘o facto de ser Catão’
‘propriedade/qualidade de ser como Catão’

Apresentando o traço semântico de ‘qualidade’, surgem ainda alguns derivados em *-ismo* que se formam sobre bases que se caracterizam pelo facto de serem desprovidas de autonomia sintática. Como vimos em § 3.2., estes elementos podem corresponder a radicais que não pertencem à língua portuguesa (*stat-*) ou ser elementos ativos em português, formando estruturas simples (*rin-*) ou construídas (*hipergin-*).

3. *stat-* (lat.) > *estatismo*
«qualidade ou estado do que é estático» (DPE 2006)
- hipergin-* > *hiperginismo*
«exagero dos caracteres sexuais femininos» (DPE 2006)
- rin-* > *rinismo*
«voz nasalada, fanhosa; rinofonia» (DPE 2006)

No que concerne à construção do significado ‘qualidade’, estes derivados em *-ismo* comportam-se do mesmo modo que os que tomam bases retiradas de formas autónomas. Compreende-se que assim seja, uma vez que sendo radicais estas bases são portadoras de um significado lexical, tal como as bases obtidas a partir de unidades autónomas. Portanto, tal como as unidades autónomas, estas formas não autónomas

apresentam um significado genérico do qual o sufixo pode destacar um predicado/ atributo/qualidade/propriedade. Deste modo, o significado dos nomes em *-ismo* exemplificados em 3. pode ser descrito utilizando as paráfrases ‘qualidade de/o facto de ser estático’, ‘qualidade de/o facto de apresentar défice de caracteres sexuais masculinos’ e ‘qualidade de/o facto de apresentar voz nasalada’. Como a estas bases não corresponde uma forma com autonomia sintática em português, torna-se necessário explicitar o significado contido na base através de uma expressão que parafraseie o seu significado.

4.1.2. NOMES DE PRINCÍPIO EPISTEMOLÓGICO

Outro valor semântico habitualmente associado aos nomes em *-ismo* é o que lhes permite denominar doutrinas, sistemas, teorias, ideologias, concepções, movimentos, escolas, correntes, religiões, etc. (§ 2.1.2.). Os nomes utilizados para proceder a estas denominações partilham o facto de darem nome a uma construção teórica que resulta da observação e análise da realidade e que pretende explicitá-la e/ou regulamentá-la, podendo esta regulamentação implicar um agir sobre o real. Pelo facto de estes conceitos serem conceptualmente tão próximos, optámos por abarcar sob a mesma designação, ‘princípio epistemológico’, todos os nomes em *-ismo* que denominam este trabalho de observação, análise, explicitação de e regulamentação sobre a realidade.

A existência destes significados nos nomes em *-ismo* é reconhecida de longa data e é provavelmente a que de modo mais consensual é referida pelos autores (§ 2.1.2.1.). Piel 1940, por exemplo, faz referência à capacidade de os nomes em *-ismo* denominarem um «credo filosófico», um «credo político», um «credo artístico» ou um «credo religioso», servindo-se do nome «credo» como hiperónimo dos termos por nós apresentados e que abarcámos sob a designação de ‘princípio epistemológico’. O reconhecimento da proximidade semântica destes nomes depreende-se precisamente da opção do autor por utilizar um hiperónimo.

Esta perceção não se alterou de forma substancial e assim, mais recentemente, Correia 2004 expõe da seguinte forma a questão, «é associado a este sufixo o significado descritivo parafraseável por “ideologia / sistema de ideias / atitude(s) coerente(s) com esse sistema de ideias”» (Correia 2004: 284).

Contrariamente à opção assumida pela autora, consideramos que devemos analisar de forma individual os significados contidos na noção de ‘princípio epistemológico’ que propomos e aquele que Correia designa por «atitude» e que abordaremos em § 4.1.4. É certo que o que estabelecemos como sendo um ‘princípio epistemológico’ tem, muitas vezes, um reflexo prático e atitudinal, na medida em que pode determinar atitudes e comportamentos. Fizemos já referência ao facto quando afirmámos que sob esta designação se abarca não só um esforço de interpretação do real, mas também um esforço de regulamentação; ora esta regulamentação recai precisamente sobre o modo de agir, ou seja, sobre os comportamentos e as atitudes. Consideramos, no entanto, que do ponto de vista da organização semântica dos nomes em *-ismo* devemos abordar estas duas dimensões em separado, reservando-se a análise do significado ‘atitude’ para § 4.1.4. Igual opção tomámos para o significado de ‘práxis’ (§ 4.1.3.1.)¹²⁸. A capacidade destes dois significados para existirem sem ligação a um qualquer ‘princípio epistemológico’ obriga-nos a considerá-los de forma independente.

Procedimento equivalente ao de Correia 2004 fora já seguido por Rio-Torto 1998a ao assumir que o significado de «“atitude, procedimento relacionada/o com Xb”» (Rio-Torto 1998a: 123) se deve conceber como uma «significação mais específica de “sistema científico, filosófico, ideológico relacionado com Xb”» (Rio-Torto 1998a: 123). Já anteriormente vimos que a Rio-Torto 1998a enquadra o sufixo na RFP ESSIV. Esta, como outras regras de construção de palavras, apresenta diversas significações, decorrentes da primeira, o ser um nome essivo. Com efeito, dentro desta RFP, «é possível admitir-se que os produtos que representam nomes de sistema científico, filosófico, ideológico, e que são derivados em *-ia* (*antropologia*) e sobretudo em *-ismo* (*protestantismo*), adquiram, por força da especificidades do próprio sufixo, e da estrutura semântica das bases a que se anexam (bases que designam ser humano definido pelo seu perfil filosófico, ideológico, religioso), a significação mais específica de “sistema científico, filosófico, ideológico relacionado com Xb». (Rio-Torto 1998a: 123). No essencial, também estes nomes correspondem ao que designamos de ‘princípio epistemológico’.

¹²⁸ A coexistência num mesmo nome em *-ismo* dos significados de ‘princípio epistemológico’ e de ‘atitude’ será abordada em § 4.3.2.; a coexistência num mesmo nome em *-ismo* dos significados de ‘princípio epistemológico’ e de ‘práxis’ será abordada em § 4.3.1.

Em 4. podem observar-se alguns nomes em *-ismo* retirados do nosso *corpus* que apresentam como valor semântico ‘princípio epistemológico’.

4. *ateu*_{Adj/N} > *ateísmo*
 «**A** *s.m.* indivíduo que nega a existência de qualquer divindade **B** *adj.* **1** que nega a existência de qualquer divindade; **2** incrédulo; **3** céptico» (DPE 2006)
 «**1** atitude ou doutrina que nega a existência de Deus, valorizando a humanidade e a vida terrestre como um bem natural da qual o fenómeno divino está alheio; **2** negação da existência de Deus; **3** doutrina que não se apoia na existência de uma causa primeira para justificar o Universo» (DPE 2006)
- jacobino*_{Adj/N} > *jacobinismo*
 «**A** *s.m.* **1** POLÍTICA membro de um clube político francês revolucionário (Clube dos Jacobinos), fundado em Paris em 1789, cujas reuniões se faziam no antigo convento de frades com o mesmo nome; **2** POLÍTICA democrata exaltado ou radical; (...) **B** *adj.* **1** relativo ou pertencente aos membros do Clube dos Jacobinos» (DPE 2006)
 «**1** POLÍTICA doutrina revolucionária dos jacobinos, que tinham como objectivo acabar com as diferenças de classes e com a realeza; **2** POLÍTICA ideias democráticas avançadas ou revolucionárias» (DPE 2006)
- central*_{Adj} > *centralismo*
 «**1** que fica no centro; **2** que diz respeito ao centro» (DPE 2006)
 «sistema político que centraliza todas as actividades» (DPE 2006)
- fatal*_{Adj} > *fatalismo*
 «**1** traçado pelo destino ou fado; **2** que traz consigo a desgraça e a infelicidade; **3** que causa a morte; **4** que não se pode alterar nem evitar; inevitável; irrevogável» (DPE 2006)
 «doutrina segundo o curso dos acontecimentos está previamente traçado por uma força sobrenatural, não podendo ser alterado nem evitado pelo Homem» (DPE 2006)
- capital*_N > *capitalismo*
 «**1** dinheiro que constitui o fundo de uma indústria, sociedade comercial ou de um rendimento; **2** valores; **3** dinheiro» (DPE 2006)
 «**1** ECONOMIA regime económico caracterizado pela grande produção, pelo investimento de grande massa de bens e pela propriedade individual dos capitais e por um mercado livre e competitivo; **2** POLÍTICA regime no qual o poder político está na dependência dos detentores de capital»

	(DPE 2006)
<i>vulcão</i> _N	> <i>vulcanismo</i>
«aparelho natural formado por um canal (chaminé) aberto através da crosta terrestre, por cuja abertura superior (cratera) são expelidos produtos gasosos, sólidos e líquidos (lavas), a temperaturas muito altas, alguns dos quais se acumulam em torno da cratera e formam o monte vulcânico (cone ou cúpula)» (DPE 2006)	« 2 GEOLOGIA teoria que pretende explicar as causas das manifestações vulcânicas; 3 GEOLOGIA hipótese que atribui ao fogo a formação da primitiva crosta terrestre» (DPE 2006)
<i>Molina</i> _{Np}	> <i>molinismo</i>
	«doutrina do teólogo espanhol Luís de Molina (1535-1600), professor em Coimbra e Évora, que tentava conciliar a eficácia da graça com a liberdade da vontade» (DPE 2006)
<i>concentrar</i> _v	> <i>concentrismo</i>
« 1 fazer convergir para um centro; centralizar; juntar; reunir» (DPE 2006)	«sistema dos que advogam a concentração dos partidos políticos» (DPE 2006)
<i>transformar</i> _v	> <i>transformismo</i>
« A v.tr. 1 dar nova forma a; modificar; renovar; alterar; 2 metamorfosear; transfigurar; 3 regenerar; melhorar; 4 variar; 5 desfigurar B v.refl. 1 mudar de forma; 2 converter-se; 3 disfarçar-se; 4 tornar-se diferente; 5 modificar-se; regenerar-se» (DPE 2006)	«teoria biológica que, por oposição ao fixismo, afirma que as espécies vivas não são imutáveis, mas susceptíveis de transformação, e apareceram por evolução de formas mais simples» (DPE 2006)

Como se pode observar pelos exemplos de 4., o facto de as bases pertencerem a categorias distintas implica que apresentem uma estrutura semântica distinta na sua essência e que, conseqüentemente, contribuam de forma diversa para a construção do significado dos produtos, ainda que todos eles sejam idênticos entre si por denominarem um ‘princípio epistemológico’. Assim, as bases adjetivais oferecem a estes nomes um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual se constrói o nome de princípio epistemológico. As bases nominais (quer sejam um nome comum, quer sejam um nome próprio) apresentam uma entidade portadora de modo relevante de um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual se constrói o significado

do derivado. As bases adjetivais/nominais apresentam no seu significado, em simultâneo, um predicado/atributo/qualidade/propriedade e a denominação da entidade que o apresenta de forma relevante. Contudo, a categoria sintática da base parece mais uma vez ser secundarizada por forma a que o sufixo possa aceder ao valor semântico de predicado/atributo/qualidade/propriedade de que necessita para construir a significação do seu produto.

Estes nomes em *-ismo* apresentam ainda uma novidade relativamente aos nomes de qualidade: podem selecionar bases verbais. Nestes casos, o significado dos derivados constrói-se sobre uma palavra que refere um evento, portanto, comporta um valor de dinamicidade. O sufixo *-ismo* parece ser sensível a este traço. Os exemplos apresentados, *concentrismo* e *transformismo*, podem ser parafraseados utilizando o nome de ação construído sobre os verbos de base (5.), revelando que o valor de dinamicidade se configura como relevante para a construção da semântica destes derivados, que pressupõem o ‘ato de fazer’. Ou seja, estes nomes em *-ismo* denominam um ‘princípio epistemológico’ que se constrói sobre o ‘ato de fazer V’. Ao apresentarmos a paráfrase do significado do nome em *-ismo* que toma por base estes verbos socorremo-nos precisamente do nome de verbal para referir esse ‘ato de fazer V’ (*concentração* e *transformação*, nos exemplos de 5.).

5. *concentrismo* > ‘princípio epistemológico que pressupõe a concentração dos partidos políticos’
transformismo > ‘princípio epistemológico que pressupõe a transformação das espécies’

Também os elementos estrangeiros de estrutura simples (6.) e sobretudo os de estrutura complexa (7.) oferecem ao sufixo *-ismo* uma base derivacional suscetível de formar nomes que denominam um ‘princípio epistemológico’. Na verdade, este significado é o mais representado em bases não portuguesas, na sua maioria de origem clássica, muito provavelmente por os seus produtos se enquadrarem em linguagens técnicas e de especialidade que frequentemente recorrem a radicais neoclássicos para a construção de novos termos.

6. *ēmānāt-* (lat.) > *emanatismo*
 «doutrina panteísta segundo a qual o Universo é uma emanção de Deus» (DPE 2006)

fid- (lat.) > *fideísmo*

«doutrina filosófica que atribui, com vista ao conhecimento de algumas verdades, maior importância à fé do que à razão» (DPE 2006)

gestalt (alem.) > *gestaltismo*

«psicologia da forma; doutrina relativa a fenómenos psicológicos e biológicos, segundo a qual, à semelhança de uma melodia, que é algo mais do que as notas separadas que a compõem, cada fenómeno é um conjunto organizado que constitui uma unidade autónoma, com leis próprias, em que cada elemento depende solidariamente da estrutura do conjunto» (DPE 2006)

Maioritariamente de origem latina, estas bases são sempre retiradas de formas nominais, possibilitando que o derivado em *-ismo* construa o significado de ‘princípio epistemológico’ sobre a entidade (denominada pela base) que apresenta de forma relevante determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade. Nesta medida, o comportamento destas bases aproxima-se muito do comportamento das bases nominais portuguesas.

Em número mais reduzido e com um comportamento distinto estão as bases não autónomas construídas. Estas bases distinguem-se de todas as anteriores por apresentarem um grau de abstração mais elevado. Como são apenas três, apresentaremos em 7. o significado de todos os nomes em *-ismo* formados a partir de bases não autónomas construídas.

7. *monofis-* (*mono-* + *-fisi(o)-*) > *monofisismo*

«doutrina de uma seita herética, segundo a qual haveria em Cristo apenas uma natureza, a natureza divina» (DPE 2006)

pancal- (*pan-* + *-cal(i)-*) > *pancalismo*

«doutrina segundo a qual o belo é o valor fundamental» (DPE 2006)

panlog- (*pan-* + *-log(o)-*) > *panlogismo*

«doutrina de Hegel, filósofo alemão (1770-1831), segundo a qual todo o real é racional, e todo o racional é real, de maneira que o real pode ser construído a partir das leis do pensamento racional; por extensão, doutrina segundo a qual o real é racional e pode ser explicado racionalmente» (DPE 2006)

A forma como o sufixo *-ismo* acede ao significado destas bases é mais complexa e, conseqüentemente, mais difícil de explicitar do que quando a base se obtém a partir de uma forma autónoma. Independentemente da sua estrutura, as bases

não autónomas apresentam um conceito que contém elevado grau de abstração. O derivado em *-ismo* denomina um ‘princípio epistemológico’ que toma como pressuposto a partir do qual se constrói o conceito abstrato presente na sua base, isto é, o conceito enunciado na base é o conceito estruturante do ‘princípio epistemológico’ denominado pelo nome em *-ismo*. Estas bases são maioritariamente compostos, pelo que o seu significado é complexo, evocando o semantismo dos dois radicais. Este tipo de significado complexo, composto por diversos traços semânticos, parece ser adequado para a derivação em *-ismo*. Note-se, no entanto, que, mesmo quando a base é estruturalmente simples, é com frequência dotada de algum grau de abstração, uma vez que o seu significado tende a relacionar-se com um conceito (*ēmānāt-*, *fid-* e *gestalt*), definível por um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que o estruturam, e não apenas com uma entidade conceptualmente concreta, cujo significado resulta do recorte que a língua efetuou sobre o mundo físico.

Verifica-se então que, independentemente da categoria sintática da base e do seu significado nuclear (predicado/atributo/qualidade/propriedade, entidade portadora de determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade, predicado/atributo/qualidade/propriedade-entidade que o apresenta, evento) o nome em *-ismo* atualiza o significado de ‘princípio epistemológico’, não refletindo na construção do seu significado as diferenças categoriais das bases. Mais uma vez, estes nomes em *-ismo* se apresentam como depredicativos. Não invalidando este facto, e porque semanticamente são portadoras do valor de predicado/atributo/qualidade/propriedade, verificámos que também as bases não portuguesas ou não autónomas permitem ao sufixo *-ismo* construir um nome de princípio epistemológico.

4.1.3. NOMES DE PRÁTICA

Um outro valor semântico se encontra associado aos nomes em *-ismo*, o de ‘prática’. Usamos esta etiqueta para referir todos os nomes em *-ismo* que apresentam uma dimensão acional, isto é, todos os nomes que subentendem a realização reiterada de determinada ação. Os nomes em *-ismo* exemplificados em 8. constituem então a denominação de uma prática continuada. Neste grupo de nomes cabem os que denominam um hábito, um uso, um costume, uma atividade ou o estudo sobre

determinado assunto, uma vez que todos partilham precisamente a ideia de realização ou prática regular de determinada ação.

8. *canibal*_{Adj/N} > *canibalismo*

«1 hábito de comer carne humana; antropofagia; 2 acto de um animal comer outro da mesma espécie» (DPE 2006)

*conforme*_{Adj} > *conformismo*

«conformação com os usos ou doutrinas dominantes» (DPE 2006)

*gregário*_N > *gregarismo*

«tendência de indivíduos da mesma espécie para se reunirem e viverem juntos» (DPE 2006)

*tabaco*_N > *tabaquismo*

«1 consumo excessivo de tabaco; 2 dependência do consumo de tabaco» (DPE 2006)

*Onan*_N > *onanismo*

«qualquer forma de coito incompleto tendente a evitar a fecundação» (DPE 2006)

*deambular*_V > *deambulismo*

«1 hábito de deambular; 2 vida errante» (DPE 2006)

O valor semântico de ‘prática’ que os nomes apresentam constrói-se sobre bases pertencentes às quatro categorias sintáticas que determinámos estarem na base derivacional dos nomes em *-ismo*, nome (próprio ou comum), adjetivo/nome, adjetivo e verbo.

Este valor semântico é também referido em Rio-Torto 1998a, ainda que surja associado a outros valores e não seja apresentado de forma autónoma. Assim é porque frequentemente a um mesmo nome formado por meio de *-ismo* se associam, como verificaremos em § 4.3., diferentes significados. Afirma então a autora que os produtos da RFP ESSIV podem denominar «Por metonímia [...] “atitude, acção de quem é x(PRED) [...] “actividade relacionada com Xb”, “actividade que decorre do facto de ser Xb”» (Rio-Torto 1998a: 122-123).

Valores semânticos idênticos são reconhecidos por Correia 2004 ao considerar a capacidade dos nomes em *-ismo* para «denominar as práticas / actividades / técnicas com as quais o adjectivo [de base] se encontra relacionado» (Correia 2004: 295), apresentando entre outros os exemplos de *atletismo*, *campismo* e *funambulismo*. Chamamos a atenção para o facto de a autora considerar que estes nomes são formados por bases exclusivamente adjetivais (§ 3.3.), o que é contrariado pelos dados que recolhemos e dos quais apresentamos alguns exemplos em 8., uma vez que

encontramos bases classificáveis como adjetivo, mas também como adjetivo/nome, nome e verbo.

Na nossa proposta de trabalho, e ao contrário do procedimento adotado por Rio-Torto 1998a e Correia 2004, o significado ‘prática’ aparece isolado dos restantes significados que o sufixo pode atualizar. Tomámos esta opção por existirem nomes em *-ismo* que apresentam apenas este significado e, portanto, numa situação de independência em relação aos restantes. Porém, consideramos que, mesmo assim, esta etiqueta continua a albergar um conjunto de nomes em *-ismo* não totalmente homogêneo. Isto é, o que entendemos por ‘prática’ pode sê-lo de formas distintas e por isso optámos por recortar quatro subgrupos, o de nomes de práxis (§ 4.1.3.1.), o de nomes de prática desportiva (§ 4.1.3.2.), o de nomes de prática profissional (§ 4.1.3.2.) e o de nomes de modo de vida (§ 4.1.3.3.). Todos estes nomes servem a denominação de um determinado tipo de prática que se diferencia das outras por um conjunto de especificidades que simultaneamente a homogeneízam enquanto categoria distinta das restantes.

4.1.3.1. NOMES DE PRÁXIS

Como referimos, o valor semântico de ‘prática’ é complexo, uma vez que apresenta diversas especificidades semânticas que importa isolar. A ideia de prática continuada de uma ação pode conduzir ao desenvolvimento e utilização de determinada técnica, método ou procedimento ou ainda ao modo de funcionamento de um determinado regime político ou à ritualização associada aos cultos religiosos. Os fundamentos teóricos que sustentam e definem o desenvolvimento dessa técnica, método, procedimento ou o surgimento de determinado regime político ou ritualização podem muitas vezes ser encontrados num ‘princípio epistemológico’. Consideramos por isso que dentro do que entendemos ser o valor semântico de ‘prática’ devemos isolar este tipo específico de prática para a designação do qual optámos pelo termo ‘práxis’.

Por ‘práxis’ entendemos portanto uma «actividade fisiológica e principalmente psíquica, ordenada para um resultado» (DPE 2006) que se opõe a ‘princípio epistemológico’ mas que pode dele decorrer e cuja realização requer um determinado nível de regulamentação. Assim, por exemplo, um regime político consiste na aplicação

prática de determinados ‘princípios epistemológicos’ que também possibilitam a regulamentação do modo de funcionamento desse regime. Deste modo, nomes como *comunismo* apresentam dois valores semânticos distintos mas interdependentes: ‘princípio epistemológico’ e ‘práxis’ (9.); consistindo este último nos procedimentos e realizações associados ao regime político instituído com base nos pressupostos teóricos estabelecidos pelo primeiro (§ 4.3.1.).

9. *comum*_{Adj} > *comunismo*

«1 regime político, económico e social caracterizado pela comunhão de todos os bens (meios de produção e bens de consumo) e pela ausência da propriedade privada; 2 POLÍTICA doutrina política, económica e social que tem em vista a instauração daquele regime» (DPE 2006)

*Hitler*_{Np} > *hitlerismo*

«1 regime político estabelecido na Alemanha por A. Hitler, estadista alemão (1889-1945), que vigorou de 1934 a 1945; 2 conjunto das doutrinas de Hitler» (DPE 2006)

O significado de ‘práxis’ pode igualmente ser encontrado no grupo de nomes que, denominando uma religião, e inserindo-se por isso no que consideramos ser nomes de princípio epistemológico, também denominam o conjunto de práticas e rituais a ela associados. De facto, a denominação de uma religião implicará a denominação do ‘princípio epistemológico’ que a sustenta e a denominação da ‘prática’ que configura toda a componente ritualística que compõe uma religião. Um nome como *anglicanismo* é a denominação de uma religião, e isso implica que contenha a denominação de toda a ritualização, que supõe papéis e procedimentos previamente definidos, implicada nessa religião; portanto *anglicanismo* é igualmente um nome de práxis.

Dentro do que designamos por ‘práxis’ consideramos ainda existirem nomes em *-ismo* que designam técnicas e métodos. Embora estes nomes sejam em número mais reduzido que os anteriormente referidos, merecem um comentário. Podendo ou não estar diretamente relacionados com um ‘princípio epistemológico’, estes nomes permitem denominar uma prática espartilhada pelo estabelecimento preciso e *a priori* do modo como deverá ser concretizada. As ‘práxis’ que denominam estão associadas a variadas áreas do conhecimento, como os exemplos demonstram (10.). Dentro da área do conhecimento em questão, os nomes de práxis denominam o modo/técnica que deverá ser adotado na realização de determinado procedimento e visando alcançar um determinado fim. Estes nomes são maioritariamente de base nominal, ainda que surja uma ou outra base adjetival.

10. *cateter*_N > *cateterismo*

«sondagem com cateter» (DPE 2006)

*diálogo*_N > *dialogismo*

«FILOSOFIA método socrático de estudo, por meio de diálogos» (DPE 2006)

*divisão*_N > *divisionismo*

«**1** PINTURA técnica de pintura que consiste na justaposição de pequenas manchas de cores puras aplicadas directamente na tela, em vez de uso de cores previamente misturadas na paleta; **2** escola de pintura que adopta esta técnica» (DPE 2006)

*tantra*_N > *tantrismo*

«técnica de coordenação subtil entre a mente e o corpo humanos inspirada nos livros esotéricos hindus» (DPE 2006)

*global*_{Adj} > *globalismo*

«método de leitura em que a aprendizagem se faz da frase para as palavras e destas para as sílabas» (DPE 2006)

4.1.3.2. NOMES DE PRÁTICA PROFISSIONAL E NOMES DE PRÁTICA DESPORTIVA

A utilização de nomes em *-ismo* para a denominação de uma profissão ou de uma atividade desportiva não constitui, como se viu, uma novidade. Uma profissão ou um desporto implicam a prática reiterada de determinados procedimentos, e por essa razão optámos por recortar as etiquetas ‘prática profissional’ e ‘prática desportiva’ dentro do grupo maior de ‘prática’, entendendo-as como uma variante de ‘prática’ ou um tipo específico de ‘prática’. Deste modo, torna-se possível enfatizar a proximidade semântica existente entre os nomes que denominam uma ‘prática’ e os que, mais especificamente, denominam uma ‘prática’ realizada em contexto profissional e uma ‘prática’ realizada em contexto desportivo.

Estes nomes seleccionam principalmente bases nominais, ainda que haja algumas bases adjetivais/nominais. Em 11. apresentam-se exemplos de nomes em *-ismo* que denominam uma ‘prática desportiva’ e em 12. nomes em *-ismo* que denominam uma ‘prática profissional’.

No campo da ‘prática desportiva’, foram inseridos os nomes que denominam uma atividade secundária do indivíduo, praticada de livre vontade, ou seja, sem qualquer carácter de obrigatoriedade ou de necessidade, além do que se assume de livre-

-vontade e por lazer e que não é imposta ao indivíduo por qualquer causa externa. *Hip-* é a única forma não autónoma presente na base dos nomes em *-ismo* que atualizam este significado, sendo as restantes bases classificáveis como nome ou como adjetivo/nome.

- | | |
|--|--|
| <p>11. <i>alpino</i>_{Adj/N}
 «1 dos Alpes; 2 próprio dos montes elevados» (DPE 2006)
 <i>pára-quedas</i>_N
 «aparelho em forma de guarda-chuva destinado a diminuir a velocidade de queda de um objecto ou de uma pessoa que se lança de grande altura» (DPE 2006)
 <i>hip-</i></p> | <p>> <i>alpinismo</i>
 «desporto que consiste em ascensões às grandes altitudes» (DPE 2006)
 > <i>pára-quedismo</i>¹²⁹
 «desporto aéreo que consiste em saltar de pára-quedas de um avião ou de um helicóptero» (DPE 2006)
 > <i>hipismo</i>
 «desportos hípicos; corridas de cavalos; equitação» (DPE 2006)</p> |
|--|--|

Entendemos por ‘prática profissional’ a atividade principal realizada por um indivíduo e que serve como sua principal ou única fonte de rendimento, assumindo, por essa razão, um certo carácter de obrigatoriedade. Este carácter obrigatório decorre da necessidade que o indivíduo tem de garantir uma fonte de rendimento. O exercício da atividade em questão decorre de necessidades individuais, ainda que as normas desse exercício não sejam determinadas pelo próprio indivíduo mas antes resultem de uma imposição externa. Outro aspeto que ajuda a definir estes nomes é o facto de a ‘atividade profissional’ ser exercida não de forma permanente e continuada ao longo do dia, mas em horário e/ou local previamente definido(s).

- | | |
|--|---|
| <p>12. <i>funâmbulo</i>_{Adj/N}
 «equilibrista que anda ou dança em corda bamba» (DPE 2006)
 <i>faquir</i>_N
 «indivíduo que, em espectáculos, pratica ou deixa praticar sobre si mesmo actos de</p> | <p>> <i>funambulismo</i>
 «profissão ou arte de funâmbulo» (DPE 2006)
 > <i>faquirismo</i>
 «profissão dos faquires» (DPE 2006)</p> |
|--|---|

¹²⁹ À semelhança de outros desportos, o *pára-quedismo* também pode ser praticado profissionalmente. Portanto, o nome *pára-quedismo* designa não apenas uma ‘prática desportiva’, mas também uma ‘prática profissional’; o contexto de utilização do nome determinará qual dos sentidos é ativado.

mortificação física sem dar sinais de sofrimento ou sensibilidade» (DPE 2006)

*modelo*_N

«1 imagem ou desenho que representa o objecto que se pretende reproduzir esculpindo, pintando ou desenhando» (DPE 2006)

> *modelismo*

«criação de modelos destinados às actividades profissionais e à indústria» (DPE 2006)

As bases dos nomes de prática profissional são maioritariamente nomes de uma entidade humana. Estas bases, que denotam uma entidade que tem determinada ocupação / profissão, foram descritas com mais detalhe em m § 3.4.1.2.1. O nome de prática profissional denomina a atividade exercida por quem apresenta os predicados/ atributos/qualidades/propriedades necessários para a sua prática. Quando a base, mais raramente, não denomina uma entidade humana, fornece a denominação de uma entidade inanimada com a qual se relaciona o exercício da prática profissional que o nome em *-ismo* denomina, é o que se verifica em *modelismo*.

Como temos visto acontecer para outros tipos de nomes, as bases derivacionais dos nomes de prática profissional ou de prática desportiva podem ser definidas pelos predicados/atributos/qualidades/propriedades que veiculam, independentemente da sua categorização. A profissão de *funâmbulo* terá de ser exercida por quem tenha desenvolvido os predicados/atributos/qualidades/propriedades necessários para a exercer, tal como *pára-quedismo* ou *modelismo* requerem um objeto definido por certos predicados/atributos/qualidades/propriedades que viabilizam a prática desportiva ou a prática profissional.

4.1.3.3. NOMES DE MODO DE VIDA

O tipo de prática que designamos por ‘modo de vida’ tem uma linha de fronteira por vezes ténue com o que designamos por ‘prática profissional’, sendo necessário clarificar o que nos levou a determinar a existência de dois subgrupos distintos. O ‘modo de vida’ de um indivíduo resulta de um conjunto de práticas voluntariamente aceites e realizadas e que condiciona ou é suscetível de condicionar todas as atividades próprias da vivência desse indivíduo. É precisamente este ponto que nos levou a tomar

a opção de separar ‘modo de vida’ de ‘prática profissional’, uma vez que a ‘prática profissional’ não se infiltra na totalidade das vivências diárias do indivíduo, podendo, pelo contrário, ser isolada das restantes vivências (considerámos a existência de um horário e/ou de um local relevantes para a realização da ‘prática profissional’). Compreende-se assim que a forma como se vivencia um ‘modo de vida’ seja distinta da forma como se exerce uma ‘prática profissional’. Devemos ainda não esquecer que determinado ‘modo de vida’ pode ou não ser compatível com o exercício de uma dada ‘prática profissional’.

Um traço semântico das bases contribui para a diferenciação destes dois significados: o significado ‘modo de vida’ encontra-se com alguma frequência associado a bases que denotam entidades não humanas, facto que não é tão recorrente nos casos em que se atualiza o significado ‘prática profissional’.

Em 13. ilustram-se alguns nomes derivados em *-ismo* denominadores de ‘modo de vida’.

13. *bandoleiro*_N > *bandoleirismo*

«vida de bandoleiro» (DPE 2006)

*inquilino*_N > *inquilinismo*

«**1** BIOLOGIA associação biológica de dois indivíduos em que um deles utiliza o outro como habitação; **2** para alguns autores, modalidade de comensalismo; **3** o facto de um animal se tornar hóspede de outro, vivendo no ninho deste» (DPE 2006)

*sedentário*_{Adj} > *sedentarismo*

«vida sedentária; inactividade» (DPE 2006)

*monacal*_{Adj} > *monaquismo*

«vida monacal ou conventual; monacato» (DPE 2006)

*missionário*_{Adj/N} > *missionarismo*

«**1** vida ou funções de missionário; **2** evangelização; missionação» (DPE 2006)

*nómada*_{Adj/N} > *nomadismo*

«**1** modo de vida dos nómadas; **2** modo de vida de quem está sempre a mudar de habitação ou ocupação; modo de vida de pessoa errante» (DPE 2006)

À semelhança do que vem sucedendo em relação aos diferentes valores semânticos atualizados pelos derivados em *-ismo*, também para a construção do significado dos nomes que denominam ‘modo de vida’ são seleccionadas bases categorialmente distintas. Estas bases, nomes, adjetivos ou adjetivos/nomes, fornecem

ao nome em *-ismo* a referência ao predicado/atributo/qualidade/propriedade que possibilita a caracterização de cada ‘modo de vida’. Desta forma, os nomes apresentados poderiam ter as seguinte paráfrases:

14. *badoleirismo* > ‘modo de vida de quem tem o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser badoleiro’
- inquilinismo* > ‘modo de vida do que tem o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser inquilino’
- sedentarismo* > ‘modo de vida de quem tem o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser sedentário’
- monaquismo* > ‘modo de vida de quem tem o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser monacal’
- missionarismo* > ‘modo de vida de quem tem o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser missionário’
- nomadismo* > ‘modo de vida de quem tem o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser nómada’

4.1.4. NOMES DE ATITUDE

O valor semântico de ‘atitude’ é reconhecido como um dos valores semânticos atualizados pelos nomes em *-ismo* (§ 2.1.2.1.) e, conseqüentemente, é identificável no nosso *corpus*. Considerámos como denominadores de uma ‘atitude’ os nomes em *-ismo* que se constituem como o assumir de uma postura afetiva e/ou intelectual perante determinado facto do real. Distinguem-se dos nomes de prática por denominam o que impele à ação, à prática, e não a ação ou a prática em si. Tome-se o exemplo de *dandismo* (15.), que denomina a atitude, a postura, a maneira de ser de quem tem os predicados/atributos/qualidades/propriedades de *dândi*. Quando o valor semântico atualizado remete para o valor semântico de ação, os nomes em *-ismo* foram considerados como nomes de prática (§ 4.1.3.).

Já anteriormente Rio-Torto salientara a possibilidade de os nomes essivos denominarem também atitudes. Considera a autora que «Por metonímia, alguns produtos desta regra significam [...] “atitude, ação de quem é x(PRED)”» (Rio-Torto 1998a: 122). Este valor atitudinal de nomes essivos é ainda referido pela autora como estando associado à «significação mais específica de “sistema científico, filosófico, ideológico relacionado com Xb”» (Rio-Torto 1998a: 123). Em nota de rodapé referente

a esta significação pode ler-se que «Esta pode ainda manifestar-se pelas seguintes formulações [...] “atitude, procedimento relacionada/o com Xb” (*bairrismo*, *clubismo*); “atitude de quem é A” (*pedantismo*; *servilismo*; *snobismo*)» (Rio-Torto 1998a: 123, nota de rodapé 11).

O valor atitudinal dos nomes em *-ismo*, frequentemente associado a outros valores semânticos destes nomes (§ 4.3.), foi ainda referido por vários outros autores. Correia 2004 (295) considera que os nomes de qualidade podem «denominar formas de comportamento, atitudes». Como Rio-Torto 1998a notou, o valor atitudinal pode estar associado a outros valores semânticos e isso mesmo se verifica nos nomes derivados por meio de *-ismo*. Em 15. exemplificam-se os nomes em *-ismo* que apresentam como valor semântico ‘atitude’ e que, simultaneamente, têm a capacidade de denominar uma ‘qualidade’ (§ 4.1.1.). Estes nomes aproximam-se dos nomes em *-ismo* que Rio-Torto 1998a considera que adquirem o seu significado metonimicamente por se formarem sobre uma base predicativa.

15. *estrela*_N > *estrelismo*

«Contam horrores do mau humor e do **estrelismo** de Battle (quando ela deixou o Metropolitan Opera House de Nova York, os funcionários da casa adotaram uma camiseta com os dizeres " We survived the Battle ", ou seja, eles haviam sobrevivido à batalha que era conviver com Battle) [...]» (Corpus do Português Canto lírico rende muitas noites de opera 12 de abril de 1997 Br:SP)

*servil*_{Adj} > *servilismo*

«qualidade do que é servil; baixeza de sentimentos; subserviência; imitação servil; plágio» (DPE 2006)

*Dom João*_N > *dom-joanismo*

«maneira de ser e de agir de um dom-joão» (DPE 2006)

*dândi*_{Adj/N} > *dandismo*

«afectação de dândi; janotismo» (DPE 2006)

Independentemente da categoria sintática da base, os dois valores semânticos atualizados por estes nomes parecem apresentar o mesmo tipo de relação que o referido por Rio-Torto 1998a e Correia 2004. Deste modo, o nome em *-ismo* denomina a ‘qualidade’ mas também a ‘atitude’ de quem apresenta de forma relevante essa ‘qualidade’, a de ser *estrela* e a de ser *servil*. Este tipo de relação apresentada pelos dois valores semânticos exemplifica as afirmações feitas por Rio-Torto 1998a e Correia

2004. De acordo com as autoras, a significação de ‘atitude’ surge nos nomes essivos ou de qualidade, como decorrendo de um significado inicial, que é o de ‘qualidade’. Em § 4.3.5. apresenta-se de modo mais detalhado a coexistência destes significados num mesmo nome em *-ismo*.

As bases constituídas por nomes próprios também oferecem, ainda que escassas, possibilidades de atualização do significado de ‘atitude’, articulado ou não com o de ‘qualidade’. O exemplo apresentado, juntamente com *dom-quixotismo* e *quixotismo*, constitui uma dessas raras exceções. Nestes casos, o nome de base é tomado predicativamente, interessando ao sufixo determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade que caracteriza o indivíduo. Estes nomes próprios denominam um indivíduo que é reconhecido por determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade, sendo que é sobre este predicado/atributo/qualidade/propriedade, fortemente associado ao indivíduo, que o sufixo *-ismo* constrói o significado do seu produto e não sobre a capacidade denominativa ou referencial do nome de base. Desta forma, o nome em *-ismo* denomina uma atitude que pelos seus predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) é associada a ou característica do indivíduo denominado pela base.

O significado de ‘atitude’ pode igualmente coabitar com o de ‘princípio epistemológico’ num mesmo nome em *-ismo*, tal como se observa nos nomes exemplificados em 16.

16. *dogma_N > dogmatismo*

«**1** atitude de quem afirma com intransigência, de quem afirma sem prova, nem crítica prévia; **2** FILOSOFIA doutrina que admite a possibilidade de o homem alcançar a verdade, e a possibilidade e a validade do conhecimento absoluto» (DPE 2006)

nacional_{Adj} > nacionalismo

«**1** preferência pelo que é próprio da nação a que se pertence; patriotismo; **2** POLÍTICA doutrina política em que se pretende impor a predominância da nação à qual se pertence em todas as áreas; **3** POLÍTICA movimento político que reclama o direito de um povo de constituir uma nação» (DPE 2006)

liberal_{Adj/N} > liberalismo

«**1** atitude e comportamento daquele que é generoso; **2** atitude e comportamento daquele que respeitador da liberdade dos outros; **3** POLÍTICA doutrina segundo a qual convém dar aos cidadãos as melhores garantias contra o arbítrio do governo, separando deste o poder legislativo

e judiciário; **4** POLÍTICA doutrina segundo a qual o Estado não deve intervir na economia (liberalismo económico)» (DPE 2006)

Como referido anteriormente, a associação entre a denominação de uma ‘atitude’ e de um ‘princípio epistemológico’ por parte dos nomes em *-ismo* foi já considerada por Rio-Torto 1998a. De acordo com a autora, o valor atitudinal decorre da significação mais ampla que permite ao derivado em *-ismo* denominar o que consideramos ser um ‘princípio epistemológico’.

Como se verá em § 4.3.2., a relação entre os dois significados presentes nestes nomes não é igual na medida em que no nome *nacionalismo* a ‘atitude’ é a de quem segue determinado ‘princípio epistemológico’, ao passo que em *dogmatismo* e *liberalismo* a ‘atitude’ assumida não decorre necessariamente do ‘princípio epistemológico’ adotado.

Note-se que o que procuramos sublinhar é o facto de a ‘atitude’ denominada por estes derivados em *-ismo* não ser necessariamente a atitude própria de quem adota o ‘princípio epistemológico’ por eles simultaneamente denominado; contudo deve sublinhar-se também a existência de uma relação entre os dois significados (§ 4.3.7.) na medida em que ambos se constroem sobre o mesmo nome ou sobre o mesmo adjetivo/nome do qual retiram idêntica carga semântica. Como constroem o seu significado sobre o mesmo significado da base, os dois valores semânticos são muito próximos e, em certa medida, complementares.

Referimos já a capacidade dos nomes em *-ismo* para denominar uma ‘prática’ (§ 4.1.3.). Muitas vezes, este valor semântico surge intimamente relacionado com o de ‘atitude’. Com efeito, alguns nomes referem a realização de uma determinada ‘prática’ decorrente de uma ‘atitude’ previamente assumida e também presente no significado do derivado em *-ismo* (17.).

17. *colaboração_N* > *colaboracionismo*

«**1** política de colaboração com forças ocupantes de um determinado país; participação; **2** atitude dos apoiantes dessa colaboração» (DPE 2006)

Pantagruel_{Np} > *pantagruelismo*

«sistema dos que se preocupam apenas com os prazeres da mesa» (DPE 2006)

*eleitoral*_{Adj} > *eleitoralismo*

«atitude tomada pelos partidos políticos que consiste em fazer promessas de agrado público visando o sucesso eleitoral» (DPE 2006)

*erudito*_{Adj/N} > *eruditismo*

«1 manifestação de erudição» (DPE 2006)

A relação estabelecida entre estes dois traços semânticos atualizados por nomes em *-ismo* como os que se apresentam em 17. é de tal modo forte que por vezes se torna difícil separá-los. Ou seja, não é totalmente clara a linha divisória entre a ‘prática’ e a ‘atitude’ denominadas, sendo que o reconhecimento de um destes valores semânticos implica o reconhecimento do outro, não sendo fácil conceber os dois valores semânticos como independentes ou como tendo capacidade de existência sem que o outro significado também exista (§ 4.3.6.).

Nesta subsecção verificámos que os nomes de atitude em *-ismo* surgem frequentemente associados a outros valores semânticos como os de ‘qualidade’, ‘princípio epistemológico’ e ‘prática’. O significado de ‘atitude’ configura-se como tendo menor autonomia do que os anteriormente abordados ou maior facilidade de a eles se associar. Isto é, são relativamente poucas as vezes em que um nome de atitude é apenas um nome de atitude, não atualizando simultaneamente nenhum outro significado (18.). As bases adjetivais e adjetivais/nominais mostram-se mais capazes de atualizar este significado de forma autónoma.

18. *sexo*_N > *sexismo*

«Mas as estrelas negras dos nossos dias são rappers que glorificam a violência, o **sexismo** e mesmo o racismo .» (CETEMPúblico *par=ext178563-clt-95a-2*)

*laxo*_{Adj} > *laxismo*

«Mas não explica tudo, porque não se trata apenas de desleixo ou de **laxismo**» (CETEMPúblico *par=ext44503-nd-93b-1*)

*companheiro*_{Adj/N} > *companheirismo*

«O conhecimento de África e dos africanos, o **companheirismo** existente entre combatentes brancos e negros era vacina mais do que suficiente contra o racismo .» (CETEMPúblico *par=ext48608-nd-95a-1*)

Temos entendido a atitude como implicando, por consequência, um evento, uma prática. No nosso *corpus* encontramos nomes em *-ismo* que, não sendo nomes de atitude, lhes são próximos na medida em que também eles apresentam uma consequência actancial, são os nomes de sentimento.

Um ‘sentimento’ não se afigura como uma ‘atitude’; contudo é possível concebê-los como próximos, sobretudo considerando o modo como estes valores semânticos se comportam na construção do significado dos nomes em *-ismo*. Deste modo, consideramos que sentimentos e atitudes são antecâmaras da ação (vimos já como a ‘atitude’ pode relacionar-se com a ‘prática’). Algo de similar se verifica nos nomes que agora apresentamos. Constituem este grupo os nomes em *-ismo* que designam uma afeição, que concebemos como um estado, uma atitude passiva, afetiva (e sempre positiva) relativamente ao enunciado pela base. Estes nomes apresentam-nos um estado afetivo, uma inclinação ou tendência para, um gosto pelo que é enunciado pela base.

O valor semântico de ‘sentimento’ associado aos nomes em *-ismo* foi já referenciado por outros autores. Lembramos as palavras de Piel a este propósito, «o sufixo exprime uma atitude, inclinação, convicção ou tendência individual ou colectiva» (Piel 1940: 212).

19. *espanhol*_{Adj/N} > *espanholismo*

«1 afeição à Espanha; 2 costume espanhol; 3 palavra ou locução própria de espanhóis» (DPE 2006)

*quatrocentos*_N > *quatrocentismo*

«estilo, gosto ou expressão da escola literária dos quatrocentistas» (DPE 2006)

*Benfica*_{Np} > *benfiquismo*

«Que me perdoe Jorge de Brito, com todo seu **benfiquismo**, mas ele descarta totalmente o relacionamento desportivo a nível nacional» (CETEMPúblico *par=ext282582-des-92a-2*)

*oriental*_{Adj} > *orientalismo*

«1 conhecimento dos costumes, línguas e civilização dos povos orientais; 2 gosto das coisas orientais» (DPE 2006)

Os derivados em *-ismo* exemplificados em 19. apresentam como significado o que denominámos por ‘sentimento’ na medida em que manifestam uma atitude positiva, afetiva relativamente ao enunciado na base (uma nacionalidade, um período, uma região, um clube desportivo). O valor semântico de ‘sentimento’ impele à ação (tal

como o de ‘atitude’) e é por essa razão que muitos destes nomes têm a capacidade de também denominar uma ‘prática’ relacionada com a base, e impelida por esse ‘sentimento’, como se verifica nos exemplos de 19.

Estes nomes apresentam bases maioritariamente adjetivais/nominais, todas elas correspondendo a gentílicos. As bases adjetivais são em menor número e pela sua diversidade não são semanticamente classificáveis. Existem apenas duas bases nominais, *quatrocentos* e *quinhentos* (§ 3.4.1.3.), que também apresentam significados relacionados com ‘princípio epistemológico’. Os nomes próprios denominadores de clubes de futebol também se prestam a construir nomes em *-ismo* que designam um ‘sentimento’.

4.1.5. NOMES DE FENÓMENO

Um quinto valor semântico que associamos aos nomes derivados por meio de *-ismo* é o de ‘fenómeno’. Esta designação parece talvez excessivamente abrangente, portanto passaremos a explicitar o que, neste trabalho, entendemos ser o valor semântico de ‘fenómeno’ atualizado pelos derivados em *-ismo*. No dicionário, entre outras, encontra-se a seguinte aceção para ‘fenómeno’: «**2** tudo o que modifica os corpos» (DPE 2006). Efetivamente, é neste sentido lato que assumimos a designação de ‘fenómeno’ para valores semânticos suscetíveis de serem atualizados pelos nomes derivados em *-ismo*. Certos factos, acontecimentos e ações (voluntários ou não) resultam na transformação da entidade sobre a qual ocorrem. Os nomes em *-ismo* que denominam um ‘fenómeno’ são então aqueles que têm a capacidade de denominar o resultado ou consequência da ação exercida. Tome-se o exemplo de 20., o nome *albinismo*, que designa o fenómeno de alteração da pigmentação normal de determinado indivíduo.

20. *albin*_N > *albinismo*

«**1** MEDICINA anomalia orgânica que consiste na diminuição ou falta total de pigmento em zonas superficiais do corpo; **2** BOTÂNICA anomalia congénita das plantas que consiste numa carência de clorofila, que faz com que partes normalmente verdes se tornem brancas.» (DPE 2006)

Os nomes em *-ismo* que denominam um ‘fenómeno’ têm a particularidade de muito frequentemente estarem associados a áreas do conhecimento e de, portanto,

denominarem fenómenos próprios dessas áreas. O exemplo de 20. é revelador dessa associação e possibilita-nos uma outra observação: o mesmo nome em *-ismo* tem capacidade para denominar fenómenos não totalmente idênticos desde que inseridos em áreas do conhecimento distintas.

A área da medicina apresenta um elevado número de nomes em *-ismo* denominadores de um ‘fenómeno’ e apresenta-os repartidos por dois subgrupos: os que denominam ‘intoxicação’ (§ 4.1.5.1.) e os que denominam um ‘fenómeno patológico’ (§ 4.1.5.2.).

Ainda assim, e como se pode ver pelos exemplos 21., existem nomes em *-ismo* denominadores de ‘fenómeno’ ligados a outras áreas do conhecimento que não a medicina. Said Ali referira já este traço semântico ao afirmar que o sufixo *-ismo* «Em linguagem científica caracteriza certos fenômenos: magnetismo, galvanismo, timpanismo, meteorismo, ptialismo, reumatismo, traumatismo, sincronismo, estrabismo, etc.» (Ali 1964: 244).

21. *paralelo*_{Adj/N} *paralelismo*

«MATEMÁTICA relação binária que associa a cada recta (ou plano) outra recta (ou outro plano) que lhe é paralela (paralelo); desenvolvimento (evolução no mesmo sentido)» (DPE 2006)

*endomorfismo*_N > *endomorfismo*

«**1** GEOLOGIA modificação da composição do magma, em resultado da assimilação de rochas provenientes do exterior ou de reacções com as rochas encaixantes; **2** MATEMÁTICA transformação linear de um espaço vectorial em si mesmo e, mais geralmente, um homomorfismo de um conjunto (grupóide, grupo) em si mesmo» (DPE 2006)

*magama*_N > *magamatismo*

«GEOLOGIA desenvolvimento e movimento do magma no interior da Terra» (DPE 2006)

*micróbio*_N > *microbismo*

«presença, no organismo, de micróbios não patogénicos» (DPE 2006)

*Galvani*_{Np} > *galvanismo*

«fenómenos eléctricos produzidos pelas correntes originadas nas pilhas ou nos acumuladores» (DPE 2006)

Galvanismo é o único derivado em *-ismo* que, seleccionando por base um nome próprio, denomina um ‘fenómeno’. O significado deste derivado em *-ismo* que denomina um ‘fenómeno’ constrói-se sobre o nome do indivíduo que o identificou. Adiante (§ 4.1.5.2.) se verá como nos nomes ligados à medicina denominadores de um

‘fenómeno patológico’ se encontra mais frequentemente este tipo de base e com um comportamento idêntico. Os nomes de fenómeno, suscetíveis de ser enquadrados numa determinada área do conhecimento, têm na sua base um nome (*endomorfo*, *micróbio*) ou um adjetivo/nome (*paralelo*) que apresenta determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades que estabelecem algum tipo de relação com o fenómeno em questão.

4.1.5.1. NOMES DE INTOXICAÇÃO

O valor semântico de ‘intoxicação’ recorta-se claramente dentro do conjunto de nomes em *-ismo* que apresentam o valor semântico de ‘fenómeno’ aplicado à área da medicina. Entendemos por intoxicação a alteração do estado normal do indivíduo, frequentemente com consequências negativas, em resultado da ação tóxica exercida por uma substância dotada de propriedades intoxicantes. Em 22. apresentam-se como exemplo alguns destes nomes.

22. *barbitúrico*_{Adj/N} > *barbiturismo*

«intoxicação produzida por barbitúricos» (DPE 2006)

*anilina*_{Adj/N} > *anilismo*

«intoxicação pelas anilinas» (DPE 2006)

*cantárida*_N > *cantaridismo*

«intoxicação pelas cantáridas» (DPE 2006)

*nicotina*_N > *nicotinismo*

«intoxicação devida ao abuso do tabaco» (DPE 2006)

*Saturno*_{Np} > *saturnismo*

«intoxicação pelo chumbo, frequente nos pintores e, antigamente, nos cheiradores de rapé, por causa dos invólucros» (DPE 2006)

Os derivados em *-ismo* presentes em 22. constroem o seu significado sobre o adjetivo/nome ou o nome que lhes serve de base e denominam o ‘fenómeno’ que decorre do consumo excessivo do adjetivo/nome ou nome de base, isto é, uma ‘intoxicação’.

As bases nominais contribuem para a construção do significado do derivado com a indicação da substância causadora da ‘intoxicação’. Desta forma, os nomes de intoxicação em *-ismo* podem ser parafraseados por ‘intoxicação causada por Nb’. Apenas o derivado *saturnismo* apresenta um comportamento distinto. Em primeiro lugar por tomar por base um nome próprio e, em segundo lugar e de modo mais relevante, por não permitir a leitura linear que se pode fazer sobre os restantes derivados em *-ismo* de base nominal e designadores de ‘intoxicação’. Saturno é, de longa data, associado ao chumbo, metal responsável pela ‘intoxicação’ denominada pelo derivado. A construção do significado do nome em *-ismo* faz-se precisamente sobre a aproximação semântica, conceptual e cultural entre o nome próprio de base e o metal que a ele é tradicionalmente associado, rejeitando os significados próprios e mais comumente reconhecidos na base formal selecionada.

Como dissemos, as bases que permitem construir o significado ‘intoxicação’ são maioritariamente nomes. Apenas três adjetivos/nomes são utilizados como base; são os que surgem na base de *barbiturismo* e *anilismo*, já apresentados, e ainda na base de *ofidismo*. *Alcalinismo* é o único derivado em *-ismo* denominador de ‘intoxicação’ tomado de uma base adjetival, *alcalino*; este adjetivo permite classificar determinado conjunto de substâncias.

Compreende-se que para a construção destes nomes em *-ismo* as bases sejam maioritariamente nominais, a paráfrase ‘intoxicação causada por’, que descreve o significado do produto em *-ismo*, requer um nome, que designa a substância capaz de desencadear a intoxicação. A presença do derivado *alcalinismo* (que toma uma base adjetival) pode entender-se pela existência do nome *alcalinos*, que designa o conjunto de substâncias que têm a propriedade de ser alcalinas.

Seja como for, o sufixo *-ismo* retira das suas bases os predicados/atributos/qualidades/propriedades suscetíveis de desencadear uma intoxicação. Isto é, independentemente da classificação categorial da base, o sufixo procura nela os predicados/atributos/qualidades/propriedades que conferem toxidade à substância e que, conseqüentemente, desencadeiam a intoxicação denominada e não quaisquer outros que permitam definir a substância em questão¹³⁰.

¹³⁰ Sobre o valor semântico destas bases ver § 3.4.1.2.2.

4.1.5.2. NOMES DE FENÓMENO PATOLÓGICO

Sob a designação de ‘fenómeno patológico’ enquadramos todos os nomes de doenças, anomalias, lesões, dores, espasmos, etc., na medida em que todos eles têm em comum o facto de representarem uma alteração do estado ou condição tidos como naturais ou saudáveis e que implicam um funcionamento irregular do organismo que os apresenta. Este é um grupo que se afigura algo heterogéneo, uma vez que enquadra nomes derivados em *-ismo* que atualizam valores semânticos específicos muito variados.

A utilização do sufixo *-ismo* para a formação de nomes de ‘fenómeno patológico’ fora já identificada, veja-se a referência à sua utilização para a «construção de nomes de doenças / mal-formações / deficiências e, ainda, intoxicações / dependências físicas» (Correia 2004: 295). Esta afirmação de Correia 2004 abarca não só os nomes que consideramos designarem ‘fenómeno patológico’ como também os que designam ‘intoxicação’ (§ 4.1.5.1.).

Nas bases derivacionais destes nomes encontram-se sete adjetivos/nomes, um adjetivo e vinte e quatro nomes. Os nomes em *-ismo* de base adjetival/nominal apresentam-se em 23.

23. *adenóide*_{Adj/N} > *adenoidismo*

«Conjunto das perturbações gerais e locais resultantes das vegetações adenóides» (JPM 1981)

*albino*_{Adj/N} > *albinismo*

«1 MEDICINA anomalia orgânica que consiste na diminuição ou falta total de pigmento em zonas superficiais do corpo» (DPE 2006)

*gigante*_{Adj/N} > *gigantismo*

«2 MEDICINA perturbação patológica que se traduz num desenvolvimento anatómico exagerado» (DPE 2006)

*histérico*_{Adj/N} > *histericismo*

«⇒ **histeria** (1 MEDICINA doença nervosa caracterizada pela exteriorização exagerada das perturbações de natureza emocional ou afectiva, manifestadas através de sintomas físicos (dores, paralisias, convulsões) e psíquicos (alucinações, angústia); histerismo» (DPE 2006)

*idiota*_{Adj/N} > *idiotismo*

«MEDICINA afecção congénita caracterizada por défice mental muito grave, nomeadamente com ausência de linguagem e nível mental inferior a três anos, determinado por testes» (DPE 2006)

*mongol*_{Adj/N} > *mongolismo*

«MEDICINA deficiência congénita profunda, associada a uma alteração na estrutura ou no número de cromossomas, que se manifesta por um atraso mental mais ou menos profundo e por características fisionómicas específicas, sobretudo pela face achatada e pela junção dos ossos nasais; síndrome de Down» (DPE 2006)

*tiróide*_{Adj/N} > *tiroidismo*

«perturbações provocadas pelas afecções da tiróide» (DPE 2006)

As bases dos nomes que apresentamos em 23., constituídas por adjetivos/nomes, não são semanticamente homogéneas, havendo dois grupos que claramente se recortam.

Num primeiro grupo, temos os derivados *adenoidismo* e *tiroidismo* que tomam por base, respetivamente, *adenóide* e *tiróide*. Estas formas de base tanto podem ser o nome de uma glândula ou o adjetivo que tipifica determinada glândula. O nome em *-ismo* designa qualquer alteração, isto é, ‘fenómeno patológico’, resultante do irregular funcionamento dessas glândulas. Portanto, a base remete para o elemento no qual reside a causa do ‘fenómeno patológico’ denominada pelo derivado em *-ismo*.

Os restantes derivados em *-ismo* apresentam uma base que enquanto adjetivo atribui um determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade e enquanto nome designa o indivíduo que apresenta de forma relevante esse predicado/atributo/qualidade/propriedade. Com efeito, os nomes *albinismo*, *gigantismo*, *histericismo*, *idiotismo* e *mongolismo*¹³¹ denominam o ‘fenómeno patológico’ que tem como resultado a aquisição de certos predicados/atributos/qualidades/propriedades enunciados pela base; por exemplo, *gigantismo* é um ‘fenómeno patológico’ que se caracteriza pelo facto de o indivíduo adquirir determinadas características físicas que o assemelham a um gigante.

As bases adjetivais não parecem oferecer uma base apta à formação de nomes que denominam um ‘fenómeno patológico’; ainda assim, encontramos o nome *infantilismo* apresentado em 24.

¹³¹ O nome *mongolismo* só parcialmente se comporta como os restantes, apresentando uma construção de significado mais complexa, uma vez que a sua base designa uma qualidade física característica de determinada região. Em § 3.4.2. apresentam-se mais detalhes sobre o comportamento da base na construção do significado deste nome.

24. *infantil*_{Adj} > *infantilismo*

«suspensão do desenvolvimento morfológico e psíquico no estágio da infância» (DPE 2006)

Esta base adjetival tem um comportamento equivalente ao que encontramos em nomes como *gigantismo*, de base adjetival/nominal. A base *infantil* oferece ao nome derivado em *-ismo* um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que permitem caracterizar o ‘fenómeno patológico’ *infantilismo*. Este ‘fenómeno patológico’ consiste então numa alteração do normal desenvolvimento do indivíduo que resulta na preservação de predicados/atributos/qualidades/propriedades próprios do que é *infantil*.

Como já dissemos, a maioria dos nomes em *-ismo* que apresenta por significado ‘fenómeno patológico’ constrói-se sobre uma base nominal. O significado específico atualizado por cada um destes derivados em *-ismo* é, no entanto, variável, podendo, de modo mais específico, referir uma doença (*artrite*), um espasmo (*esófago*), uma lesão (*trauma*), uma dor (*útero*), etc., como se pode verificar pelos significados transcritos em 25.

25. *artrite*_N > *artrite*_{ismo}

«estado mórbido do organismo (diátese), relacionado com condições de transmissão hereditária» (DPE 2006)

*esófago*_N > *esófago*_{ismo}

«espasmo do esófago» (DPE 2006)

*presbita*_N > *presbita*_{ismo}

«perturbação da visão, originada pelo endurecimento do cristalino, que não deixa ver com nitidez os objectos próximos, e que tem lugar com o avanço da idade; o m. q. vista cansada e presbiopia» (DPE 2006)

*trauma*_N > *trauma*_{ismo}

«**1** ferimento, lesão ou contusão provocada por acção violenta de um agente externo; trauma; **2** ferida contusa; **3** agente produtor da lesão» (DPE 2006)

*útero*_N > *útero*_{ismo}

«dor uterina (espasmódica)» (DPE 2006)

*Dalton*_{Np} > *Dalton*_{ismo}

«**1** MEDICINA incapacidade de distinguir certas cores umas das outras, principalmente o vermelho e o verde; **2** característica de um observador com a faculdade de discriminação de

cores muito reduzida, em comparação com o número total de cores que um observador normal pode distinguir; discromatopsia» (DPE 2006)

*Príapo*_{Np} > *priapismo*

«MEDICINA ereção forte, persistente, anormal do pênis, muitas vezes dolorosa, por motivo patológico» (DPE 2006)

Os nomes em *-ismo* denominadores de ‘fenómeno patológico’ selecionam por base nominal tanto nomes comuns como nomes próprios.

As bases nominais constituídas a partir de um nome próprio são apenas quatro, das quais damos os exemplos que constam de 25. As bases destes nomes não se comportam como as que têm origem em nomes comuns. *Daltonismo* denomina um ‘fenómeno patológico’ que constrói o seu significado sobre John Dalton, o nome do indivíduo que primeiro o identificou e estudou. O derivado *priapismo* toma por base o nome próprio Príapo, deus grego da fertilidade. O significado do derivado constrói-se sobre a analogia entre o ‘fenómeno patológico’ denominado e a figura do deus, que é representado com a ereção que constitui a manifestação física do ‘fenómeno patológico’.

No que diz respeito às bases constituídas por nomes comuns, elas contribuem de formas muito diversas para a formação do significado dos derivados em *-ismo*, apresentando eles próprios, como referimos, diversidade de significados.

Nomes como *linfatisimo*, *melanismo*, *prostatismo*, *timpanismo*, *uterismo* e *vaginismo* designam um fenómeno patológico ocorrido no órgão ou substância orgânica denominada pela base derivacional (*linfa*, *melanina*, *próstata*, *tímpano*, *útero* e *vagina*).

Algumas das bases destes derivados são, elas próprias, denominadoras de um fenómeno patológico. Quando tal se verifica, o derivado em *-ismo* parece denominar um fenómeno patológico muito semelhante, mas de carácter mais difuso e disseminado. Em 26. exemplificamos o nome *nevralgismo*, mas vimos suceder o mesmo nos nomes *artritisimo*, *fagedenismo* e *tetanismo*.

26. *nevralgia*

«MEDICINA dor intensa, aguda, que irradia para a região enervada por um nervo periférico» (DPE 2006)

> *nevralgismo*

«estado doloroso difuso, ordinariamente bilateral, em região mais ou menos extensa do corpo» (DPE 2006)

Quatro derivados em *-ismo* que seleccionam uma base nominal apresentam um comportamento particular, na medida em que base e derivado não parecem atualizar diferentes significados. O significado destes nomes e o das suas bases apresenta-se em 27.

27. <i>acromegalia</i>	> <i>acromegalismo</i>
«doença que ocorre, por vezes, nos adultos, originada pelo funcionamento anormal da hipófise e caracterizada pela hipertrofia das extremidades do corpo, sobretudo das mãos, dos pés e da face» (DPE 2006)	«⇔ acromegalia » (DPE 2006)
<i>anervia</i>	> <i>anervismo</i>
«falta de acção nervosa; paralisia» (DPE 2006)	«⇔ anervia » (DPE 2006)
<i>aptialia</i>	> <i>aptialismo</i>
«MEDICINA falta ou diminuição de saliva» (DPE 2006)	«⇔ aptialia » (DPE 2006)
<i>histeria</i>	> <i>histerismo</i>
« 1 MEDICINA doença nervosa caracterizada pela exteriorização exagerada das perturbações de natureza emocional ou afectiva, manifestadas através de sintomas físicos (dores, paralisias, convulsões) e psíquicos (alucinações, angústia); histerismo» (DPE 2006)	«⇔ histeria » (DPE 2006)

Os exemplos de 27. apresentam quatro nomes em *-ismo* denominadores de um ‘fenómeno patológico’. A sua particularidade reside no facto de o sufixo parecer não contribuir para a construção do significado do nome derivado. Considerámos como base destes nomes outros nomes, também eles derivados, ainda que por um outro sufixo, o sufixo *-ia*. Contudo, neste caso, parece que temos de assumir uma sinonímia entre base e derivado, opção em relação à qual não estamos seguros. Acreditamos, no entanto, que devemos manter em aberto uma outra possibilidade derivacional na qual os dois nomes, em *-ia* e em *-ismo*, partilham uma mesma base derivacional, um radical preso. Aceitando esta segunda hipótese, teríamos de considerar a existência de casos de sinonímia entre os dois sufixos.

Encontramos ainda outros três nomes em *-ismo* que partilham o significado com o nome que tomam por base. Distinguem-se do anterior grupo por as bases derivacionais de *-ismo* não serem constituídas pelo sufixo *-ia*.

28. *microtrauma* > *microtraumatismo*
 «MEDICINA trauma ligeiro; lesão ligeira; microtraumatismo» (DPE 2006) <MEDICINA ⇒ **microtrauma**» (DPE 2006)
- trauma* > *traumatismo*¹³²
 «1 MEDICINA qualquer lesão ou perturbação produzida no organismo por uma agente exterior accionado por uma força; traumatismo; 2 ferida contusa; contusão» (DPE 2006) <1 ferimento, lesão ou contusão provocada por acção violenta de um agente externo; trauma; 2 ferida contusa; 3 agente produtor da lesão» (DPE 2006)
- tromboembolia* > *tromboembolismo*
 «No total, 71 casos foram avaliados, ficando constatado que 46 são ligados a problemas com **tromboembolia** - principalmente infarto e Acidente Vascular Cerebral (AVC) -, dos quais 23 morreram.» (<URL: <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>, “Laudo constata irregularidades”; 2/4/2012) <Entre as complicações mais temidas, encontrava-se o **tromboembolismo**, ou seja, a formação de coágulos nos vasos sanguíneos .» (CETEMPúblico par=ext524310-clt-soc-94a-2)

À semelhança do que sucede com os nomes de 27., nos nomes de 28. parece que o sufixo *-ismo* não dá qualquer contribuição para a construção do significado do produto.

Encontramos um outro caso de sinonímia entre os nomes de fenómeno patológico. Os nomes em questão são *impaludismo*, *paludismo* e *sezonismo*. Embora não constitua um caso de derivação em *-ismo*¹³³, apresentamos o nome *impaludismo* por partilhar a sua significação com os outros dois nomes. Verifica-se neste caso uma

¹³² Apesar de os nomes *trauma* e *traumatismo* apresentarem alguma sinonímia, o nome *traumatismo* foi alvo de uma especialização semântica que permite distingui-lo de *trauma*. Este assunto foi abordado com mais detalhe em § 3.4.1.2.2.

¹³³ Julgamos que este nome resulta da concatenação do prefixo *in-* ao nome *paludismo*. Os nomes que não têm na afixação por *-ismo* o seu último patamar derivacional estão fora do âmbito deste trabalho (§ 1.2.1.). Porém, cremos que devemos considerar este nome para compararmos a sua significação com os derivados em *-ismo* *paludismo* e *sezonismo*.

situação de sinonímia não entre sufixos, mas entre diferentes nomes derivados pelo mesmo sufixo (*paludismo* e *sezonismo*) a partir de diferentes bases (*palude* e *sezão*). A sinonímia destes nomes torna-se clara pela leitura dos seus significados apresentados em DPE 2006 e transcritos em 29.

29. *impaludismo*

«MEDICINA [ant.] **paludismo**» (DPE 2006)

*palude*_N > *paludismo*

«MEDICINA grave doença parasitária provocada por esporozoários (hematozoários) inoculados no homem por um mosquito, e também conhecida por malária» (DPE 2006)

*sezão*_N > *sezonismo*

«MEDICINA ⇒ **impaludismo**» (DPE 2006)

Ainda que denominando a mesma realidade, estes nomes em *-ismo* acedem, ou fazem referência, a ‘fenómeno patológico’ por diferentes vias:

(i) *impaludismo*, denomina o ‘fenómeno patológico’ que resulta da infeção com paludismo;

(ii) *paludismo*, denomina o ‘fenómeno patológico’ que é frequente num palude, por aí se verificarem as condições ideais ao desenvolvimento do mosquito responsável pela doença.

(iii) *sezonismo*, denomina o ‘fenómeno patológico’ que se caracteriza pela apresentação de sezões (febres fortes e intermitentes).

A base pode fornecer informação sobre os predicados/atributos/qualidades/propriedades que definem as regiões onde o ‘fenómeno patológico’ preferencialmente se desenvolve (*palude*) ou fazer referência a um sintoma reconhecido com próprio desse ‘fenómeno patológico’ (*sezão*).

Verifica-se nos nomes de fenómeno patológico uma série de comportamentos que, considerando o que temos vindo a observar como sendo o comportamento semântico dos nomes em *-ismo*, podemos classificar de irregulares. Esta irregularidade não se deve tanto à variedade referencial de ‘fenómenos patológicos’ que os nomes em *-ismo* denominam, mas sobretudo ao modo como o sufixo se comporta na construção do significado do derivado e no modo como utiliza o significado da base. O modo irregular e diverso como estes nomes constroem o seu significado não nos permite

determinar-lhes uma paráfrase, tal como temos apresentado para os valores semânticos anteriormente abordados.

Em suma, os nomes de fenómeno, incluindo os subtipos apresentados, denominam uma realidade física, afastando-se do tipo de entidade que até aqui temos visto os nomes em *-ismo* denominar. Os valores semânticos anteriormente identificados, ‘qualidade’, ‘princípio epistemológico’, ‘prática’ e ‘atitude’, partilham o facto de serem marcados por certo grau de abstração. Pelo contrário, os nomes de fenómeno perdem o seu valor abstrato ao denominar realidades físicas concretas. Os nomes de intoxicação e de fenómeno patológico em particular evidenciam de forma clara esse maior grau de concreção ao denominarem realidades tão facilmente observáveis no mundo físico e que se compõem por um conjunto de eventos, também eles concretos¹³⁴.

Estes nomes revelam então um elevado grau de atipicidade dentro do que se tem vindo a observar ser o habitual comportamento dos nomes em *-ismo*. Além de uma maior grau de concreção dos produtos, os nomes de fenómeno patológico apresentam com as suas bases relações distintas das encontradas nos nomes em *-ismo* que atualizam outros significados.

4.1.6. NOMES DE LOCUÇÃO

A capacidade que os nomes em *-ismo* apresentam para denominar uma palavra ou expressão foi já referida (§ 2.1.2.). Designámos estes nomes em *-ismo* como nomes de locução e identificamos no nosso *corpus* as seguintes categorias das bases: adjetivos/nomes, nomes comuns, nomes próprios e adjetivos (30.). Maioritariamente as bases selecionadas são adjetivos/nomes, e apenas encontramos as duas bases adjetivais que constam de 30.

30. *brasileiro*_{Adj/N} > *brasileirismo*

«expressão ou palavra brasileira» (DPE 2006)

*italiano*_{Adj/N} > *italianismo*

«palavra ou locução própria da língua italiana» (DPE 2006)

¹³⁴ Os diferentes graus de abstração que podem ser encontrados no valor semântico do sufixo *-ismo* serão abordados com maior detalhe em § 5.1.3.1.1.

*gálico*_{Adj} > *galicismo*

«palavra ou frase de formação ou índole francesa» (DPE 2006)

*provincial*_{Adj} > *provincialismo*

«locução ou sotaque peculiar de uma província» (DPE 2006)

*latim*_N > *latinismo*

«construção que imita a língua latina; palavra ou locução própria da língua latina» (DPE 2006)

*Grécia*_{Np} > *grecismo*

«locução peculiar à língua grega» (DPE 2006)

O significado destes nomes em *-ismo* alcança-se de forma idêntica, seja qual for a categoria da base. Com efeito, o significado do derivado constrói-se sobre a referência feita pela base a determinada localização geográfica, sendo possível apresentar como paráfrase destes nomes em *-ismo* ‘locução própria de Xb’. Sendo que X representa necessariamente uma palavra de categoria sintática variável (adjetivo/nome, adjetivo ou nome), como se verifica em 30. Contudo, do ponto de vista informacional dispomos sempre da referência a um país ou região (categorialmente um nome), vejam-se as paráfrases apresentadas em 31. Portanto, o sufixo parece ter a capacidade de aceder, para a construção do significado do derivado, e quando a base não é um nome, ao nome a partir do qual se formou o adjetivo, uma vez que os adjetivos aqui envolvidos são todos derivados sobre bases nominais que denominam determinado espaço geográfico. Posteriormente, o sufixo *-ismo* construirá o significado do seu derivado sobre a semântica deste nome, por exemplo *Gália* ou *província*; estes nomes constituem a base do adjetivo que formalmente é selecionado pelo sufixo.

31. *brasileirismo*

‘locução própria do Brasil’

italianismo

‘locução própria de Itália’

galicismo

‘locução própria da Gália’

provincialismo

‘locução própria da província’

grecismo

‘locução própria da Grécia’

O fenómeno agora descrito, em que o afixo acede à informação semântica do nome sobre o qual se derivou a sua base derivacional, adjetivo ou adjetivo/nome, foi referido e desenvolvido no capítulo anterior (§ 3.4.3.1.2.).

Em relação aos nomes em *-ismo* que denominam uma ‘locução’ há ainda que considerar os que tomam uma base categorialmente classificável como nominal. Em 30. apresentámos já como exemplo *latinismo*; no entanto, a construção do significado deste nome não pode descrever-se tal como foi descrita a dos restantes nomes de locução apresentados em 31., uma vez que a base não faz referência a um espaço geográfico, mas a uma língua. Assim, a paráfrase do nome de locução em *-ismo* terá de fazer referência à língua e não ao local onde ela é falada, ficando ‘locução própria da língua latina’.

Encontramos ainda no nosso *corpus* quatro destes nomes de locução formados sobre base nominal, dos quais apenas um dispõe no seu significado de uma referência geográfica (32.). Consequentemente, apenas este nome pode ser lido através da paráfrase já apresentada ‘locução própria de Xb’, em que X corresponde à denominação de uma região. Não podemos contudo deixar de notar o quão vaga e imprecisa é a referência feita pela base a uma localização geográfica.

32. <i>local_N</i>	> <i>localismo</i>
«localidade; sítio» (DPE 2006)	«acepção, vocábulo ou expressão característicos dos falantes de um determinado local» (DPE 2006)

Os restantes três derivados em *-ismo* de base nominal requerem uma leitura mais complexa. Veja-se o seu significado retirado do dicionário e apresentado em 33. Estes derivados em *-ismo*, que significam indubitavelmente ‘locução’, denominam não uma ‘locução própria de Xb’, mas uma ‘locução com as qualidades próprias de Nb’. Assim, para os nomes de 33., podemos ter as três paráfrases seguintes: ‘locução com o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser mimético’, ‘locução com o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser neológico’ e ‘locução com o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser técnico’.

As paráfrases apresentadas colocam-nos perante um problema já antes identificado: a base definida em termos categoriais não se coaduna com a leitura semântica do derivado (§ 3.4.3.1.2.). Neste caso, o significado da base encontrado no

derivado parece ligar-se a um adjetivo apesar de categorialmente a base ser um nome. Perante estes factos resta-nos postular a hipótese de o sufixo ter acesso, ou procurar, não tanto o significado presente numa palavra (sendo que a palavra é necessariamente portadora de categoria sintática) mas o significado presente no radical, que poderá apresentar idêntica configuração para diferentes categorias. A ser assim, os afixos teriam de ter acesso a um nível estrutural das suas bases bastante profundo e longínquo do nível de formação de uma nova palavra¹³⁵.

33. *mimologia*_N > *mimologismo*
 «1 imitação da voz ou do modo de falar de alguém» (DPE 2006) «palavra formada por mimologia; onomatopeia» (DPE 2006)
- neologia*_N > *neologismo*
 «1 emprego de palavras novas ou de novas acepções; 2 processo de formação de palavras» (DPE 2006) «1 GRAMÁTICA palavra ou expressão nova formada no interior da língua ou importada de outro sistema linguístico; 2 GRAMÁTICA aceção nova de palavra já existente na língua; 3 GRAMÁTICA utilização de palavras formadas recentemente ou de novos sentidos de palavras já existentes na língua; 4 doutrina ou teoria nova» (DPE 2006)
- técnica*_N > *tecnicismo*
 «1 conjunto de processos baseados em conhecimentos científicos, e não empíricos; utilizados para obter certo resultado; 2 conjunto dos processos de uma arte, de um ofício ou de uma ciência; 3 ciência aplicada, especialmente no campo industrial; 4 (geral) conjunto de processos utilizados para obter certo resultado; 5 conhecimento prático» (DPE 2006)

Por forma a articular os distintos comportamentos das bases e o do sufixo perante elas, podemos postular a hipótese, já apresentada, de as bases,

¹³⁵ Em § 3.4.3.1.2. procedeu-se a uma reflexão mais desenvolvida sobre os desacertos verificados entre a estrutura morfológica e a leitura semântica de unidades derivadas. Então, tal como agora, o sufixo *-ismo* parece recorrer a informação semântica que se encontra presente num nível morfológico que não lhe é imediatamente anterior.

independentemente da sua classificação categorial, serem assumidas pelo seu valor semântico. Assim, a base teria de ser encarada pelo sufixo como um feixe de predicados/atributos/qualidades/predicados (geralmente associados a uma localização geográfica) dos quais o sufixo seleciona o(s) que se configura(m) como relevante(s) para a construção de um nome de locução.

Os nomes em *-ismo* que apresentam como significado ‘locução’ têm ainda uma outra especificidade (já encontrada nos nomes de fenómeno), a de construírem um nome portador de elevado grau de concretude quando comparado com os restantes nomes derivados em *-ismo*. Considerando que os derivados em *-ismo* são muitas vezes classificados como nomes de qualidade e, portanto, inerentemente nomes abstratos, talvez não fosse expectável encontrar nos seus produtos formas com tão elevado grau de concretude. Sendo assim, além de termos de considerar o modo como os diferentes significados apresentados pelos nomes em *-ismo* se articulam, temos ainda de conseguir perceber de que modo o sufixo *-ismo* se consegue mover numa tão ampla escala de abstração (§ 5.1.3.1.1.).

4.1.7. *QUALIA STRUCTURE*

Nas secções anteriores expusemos os diversos significados atestados pelos nomes em *-ismo*. Nesta secção procuramos determinar como é que internamente cada um destes significados se constrói e pode ser lido. Para o fazer, seguimos a proposta apresentada por Pustejovsky (1991, 1998, 2001) que analisa o significado através da determinação do que designa por *qualia structure*.

A *qualia structure* de uma unidade é definida como uma «structured representation which gives the relational force of a lexical item» (Pustejovsky 1998: 76); é um conjunto «of properties or events associated with a lexical item which best explain what that word means.» (Pustejovsky 1998: 77). Seguimos este modelo de análise por ter forte capacidade analítica e, a nosso ver, a vantagem de não trabalhar com traços semânticos, que não permitem abarcar a total complexidade do significado dos nomes em *-ismo*¹³⁶. A proposta que tomamos por referência tem ainda a vantagem

¹³⁶ Pustejovsky expõe do seguinte modo a questão: «I will show that there are three basic arguments showing the inadequacies of S[ense]E[numeratin]L[exicon]s for the semantic description of language.

(1) THE CREATIVE USE OF WORDS: Words assume new senses in novel contexts.

de continuar a ser utilizada por diversos autores que lhe têm acrescentado mais valias relevantes.

Como veremos adiante, o modo como se concebe a *qualia structure* de uma unidade permite a sua articulação com os pressupostos da Linguística Cognitiva e da Conceptual Semantics, das quais adotamos a conceção de significado (§ 1.3.6. e § 5.1.2.). Temos consciência de que a proposta apresenta igualmente algumas limitações para a análise dos nomes em *-ismo* e que serão expostas ao longo dos parágrafos seguintes, no entanto, acreditamos que essas insuficiências não lhe retiram operacionalidade.

Como já referimos, na senda de Pustejovsky 1991 e 1998, tem-se vindo a analisar o significado das palavras de acordo com a sua *qualia structure*, «These are aspects of a word's meaning involving an object's or event's type, parts, origin, and purpose.» (Asher & Pustejovsky 2005: 38) que quando combinados permitem definir o significado das unidades. Esta estrutura é entendida como «A structural differentiation of the predicative force for a lexical item» (Pustejovsky 2001: iv). O propósito desta análise consiste, portanto, na identificação das propriedades que definem os conceitos lexicais de acordo com determinados tipos, designados por *qualia*, e dessa forma descrever a natureza da entidade denominada, isto é, o significado da palavra. A aplicação deste procedimento de análise aos nomes em *-ismo* encontra algumas dificuldades, a principal das quais se prende com o facto de este conceito ter vindo a ser aplicado sobretudo na interpretação semântica de nomes concretos e de evento (Cimiano & Wenderoth 2005). Dos dados apresentados neste capítulo, podemos inferir que os nomes em *-ismo* não constituem nomes concretos, muito pelo contrário. Como veremos adiante (§ 5.1.3.1.1.), a larga maioria destes nomes, se não é abstrata, apresenta, pelo menos, considerável grau de abstração. Tendo em conta os modelos de análise consultados e que fazem a utilização das *qualia structure*, não dispomos, portanto, de um modelo para a análise de nomes não concretos.

Remetendo novamente para § 5.1.3.1.1. e como já observado em § 4.1.5. e § 4.1.6., verificamos que os nomes em *-ismo* mais próximos dos nomes concretos são os nomes de fenómeno (genericamente considerados) e os de locução. Assim, pelas razões

(2) THE PERMEABILITY OF WORD SENSES: Word senses are not atomic definitions but overlap and make reference to other senses of the word.

(3) THE EXPRESSION OF MULTIPLE SYNTACTIC FORMS: A single Word sense can have multiple syntactic realization.» (Pustejovsky 1998: 39)

expostas, iniciaremos a análise da *qualia structure* dos nomes em *-ismo* precisamente por estes nomes. No Quadro 4.1 tentamos exemplificar a *qualia structure* de dois nomes de fenómeno e de dois nomes de locução.

	NOMES DE FENÓMENO	NOMES DE LOCUÇÃO
	<i>antipirínismo</i>	<i>galicismo</i>
FORMAL	Intoxicação causada pelo consumo de antipirina.	Palavra ou expressão de proveniência francesa.
CONSTITUTIVO	Conjunto de fenómenos físicos ocorridos na sequência da ingestão de antipirina.	Palavra ou locução com propriedades específicas da língua francesa.
AGENTIVO	Manifestação das consequências físicas da ingestão de antipirina.	Enunciar referência uma estrutura própria de outra língua.
TÉLICO	---	?Denominar/referenciar o mundo real.
	<i>linfatisimo</i>	<i>latinismo</i>
FORMAL	Doença que ocorre na linfa.	Palavra ou expressão de proveniência latina.
CONSTITUTIVO	Conjunto de fenómenos físicos ocorridos em qualquer entidade animada.	Palavra ou locução com propriedades específicas da língua latina.
AGENTIVO	Manifestação das consequências físicas do anormal funcionamento do sistema linfático.	Enunciar referência uma estrutura própria de outra língua.
TÉLICO	---	?Denominar/referenciar o mundo real.

Quadro 4.1: *Qualia structure* dos nomes de fenómeno e dos nomes de locução

À esquerda do quadro encontramos os «four basic factors or causes by which the nature of an object can be described» (Cimiano & Wenderoth 2005: 29), ou seja, os quatro *qualia* que permitem estabelecer o significado dos nomes. O primeiro *qualia*, formal, «distinguishes the object within a larger domain» (Pustejovsky 1991: 427), o que implica que disponha de «taxonomic structure» (Jackendoff 2002: 369). Portanto, este *qualia* diz respeito às «properties which distinguish an object in a larger domain» (Cimiano & Wenderoth 2005: 29). Facilmente determinamos o *qualia* formal destes nomes. Torna-se claro que *antipirínismo* é uma intoxicação causada pela ingestão de antipirina, *linfatisimo* uma doença da linfa e *galicismo* e *latinismo* palavras ou expressões de origem francesa ou latina, respetivamente. De certa forma, a designação por nós dada a estes nomes, nomes de fenómeno (§ 4.1.5.) e nomes de locução (§ 4.1.6.), reflete a taxonomia superior que enquadra o seu *qualia* formal. Esta consideração poderá ser estendida aos restantes nomes formados por *-ismo*. Para o

fazer teríamos, contudo, de nos ater às definições apresentadas para este *qualia* e ignorar que implica a determinação de dados materialmente observáveis, como: «• Orientation • Magnitude • Shape • Dimensionality • Color • Position» (Pustejovsky 1991: 427). Assim, poderemos assumir que as informações de ‘princípio epistemológico’, ‘qualidade’, ‘prática’, ‘atitude’, ‘fenómeno’ e ‘locução’ fazem parte do *qualia* formal desses nomes enquanto classe taxonómica superior especificada neste *qualia*.

O *qualia* constitutivo consiste na «relation between an object and its constituents, or proper parts.» (Pustejovsky 1991: 426), dizendo então respeito às «physical properties» (Cimiano & Wenderoth 2005: 29) da entidade, assim especificadas: «• Material • Weight • Parts and component elements» (Pustejovsky 1991: 426). Este *qualia*, pela definição apresentada, levanta compreensivelmente grandes obstáculos à sua aplicação a nomes dotados de menor grau de concretude. Se conseguimos definir o *qualia* constitutivo dos nomes de fenómeno e dos nomes de locução exemplificados (cf. Quadro 4.1), dificilmente concebemos qual será o *qualia* constitutivo de um nome de princípio epistemológico, mesmo se nos ativermos a uma definição mais abrangente (ou menos especificada) do *qualia* constitutivo como consistindo na «information about an entity’s structural attributes» (Jackendoff 2002: 370).

O *qualia* agentivo é definido como o conjunto de «factors involved in the origin or "bringing about" of an object.» (Pustejovsky 1991: 427). Por outras palavras, este *qualia* «encodes information about how the entity comes into existence [...]. Pustejovsky views this as encoding primarily the entity’s past. [...] might also encode information about what an entity will develop into» (Jackendoff 2002: 370). Numa perspectiva ligeiramente diferente, «Agentive role is typically described by a verb denoting an action which typically brings the object in question into existence.» (Cimiano & Wenderoth 2005: 29). Podemos conceber o *qualia* agentivo dos nomes de fenómeno como sendo uma manifestação do *qualia* constitutivo, portanto o conjunto de sintomas e consequências do ‘fenómeno patológico’ ou da ‘intoxicação’. No entanto, a sua determinação para os nomes de locução torna-se menos clara. O *qualia* agentivo de um *galicismo* ou de um *latinismo* é enunciar, tomando por referência uma estrutura própria de outra língua. A apresentação do *qualia* agentivo que fazemos para estes

nomes não nos parece totalmente satisfatória; contudo não encontramos uma alternativa mais adequada.

Resta-nos o *qualia* télico, inicialmente definido como «purpose and function of the object.» (Pustejovsky 1991: 427) ou, como «activities in which the entity takes part» (Jackendoff 2002: 370). De acordo com Jackendoff, este *qualia* pode ainda dar-nos informação sobre «how the entity “works”» (Jackendoff 2002: 370) e sobre «an activity in which the entity is currently engaged» (Jackendoff 2002: 370). Torna-se muito difícil definir o *qualia* télico de *antipirirismo* e *linfatisimo*, por um lado, e de *galicismo* e *latinismo*, por outro, ainda que por razões distintas. Não é possível atribuir uma função ou propósito a uma doença ou a uma intoxicação, a menos que concebamos negativamente essa função ou propósito, isto é, se considerarmos que estes nomes têm por função prejudicar o organismo em que ocorrem. Uma afirmação desta natureza é bastante contra-intuitiva e, por isso mesmo, difícil de aceitar. Quanto às locuções, e uma vez que são nomes, têm por função (de forma simplificada) denominar a realidade; contudo esta função é partilhada por qualquer nome autóctone que denomine a mesma realidade. Deste modo, não conseguimos determinar em que medida a sua função seria distinta da de um nome autóctone que apresentasse o mesmo significado. Os *galicismos* e *latinismos* terão de diferenciar-se de nomes da língua de chegada com idêntico significado apenas pelo seu *qualia* constitutivo; já que partilhariam o *qualia* formal e o *qualia* agentivo com esses nomes.

Associado a este *qualia* surge o conceito de *proper function* definido da seguinte forma: «Roughly, “having a proper function is a matter of having been ‘designed to’ or of being ‘supposed to’ (impersonal) perform a certain function” (Millikan 1984: 17)» (Jackendoff 2002: 371). A associação de uma *proper function* ao *qualia* télico reveste-se de especial importância para o nosso trabalho. Esta *proper function*, que temos dificuldade em definir para os nomes de fenómeno e para os nomes de locução, permite-nos, no entanto, analisar os nomes que se aproximam de um grau máximo da escala de abstração e para os quais não seria possível definir o *qualia* télico. Este facto é, para nós, duplamente surpreendente: primeiro, seria de esperar que nomes dotados de maior grau de concreção fossem passíveis de uma mais fácil determinação do seu *qualia* télico, à semelhança do que se verificou com os restantes *qualia*; segundo, não seria de esperar que para os nomes mais abstratos este *qualia*, pela razões já expostas, fosse mais fácil de definir.

Cremos que há duas explicações para este facto. Em primeiro lugar, e contrariamente ao que se tem verificado com a definição dos *qualia*, a *proper function* é desde logo pensada para se aplicar a nomes dotados de escasso grau de concretude, «we want to include here not just concrete artifacts such as pencils and beaver dams but also abstract artifacts such as myths and contracts» (Jackendoff 2002: 371). Estes «*artifacts*», sejam concretos ou abstratos, são definidos como «objects constructed by volitional beings who have some function in mind for the objects, or who benefit from their functioning» (Jackendoff 2002: 371). Por forma a concluir o raciocínio, o autor acrescenta: «I am inclined to see proper function as a basic element of human conceptualization» (Jackendoff 2002: 371). Esta última afirmação conduz-nos diretamente para o segundo aspeto que nos permite compreender a operacionalidade do *qualia* télico ao nível dos nomes abstratos. Existe uma diferença fundamental entre os *qualia* formal, constitutivo e agentivo, por um lado, e o *qualia* télico, por outro. Os primeiros definem-se ou estabelecem-se pela observação / descrição do real, o que permite compreender que tão facilmente se apliquem a nomes concretos, na medida em que são dotados de materialidade. Contrariamente, o *qualia* télico não se obtém pela observação / descrição, mas, como afirma Jackendoff, pela conceptualização. Esta diferença permite que sejamos capazes de determinar o *qualia* télico de nomes de princípio epistemológico, nomes de qualidade, nomes de prática e nomes de atitude. A *proper function* destes nomes resulta de uma interpretação do real que permite recortar uma entidade definida conceptualmente e assim individualizada de todas as outras; procedendo deste modo é possível entender o mundo e sobre ele agir. A título de exemplo, tomemos o nome *colonialismo*. Todo o movimento de descolonização e autonomização das colónias que se verificou ao longo do século XX ancora na capacidade de definir, em termos conceptuais, o *colonialismo*. A determinação desta realidade possibilita a sua clara identificação e consequentes movimentos para a sua eliminação.

Seguindo esta linha de raciocínio, podemos definir como *proper function* e, portanto, *qualia* télico destes nomes o recorte exato de cada um dos ‘princípios epistemológicos’, das ‘qualidades’, das ‘práticas’ e das ‘atitudes’ denominados pelo nome. Por outras palavras, a sua função é definir uma realidade (e em certa medida criá-la) que se determina conceptualmente. E podemos estender ainda mais o raciocínio e afirmar que a *proper function* associada aos ‘fenómenos’ é exatamente esta, defini-los

claramente enquanto o que essencialmente são para que sobre eles o homem possa exercer a sua ação.

Como verificámos, a análise da *qualia structure* dos nomes em *-ismo* não pode realizar-se tal como tem sido concebida e apresentada por estar vocacionada para nomes possuidores de elevado grau de concretude. Deste facto resulta que alguns dos descritores dos *qualia* não sejam sequer aplicáveis a todos os nomes em *-ismo*. No entanto, a associação de uma *proper function* ao *qualia* télico permite estabelecer para cada um destes nomes uma estrutura que o distingue dos restantes. Sem este dado, a *qualia structure* da maioria dos nomes em *-ismo* ficaria bastante deficitária, uma vez que os *qualia* constitutivo e formal são de difícil preenchimento para os nomes com maior grau de abstração.

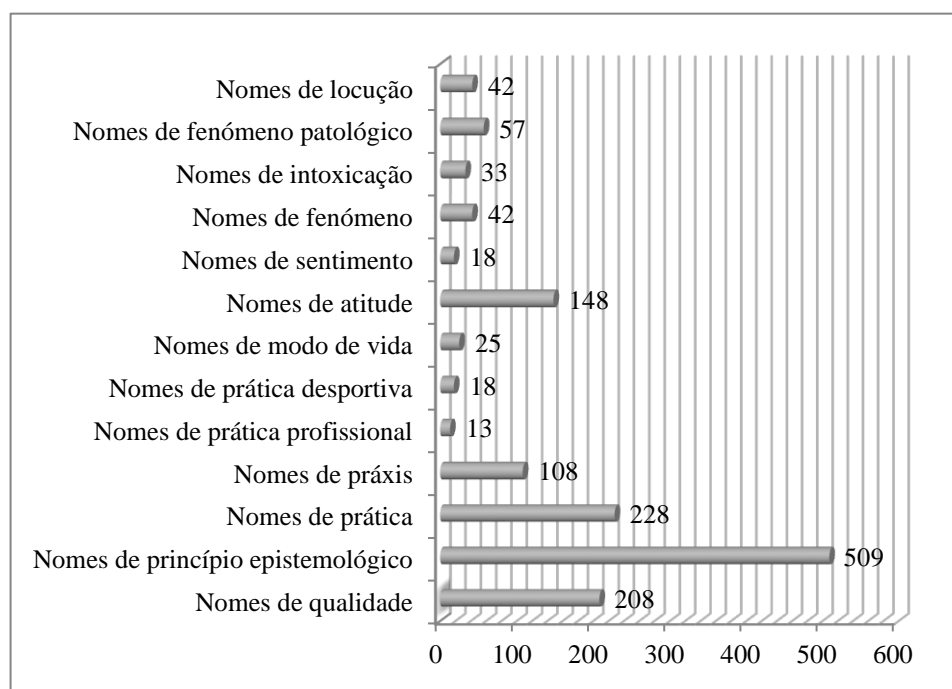
4.1.8. SÍNTESE

Ao longo desta secção procurámos identificar os diferentes significados que podem ser atualizados pelos nomes em *-ismo*, fazendo referência à tipologia categorial de bases que esses significados parecem privilegiar e ao modo como o sufixo acede aos significados das bases (§ 4.1.1. a § 4.1.6.). Apresentamos agora a síntese do que expusemos nas páginas anteriores.

No Quadro 4.2 representa-se a distribuição numérica dos nomes em *-ismo* pelos diferentes significados. Assim se verifica que o valor semântico mais representado, e de forma não totalmente surpreendente, é o de ‘princípio epistemológico’. Em termos absolutos (Quadro 4.2) e percentuais (Quadro 4.3), estes nomes têm um elevado peso, correspondendo a 35% da totalidade dos nomes do nosso *corpus*. O valor semântico imediatamente mais representado é o de ‘prática’, com 228 nomes que correspondem a 16% do nosso *corpus*, menos de metade dos nomes de princípio epistemológico. Apenas então surgem os nomes de qualidade que com 208 elementos correspondem a 14% do *corpus*. Imediatamente a seguir vêm os nomes de atitude, representando 10% do *corpus*.

Estes quatro valores semânticos, ‘princípio epistemológico’, ‘qualidade’, ‘prática’ e ‘atitude’, correspondem aos significados associados aos nomes em *-ismo* que numericamente se tornam de facto relevantes, já que, em conjunto, cobrem 75% dos nomes do nosso *corpus*. Neste sentido, podemos considerar que os outros

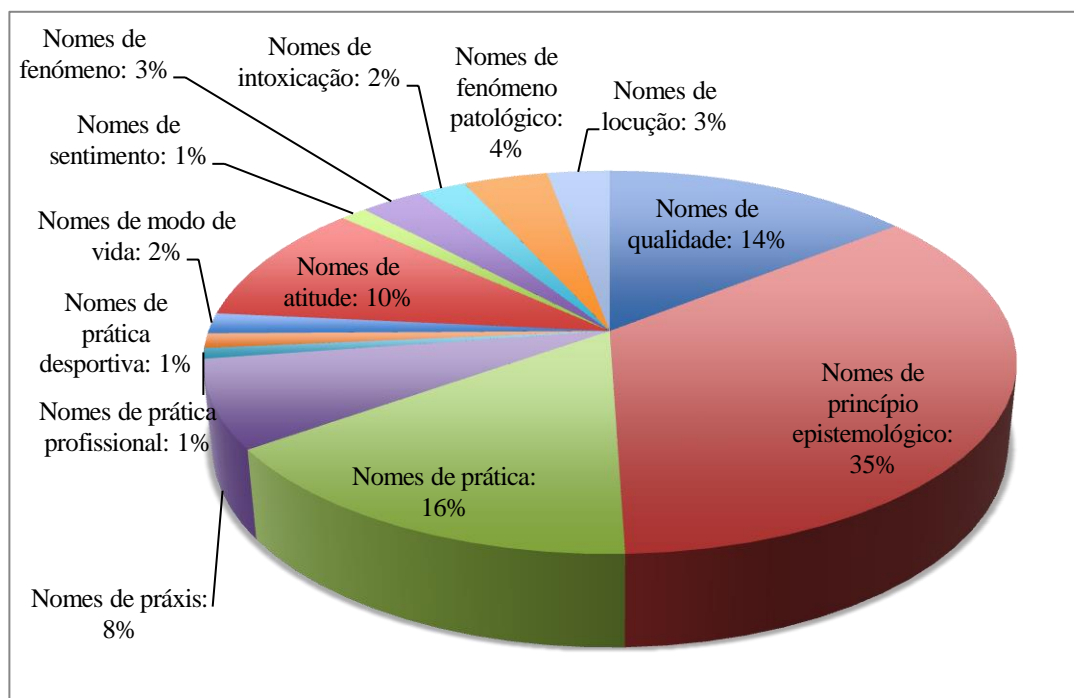
significados atestados pelos derivados em *-ismo* apresentam, cada um deles, valores residuais.



Quadro 4.2: Semantismo dos nomes em *-ismo* - valores numéricos

Os dados que se apresentam contribuem para a elucidação de uma das questões a que o sufixo *-ismo* está associado. Essa questão diz respeito ao facto de se tratar ou não de um sufixo formador de nomes de qualidade, ou nomes essivos. Vimos já como a posição dos autores é algo divergente em relação a este ponto (§ 2.1.2.). Os dados que os Quadros 4.2 e 4.3 nos apresentam não nos permitem solucionar esta questão de modo definitivo. Na medida em que nos mostram que numérica e percentualmente os nomes de qualidade em *-ismo* detêm um peso relativamente reduzido na totalidade dos produtos do sufixo, não sustentam que se trate de um sufixo formador de nomes de qualidade. Ainda assim, vertem alguma luz sobre esta questão na medida em que nos permitem afirmar que, apesar de a formação de nomes de qualidade não ser a principal funcionalidade do sufixo *-ismo*, eles existem com um peso relativo que os coloca entre os principais valores semânticos atestados para os nomes em *-ismo*. Portanto, podemos assumir que o principal valor semântico do sufixo *-ismo* não é aquele que está associado à formação de nomes de qualidade, ainda que eles existam, mas o que está associado à formação de nomes de princípio epistemológico. A dilucidação desta

questão, que se fará tomando por base estes dados e outros que entretanto apresentaremos, será feita em § 5.1.3.2.



Quadro 4.3: Semantismo dos nomes em *-ismo* - valores percentuais

Ao longo das anteriores secções pudemos ainda observar que as bases frequentemente são assumidas pelo sufixo como um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual exerce a sua instrução semântica, gerando os diferentes significados apresentados pelos nomes. Este significado que se encontra na maioria das bases é aquele que idealmente permite formar nomes de qualidade, o que é paradoxal com os dados apresentados nos Quadros 4.2 e 4.3 e que revelam que este não é o significado mais frequentemente atestado pelos nomes em *-ismo*. Contudo, este dado é consentâneo com facto de a grande maioria dos nomes em *-ismo* revelar considerável grau de abstração.

Referimos ainda que os nomes de locução e os nomes de fenómeno são os nomes portadores de maior grau de concreção (§ 5.1.3.1.1.). Em termos numéricos e percentuais estes nomes têm, no entanto, um peso reduzido (cf. Quadros 4.2 e 4.3). Destes, destacam-se os nomes de fenómeno patológico que são os que apresentam um comportamento mais irregular. Não só pelo elevado grau de concreção, mas também

pela carga semântica das bases selecionadas e, portanto, pelo tipo de significado que transportam para o derivado em *-ismo*.

No final da secção observámos ainda a *qualia structure* dos nomes em *-ismo* (§ 4.1.7.). Mais uma vez verificámos como os nomes de fenómeno e os nomes de locução apresentam um comportamento distinto em relação aos restantes. A maioria dos nomes em *-ismo*, por apresentar elevado grau de abstracção, resiste a apresentar uma *qualia structure* tal como tem sido definida; contudo o *qualia* tético, através da sua associação a uma *proper function* revelou forte capacidade distintiva em relação aos nomes de princípio epistemológico, nomes de qualidade, nomes de prática, nomes de atitude e nomes de fenómeno. O conceito de *proper function* coaduna-se perfeitamente com a conceção de significado por nós adotada (§ 1.3.6. e § 5.1.2.), permitindo construir um quadro de análise homogéneo.

A análise dos significados dos nomes em *-ismo* que empreendemos possibilita-nos a observação de um dado ainda não referido, mas que acreditamos ser de elevada importância para a determinação da estrutura semântica do sufixo, que se abordará em § 5.1.3. Os significados apresentados partilham um traço de SISTEMATICIDADE na medida em que denominam uma entidade que implica um ser ou fazer de forma sistemática. Não estamos a afirmar estarmos perante nomes de sistema, mas sim que todos os nomes, à exceção dos nomes de qualidade, são dotados de um certo grau de SISTEMATICIDADE:

- um ‘princípio epistemológico’ implica que os predicados/atributos/qualidades/propriedades sejam organizados em forma de sistema;
- uma ‘prática’ implica que os predicados/atributos/qualidades/propriedades sejam realizados de forma reiterada e de acordo com determinado sistema / forma de regulamentação; dentro deste grupo, os nomes de ‘práxis’ revelam de modo mais evidente o peso deste traço;
- um ‘fenómeno’ implica que os predicados/atributos/qualidades/propriedades que o caracterizam se manifestam sistematicamente do mesmo modo, contribuindo para a sua definição;
- uma ‘locução’ pressupõe que os predicados/atributos/qualidades/propriedades se enquadrem em sistemas linguísticos (de origem e de chegada) com que a unidade se relaciona, sendo, por isso mesmo, unidades resultantes do funcionamento de um sistema.

Embora não encontremos o valor semântico de SISTEMATICIDADE atestado nos nomes em *-ismo*, ele parece estar presente a um nível interno da significação das unidades, desempenhando um papel importante para a estruturação do significado desses nomes. A importância do seu papel decorre ainda do facto de ser comum a todos os nomes (excetuando-se os de ‘qualidade’), facto que lhe confere um forte papel unificador.

4.2. CONDIÇÕES SEMÂNTICAS IMPOSTAS ÀS BASES

Uma outra das questões levantadas pela formação de nomes pelo sufixo *-ismo* diz respeito à natureza das suas bases. No Capítulo 3 tivemos oportunidade de expor a variedade de bases que se pode encontrar na formação de palavras por meio de *-ismo*. Nesse capítulo, definimos a base preferencial do sufixo como um radical simples de origem nominal. Tendo em consideração a classificação categorial das bases, expusemos os valores semânticos que se nelas encontram. Observámos então o modo frequente como o sufixo acedia a um predicado/atributo/qualidade/propriedade presente na estrutura semântica da base. Na sequência desta observação, adiantámos a hipótese de este traço semântico ter um papel de relevo da determinação do tipo de base selecionado. Procuramos agora, e uma vez que já analisámos os significados dos nomes em *-ismo*, determinar qual(is) a(s) condição(ões) semântica(s) necessária(s) que uma unidade deve apresentar para se poder constituir como base derivacional do sufixo. Em princípio, esta(s) condição(ões) será(ão) partilhada(s) se não por todas as bases, pelos menos por um número significativo de bases.

A análise das bases realizada no Capítulo 3 levou-nos à conclusão de que a sua categoria sintática não pode ser assumida como o fator determinante da tipologia das bases deste sufixo. O estudo dos processos de formação de palavras tem tomado este critério como um fator determinante. Assim é desde Aronoff 1985[1976], que propõe que determinada regra de formação de palavras atue sobre uma única categoria de base. Esta proposta tem vindo a ser matizada e, mais recentemente, Villalva 2003 propõe, para o português, a possibilidade de um sufixo se poder anexar a bases categorialmente distintas desde que elas se configurem como radical, que por si pode ser concebido como desprovido de categoria sintática. De uma para outra proposta vimos a definição

categorial da base perder força enquanto critério definatório e suficiente da tipologia de bases de um determinado sufixo. Trabalhos como os de Rio-Torto 1998a, Rio-Torto & Anastácio 2004, Rodrigues 2006 e Scalise 1984 refletem esta orientação que tem privilegiado a importância do significado para a determinação da base.

Torna-se, então, necessário procurar critérios alternativos para poder descrever de forma competente a base de um determinado sufixo. Acreditamos que a variedade categorial e semântica encontrada nas bases de um sufixo como *-ismo* (§ 3.4.) será, muito provavelmente, unificada por meio de algum mecanismo, elemento ou critério que para o sufixo seja entendido como relevante. Rio-Torto 1998a, não deixando de referir o critério categorial, faz uso, em alguns casos, de critérios semânticos para apresentar as bases. Ao longo deste capítulo, por diversas vezes fizemos referência a esse facto ao recordar que a autora defende que a base derivacional de um nome essivo deva ser definida como «x(Pred)» (Rio-Torto 1998a: 122), isto é, um elemento pertencente a uma categoria sintática que não é absolutamente relevante determinar, desde que esse elemento tenha capacidade predicativa.

Considerando esta proposta, podemos assumir que os nomes em *-ismo* que são nomes de qualidade (§ 4.1.1.) têm uma base que se define como tendo capacidade predicativa. Deste modo, e tal como surge em Rio-Torto 1998a, conseguiríamos uniformizar através do critério semântico a variabilidade categorial da base derivacional destes nomes.

Se assumimos esta solução para os nomes de qualidade, podemos questionar-nos sobre a possibilidade de a solução ser aplicável e eficaz com os outros tipos de nomes formados por meio de *-ismo*. Para tal é necessário satisfazer duas condições: em primeiro lugar, comprovar que nomes e adjetivos (a esmagadora maioria categorial das bases) podem, efetivamente, considerar-se unitariamente como predicativos; em segundo lugar, comprovar que os vários significados apresentados pelos nomes em *-ismo* presentes no nosso *corpus* se constroem sobre bases tomadas predicativamente, ou seja, perçecionadas pela sua capacidade de apresentar um predicado/atributo/qualidade/propriedade relevante para o sufixo e para a construção do significado do nome em *-ismo*.

Por forma a responder à primeira questão, apresentamos uma proposta feita para e sobre o inglês e que julgamos poder tomar como válida para o português.

«English nouns and adjectives are similar in that they can both be used as predicates, as shown in (1). In particular, they both form stative sentences when they appear in construction with the ordinary copula be ((1a)). They both form inchoative sentences when they appear with an eventive linking verb like become ((1b)). Finally, they can both appear as complements of make, in which case they are predicated of the direct object to form a causative construction ((1c)).

- | | |
|--------------------------------|------------------------------------|
| (1) a. John is a man. | a. ' John is hungry. |
| b. John became a man. | b. ' The sky became clear. |
| c. The battle made John a man. | c. ' The wind made the sky clear.» |

(Baker 2002: 17)

As frases apresentadas como exemplo para o inglês podem ser transpostas para o português:

- | | |
|------------------------------------|-------------------------------|
| i) a. O João é homem. | a. ' O João é/está esfomeado. |
| b. O João ficou um homem. | b. ' O céu ficou azul. |
| c. A batalha fez do João um homem. | c. ' O vento fez o céu azul. |

O autor demonstra ainda a validade desta proposta para línguas como o nungubuyu (uma língua australina) e o imbabura quechua. No propósito de explicar este comportamento dos nomes e dos adjetivos, considera a insuficiência da proposta de Chomsky 1970 na determinação de nomes e adjetivos como:

- | | | | |
|------|------------|------------|--------------|
| «(7) | Categories | +N | -N |
| | +V | Adjectives | Verbs |
| | -V | Nouns | Adpositions» |

(Baker 2002: 19)

Como vimos, Baker 2002 apresenta a sua própria proposta para definir estas duas categorias sintáticas, sustentando-se no comportamento sintático de nomes e adjetivos. A proposta de Chomsky 1970 constrói-se sobre traços [+/-N e +/-V] que, nas palavras do autor, «have no empirical or theoretical consequences. The system provides a way of labeling the lexical categories, but no substantive theory of their behavior» (Baker 2002: 23). A sua proposta permitirá, ao contrário da anterior, compreender de que

modo e por quê nomes e adjetivos poderão ser unificados enquanto predicativos. Assim, rejeita a ideia de que «when adjectives and nominals are used predicatively, they seem to have a subject as well. The claim that underlies (14) is that this is an illusion: these nonverbal categories never take a subject *directly*. Rather they must be connected to a subject by an additional functional category (or verb).» (Baker 2002: 25). O modo como sintaticamente se comportam decorre das propriedades semânticas partilhadas por nomes e adjetivos.

«(14) The typology of lexical categories

	<i>Has a referential index</i>	<i>No referential index</i>
θ-marks a specifier	***	Verbs
No specifier	Nouns	Adjectives»

(Baker 2002: 23)

Nesta proposta, o que unifica nomes e adjetivos é o facto de, ao contrário dos verbos, estes não implicarem a existência de um sujeito sintático. Os verbos «are different from the other categories in that they take a subject, to which they typically assign a theta role (generally either agent or theme)» (Baker 2002: 24)¹³⁷. Desta forma se sustenta a predicatividade de nomes e adjetivos também na necessidade que estes revelam de a nível sintático se articularem com verbos, nomeadamente os verbos copulativos.

A estes dados devemos juntar os de Kleiber 1995, já expostos em § 3.1.4.1., secção dedicada à semântica dos nomes (próprios e comuns) tomados como bases derivacionais de *-ismo*¹³⁸. Para este autor, o nome serve para categorizar o mundo, isto é, os nomes correspondem a recortes que fazemos sobre a realidade e que cuja delimitação é determinada pela leitura que dela fazemos. Estes recortes são feitos sobre o estabelecimento de categorias conceptuais; o que unifica e permite estabelecer cada uma destas categorias é um determinado conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que se entendeu como relevante e que definiu as linhas de recorte, ou seja, que definiu o significado daquele nome (ou adjetivo). Note-se que esta proposta

¹³⁷ Em Baker & Vinokurova 2009 encontra-se um posicionamento idêntico.

¹³⁸ Falando de nomes próprios, Kleiber considera-os «comme des prédicats, c'est-à-dire des termes généraux, de Nc en quelque sorte, qui dénotent une certaine catégorie regroupent dès occurrences sur la base de propriétés communes.» (Kleiber 1995: 31).

entronca na conceção de significado como um constructo conceptual e dinâmico que adotamos (§ 1.3.6. e § 5.1.2.).

A articulação da proposta de Baker 2002 com a de Kleiber 1995 permite conceber o nome como uma entidade com capacidade predicativa. Sintaticamente, o nome comporta-se como uma unidade predicativa, tal como demonstrado por Baker. De acordo com Kleiber, a determinação do significado do nome faz-se pelo conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que o permitem diferenciar de todas as outras unidades e que foi conceptualmente definido.

Os argumentos que os autores apresentam são convergentes mas distintos, e, por isso mesmo, complementares e capazes de mutuamente se fortalecerem. Esta complementaridade e a possibilidade de identificar a capacidade predicativa dos nomes por diferentes meios e em diferentes campos da língua reforça as propostas dos dois autores de entender também o nome como uma categoria com capacidade predicativa, tirando ao adjetivo e ao verbo o exclusivo da predicatividade.

Posto isto, resta-nos confirmar que as bases nominais dos nomes em *-ismo* com que trabalhamos são tomadas pelo sufixo enquanto predicativos. Ao longo de § 4.1. observámos os valores semânticos atualizados pelos nomes em *-ismo* e fizemos algumas referências ao tipo de bases que seleccionam. Algumas vezes, e em parte por trabalharmos com a proposta de Rio-Torto 1998a, aludimos ao carácter predicativo da base seleccionada.

Retomaremos os valores semânticos então referidos para aferirmos se as suas bases podem ser consideradas enquanto predicativos. Nesta medida, e na sequência do exposto, o valor predicativo que procuramos na base não é necessariamente um valor predicativo inerente e claramente observável quando a unidade seleccionada para base surge a nível sintático, ou seja, fora do processo derivacional em apreço. Ilustramos esta afirmação com a palavra *arsenicismo*, que toma por base *arsénico*. O nome *arsénico* não é, em si, predicativo, mas é assumido como tal quando seleccionado para base pelo sufixo *-ismo*. É o facto de o sufixo encarar a sua base como um predicativo, isto é, como um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que definem a substância em causa, que lhe permite criar um nome cuja significação seja a de ‘intoxicação causada por uma substância que se define por ter determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades tóxicos’. É esse conjunto de predicados/

atributos/qualidades/propriedades da substância que lhe confere o caráter de toxicidade que apresenta (e que a distingue de todas as outras substâncias tóxicas) que permite que as intoxicações por ela causadas se diferenciem das intoxicações causadas por qualquer outra substância.

Um nome como *arsénico* teria dificuldade em passar um teste como o apresentado por (Baker 2002: 17), mas também não o falha em absoluto (cf. 34.). A aceitabilidade da primeira frase pressupõe precisamente a consideração de um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que permitem definir aquela substância em particular por oposição a todas as outras. O sufixo *-ismo* irá aceder a e recolher para o significado do seu produto precisamente este valor predicativo presente na base.

34. A substância é arsénico.

*A substância ficou arsénico.

*A indústria fez da substância arsénico.

A leitura das bases como comportando um predicado/atributo/qualidade/propriedade vem de certa forma sustentar o que propôs Rio-Torto 1998a ao enquadrar o sufixo *-ismo* na RFP ESSIV. Como na secção própria (§ 4.1.1.) observámos, Rio-Torto 1998a considera que a base dos nomes essivos deve ser assumida como predicativa, «PRED (A/N) → N ESSIV» (Rio-Torto 1998a: 122).

Partindo destes pressupostos, olharemos as bases associadas aos diferentes valores semânticos dos nomes em *-ismo* identificados ao longo de § 4.1.

O primeiro valor semântico que referimos para os nomes em *-ismo* foi o de ‘qualidade’. Autores como Correia 2004 e Rio-Torto 1998a assumem bases predicativas, a primeira autora fala em bases adjetivais, o que pressupõe uma capacidade predicativa, e a segunda define explicitamente bases predicativas categorialmente classificáveis como nomes ou adjetivos. Em 2. apresentámos as paráfrases que confirmavam o caráter essivo dos nomes em *-ismo* que usámos como exemplo. Desses exemplos, o de *catonismo* é provavelmente o mais difícil de entender. Recordamos as suas paráfrases:

35. *catonismo* > ‘o facto de ser Catão’
‘propriedade/qualidade de ser como Catão’

O nome próprio Catão não é assumido pelo sufixo no seu valor referencial, mas sim pelo conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades frequentemente associados ao indivíduo. Tão frequentemente associados, que o derivado em *-ismo* se constrói apenas sobre esses valores, rejeitando a capacidade referencial do nome que recai sobre o indivíduo concebido na sua totalidade (veja-se o significado de *catonismo* apresentado em 1.).

Como vimos, a maioria dos nomes em *-ismo* é o nome de um ‘princípio epistemológico’, estes nomes foram enquadrados por Correia 2004 e Rio-Torto 1998a dentro dos nomes de qualidade ou essivos e, portanto, espera-se que apresentem uma base derivacional tomada predicativamente. Em § 4.1.2. mostrámos como as bases destes nomes, independentemente do seu valor categorial, são efetivamente tomadas de forma predicativa, uma vez que o sufixo *-ismo* constrói o significado do seu derivado sobre um predicado/atributo/qualidade/propriedade que de modo relevante se associa à base. O princípio epistemológico denominado define-se por um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que retira da base.

Os nomes de princípio epistemológico apresentam ainda bases verbais às quais, portanto, não podem ser aplicadas as leituras até agora enunciadas. No entanto, os verbos são, em articulação com os adjetivos, considerados as classes predicativas por excelência. «A existência de uma classe de afixos depredicativos, que comporta nominalizadores de adjectivais e deverbais, encontra o seu fundamento mais imediato no facto de ambos partilharem uma base com capacidade predicativa.» (Rio-Torto & Anastácio 2004: 188). Deste modo, e em consonância com a proposta de Chomsky referida supra, é possível manter a leitura predicativa das bases derivacionais dos nomes de princípio epistemológico em *-ismo*.

A existência de bases não autónomas, geralmente de origem neoclássica, também não invalida a determinação da predicatividade das bases derivacionais de *-ismo*, uma vez que essas bases são frequentemente retiradas de nomes. Estas bases foram exemplificadas em 6.; retomaremos aqui o nome *emanatismo* por forma a explicitar a predicatividade da base. O significado do derivado em *-ismo* constrói-se sobre o conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades próprios da entidade

que detém a capacidade de emanação, do ato de emanar, Deus, uma vez que é a ele e apenas a ele que cabe a capacidade criadora do universo, e não ao ato de emanar em si, isolado do indivíduo.

Também os nomes de prática (§ 4.1.3.) parecem selecionar bases das quais extraem predicados/atributos/qualidades/propriedades sobre os quais constroem o seu significado. Recuperando um dos exemplos de 8., *canibalismo* é a prática assumida por um indivíduo que é *canibal*, ou seja, por um indivíduo que apresenta o predicado/atributo/qualidade/propriedade próprio de quem é canibal, isto é, de quem se alimenta de carne da sua própria espécie.

A ‘prática’ enunciada no nome em *-ismo* só se verifica porque está associada a esse predicado/atributo/qualidade/propriedade presente de forma relevante no indivíduo que exerce a ‘prática’ (*canibalismo*, *gregarismo*, *onanismo*) ou numa entidade associada a essa ‘prática’ (*tabaquismo*) ou ainda porque constitui o predicado/atributo/qualidade/propriedade característico dessa ‘prática’ (*conformismo*). Em qualquer dos casos, o sufixo elegerá como elemento sobre o qual construir o significado do seu produto um predicado/atributo/qualidade/propriedade que identificado na base.

Nos nomes de práxis (§ 4.1.3.1.) também se reconhecem bases tomadas predicativamente. Em 9. apresentámos como exemplo *comunismo* e *hitlerismo*, dois regimes políticos cuja denominação se constrói sobre uma base entendida como predicado/atributo/qualidade/propriedade. No caso de *comunismo* entende-se facilmente que assim seja por se tratar de uma base adjetival. No caso de *hitlerismo*, este facto não é tão evidente. A base, como geralmente acontece quando é nominal, não é tomada referencialmente, mas no conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades associados ao indivíduo denominado e que se refletem no regime político por cuja conceção, difusão e instituição é responsável, tornando-se a figura mais saliente desse regime.

Os nomes próprios, como Hitler, constituem a base maioritária dos nomes de práxis e são tomados predicativamente¹³⁹.

Todavia, nem todos os nomes de práxis se comportam como indicámos. Alguns levantam dificuldades quanto à definição, que procuramos estabelecer, da base pela sua capacidade predicativa. Os nomes de práxis, quando designam técnicas e métodos,

¹³⁹ No Capítulo 3., dedicado à análise das bases derivacionais de *-ismo*, apresenta-se de forma mais detalhada o comportamento dos nomes próprios enquanto bases derivacionais de *-ismo* (§ 3.4.1.1.).

tomam de forma quase absoluta a significação das suas bases nominais, de que apresentámos exemplos em 10. Estes nomes de base não são tomados predicativamente, mas no seu significado imediato e reconhecendo-se-lhes a sua capacidade referencial, uma vez que esse será o valor semântico convocado para a construção do nome em *-ismo*. Assim, *dialogismo* consiste num método de estudo que se estabelece sobre o uso do *diálogo*. A favor da validade da nossa proposta recordamos a afirmação de Kleiber 1995 (31) que defende que os nomes definem a entidade por um feixe de predicados/atributos/qualidades/propriedades assumido como relevante. Definir assim o nome implica que este possua sempre uma valor predicativo seminal porque, em última instância, conceptualmente, corresponde ao conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que se assumiu como relevante e, portanto, definatório para o recorte dessa entidade. Devemos ainda referir a fraca representatividade das bases nominais que são tomadas pelo seu significado imediato e valor referencial. Os nomes em questão, de base nominal e denominadores de técnicas e métodos, são apenas 15 num universo de 106 nomes.

Os nomes de prática desportiva e de prática profissional (§ 4.1.3.2.) formam-se sobre bases das quais o sufixo *-ismo* selecionará determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades. Veja-se o caso de *alpinismo*, apresentado em 11. Esta prática desportiva pratica-se em lugares que tenham a qualidade de ser Alpes, isto é, que tenham o(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) associado(s) àquela formação montanhosa, como o de se elevar a grandes altitudes. Uma leitura não predicativa deste nome implicaria que *alpinismo* fosse uma prática desportiva praticada exclusivamente nos Alpes, o que não é o caso.

Vemos que os nomes de prática profissional funcionam de forma idêntica, uma vez que uma prática profissional terá de ser exercida por alguém que apresente determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades. Retomando os exemplos de 12., é necessário ser *faqir* (isto é, ter os predicados/atributos/qualidades/propriedades próprios de *faqir*) para exercer o *faqirismo*. Tal como sucede com o anterior grupo de nomes, o valor referencial das bases não tem relevância para a formação do significado do nome em *-ismo*.

O nomes de modo de vida (§ 4.1.3.3.) apresentam um comportamento muito idêntico. Apenas a presença na base de determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades viabiliza a construção de um determinado nome de modo de vida.

Portanto, será necessário ter os predicados/atributos/qualidades/propriedades próprios de *nómada* para assumir o *nomadismo* como um modo de vida. Em 13. podem encontrar-se este e outros exemplos.

No que diz respeito aos nomes de atitude (§ 4.1.4.), facilmente compreendemos o valor predicativo das bases. Determinada atitude é assumida por quem apresenta certos predicados/atributos/qualidades/propriedades. A atitude de *estrelismo* só pode ser assumida por quem é *estrela* e o *domjunanismo* por quem é *Dom João* (exemplos retirados de 16.). Mais uma vez, as bases nominais não veem a totalidade do seu significado ser assumida pelo sufixo. Pelo contrário, o sufixo retira destes nomes apenas os predicados/atributos/qualidades/propriedades de que necessita para construir o significado do seu produto, ‘atitude de quem apresenta determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade’.

Também os nomes de sentimento em *-ismo* selecionam predicativamente a sua base. Por exemplo, *espanholismo*, denomina a afeição pelo que é *espanhol*, ou seja, o gosto por tudo o que apresenta o conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades caracterizadores de ser *espanhol*. Esta leitura pode ser feita mesmo sobre bases nominais como *Benfica*, sendo que *benfiquismo* denomina o apreço por tudo o que se define por apresentar um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades próprias do que define *Benfica* (clube de futebol) e que o sufixo seleciona de forma valorativa. Estes nomes foram retirados de 18.

Os nomes de fenómeno em *-ismo* (§ 4.1.5.) também têm a capacidade de assumir predicativamente as suas bases. Alguns exemplos foram dados em 21., retomamos aqui *microbismo*. Este fenómeno define-se pela presença no organismo de entidades que são portadoras de determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades. Só uma entidade portadora desses predicados/atributos/qualidades/propriedades desencadearia este fenómeno e não qualquer outro fenómeno. Portanto, a construção do significado do derivado em *-ismo* é altamente dependente dos predicados/atributos/qualidades/propriedades apresentados pela sua base.

Situação idêntica é a dos nomes de intoxicação (§ 4.1.5.1.). O que define o *nicotinismo* (22.), intoxicação causada pela *nicotina*, é o conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que fazem desta substância o que ela é por oposição a todas as outras. São estas especificidades da substância que determinam a especificidade da intoxicação.

O sufixo *-ismo* tem ainda a capacidade de tomar predicativamente bases que lhe permitam formar nomes de fenómeno patológico. É o que vemos suceder com *albinismo*, no significado do nome em *-ismo* encontramos o conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que caracterizam a base *albino*.

No entanto, e tal como já vimos suceder com os nomes de práxis, nem todos os nomes de fenómeno patológico tomam as suas bases predicativamente. É o caso de *adenoidismo*, *esofagismo*, *linfatisimo*, *melanismo*, *priapismo*, *prostatismo*, *timpanismo*, *tiroidismo*, *uterismo* e *vaginismo* que denominam o fenómeno patológico que ocorre no órgão ou substância orgânica indicados pelas bases, que são assumidas pelo sufixo pelo seu valor referencial.

Outros quatro nomes rejeitam uma leitura predicativa da base: *daltonismo*, *acromegalismo*, *anervismo* e *histerismo*. O primeiro nome toma por base o nome do indivíduo que identificou a patologia. Os restantes nomes não apresentam significado distinto do das suas bases se considerarmos que as bases são *acromegalia*, *anervia* e *histeria*. Assumir que as bases são radicais neoclássicos também não nos permite determinar um padrão comportamental.

Estes nomes não são numericamente significativos nos cômputo geral das bases que são seleccionadas pelo seu valor predicativo, pelo que continuaremos a assumir que o critério de seleção de bases pelo sufixo *-ismo* é o da predicatividade. Na sua generalidade, os nomes de fenómeno patológico constituem uma exceção à proposta de que a base derivacional de *-ismo* é uma entidade linguística tomada pelos seus predicados/atributos/qualidades/propriedades. Referimos já anteriormente que estes nomes apresentam outros aspetos excepcionais, como o facto de serem dotados de um grau de concreção que não é comum nos nomes em *-ismo*.

Por fim, resta-nos observar os nomes de locução (§ 4.1.6). Para estes nomes também podemos considerar uma leitura predicativa da base, na medida em que apresentam como significado ‘locução própria de Xb’, definindo-se estas bases por um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que caracterizam linguisticamente a região em causa. Portanto, podemos admitir a leitura ‘locução com o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser Xb’. Tomemos o exemplo de 29., *galicismo*, que podemos ler como ‘locução com o predicado/atributo/qualidade/propriedade de ser gálica/da Gália’. O facto de a grande maioria das bases destes nomes

ser categorizável como adjetivo/nome ajuda a sustentar, dentro de uma aceção mais corrente de predicatividade, o seu carácter predicativo.

Pretendemos mostrar nesta secção que a restrição imposta à base pelo sufixo *-ismo* é a da predicatividade. A condição de predicatividade, entendida como a capacidade que o sufixo tem de identificar na base um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades, não implica que a base em questão se constitua, à partida, como um predicativo, o que tipicamente sucede com os adjetivos e os verbos, mas sim que possibilite ao sufixo extrair-lhe os traços de predicatividade de que necessita para construir o significado do seu produto. Assim, o sufixo terá capacidade de leitura sobre o complexo semântico da sua base por forma a seleccionar informação que de forma mais ou menos evidente dela consta, ou seja, por forma a aceder a um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual aplicar a sua instrução semântica.

Embora a predicatividade seja convencionalmente um traço característico de adjetivos e verbos, apresentámos a proposta de Baker 2002 que demonstra a proximidade comportamental de nomes e adjetivos no que diz respeito à sua capacidade predicativa. Defende o autor que o conhecimento de nomes e adjetivos não deve partir de traços inerentes, mas do comportamento sintático que decorre de e revela propriedades comuns inerentes às duas categorias. A posição assumida por Kleiber 1995 de que a nomeação se faz sobre um conjunto de propriedades comuns assumidas como relevantes para estabelecer o significado do nome completa a anterior proposta e contribui para a sustentação da nossa proposta de assumir que a base derivacional de *-ismo* é predicativa. O nome é definível pelo conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que determinou a linha de recorte sobre o real e definiu o seu significado e a sua área de denominação. Nesta medida, todo o nome comporta um valor predicativo.

Estas duas propostas fornecem-nos assim os fundamentos teóricos necessários sobre os quais sustentar a unidade das bases em termos semânticos através da predicatividade, secundarizando a definição categorial muitas vezes assumida. A proposta de Baker 2002 mantém os verbos como elementos predicativos, portanto, a existência de bases verbais na derivação em *-ismo* torna-se predizível ou, pelo menos, não necessita de ser encarada como um facto a considerar como excepcional.

O que neste ponto afirmamos não anula o que foi apresentado no Capítulo 3 sobre as propriedades das bases. Nesse capítulo fizemos uma descrição da variedade encontrada e que reclama uma proposta unificadora. Essa proposta unificadora, a da definição das bases de *-ismo* através do critério semântico da predicatividade, só pôde ser estabelecida depois de se observar o modo como o sufixo *-ismo* extrai os significados das suas bases por forma a construir os significados dos seus derivados. Assim, ao longo desse capítulo foi demonstrado como muitas bases dispunham de predicados/atributos/qualidades/propriedades que forneciam ao sufixo como o elemento sobre o qual exercer a sua instrução semântica.

As especificidades semânticas das bases expostas em § 3.4. possibilitam a atualização dos diferentes valores semânticos dos nomes em *-ismo*. Ou seja, a determinação da capacidade de serem tomadas predicativamente das bases não pode fazer-nos esquecer que também apresentam diferenças semânticas sensíveis e que as suas diferenças semânticas estão relacionadas com o surgimento de distintos significados dos nomes em *-ismo* (§ 5.1.4.).

4.3. POSSIBILIDADES COMBINATÓRIAS DOS VALORES SEMÂNTICOS DE *-ISMO*

O trabalho apresentado nesta secção decorre do estudo feito em § 4.1. Ao procurar identificar os vários significados atestados pelos nomes em *-ismo*, deparámo-nos com o facto mais ou menos recorrente de alguns desses nomes apresentarem mais do que um significado. Com efeito, este tipo de dados não constitui qualquer tipo de novidade por duas ordens de razões. Por um lado, não é um fenómeno invulgar as palavras apresentarem mais do que um significado. Por outro lado, ao longo deste capítulo¹⁴⁰, e muitas vezes por referência a diferentes autores, fomos assinalando o facto de alguns significados surgirem associados em determinados nomes em *-ismo* (§ 4.1.3.1. e § 4.1.4.).

A coexistência de mais do que um significado num mesmo nome não invalida a análise que de modo individual se pode fazer (e que foi feita em § 4.1.) para cada um desses significados. A determinação dos diferentes significados encontrados em cada

¹⁴⁰ Em § 3.1.4., secção dedicada à análise dos valores semânticos das bases, também foram feitas algumas referências à coexistência de vários significados num mesmo nome em *-ismo*. Em § 2.1. foram igualmente expostos vários significados associados ao sufixo *-ismo* e aos seus cognatos.

nome em *-ismo* é fundamental para o conhecimento dos significados que o sufixo *-ismo* pode atualizar. É ainda sobre esse trabalho que poderemos compreender a relação que esses significados estabelecem entre si e que será desenvolvida em § 5.1.2. Aliás, como veremos ao longo desta secção, por vezes os significados identificados num mesmo nome são coexistentes mas não interdependentes. Para muitos casos, os dois significados são lidos paralelamente, sendo, em alguns deles, inclusivamente possível postular a hipótese de que o desaparecimento de um dos significados em nada interferiria com a leitura do significado que permanecesse. Devemos ainda notar que os nomes que apresentam mais do que um significado são uma minoria relativamente aos nomes que atualizam apenas um valor semântico.

Esta secção observará então que significados são compatíveis, isto é, que significados podem coexistir num mesmo nome em *-ismo*, procurando determinar a razão pela qual estes e não outros significados coexistem na mesma unidade. Para além de observar os significados coexistentes num mesmo nome, procurar-se-á ainda determinar que tipo de relação os significados estabelecem entre si dentro da palavra (§ 4.3.7.).

4.3.1. NOMES DE PRINCÍPIO EPISTEMOLÓGICO E DE PRÁXIS

Os dois significados que mais frequentemente coexistem num mesmo nome em *-ismo* são o de ‘princípio epistemológico’ e o de ‘práxis’, o que equivale a dizer que estes nomes denominam simultaneamente um ‘princípio epistemológico’ e o conjunto de práticas/rituais/procedimentos que lhe estão associados. Tal como observado em § 4.1.2., um ‘princípio epistemológico’, sendo um construção interpretativa, descritiva, analítica do real fornece também a instrumentação teórico-metodológica de ação sobre e no real. A concretização desta ação consiste precisamente na ‘práxis’, definida em termos de uma prática sujeita a regras procedimentais específicas e que decorrem do enquadramento teórico estabelecido pelo ‘princípio epistemológico’.

Os nomes que mais claramente exemplificam a coabitação destes dois significados são os que denominam regimes políticos (37.) e os que denominam religiões (36.).

As religiões sustentam-se sobre um conjunto de ‘princípios epistemológicos’ mas não são concebíveis sem as ritualizações próprias que cada uma apresenta. Uma

religião existe na medida em que os seus seguidores aceitam e praticam não só determinadas princípios, mas também determinados procedimentos; um seguidor de uma religião não só acredita como pratica em função de um dado enquadramento teórico. Por essa mesma razão, o nome de uma religião tem de conter em si, necessariamente, as duas informações, ‘princípio epistemológico’ e ‘práxis’.

Tomando o exemplo de 36., o *jainismo* enquanto religião não é definível apenas pelo conjunto de ‘princípios epistemológicos’ em que radica, nem pelo conjunto de ‘práxis’ que lhe estão associadas. A religião define-se na indissociabilidade destes dois parâmetros, pelo que o nome que a denomina tem necessariamente de conter em si estes dois parâmetros. Os dois significados trabalham conjuntamente para construir a denominação da religião.

36. *jaina*_{Adj/N} > *jainismo*

«RELIGIÃO religião da Índia, fundada no séc. VI a. C., muito próxima do budismo, que preconiza o ascetismo rigoroso e o respeito pela vida e pela sabedoria, e que considera que o Universo é formado de duas espécies de substâncias: as inanimadas, que são passageiras, e as animadas, que são eternas» (DPE 2006)

«Cresceu numa família de arraigado culto a Visnu, com fortes traços de **jainismo** -- uma religião rígida nos princípios morais, defensora da não violência e crente na eternidade de todas as coisas .» (CETEMPúblico *par=ext696897-soc-93a-2*)

Foi já comentada a coexistência dos significados ‘princípio epistemológico’ e ‘práxis’ nos nomes que denominam um regime político. Estes nomes selecionam muito frequentemente nomes próprios por base, mas também adjetivos, tal como foi exemplificado em 9. Apresentamos em 37. o único nome em *-ismo* que denomina uma forma de governo construído sobre uma base adjetival/nomial.

37. *nazi*_{Adj/N} > *nazismo*

«doutrina político-social, de carácter totalitário, cujos princípios foram adoptados pelo Partido Nacional-Socialista, fundado por Hitler na Alemanha; nacional-socialismo» (DPE 2006)

«Menos de metade dos alemães (48 por cento) pensa que os seus compatriotas apoiaram voluntariamente o **nazismo**, mas 37 por cento entendem que os alemães foram antes de tudo vítimas da ideologia de Adolfo Hitler .» (CETEMPúblico *par=ext28805-nd-94a-1*)

Os pressupostos teóricos de uma determinada forma de governo são indissociáveis das realizações políticas, económicas e sociais que deles decorrem. Essas realizações, disseminadas por diversas áreas, precisamente porque a governação implica o agir sobre essas diversas áreas, constituem a ‘práxis’ destes nomes. Portanto, um sistema de governação só o é por ser simultaneamente um constructo teórico e a concretização na aplicação política, social e/ou económica desse constructo. Isto mesmo foi observado relativamente aos nomes *comunismo* e *hitlerismo* apresentados em 9. (de base adjetival e nominal, respetivamente) e nesta secção com o nome de base adjetival/nominal apresentado em 37.

Nos nomes em *-ismo* que servem para denominar um regime político ou uma religião, os significados de ‘princípio epistemológico’ e de ‘práxis’ articulam-se e complementam-se por forma a denominar essas entidades. As especificidades do ‘princípio epistemológico’ e da ‘práxis’ atuantes em cada um destes nomes fornecem os elementos necessários para, quando articulados, fazer a denominação do regime político ou da religião; especificados, também, por um conjunto de informações fornecido pela base.

Estes dois domínios, política e religião, esgotam quase por completo o conjunto de nomes em *-ismo* denominadores de ‘princípio epistemológico’ e de ‘práxis’. Mas neste grupo incluem-se também nomes como *cubismo* (38.).

38. *cubo_N > cubismo*

«um dos estilos das artes plásticas mais salientes no primeiro quartel do século XX, oposto ao impressionismo pelo facto de substituir a análise da cor pela das formas dos objectos, com tendência para a geometrização dessas formas.» (DPE 2006)

«Seja segundo a técnica (gravuras, papéis colados) ou segundo um período (desde as pesquisas «fauvistas» às marinhas de Varengeville, passando pelo **cubismo**), numa obra sem rupturas, Braque encontra-se sistematicamente confrontado com os seus contemporâneos, Picasso, Matisse e Derain.» (CETEMPúblico *par=ext45280-clt-92b-1*)

Verifica-se neste nome o que vimos acontecer com os nomes anteriores, um conjunto de pressupostos teóricos, numa síntese simplista, «substituir a análise da cor pela das formas dos objectos, com tendência para a geometrização dessas formas.», resulta em determinada concretização (um rito, um modo de governação), neste caso, um modo de elaborar (intelectual e materialmente) um quadro. Tal como nos nomes de

regime político ou de religião, os significados de ‘princípio epistemológico’ e de ‘práxis’ são perfeitamente reconhecíveis e capazes de se articularem por forma a adquirirem a capacidade de denominar um tipo específico de realidade.

No conjunto de nomes de princípio epistemológico e de práxis, encontramos ainda o caso curioso de um nome que simultaneamente denomina um ‘princípio epistemológico’ e uma ‘práxis’ sem que, no entanto, haja relação entre estes significados (39.).

39. *actual*_{Adj} > *actualismo*

«**1** GEOLOGIA doutrina segundo a qual os fenómenos geológicos do passado podem ser explicados pelas mesmas causas observadas na actualidade; **2** SOCIOLOGIA método que se baseia na observação de factos presentes.» (DPE 2006)

«**Actualismo geológico** é uma teoria segundo a qual as transformações morfológicas da crosta terrestre no passado se deveram a fenómenos análogos aos que se observam na actualidade.»

(<URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Actualismo_geológico>; 04/05/2011)

Aplicando-se a diferentes domínios do conhecimento, o nome *actualismo* ora denomina um ‘princípio epistemológico’ na área dos estudos geológicos, ora denomina, em sociologia, uma ‘práxis’. Contrariamente ao que ocorre com os casos anteriores, e com a larga maioria dos nomes de princípio epistemológico e práxis, em que os dois significados estabeleciam uma estreita relação de interdependência e, de certa forma, de cooperação na construção do significado do nome em *-ismo*, neste caso, os dois significados são perfeitamente distintos. A leitura de um dos significados pode fazer-se com total desconhecimento do outro significado, o que não seria possível nos restantes nomes inseridos neste grupo.

4.3.2. NOMES DE PRINCÍPIO EPISTEMOLÓGICO E DE ATITUDE

Outra associação de significados que apresenta alguma recorrência é a que se verifica entre o significado de ‘princípio epistemológico’ e o de ‘atitude’. Nos nomes que apresentam esta associação, o significado de ‘atitude’ é decorrente do de ‘princípio epistemológico’, ou seja, a adoção, por parte do indivíduo, de determinado conjunto de pressupostos tem como consequência a adoção de determinada atitude (associada ou

decorrente desses pressupostos) por parte desse indivíduo. Há, portanto, entre os dois significados uma forte ligação em que um, ‘princípio epistemológico’, se configura como condição necessária, mas sobretudo determinante, do segundo, ‘atitude’. Porém, esta forte ligação não impede que sejamos capazes de reconhecer e isolar os dois significados.

40. *ateu*_{Adj/N} > *ateísmo*

«**1** atitude ou doutrina que nega a existência de Deus, valorizando a humanidade e a vida terrestre como um bem natural da qual o fenômeno divino está alheio; **2** negação da existência de Deus; **3** doutrina que não se apoia na existência de uma causa primeira para justificar o Universo» (DPE 2006)

«O Papa Paulo VI apela aos jesuítas para que combatam o **ateísmo** em todo o Mundo, ao mesmo tempo que manifesta o seu espanto e a sua dor pelas «inovações arbitrárias» introduzidas na Ordem.» (CETEMPúblico *par=ext42527-soc-91a-2*)

*nacional*_{Adj/N} > *nacionalismo*

«**1** preferência pelo que é próprio da nação a que se pertence; patriotismo; **2** POLÍTICA doutrina política em que se pretende impor a predominância da nação à qual se pertence em todas as áreas; **3** POLÍTICA movimento político que reclama o direito de um povo de constituir uma nação» (DPE 2006)

«O Presidente lituano, Algirdas Brazauskas, temendo o aumento do **nacionalismo** russo, está hoje em Bruxelas para idêntica cerimônia.» (CETEMPúblico *par=ext17575-pol-94a-3*)

*radical*_{Adj/N} > *radicalismo*

«**1** POLÍTICA sistema político que pretende reformas profundas na organização social; **2** POLÍTICA doutrina intransigente e extremista a nível político; **3** inflexibilidade ou extremismo de ideias» (DPE 2006)

«60 anos de **radicalismo** islâmico» (CETEMPúblico *par=ext2484-nd-94a-3*)

Muitos destes nomes estão de alguma forma relacionados com a religião, a política e a filosofia, talvez por estas áreas de conhecimento serem fonte de ‘princípios epistemológicos’ que podem conduzir o indivíduo a assumir determinado posicionamento ou ‘atitude’.

Quando neste passo falamos de nomes relacionados com a religião, não estamos a fazer referência a nomes de religião, como os abordados em § 4.3.1., e que se compatibilizam com o significado de ‘práxis’. Os nomes a que agora nos referimos apresentam ‘princípios epistemológicos’ (mas não ‘práxis’) que não configuram

religiões, mas que com elas estão de alguma forma relacionados. É o caso de *ateísmo*, o princípio epistemológico que nega a existência de Deus nega, implicitamente, a existência de qualquer religião. Este ‘princípio epistemológico’ não pode induzir a uma ‘práxis’, mas resulta seguramente numa ‘atitude’ para quem valida tal ‘princípio epistemológico’. À semelhança de *ateísmo*, também *nacionalismo* não é a denominação de um sistema governativo, mas a denominação de uma série de ‘princípios epistemológicos’ e consequentes ‘atitudes’ que podem ser associados a diferentes regimes de governação.

No caso de *radicalismo*, a base *radical* também não fornece os elementos necessários para a construção da denominação de um regime político, contudo, é possível construir um nome em *-ismo* que denomina uma série de ‘princípios epistemológicos’ que conduzem a determinadas ‘atitudes’ no campo político. Sucede, porém que neste nome o significado ‘atitude’ consegue libertar-se do ‘princípio epistemológico’ de cariz político permitindo-lhe ser utilizado apenas como ‘atitude de quem é radical’ (seja em que domínio conceptual for e portanto libertando-se de e expandindo o domínio de atuação do ‘princípio epistemológico’), como se pode ver pelo exemplo de 40. em que *radicalismo* se aplica quer ao domínio político, quer ao domínio religioso.

Nos nomes que no nosso *corpus* apresentam a significação atitudinal, e dos quais demos alguns exemplos em 16. e, já nesta secção, em 40., a ‘atitude’ designada tem um grau variável de dependência em relação ao valor semântico de ‘princípio epistemológico’. Em *dogmatismo* e *liberalismo* (16.) percebemos que o valor semântico de ‘atitude’ se relaciona diretamente com o significado do nome ou adjetivo/nome de base e não tanto com o significado de ‘princípio epistemológico’, também atualizado por estes nomes. Na realidade, a sua existência parece alheia ao facto de o nome em *-ismo* ser também capaz de atualizar esse valor semântico de ‘princípio epistemológico’. Portanto, não é possível estabelecer uma relação semântica entre os dois significados. O valor atitudinal de *dogmatismo* decorre do seguinte significado apresentado pela base, *dogma*: «3 opinião imposta pela autoridade e aceite sem crítica nem exame; 4 proposição apresentada como irrefutável» (DPE 2006), não se relacionando com o ‘princípio epistemológico’ que o nome *dogmatismo* também pode atualizar. Estes dois significados parecem seguir caminhos próximos, mas paralelos. De igual modo, o valor atitudinal de *liberalismo* parece decorrer

exclusivamente do valor semântico da base, *liberal*: «**1** que gosta de dar; generoso; **2** tolerante; largo de espírito; **3** que é partidário da liberdade política, económica, religiosa, etc.; **4** que convém a um homem livre; **5** diz-se da profissão de carácter intelectual e independente» (DPE 2006) e ser totalmente alheio ao facto de o nome *liberalismo* ser ainda capaz de denominar um ‘princípio epistemológico’.

Apesar de no interior do nome em *-ismo* se verificar uma dissociação de significados, na medida em que um significado não decorre de nem se relaciona com o outro, estes significados não deixam de partilhar uma base derivacional da qual extraem o mesmo tipo de informação. Contrariamente ao que temos visto suceder, nestes casos, o sufixo aplica sobre a base duas instruções semânticas perfeitamente distintas e com forte grau de independência.

Já no caso de *nacionalismo* e de *ateísmo*, e tal como comumente acontece, verificamos existir uma maior relação de dependência entre os dois significados atualizados no mesmo nome. Assim, a ‘atitude’ denominada parece ser assumida por quem se enquadre no ou adote o ‘princípio epistemológico’ designado pelo mesmo nome em *-ismo*. Neste caso, parece existir um tipo de relação hierárquica entre os dois significados, à semelhança do que se verificou suceder com os nomes de 14., nos quais da adoção de um ‘princípio epistemológico’ decorrerá a assunção de determinada ‘atitude’.

4.3.3. NOMES DE PRINCÍPIO EPISTEMOLÓGICO E DE QUALIDADE

Os nomes em *-ismo* que atualizam estes dois valores semânticos têm a capacidade de referir um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual se constrói determinado ‘princípio epistemológico’. O ‘princípio epistemológico’ enquadra-se frequentemente em determinada área do conhecimento, contudo a ‘qualidade’ que lhe está associada pode verificar-se fora desse campo, apresentando um carácter mais abrangente, veja-se 41.

41. *estóico*_{Adj/N} > *estoicismo*

«**1** FILOSOFIA escola filosófica fundada por Zenão de Cício (filósofo grego, 335-264 a. C.), que preconizava a indiferença à dor e a firmeza de ânimo, para opor aos males e agruras da vida; **2** (fig.) austeridade na virtude.» (DPE 2006)

«Nunca deixamos de conviver com o ponto de vista de Salinas, vamos a ele aderindo,

sobretudo no modo como atravessa as duas histórias de «O Leopardo» -- a estória e a História -- , partilhamos com compreensão dos seus silêncios e das suas pequenas abdições, admiramos-lhe o **estoicismo** e a dignidade .» (CETEMPúblico *par=ext72464-clt-96b-2*)

*maneira*_N > *maneirismo*

«**1** qualidade de maneirista; **2** afectação do estilo; **3** ARTES PLÁSTICAS estilo artístico que se desenvolveu primeiro na Itália no fim do séc. XVI e no séc. XVII e constitui uma transição do renascentismo para a arte barroca» (DPE 2006)

«Uma simpatia ética num artista é um **maneirismo** de estilo», e com os tempos a explicação foi esquecida como acontece a tudo com o tempo que passa .» (CETEMPúblico *par=ext72464-clt-96b-2*)

Um *estóico* não é apenas aquele que segue determinada escola filosófica, um *estóico* é também aquele que apresenta determinados predicados/atributos/qualidades/propriedades; estes predicados/atributos/qualidades/propriedades são reconhecidos como próprios daquela escola filosófica, mas também são identificados em entidades que não se enquadram nela (eventualmente podem nem saber da sua existência). A frase retirada de CETEMPúblico revela bem como este nome pode funcionar enquanto nome essivo, denominador de um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades, que se situam fora do contexto filosófico dentro do qual é nome de ‘princípio epistemológico’.

A base nominal *maneira* que permite derivar *maneirismo* é encarada pelo sufixo como um feixe de predicados/atributos/qualidades/propriedades, do qual seleciona os pretendidos para construir o significado do derivado. No DPE 2006, apresentam-se os seguintes significados de *maneira*: «**1** modo; forma; **2** feitio; **3** jeito; **4** arte; habilidade; **5** método de fazer qualquer coisa; **6** costume; hábito; **7** ocasião; ensejo; **8** estilo ou carácter de um artista». Para a construção do derivado em *-ismo* o sufixo não seleciona qualquer modo / forma, seleciona apenas aqueles que apresentam os predicados/atributos/qualidades/propriedades que permitem individualizar aquele estilo artístico por oposição aos restantes. Esses traços semânticos retirados da base permitir-lhe-ão construir quer o significado de ‘qualidade’ quer o de ‘princípio epistemológico’, presentes no nome em *-ismo*.

Nos nomes de 41., os significados de ‘princípio epistemológico’ e de ‘qualidade’ atestados no mesmo nome partilham os traços semânticos da base. Contudo

a denominação de ‘qualidade’ parece ter conseguido alargar o seu domínio de aplicação, podendo, sem estabelecer um corte radical com o ‘princípio epistemológico’, denominar entidades fora do campo conceptual inicial e ao qual o ‘princípio epistemológico’ ainda está limitado. Outra hipótese é considerar que ‘qualidade’ é originariamente uma significação mais ampla e que o ‘princípio epistemológico’ resulta da sua aplicação, isto é, da aplicação dos predicados/atributos/qualidades/propriedades (contidos em ‘qualidade’) a um domínio mais específico, a denominação de um ‘princípio epistemológico’.

O nome *dinamismo* apresenta um fenómeno que já vimos acontecer, o da dissociação entre os dois significados presentes numa mesma unidade. Ainda que o nome em *-ismo* atualize os significados de ‘qualidade’ e de ‘princípio epistemológico’, o sufixo parece selecionar da sua base o valor predicativo de possuidor de energia, de atividade para sobre ele construir de modo paralelo os dois significados, que não revelam uma relação de interdependência.

42. *dínamo_N* > *dinamismo*

«1 actividade; energia; 2 espírito empreendedor; 3 FILOSOFIA doutrina segundo a qual a realidade material não se reduz à massa e ao movimento que lhe é comunicado do exterior, mas comporta essencialmente forças» (DPE 2006)

«Não fora o **dinamismo** do seu director-geral, Pedro Lince, e o mandato deste secretário de Estado ficaria irremediavelmente marcado pela inoperância .» (CETEMPúblico *par=ext860-nd-91b-1*)

Nestes nomes, podemos considerar que da base o sufixo selecionará os mesmos traços semânticos, um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades para a construção dos dois significados do nome, o de ‘princípio epistemológico’ e o de ‘qualidade’. É esta comunidade de traços semânticos oriundos da base que une os dois valores semânticos. Por exceção, e apesar de se verificar partilha do significado retirado da base, o nome *dinamismo* apresenta os significados de ‘qualidade’ e de ‘princípio epistemológico’, mas não se verifica entre eles uma relação de interdependência.

4.3.4. NOMES DE QUALIDADE E DE PRÁTICA

Nestes nomes encontra-se a denominação de uma ‘qualidade’ à qual estão sistematicamente associados certos hábitos e comportamentos frequentes, configurados em ‘prática’. O nome em *-ismo* tem a capacidade de em simultâneo denominar quer uma ‘qualidade’, quer uma ‘prática’ decorrente de ou associada a essa ‘qualidade’.

43. *secreto*_{Adj} > *secretismo*

«uso sistemático do segredo; uso do segredo na condução de um negócio ou na execução de um plano» (DPE 2006)

«Mas este encontro teve como característica principal, à partida, o «**secretismo**», ao ponto de Sebastião Lobo, assessor de Cavaco Silva para a imprensa, ter garantido que não se realizou :» (CETEMPúblico *par=ext17848-soc-92a-3*)

*bizantino*_{Adj/N} > *bizantinismo*

«1 hábito de discutir coisas frívolas; 2 bizantinice; esquisitice» (DPE 2006)

«O estilo lento e gradual de John Smith pode ser fruto de uma tranquila segurança; mas o seu **bizantinismo** poderá escapar à inteligência do eleitor pouco sofisticado .» (CETEMPúblico *par=ext1443961-pol-93b-1*)

À ‘qualidade’ de ser *secreto* e *bizantino* estão associadas ‘práticas’ que decorrem do facto de serem realizadas por quem detém a ‘qualidade’ em questão. Portanto, são os predicados/atributos/qualidades/propriedades existentes na base e selecionados pelo sufixo para denominar a ‘qualidade’ que permitem configurar o modo como a ‘prática’ se realiza. Mais uma vez, estamos perante casos em que existe indissociabilidade dos dois significados atualizados pelo nome; a ‘prática’ só se verifica pela existência prévia da ‘qualidade’.

Os nomes em *-ismo* que atualizam estes dois valores semânticos não podem ser enquadrados em domínios conceptuais. Isto é, estamos perante ‘qualidades’ e ‘práticas’ próprias da identidade, da personalidade, do carácter das entidades que as apresentam e que se enquadram na vivência diária dos indivíduos. Falamos em entidades porque se a ‘prática’ está sempre necessariamente associada ao indivíduo que a realiza, já a ‘qualidade’ pode ser associada a um indivíduo ou a uma entidade não animada.

4.3.5. NOMES DE QUALIDADE E DE ATITUDE

O modo como estes dois significados coexistem num mesmo nome em *-ismo* é idêntico ao que vimos suceder no caso anterior. Assim, é o facto de determinado indivíduo apresentar certos predicados/atributos/qualidades/propriedades, os de ser *coquete* ou *Quixote*, que viabiliza a adoção de uma ‘atitude’ que com eles está relacionada, seja de forma deliberada e consciente ou não. A dependência destes dois significados, tal como nos casos anteriores, resulta da partilha dos mesmos traços semânticos retirados da base e pressupõe que o indivíduo apresente a ‘qualidade’ da qual decorre a ‘atitude’.

44. *coquete*_{Adj/N} > *coquetismo*

«1 comportamento coquete; 2 elegância afectada.» (DPE 2006)

«Nós mulheres, e estou me referindo aquela parcela pequena da população pertencente as camadas médias urbanas do Rio de Janeiro, estamos desacostumadas ao coquetismo.» (<URL: <http://apenas30anos.blogspot.com/2007/09/em-prol-ao-resgate-do-coquetismo.html>>; 26/01/2012)

*Quixote*_{Npr} > *quixotismo*

«1 qualidade de quixotesco; 2 modo quixotesco de pensar e proceder; 3 cavalheirismo exagerado; 4 fanfarronice » (DPE 2006)

«As ditas esquadras eram um típico mas original produto do **quixotismo** ilhéu: os seus membros não tinham navios e as actividades náuticas a que se dedicavam decorriam em terra, no cenário das quintas nos arredores da cidade ou das torres das casas com vista para o mar .» (CETEMPúblico *par=ext1236709-opi-97a-4*)

Note-se como mais uma vez vimos tão claramente um nome selecionado para base derivacional pelo sufixo *-ismo* comportar-se como predicativo. Enquanto base derivacional de *-ismo*, o nome *Quixote* não é tomado como um nome que permite referenciar determinado indivíduo, mas como um feixe de predicados/atributos/qualidades/propriedades que se associam a / definem esse indivíduo. Tanto para a construção do significado de ‘qualidade’ como para a construção do significado de ‘atitude’, o sufixo *-ismo* seleciona da base esses predicados/atributos/qualidades/propriedades. Selecionada a informação semântica da base, o sufixo introduz os significados ‘qualidade’ e ‘atitude’ que resultam nas duas leituras que temos destes

nomes. A segunda só se verificando na sequência da primeira, ou seja, a ‘atitude’ só poderá ser assumida por quem for detentor da ‘qualidade’.

4.3.6. NOMES DE PRÁTICA E DE ATITUDE

No caso dos nomes de prática e de atitude estamos perante um comportamento ligeiramente diferente do que temos vindo a encontrar nos nomes que compatibilizam dois valores semânticos. Nos casos anteriores, há uma certa ascendência de um significado em relação ao outro. Quando um dos significados é o de ‘qualidade’, este parece prevalecer sobre os restantes; ‘princípio epistemológico’, ‘prática’ e ‘atitude’ decorrem da existência prévia de uma certa ‘qualidade’. De igual forma, quando um dos significados é o de ‘princípio epistemológico’, ele parece sobrepor-se aos restantes (exceto ao de ‘qualidade’), na medida em que ‘práxis’ e ‘atitude’ se enquadram em / decorrem desse ‘princípio epistemológico’. Contrariamente a este comportamento, os nomes de prática e de atitude parecem não pressupor a ascendência de um significado sobre o outro. Em § 4.1.4. fizemos já referência a este facto.

Retomando os exemplos então apresentados (17.), podemos observar a dificuldade existente em individualizar os dois significados. Só conseguimos compreender o significado de *colaboracionismo* se simultaneamente considerarmos a ‘atitude’ e a ‘prática’. Não é concebível a ‘atitude’ de colaborar sem que essa atitude tenha um reflexo acional, isto é, uma ‘prática’; tal como não conseguimos imaginar a ‘prática’ de colaborar sem a correspondente ‘atitude’. Estes nomes apresentam então um grau de indissociabilidade entre os dois significados que atualizam superior ao que temos vindo a referir. Em casos anteriores encontrámos um significado que decorria de um outro significado que lhe era prévio, isto é, conceptualmente ascendente e ambos coexistiam na mesma forma nominal. Neste caso temos dois significados de tal modo interligados e interdependentes que não é concebível, nos nomes de atitude e de prática, a existência de um sem o outro ou a ascendência de um sobre o outro. Esta dependência mútua, e também ao contrário do que já se verificou, não apresenta qualquer tipo de hierarquização, os dois significados parecem entrar em simultâneo e contribuir do mesmo modo para a construção do significado do nome em *-ismo*. Por isto mesmo, em nenhum dos nomes de prática e de atitude vemos a dissociabilidade de significado

encontrada noutros nomes em que os dois valores semânticos são independentes um do outro.

4.3.7. *DOT-OBJECTS*

Uma tentativa de compreender o tipo de relação estabelecido por dois significados no interior de uma mesma palavra foi elaborada por Pustejovsky através do conceito de *dot-objects*. Este conceito entronca na sua análise da *qualia structure* das unidades e é dela decorrente. Em § 4.1.7. aplicámos esta metodologia de análise aos nomes em *-ismo*. Deparámo-nos com algumas dificuldades, decorrentes principalmente da natureza abstrata dos nomes em *-ismo*. Ainda assim, pela aplicação de um conceito como o de *proper funtion* ao *qualia* télico, foi possível definir este *qualia* para os diferentes nomes em *-ismo*. Na sequência desta análise, torna-se coerente do ponto de vista metodológico analisar os nomes portadores de mais do que um significado de acordo com o conceito de *dot-object*. A sua aplicação decorre diretamente da determinação prévia da *qualia structure* dos nomes, realizada em § 4.1.7. e será feita com base na apresentação que do conceito de *dot-object* se faz em Jackendoff 2002 e a sair.

Consideramos que os nomes de princípio epistemológico e de atitude (§ 4.3.2.), os nomes de princípio epistemológico e de qualidade (§ 4.3.3.), os nomes de qualidade e de prática (§ 4.3.4.) e os nomes de qualidade e de atitude (§ 4.3.5.) podem ser entendidos como *dot-objects*. Este conceito, posteriormente introduzido na sua teoria por Pustejovsky, aparece explicitado do seguinte modo: «entities that subsist simultaneously in multiple semantic domains» (Jackendoff a sair: 13). Estas entidades são exemplificadas com os nomes *livro* (Jackendoff a sair), *romance* e *jornal* (Jackendoff 2002); são definidos como *dot-objects* por atualizarem dois significados distintos (na medida em que podemos fazer referência a um sem implicar o outro): o objeto físico e o seu conteúdo informativo. Por *dot* entende-se precisamente a função que permite à unidade articular dois significados distintos, mas de certo modo relacionados.

Precisamente por serem dotados de algum grau de autonomia, a cada um destes significados cabe a sua própria *qualia structure* «each of these aspects gives rise to further qualia structure» (Jackendoff 2002: 374). A possibilidade de associar uma

qualia structure a cada significado (§ 4.1.7.) garante a sua existência independente e paralela relativamente ao outro significado. A *qualia structure* destes nomes foi apresentada em § 4.1.7. Contudo, estas duas estruturas semânticas detêm pontos de contacto que permitem garantir a sua proximidade semântica. Esses pontos de contacto decorrem do facto de um dos significados se comportar como uma instanciação mais concreta do outro significado. Além disso, esses significados recolhem da base idêntica informação semântica. A existência de pontos de contacto entre as duas *qualia structure* garante a coerência interna do significado da unidade.

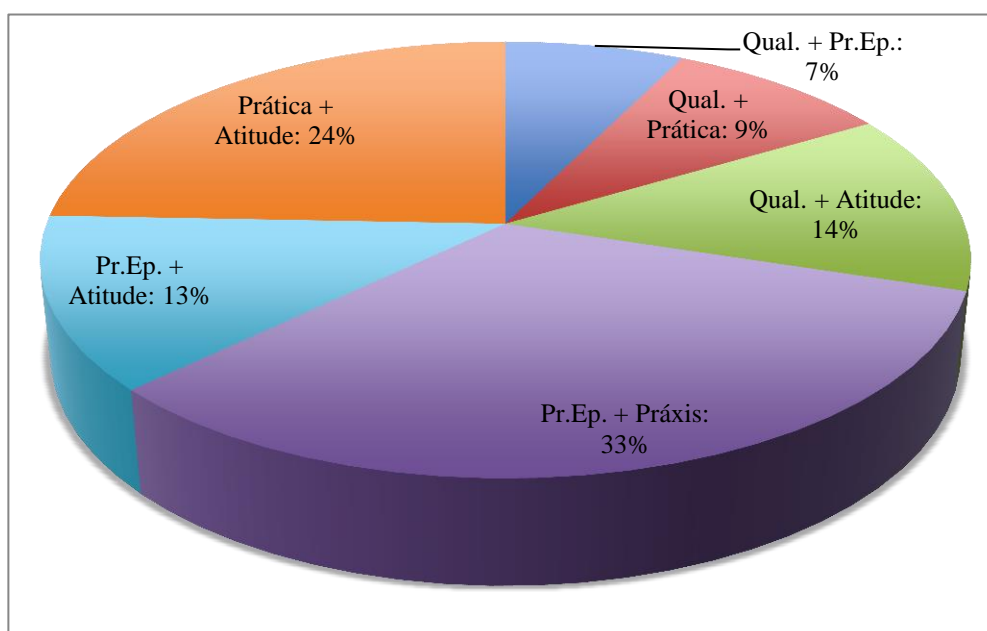
Esta definição de *dot-object* exclui os nomes de princípio epistemológico e de práxis e os nomes de prática e atitude devido ao elevado grau de interdependência e indissociabilidade que os seus significados apresentam. Percebe-se que os nomes de princípio epistemológico e de práxis e que os nomes de prática e de atitude não possam ser considerados *dot-objects*. Estes nomes apresentam claramente dois significados; no entanto, o modo como estes significados se relaciona é totalmente distinto do modo como os significados dos *dot-objects* se relacionam. Afirmámos que os nomes de princípio epistemológico e de práxis fazem a denominação de religiões e regimes políticos, o que implica a impossibilidade de atualizarem apenas um dos significados. Da indissociabilidade dos dois significados decorre que aos nomes de regime e aos nomes de religião corresponderá apenas uma *qualia structure* (e não as duas que se apresentam nos *dot-objects*). Em § 4.3.1. vimos que a maioria dos nomes de princípio epistemológico e de práxis constitui a denominação de uma religião ou de um regime político. Contudo, há alguns nomes que são nomes de princípio epistemológico e de práxis mas nos quais estes dois significados apresentam alguma independência. Para estes nomes, podemos determinar duas *qualia structures*, comportando-se assim como verdadeiros *dot-objects*.

Do mesmo modo, nos nomes de prática e de atitude é difícil, se não impossível, a atualização de apenas um dos significados. Ora a capacidade de o nome atualizar apenas um dos significados é precisamente o que permite diferenciar os *dot-objects*. A indissociabilidade na leitura dos dois significados implica que estes nomes apresentem apenas uma *qualia structure* e que, por consequência, não sejam tidos como *dot-objects*.

4.3.8. SÍNTESE

Ao longo desta secção apresentámos dados relacionados com o facto de alguns nomes em *-ismo* serem capazes de atualizar dois valores semânticos. A existência de nomes portadores de mais do que um significado não implica que os nomes em *-ismo* sejam sempre polissémicos. Pelo contrário, a maioria dos nomes apresenta apenas um significado (de § 4.1.1. a § 4.1.6.). Nesta secção procurámos compreender por que razão apenas uma parte dos nomes em *-ismo* tem capacidade para atualizar mais do que um significado, tendo concluído que a natureza dos significados envolvidos e o modo como se relacionam são determinantes para a sua coabitação numa mesma unidade.

Tendo em vista a compreensão deste facto, foram apresentadas as diferentes combinações encontradas e aferido o maior ou menor grau de dependência que os valores semânticos coocorrentes num mesmo nome podem apresentar entre si. Reservamos para o capítulo seguinte a explicitação dos mecanismos linguísticos que viabilizam a existência destes significados no âmbito do sufixo *-ismo*. De momento, remetemos para o Quadro 4.4 que apresenta em termos percentuais os dados sobre os quais fizemos a anterior exposição.



Quadro 4.4: Possibilidades combinatórias dos diferentes significados presentes nos nomes em *-ismo* - valores percentuais

Dos dados analisados há alguns comentários a fazer. Generalizando, podemos afirmar que os nomes que apresentam dois significados apresentam significados que se concretizam do seguinte modo: um primeiro significado, possuidor de algum grau de abstração e que serve de enquadramento ao segundo ('princípio epistemológico' e 'qualidade'); um segundo significado, decorrente do primeiro, possuidor de menor grau de abstração e de algum modo relacionado com a ideia de ação, de concretização do enunciado no primeiro significado ('prática', 'páxis' e até 'atitude'). Os nomes que se comportam deste modo foram considerados *dot-objects* por fazerem corresponder uma *qualia structure* a cada um dos significados envolvidos. Nesta descrição enquadram-se também, ainda que de forma menos óbvia, os nomes de qualidade e de princípio epistemológico. Nestes nomes, a 'qualidade' forma o primeiro elemento de significado que sofrerá algum grau de concretização no significado 'princípio epistemológico'. Estes dois significados, ainda que distintos e estabelecendo como que uma hierarquia, partilham os valores semânticos retirados da base.

Os nomes de princípio epistemológico e de práxis, embora apresentem o comportamento acima descrito, constituem na sua generalidade a denominação de uma religião ou de um regime político. Esta sua capacidade denominativa constitui uma especificidade que os distingue dos restantes, na medida em que essa capacidade não resulta da simples soma dos dois significados que compõem o nome, embora os comporte. O significado destes nomes, comportando duas significações, resulta numa terceira, resultante de um intrincado relacionamento entre elas e com autonomia significativa em relação a elas. Deste facto, resulta apresentarem apenas uma *qualia structure* e, portanto, não poderem, em oposição aos restantes nomes que comportam dois significados, ser considerados *dot-objects*.

Em situação idêntica estão os nomes de prática e de atitude. Estes nomes apresentam especificidades no que toca à relação estabelecida entre os dois significados, uma vez que, como mostrámos, embora reconhecíveis, eles apresentam um elevado grau de indissociabilidade e interdependência, que não se encontra em nenhuma das outras combinações semânticas. Por esta razão, também estes nomes apresentam apenas uma *qualia structure* e conseqüentemente não podem considerar-se como *dot-objects*.

4.4. SUMÁRIO

Este capítulo dedicou-se à descrição do comportamento semântico dos nomes em *-ismo*. Inicialmente apresentaram-se os significados atestados por estes nomes (§ 4.1.) e posteriormente verificou-se que alguns destes significados podem ser simultaneamente atestados por um mesmo nome (§ 4.3.). A análise do significado atestado pelos nomes em *-ismo* permitiu estabelecer a sua *qualia structure*, tendo-se verificado que o elevado grau de abstração dos nomes dificultava esta tarefa, apenas viabilizada pela associação da *proper function* ao *qualia* télico (§ 4.1.7). A determinação da *qualia structure* destes nomes possibilitou ainda a análise dos nomes com mais do que um significado como *dot-objects*. Estabelecendo com *dot-object* a unidade capaz de atualizar uma *qualia structure* para cada significado, excluímos desta classificação os nomes de religião, de regime político e os nomes de prática e de atitude (§ 4.3.7.) aos quais corresponde apenas uma *qualia structure*.

Ao procedermos à descrição dos significados atestados pelos nomes em *-ismo*, pudemos aferir a importância da configuração semântica da base. De facto, esta configuração semântica estabeleceu-se como determinante para a seleção da base por parte do sufixo. Assim, tomando em consideração as propriedades semânticas das bases (§ 3.4.), pudemos determinar as condições semânticas impostas pelo sufixo à base (§ 4.2.). Considerámos como condição fundamental, a sua capacidade de se constituir como um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual o sufixo exerce a sua instrução semântica.

5. VALORES DO SUFIXO. REPERCUSSÕES PARA A TEORIA MORFOLÓGICA

No capítulo anterior procedemos à descrição dos diferentes significados apresentados pelos nomes em *-ismo*, tendo verificado não só que os nomes em *-ismo* atualizam diferentes significados mas também que alguns desses nomes podem apresentar dois significados. Na sequência deste estudo, analisámos a *qualia structure* dos significados atestados nos nomes em *-ismo* e, no caso dos nomes capazes de atestar mais do que um significado, verificámos quais os que se podiam constituir como *dot-objects*. Além de verificarmos quais os significados atestados pelos derivados em *-ismo*, foi ainda possível determinar qual a condição necessária que o sufixo impõe à sua base. A determinação das condições impostas pelo sufixo à base tomou em consideração não só os significado atestados pelos nomes em *-ismo*, mas também o que sobre as bases fora apresentado ao longo do Capítulo 3. A observação do seu comportamento na construção do significado dos derivados revelou que a base tem de se configurar como um feixe de predicados/atributos/qualidades/propriedades suscetíveis de serem selecionados pelo sufixo.

Uma vez definidos os significados que os nomes em *-ismo* podem apresentar (§ 4.1.), tornou-se necessário determinar que tipo de relação estes eles estabelecem entre si. Determinar o tipo de relação estabelecido entre os diversos significados atestados constitui-se como a via a seguir para atingir a compreensão da estruturação semântica do sufixo. Assim, partindo de uma conceção de significado como um constructo dinâmico e flexível resultante dos mecanismos de conceptualização (§ 1.3.6. e § 5.1.2.), assumimos que os diferentes significados atestados estão inscritos no sufixo que é, conseqüentemente, como demonstraremos, uma unidade polissémica (§ 5.1.1.). Temos então de compreender se os diferentes valores semânticos decorrem de um valor semântico inicial e abrangente (como sugere a proposta de Rio-Torto 1998a) ou se, pelo contrário, são autónomos na medida em que existem de modo independente dos outros. Neste ponto veremos como o valor semântico de ‘qualidade’ identificado nos nomes em *-ismo* assume, na nossa perspetiva, um papel fundamental para a geração dos outros significados presentes no sufixo *-ismo* e atestados nos seus derivados¹⁴¹.

¹⁴¹ A base preferencial dos nomes de qualidade ou nomes essivos define-se pelo seu valor predicativo e esta propriedade das bases não é descurada na compreensão da significação dos nomes em *-ismo*. Em § 3.4. afluímos já a importância da presença do valor de predicatividade para a determinação semântica

Como procuraremos demonstrar ao longo deste capítulo, julgamos que os significados de **QUALIDADE** e de **SISTEMATICIDADE** funcionam como marcadores genéticos presentes no sufixo, sendo necessários para a atualização dos restantes significados ao nível dos nomes. Esses outros significados, ‘princípio epistemológico’, ‘prática’, ‘atitude’, ‘fenómeno’ e ‘locução’, surgem de forma visível no significado dos nomes em *-ismo*, embora apresentando distintos graus de saliência, mas têm a sua codificação genética fundacional nos valores seminais de **QUALIDADE** e de **SISTEMATICIDADE** (§ 5.1.3.1.), sendo que o primeiro destes valores semânticos também surge atestado nos nomes em *-ismo*.

Os nomes em *-ismo* colocam-nos ainda algumas questões que se prendem com o seu valor de abstração. Os valores semânticos atualizados por estes nomes parecem percorrer o largo espectro de abstração existente nos nomes, do muito abstrato ao menos abstrato. Assim, há que definir se, de facto, os nomes em *-ismo* são capazes de se mover entre os dois extremos da escala de abstração e explicar de que modo estes dois extremos coabitam nas instanciações semânticas de um mesmo sufixo. Estas questões serão abordadas em § 5.1.3.1.1.

A consideração dos dados referidos conduz-nos à determinação da estrutura semântica do sufixo e à sua integração numa RFP, aspetos fundamentais para o conhecimento pleno do comportamento genolexical do sufixo (§ 5.1.3.2.).

Por fim, em § 5.2., faremos o balanço de todos os dados fornecidos pelas análises apresentadas.

5.1. CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO POR MEIO DE *-ISMO*

Assumimos como pressuposto teórico deste trabalho que o significado de palavras complexas resulta não apenas das RFP em que se enquadram, mas também da contribuição semântica prestada pelos seus elementos constituintes (§ 1.3.2.). A composicionalidade formal e semântica das unidades com que trabalhamos permite «construir conjuntamente a estrutura morfológica e a interpretação semântica das palavras construídas. Por outras palavras, uma palavra construída por uma RCP apresenta uma motivação recíproca entre a sua forma (ou estrutura) e o seu

das bases. Este valor semântico das bases está, como já referido (§ 4.2.), intimamente relacionado com a formação de nomes de qualidade.

significado.» (Correia 2004: 30). Nesta medida, devemos considerar que a variedade de significados atestados nos nomes em *-ismo* resulta da instrução semântica do próprio sufixo (§ 4.1.) aplicada sobre a semântica das bases (§ 3.4.), bem como do seu enquadramento numa regra de formação de palavras (§ 5.1.3.2.). Deste modo, a análise feita dos diferentes significados que os nomes em *-ismo* podem atualizar coloca-nos por isso mesmo perante várias questões relacionadas com o valor semântico próprio do sufixo e para as quais devemos procurar resposta. As questões que se colocam são as seguintes:

1. Estamos perante um sufixo com vários significados ou perante vários sufixos com um único significado? (§ 5.1.1.)
2. Como é que o mesmo sufixo pode apresentar significados distintos? (§ 5.1.2.)
3. Há algum tipo de relação entre os vários significados detetados? (§ 5.1.3.)
 - 3.1. Se admitimos uma relação entre os diferentes significados, que tipo de relação é essa? (§ 5.1.3.1.)
4. De que modo o significado das bases contribui para o significado do produto? (§ 5.1.4.)

Nas secções seguintes procuraremos, se não dar uma resposta conclusiva a estas questões, pelo menos elaborar sobre elas uma reflexão. Pretendemos que no final do capítulo se tenha dado um contributo para a compreensão da estrutura semântica do sufixo *-ismo* e, conseqüentemente, para a compreensão da significação dos seus derivados.

5.1.1. UM SUFIXO COM VÁRIOS SIGNIFICADOS OU VÁRIOS SUFIXOS COM UM SIGNIFICADO?

Pretendemos nesta secção determinar a resposta à questão que lhe serve de título, sendo que a opção por uma ou outra possibilidade terá implicações decisivas para o estudo a que se procederá em seguida. Trata-se então de determinar se no caso do sufixo *-ismo* estamos perante um sufixo que apresenta vários significados ou se

estamos perante vários sufixos formalmente idênticos (*-ismo*) cada um portador do seu significado específico. Colocando a questão de uma outra forma, teremos de compreender se estamos perante um sufixo polissémico ou perante sufixos homónimos. Não cabe neste trabalho a problematização dos parâmetros envolvidos na compreensão destes dos fenómenos de sinonímia e homonímia (ver, por exemplo, Silva 2006). Limitar-nos-emos a sustentar a posição por nós assumida¹⁴².

A existência, ou a possibilidade de existência, de mais do que um significado associado a uma unidade linguística é hoje um dado adquirido. No Capítulo 2 tivemos oportunidade de mostrar como a existência de vários significados associados ao sufixo *-ismo* é um fenómeno que ocorre em português e em línguas modernas com sufixos cognatos (§ 2.1.2.). A linearidade da relação forma-significado que subjaz ao signo linguístico saussureano revelou-se insatisfatoriamente operacional na descrição linguística, sendo necessário reconhecer que as unidades apresentam mais do que um significado. Esta pluralidade semântica das unidades passa a ser encarada como natural e não como excepcional. A questão reside hoje em compreender de que modo os diferentes significados associados a uma unidade linguística se relacionam entre si e de que modo surgem associados a essa unidade.

Considerando os dados anteriormente apresentados respeitantes ao significado dos nomes em *-ismo* (§ 4.1. e § 4.3.), assumimos que o sufixo *-ismo* configura um caso de polissemia, sendo portanto uma unidade portadora de vários significados. Numa secção dedicada à diferenciação entre homonímia e polissemia de Silva 2006 podemos ler o seguinte:

«a polissemia é um fenómeno de motivação, que introduz uma certa redundância no léxico mental, ao passo que a homonímia é um fenómeno accidental. O que daqui se pode concluir é que polissemia e homonímia não constituem uma dicotomia estrita, mas antes fazem parte de um *continuum* de relação de sentidos. E metodologicamente [...] uma análise *polissémica* será preferível a uma análise *homonímica* sempre que se encontrarem

¹⁴² Apresentamos, no entanto, uma brevíssima reflexão de Lehrer sobre esta questão e que deixa antever algumas das questões que se colocam ao procurar definir a natureza mono ou polissémica das unidades: «Selecting monosemy leaves too much to the pragmatics and ignores the rather specific, contextually determined senses; speakers do not need to figure out that specific meaning each time they encounter a new use of the affix. Yet postulating many specific senses fails to capture the fact that there is a unity that connects the various meanings. [...] Tuggy, like Geeraerts (1993), shows that there is a continuum, not a sharp break between ambiguity and vagueness.» (Lehrer 2003: 229).

factores de coerência semântica num complexo de sentidos associados a uma mesma forma»

(Silva 2006: 49)

O primeiro critério apontado pelo autor, é o da motivação. Pressupõe-se que os significados coexistentes estabeleçam entre si conexões lógicas. Portanto, um significado pode relacionar-se com outro por associação(ões) de ideias. Mentalmente, e devido ao seu conhecimento do mundo, os falantes são capazes de reconhecer e de estabelecer entre os diferentes significados de uma mesma unidade relações lógicas. Este critério conduz-nos ao segundo: o da existência de redundância associada à polissemia.

Nesta linha de raciocínio, a redundância configura-se como a consequência natural da existência de uma relação de motivação entre os diversos significados. Este critério não se relaciona diretamente com a análise que empreendemos, mas ainda assim deve ser considerado. A existência de redundância nas línguas é um fator operacionalizador importante, em termos de organização mental, da própria língua e da sua utilização, portanto não deve ser descurado. A multiplicação da homonímia, com a agravante de ser «um fenómeno acidental» e por conseguinte não sistemático, implica uma multiplicação de elementos a armazenar e a gerir em termos mentais, e de produção e compreensão linguísticas; não agilizando, por isso mesmo, nenhum destes campos.

Contrariamente, o terceiro critério apontado já diz diretamente respeito ao trabalho que aqui desenvolvemos e entronca na afirmação inicial de que a polissemia é uma propriedade decorrente de fenómenos de motivação. De acordo com o autor, devemos considerar como polissémica uma forma que apresente significados semanticamente relacionáveis. Como vimos, os significados detetados nos nomes em *-ismo* não são absolutamente incompatíveis entre si. Isto é, o facto de se verificarem as compatibilidades semânticas apresentadas (§ 4.3.), sendo que os significados coocorrentes se apresentam, ainda que em grau variável, relacionados entre si, comprova que lidamos com «factores de coerência semântica». Em § 4.3. verificou-se ainda que a proximidade semântica que se observa entre os diferentes pares de significados reside não só nos traços semânticos da base que partilham, mas também no facto de um significado viabilizar, geralmente por um mecanismo de concreção, o

surgimento do segundo significado, pelo que a existência de «factores de coerência semântica» se torna indiscutível para o sufixo *-ismo*.

Aduzimos a estes argumentos «the *definitional test of polysemy* that says that two of more instances of a word do not constitute a different reading when they can be defined together as a single meaning» (Geeraerts 2006c: 150). De acordo com este teste, consideramos estar perante duas (ou mais) leituras distintas de uma unidade quando a elas não podemos atribuir uma leitura comum. Isto é, os significados polissémicos são inter-independentes mas não se prestam a partilhar uma mesma leitura, que funcionaria como uma espécie de hiperónimo, ou categoria taxonómica superior. Os significados dos nomes em *-ismo* apresentados ao longo de § 4.1., como observámos, não são suscetíveis de ser enquadrados em significados comuns, ou seja, não podem «be defined together as a single meaning», requerendo, cada um deles, a sua individualidade semântica (de tal forma que cada um possui um *qualia* télico distinto (§ 4.1.7.)), pelo que, mais uma vez, o comportamento semântico do sufixo se afigura como sendo polissémico.

Aos argumentos até aqui apresentados juntamos um outro, que, embora não diga respeito ao que se entende por polissemia, ajuda a sustentar a posição por nós assumida, e que diz respeito à natureza do significado das unidades linguísticas (§ 1.3.6. e § 5.1.2.). Considera-se então que «The learnability of an unlimited variety of word meanings argues that word meanings are composite, built up in terms of a generative system from a finite stock of primitives and principles of combination.» (Jackendoff a sair: 4). Assim, o significado de uma palavra, de estrutura simples ou contruída, é entendido como sendo complexo, construído. A complexidade do significado, por não permitir que seja entendido como uma entidade monolítica, abre caminho ao surgimento de fenómenos de polissemia no interior da palavra.

Num artigo intitulado “Ambiguity, polysemy, and vagueness”, Tuggy apresenta a polissemia como um fenómeno de transição e, conseqüentemente, de fronteiras pouco nítidas em que encontra «border straddling cases, with meanings both clearly separable and clearly united. But the important thing is that the differences among the categories are gradual, not absolute.» (Tuggy 2006: 175). A impossibilidade ou dificuldade de determinar fronteiras claras para fenómenos semânticos como a polissemia é também referida na citação já apresentada de Silva 2006 que alude ao *continuum* existente entre polissemia e homonímia.

As reflexões apresentadas sobre polissemia dizem respeito à polissemia de palavras. Contudo, não temos razões para crer que se o significado de uma palavra pode ser visto como complexo, o significado de uma unidade morfológica inferior, como o sufixo, o não possa ser. O pressuposto da complexidade semântica do sufixo é, aliás, implicitamente assumido pelos autores ao listarem os significados apresentados pelas palavras derivadas em *-ismo* (ou outro afixo). Esses significados distintos não podem ser gerados pelas bases, têm de ser gerados pelo sufixo porque só assim se compreende que vários nomes em *-ismo* (com bases necessariamente distintas) possam denominar um ‘princípio epistemológico’, ou uma ‘qualidade’, ou uma ‘atitude’, ou uma ‘prática’, ou um ‘fenómeno’, ou uma ‘locução’. Por conseguinte, é ao sufixo que estes significados pertencem. De acordo com Lehrer, «we should expect the polysemy we find in affixes to be a proper subset of regular polysemy» (Lehrer 2003: 217). Esta afirmação decorre do pressuposto assumido pela autora de que «A study of derivational affixes in English will show that polysemy is the norm and that few affixes have only one sense.» (Lehrer 2000: 144), o que efetivamente se confirma pela exposição que empreende ao longo do artigo.

A ideia de que o comportamento semântico dos afixos pode ser aproximado ao das palavras tem vindo a ganhar terreno, «o comportamento semântico (semasiológico) dos afixos derivacionais é essencialmente idêntico ao dos itens lexicais. À semelhança de um item lexical, também um sufixo derivacional tende a exibir um conjunto de sentidos conceptualmente relacionados entre si pelos mesmos mecanismos cognitivos» (Silva 2006: 241). A consideração de idêntica espessura semântica entre afixos e palavras diz respeito à complexidade do significado, mas também ao entendimento desse significado como produto da atividade conceptual. Como veremos, a consideração do sufixo como unidade semanticamente complexa (§ 5.1.3.2.) terá implicações para o modo como se analisam os mecanismos de construção semântica das palavras construídas, nomeadamente no que diz respeito aos mecanismos de extensão semântica e ao papel desempenhado por pressões de natureza pragmática (§ 5.2.).

Concluimos então que o sufixo *-ismo* é um sufixo polissémico, na medida em que «ver a polissemia como uma rede de sentidos flexíveis, adaptáveis ao contexto e abertos à mudança, de impossível diferenciação precisa é ver algo que real e

inevitavelmente existe em abundância.» (Silva 2006: 59). Assente a nossa posição, temos de responder às questões daqui decorrentes e expostas no início do capítulo.

5.1.2. COMO É QUE O MESMO SUFIXO PODE APRESENTAR SIGNIFICADOS DISTINTOS?

Para dar resposta a esta questão temos de começar por esclarecer o que entendemos por significado. Desde o início deste trabalho que se fala de significado e de valores semânticos, mas nunca se dedicou a esta noção uma reflexão alongada. Em § 1.3.6. fez-se uma breve exposição de que como encaramos o conceito; nesta secção empreenderemos sobre ele uma reflexão mais demorada e problematizadora. Uma reflexão sobre o significado impõe-se por três razões. Em primeiro lugar, e de forma óbvia, não podemos trabalhar sobre um conceito sem o precisar tão definida e objetivamente quanto possível. Em segundo lugar, a visão de significado que adotamos ajuda a esclarecer e a sustentar a opção por nós assumida na secção anterior de considerar o sufixo *-ismo* como uma unidade polissémica, opções anteriormente assumidas¹⁴³ e ainda opções que adiante tomaremos, como a que diz respeito à estrutura semântica complexa do sufixo. Em terceiro lugar, a conceção de significado que adotamos é essencial para que possamos compreender de que modo os significados identificados coexistem no interior de uma mesma unidade.

Para a reflexão sobre o que entendemos por significado, partimos de informações avançadas anteriormente. Consideramos que o significado é complexo, ou seja, que a compreensão do significado de uma entidade não resulta de um único fator informativo, mas de vários fatores, ainda que não sejamos capazes de isolá-los e/ou explicitá-los verbalmente. Esta definição de significado é apresentada por Jackendoff (a sair: 10) «word meanings are regarded as composite, but not necessarily built up in a fashion that lends itself to definitions in terms of other words.»; «word meanings cannot be expressed in terms of word-like definitions, because the primitive features are not on their own expressible as words.» (Jackendoff a sair: 11), «Rather, it is the combination of Conceptual Structure with these structures that fills out the meanings.» (Jackendoff a sair: 11). Estas conceções estabelecem uma articulação muito próxima

¹⁴³ É ainda esta conceção de significado que subjaz à conceção do nome por nós adotada e exposta em § 3.4.1.1. e § 3.4.1.2. Sendo um entidade conceptualmente formada, o nome é portador de predicatividade, na medida em que comporta em si uma série de predicados/atributos/qualidades/propriedades que permitem delimitar a entidade por ele nomeada.

com as afirmações de Silva 2006 sobre a polissemia. O significado que Jackendoff apresenta é uma entidade constituída por uma multiplicidade de fios informativos conceptualmente concebidos e articulados. Relevante é ainda a referência ao facto de esse(s) significado(s) nem sempre ser(em) suscetível(is) de verbalização, ainda que seja(m) perfeitamente reconhecível(is).

Vimos já pela apresentação da proposta de Kleiber 1995 como a construção conceptual é relevante na determinação do campo de atuação semântica de um nome (§ 3.4.1.), portanto, além de complexo, o significado deve ser concebido como uma entidade dinâmica, «os significados não são entidades fixas e perfeitamente determináveis, mas processos flexíveis.» (Silva 2010: 358), porque determinada por mecanismos conceptuais. A consideração do dinamismo do significado, decorrente da sua natureza conceptual, sugere-nos que alguns nomes em *-ismo* podem vir a atualizar novos sentidos potenciados pela semântica do sufixo e da base (§ 5.1.3.). Esta mesma conceção permite ainda compreender o modo progressivo como no seu percurso histórico o sufixo foi adquirindo novos significados (§ 2.2.).

A complexidade do significado, na medida em que resulta de um mecanismo de conceptualização e de um feixe informacional e em que uma unidade linguística pode apresentar mais do que dois significados mais ou menos explicitamente relacionados (tal como em § 4.3. se verificou ser o caso dos nomes em *-ismo*), e as tentativas de definir e identificar a polissemia do sufixo conduzem a uma mais intrincada proposta sobre o que se entende por significado: «The tremendous flexibility that we observe in lexical semantics suggests a procedural (or perhaps ‘processual’) rather than a reified conception of meaning; instead of meanings as things, meaning as a process of sense creation would seem to become our primary focus of attention» (Geeraerts 2006c: 137). Nesta proposta, que não pretendemos que invalide a anterior, mas antes que com ela se articule para construir um mais completo conhecimento do significado, e em consonância com Jackendoff a sair, Kleiber 1995 e Silva 2010, o significado é visto como uma entidade de natureza não estática e, portanto, naturalmente aberta à variação que efetivamente se encontra nos itens lexicais. Mais do que resultado de um processo, o significado é visto como um processo de criação de sentido, «process of sense creation», o que implica a sua indissociável relação com a atividade cognitiva dos falantes e o seu carácter inerentemente flexível. Entendemos assim que a existência de vários significados, em isolamento (§ 4.1.) ou em coabitação (§ 4.3.), para o sufixo

–*ismo* e até o desenvolvimento desses mesmos significados ao longo do tempo, como se demonstrou em § 2.2., é algo que faz parte da própria natureza, dinâmica, flexível e processual, do significado, entendido como sendo um processo cognitivo dotado de flexibilidade, não sendo, portanto, uma situação marginal.

Como já afirmámos, consideramos que o que foi postulado para «word meanings» possa ser aplicado a qualquer elemento morfológico, no caso que nos importa, o sufixo –*ismo*¹⁴⁴. Desta forma, o significado é entendido como um processo cognitivo, complexo e dinâmico, constituído por elementos não necessariamente isoláveis, o que equivale a dizer que é apreensível mas nem sempre fácil de decompor em partes totalmente distintas, capazes de funcionar autonomamente e de ser verbalmente explicitadas. Ainda de acordo com Jackendoff a sair, e na sequência da mesma linha de pensamento já assumida por Kleiber 1995, o significado das estruturas linguísticas alcança-se por mecanismos de conceptualização¹⁴⁵, «the relation that plays the role of reference in the theory is between the mental structure encoding the linguistic expression and the language user’s *conceptualization* of the world – all inside the mind» (Jackendoff a sair: 2). Nesta medida, o significado «deve ser entendido como uma *conceptualização*, no sentido amplo de qualquer tipo de ‘experiência mental’, estabelecida ou nova, abstracta ou sensorio-motora e emotiva, incluindo a apreensão do contexto físico, social e linguístico» (Silva 2006: 301). Estas conceções implicam que o significado resulta da atividade mental dos falantes e que se processa nas suas mentes. Portanto, «if semantics is about the human conceptualization of the world, its fundamental units are the product of evolution building a brain equipped to guide an organism successfully through its life.» (Jackendoff 2010: 658). Mais uma vez se demonstra a necessidade, e adequação, de entender o significado de uma unidade, palavra ou afixo, como um produto / produção mental que resulta da capacidade cognitiva que permite elaborar os conceitos necessariamente constituídos por uma multiplicidades de fios informativos.

¹⁴⁴ Para a aproximação comportamental no que à semântica de afixos e lexemas diz respeito, ver Lehrer 2000.

¹⁴⁵ Veja-se uma brevíssima síntese deste conceito: «Conceptualism, proposed by Abelard (cf. Gilby 1967) building on Aristotle [1938], is a reaction to both of the preceding ideas, and claims that universals (word meanings) are concepts – mental or cognitive constructs created in confrontation with experience. Most linguists, if not philosophers, have since the days of Abelard probably been conceptualists in the sense that they have believed that word meanings are mental or cognitive constructs. The precise nature of the mental constructs corresponding to word meanings has, however, been controversial.» (Allwood 2003: 2).

A definição de significado que assumimos, construída sobre as propostas de Jackendoff a sair, 2010, Kleiber 1995, Geeraerts 2006c e Silva 2006, 2010 decorre, precisamente, da premissa de que o significado é conceptualização (Silva 2006, 2010; Jackendoff 2010), o que pressupõe uma relação dinâmica entre a língua e o mundo, na mente dos indivíduos, através de mecanismos como o de conceptualização¹⁴⁶. Os trabalhos de Lehrer 2000 e 2003 sustentam a transposição que fazemos destas reflexões sobre o significado das palavras para a compreensão do significado de unidades inferiores, como o sufixo *-ismo*.

Em síntese, entendemos que o significado de uma unidade é um processo / constructo informacionalmente complexo, dinâmico e flexível cujas partes são reconhecíveis mas não necessariamente delimitáveis e que resulta de / é um processo de conceptualização. Nesta linha de pensamento, significado e conceito aproximam-se muito, entendendo-se por conceito «organized bundles of stored knowledge which represent an articulation of events, entities, situations, and so on in our experience.» (Cruse 2004: 125).

Numa reflexão mais desenvolvida sobre o que se entende por conceito, Jackendoff apresenta o seguinte entendimento: «it must be some kind of finite schema that can be compared with mental representations of arbitrary new objects to produce a judgement of conformance or nonconformance» (Jackendoff 1992: 193). Portanto, tal como acontece com o que se entende por significado, e porque significado e conceito são, nesta leitura altamente sobreponíveis, «This implies in turn that most if not all lexical concepts are composite» (Jackendoff 1992: 196).

Uma vez que esclarecemos o conceito de significado com que trabalhamos, podemos passar a responder à questão colocada no início desta secção: como é que uma mesma unidade pode apresentar significados distintos? Como consideramos que a conceptualização é o mecanismo que viabiliza a formação do significado, temos de refletir sobre as implicações deste facto. Conceptualizar tem duas faces, a do resultado, que é o significado (estaticamente considerado) associado ao item, e a do processo que conduz ao significado, que é um processo mental de leitura e interpretação do real (o significado entendido na sua vertente dinâmica). Ora, como vimos nas afirmações de

¹⁴⁶ Note-se que este postulado não está longe do que assumimos para a compreensão da predicatividade dos nomes proposta por Kleiber 1995 (§ 3.1.4.1.).

Silva 2006 e Jackendoff 2010, este processo mental resulta da leitura que o indivíduo faz do mundo, e esta é naturalmente condicionada por toda a sua experiência (individual, social, cultural, histórica, etc.). A consequência do processo de criação do significado através de mecanismos de conceptualização é que ele se configura, não tanto como uma entidade estática, mas como um mecanismo conceptual estruturado por um feixe informativo (e não uma entidade monolítica), dinâmico e flexível, reconhecível, mas nem sempre fácil de parafrasear.

Serão precisamente estes mecanismos mentais, e porque o significado é visto como um processo (Geeraerts 2006c) que se caracteriza por ser complexo, que na nossa opinião possibilitarão ainda a associação de mais do que um significado a uma mesma unidade. E deste modo respondemos à questão ‘Como é que um mesmo sufixo apresenta significados distintos?’: a uma mesma unidade linguística podem ser associados diferentes significados desde que relacionados entre si através dos mecanismos de conceptualização e precisamente porque resultam destes mecanismos. São ainda estes mecanismos que geram um significado não monolítico, ou seja, um significado que se constitui como um feixe informacional. Os mecanismos de conceptualização associados a complexidade do significado criam as condições necessárias para se desenvolver a polissemia das unidades. Quando determinámos que *-ismo* configurava um caso de polissemia, referimos que Silva 2006 considera como determinante o facto de os significados de um mesmo item estarem relacionados entre si; este facto foi já confirmado (§ 5.1.1.). Esta relação lógica entre os significados explica que eles possam ser atualizados por uma mesma unidade lexical. A produção de diferentes significados de uma mesma unidade verifica-se na mente dos falantes através da interpretação que estes fazem do mundo e dos nexos que estabelecem entre eles. Como referido por Geeraerts 2006c (§ 5.1.1.), a relação entre estes significados não pode ser de molde a que eles se enquadrem numa mesma leitura, o que configuraria um caso de monossemia, ainda que tenha de ser suficiente para que eles coabitem.

A associação de diferentes significados a uma mesma unidade, como o sufixo *-ismo*, produz-se, portanto, na mente dos falantes. E este dado leva-nos diretamente para as questões seguintes. Se os mecanismos de conceptualização possibilitam a existência de vários significados numa mesma unidade, há alguma relação entre esses significados? Ou a sua coabitação é totalmente arbitrária? Se existe relação, que tipo de relação é essa? Que mecanismos é que permitem gerar essa relação?

5.1.3. HÁ ALGUM TIPO DE RELAÇÃO ENTRE OS VÁRIOS SIGNIFICADOS DETETADOS?

Temos então que o sufixo *-ismo* dispõe de vários significados e que deve a sua polissemia a uma conceção do significado enquanto um processo informacional complexo e flexível resultante do mecanismo de conceptualização. Perante estes dados impõe-se responder à presente questão: “Há algum tipo de relação entre os vários significados detetados?”.

A resposta a esta questão foi já avançada em § 5.1.1. Concluímos nessa secção que um dos critérios fundamentais para considerarmos uma unidade como polissémica era o facto de os vários significados se relacionarem entre si. Um outro critério apontado remetia para o *definitional test of polysemy* proposto em Geeraerts 2006c (150) e que requer um certo (mas não excessivo) grau de proximidade entre os diferentes significados. Fundamentámos esta relação nos dados apresentados em § 4.3., secção onde se abordaram os nomes em *-ismo* que apresentavam mais do que um significado. Nessa secção mostrámos como os dois significados presentes nos nomes em *-ismo* estabeleciam entre si uma relação, as mais das vezes hierárquica, em que um significado com maior grau de abstracção era objeto de um processo de concreção que produzia o segundo significado. Por esta razão esses nomes constituíam *dot-objects* (a cada significado poderia ser associada uma *qualia structure*), à exceção dos nomes de religião, dos nomes de regime político (que se enquadram nos nomes de princípio epistemológico e de práxis) e dos nomes de prática e de atitude por apresentarem apenas uma *qualia structure* (§ 4.3.8.), comum aos dois significados. Apesar de relacionados em alguns nomes esm *-ismo*, estes significados configuram-se como independentes, como atestado ao longo de § 4.1.

Acreditamos que a relação encontrada entre os diferentes significados dos nomes com mais do que um significado não está obrigatoriamente limitada a esses nomes. O facto de os diferentes significados estarem presentes no sufixo implica que estejam implícitos nos nomes em *-ismo*. Desse modo poderão ser atualizados caso haja necessidade, uma vez que as condições necessárias já se encontram reunidas. Isto é, podemos admitir, por exemplo, que um nome de qualidade venha a aumentar o seu leque de significados e passe a ser um nome de qualidade e de princípio epistemológico, tal como já sucedeu com outros nomes apresentados (§ 4.3.3.). Veja-se

o nome de qualidade *primitivismo*, apresentado em 1. Como dissemos, acreditamos que os nomes em *-ismo* não se encontram fechados à possibilidade de se tornarem polissémicos¹⁴⁷. Assim, por hipótese, podemos imaginar que se venha a formar com a designação de *primitivismo* o ‘princípio epistemológico’ que defende que todas as sociedades humanas primitivas têm uma origem comum ainda não identificada. O aparecimento deste novo significado geraria mais um nome em *-ismo* portador de polissemia, uma vez que o nome passaria a designar não só a ‘qualidade’, significado atestado, mas também um ‘princípio epistemológico’.

- | | |
|---|---|
| <p>1. <i>primitivo</i>_{Adj}</p> <p>«1 que foi o primeiro a existir; 2 relativo aos primeiros tempos; 3 original; primeiro; 4 que tem a simplicidade e a ingenuidade comuns às origens (pintura primitiva, etc.); 5 que não é derivado de outras verdades ou noções; 6 diz-se do que a análise descobre na origem das realidades complexas (tempos primitivos dos verbos, etc.); 7 GEOLOGIA diz-se dos terrenos resultantes da primeira solidificação da crosta terrestre; 8 diz-se da série de formações pós-arcaicas e pré-câmbricas; 9 SOCIOLOGIA [ant.] diz-se do estado que se julgava ser o dos primeiros homens; diz-se do que teria subsistido desse estado até hoje sem evolução; 10 SOCIOLOGIA diz-se do estado cultural mais simples dos grupos humanos conhecidos» (DPE 2006)</p> | <p>> <i>primitivismo</i></p> <p>«1 carácter do que é primitivo; 2 crença na bondade do estado original dos indivíduos e das sociedades; 3 valorização, como modelos para a criação artística, da arte e dos objectos primitivos» (DPE 2006)</p> <p>«Tais atitudes revelam um grande primitivismo político, uma grande dose de intolerância e uma diplomacia, essa sim, «pateta» («boela») , incompatível com a modernidade política que as democracias pluralistas pretendem construir .» (CETEMPúblico <i>par=ext47561-nd-93b-2</i>)</p> |
|---|---|

Acreditamos que esta potencialidade latente poderá ser ativada a qualquer momento. Portanto, consideramos que mesmo que de forma não explícita na significação dos nomes em *-ismo*, os significados identificados nesses nomes apresentam entre si uma relação constante ao nível do sufixo. Esta relação existe no significado do sufixo porque o sufixo comporta os diferentes significados identificados

¹⁴⁷ Esta possibilidade decorre, em primeira instância, da polissemia do sufixo e da natureza processual e conceptual do significado (§ 4.4.2.).

e é o sufixo que, portanto, introduz essa instrução semântica nos derivados. Na produção do nome derivado não se ativam todos esses significados, apenas, como verificámos, um ou, menos frequentemente, dois. Mesmo nos nomes em que existe dissociação entre os dois significados, e que considerámos *dot-objects* (§ 4.3.7.), eles partilham os mesmos potenciais de significado, presentes no sufixo. Também aqui podemos admitir que novos significados venham a ser atualizados, apresentando uma relação entre si.

Esta relação não é necessariamente direta; um nome dificilmente poderá ter os significados de ‘atitude’ e ‘fenómeno’ em simultâneo, mas provavelmente será mais fácil que estes dois significados coexistam se o nome também tiver o significado ‘qualidade’ que estabelece um nexos entre os outros dois. Para compreender como este fenómeno se processaria, temos de avançar para a questão seguinte.

5.1.3.1. SE ADMITIMOS UMA RELAÇÃO ENTRE OS DIFERENTES SIGNIFICADOS, QUE TIPO DE RELAÇÃO É ESSA?

Nas secções anteriores concluímos que o sufixo *-ismo* é polissémico, portanto portador de diferentes significados que de alguma forma estão relacionados. Por forma a compreender e explicar as relações que admitimos existir entre os diferentes significados dos nomes em *-ismo*, primeiro, há que perceber que mecanismos permitem a sua coabitação no seio do sufixo. Permitir a coabitação dos diferentes significados implica fornecer os mecanismos conceptuais necessários para o estabelecimento de nexos entre esses significados (§ 5.1.1. e § 5.1.2.). Recordamos os significados em questão e que foram expostos e analisados em § 4.1.:

- I) ‘qualidade’
- II) ‘princípio epistemológico’
- III) ‘prática’
 - i. ‘práxis’
 - ii. ‘prática profissional’
 - iii. ‘prática desportiva’
 - iv. ‘modo de vida’
- IV) ‘atitude’

- V) ‘fenómeno’
 - i. ‘intoxicação’
 - ii. ‘fenómeno patológico’
- VI) ‘locução’

A tarefa que se nos impõe neste passo é a de articular de forma fundamentada estes significados, explicando como se (inter)relacionam de modo a coabitarem numa mesma unidade linguística. Feito este trabalho, compreenderemos, por fim, e de forma cabal, a estrutura do significado do sufixo *-ismo*.

Na linha de pensamento que temos vindo a seguir ao longo deste capítulo, a da Linguística Cognitiva e da Conceptual Semantics, adotando o que elas apresentam em comum, julgamos ser adequado entender a coexistência destes significados num mesmo item em termos de centralidade e periferia. Nas palavras de Cruse, «language users have clear intuitions about differences of status of items within a category: some members are felt to be ‘better’ examples of the category than others. For instance, an apple is a better example of a fruit than is a date, or an olive. In other words, categories have internal structure: there are central members, less central members, and borderline cases.» (Cruse 2004: 129). O significado interno de uma unidade polissémica deve então ser entendido como complexo e organizado, assumindo-se como critério de organização a existência de um valor semântico central a partir do qual se definem outros que apresentam maior ou menor grau de distanciação / proximidade em relação a esse centro.

De acordo com Jackendoff, «In Conceptual Semantics, such words involve *centrality conditions*. They are coded in terms of a focal or central case, which serves as prototype.» (Jackendoff a sair: 12). Portanto, para a relação entre os diferentes significados, temos que «The essence of the prototype theory lies in the fact that it highlights the importance of flexibility (absence of clear demarcational boundaries) and salience (differences in structural weight) in the semantic structure of linguistic categories.» (Geeraerts 2006c: 74). Esta última citação foca dois aspetos que de certo modo têm estado subjacentes à análise empreendida, mas que ainda não foram explicitados de forma totalmente clara. Em primeiro lugar, devemos considerar a flexibilidade do significado (§ 5.1.2.), intimamente relacionada com a inexistência de fronteiras claramente delimitáveis entre os vários significados, pelo que temos sempre

de admitir zonas de leitura ambígua entre dois sentidos¹⁴⁸. A flexibilidade do significado decorre da sua natureza processual e conceptual, nunca sendo um produto definitivamente acabado, mas sim um processo em curso disponível para sofrer (re)orientações. Em segundo lugar coloca-se a questão da saliência dos significados das unidades, ou da sua proximidade em relação ao significado nuclear. Uns significados mais do que outros são mais salientes na medida em que mais centrais, mais próximos do significado prototípico. A questão da saliência dos diversos significados é também ela decorrente da natureza processual e conceptual da significação. Os nexos estabelecidos entre os diferentes significados são diretamente responsáveis pelo maior ou menor grau de saliência que esses significados apresentam.

No interior da unidade existe, então, um significado que constitui o centro ou núcleo semântico em relação ao qual os restantes apresentarão maior ou menor grau de distanciação / diferenciação. Portanto, na análise do significado de uma unidade, «a questão tem a ver com a identificação das diferenças de saliência e dos efeitos de prototipicidade na estrutura do complexo polissémico. Quais os sentidos prototípicos e como os determinar? Poderá uma palavra possuir mais do que um centro prototípico?» (Silva 2006: 37). A afirmação de Silva 2006, e as perguntas dela decorrentes, implica que os significados não disponham todos do mesmo grau de relevância, isto é, pressupõe a existência de significados que se tornam mais salientes do que outros. Acreditamos que no que respeita ao sufixo *-ismo* de facto assim é; ou seja, que não só podemos identificar um significado prototípico como ainda diferentes graus de saliência (ou de centralidade, ou de proximidade em relação ao valor nuclear) entre os restantes significados. Assim, para os significados de *-ismo* teríamos de determinar a maior centralidade, ou maior prototipicidade de um em relação aos restantes e posteriormente os distintos graus de saliência de que estes dispõem.

A opção por nós assumida para a análise do complexo semântico de *-ismo* afasta-nos de propostas como as de Dal & Temple 1997 que, sobre nomes como *viennoiserie*, portadores de vários significados entre os quais a denominação de uma

¹⁴⁸ Este aspeto é recorrentemente ilustrado na literatura com o caso das cores, nomeadamente o da cor vermelha. O desafio que elas nos colocam deve-se ao facto de claramente sermos capazes de identificar a cor vermelha e a cor de laranja, por exemplo, mas de sermos incapazes de dizer em que momento o vermelho deixou de ser vermelho e o laranja passou a ser laranja, por existir uma larga faixa de transição entre as duas. «there are focal values of red and orange and a smooth transition of hues between them, but no sharp dividing line, one side of which is definitely red and other side is definitely orange» (Jackendoff a sair: 12). Sobre esta questão ver também Geeraerts 2006c (13) e Cifuentes Honrubia 1992 (134-135).

propriedade, postulam ser adequado considerar que «de ces deux types de référence, un seul est associé à un sens dérivationnellement construit.» (Dal & Temple 1997: 100). Uma vez que «s'observe la cooccurrence d'une référence à des propriétés et à d'autres catégories présentant ces propriétés» (Dal & Temple 1997: 101), deve-se assumir que «cette récurrence convie à décrire un processus régulier, proprement sémantique, permettant de relier le sens dérivationnellement construit à l'autre sens, nécessairement dérivé du premier.» (Dal & Temple 1997: 101). Como se verá adiante, uma vez que assumimos a possibilidade de o significado dos afixos ser complexo e não monossêmico, podemos explicar a diversidade semântica dos nomes derivados sem recorrer à aplicação de mecanismos semânticos de extensão de significado num momento posterior ao da formação da palavra. Ao que julgamos, e como adiante procuraremos demonstrar, a diversidade semântica encontrada nos nomes derivados em *-ismo* decorre da densidade semântica do sufixo e não exclusivamente da aplicação de mecanismos de extensão semântica aplicados sobre o produto derivacional de uma regra de formação de palavras.

Afastamo-nos igualmente da proposta de Booij 2007b, de acordo com a qual aos diferentes significados de uma palavra corresponde um esquema inicial ao qual se associa um conjunto de subesquemas, cada um dos quais sustentando um significado: «This general meaning is then to be supplemented with subschemas for the conventionalized semantic subclasses of this morphological category» (Booij 2007b: 4). Mais uma vez, advogamos que a complexidade semântica reside primeiramente no sufixo e na aplicação de mecanismos de coindexação para a seleção de traços semânticos da base.

Optar por uma análise do significado em termos de prototipicidade ou de centralidade implica, como vimos, eleger um significado como mais prototípico ou central e os restantes como secundários ou periféricos, isto é, menos salientes. A determinação dos critérios que permitem identificar o significado prototípico não é uma questão pacífica; esta problematização aparece desenvolvida, por exemplo, em Allwood 2003 e Silva 2006. Como já referido, quer a Semântica Cognitiva quer a Conceptual Semantics trabalham principalmente ao nível da palavra e de estruturas de nível sintático, o que lhes permite fazer uso de instrumentos de análise que estabelecem interfaces com a sintaxe e que para nós não são operacionais, uma vez que trabalhamos

num nível inferior ao da palavra. Consequentemente, perante a escassez de propostas de trabalho ao nível dos afixos, vemo-nos na necessidade de procurar estabelecer mecanismos que nos permitam aferir o significado prototípico do sufixo *-ismo*.

A análise dos significados dos nomes em *-ismo* (§ 4.1.) permitiu-nos estabelecer a lista de significados apresentada no início da secção. A ordem pela qual o estudo desses significados foi exposto ao longo do trabalho não é arbitrária: apresenta em primeiro lugar o significado ‘qualidade’, que se coloca no extremo de valor máximo de uma escala de abstração, e em último lugar apresenta ‘locução’, que se situa no extremo oposto, isto é, de valor mínimo dessa escala de abstração. Os valores semânticos intermédios vão perdendo o carácter abstrato na medida em que se vão aproximando do valor semântico de ‘locução’. Se cruzarmos estes dados com os do Quadro 5.1, verificamos que o maior número de nomes em *-ismo* se situa junto ao extremo máximo de abstração, os nomes de qualidade (14%), os nomes de princípio epistemológico (35%) e os nomes de prática (16%) constituem 65% do nosso *corpus*. Sublinhamos que o maior número de nomes em *-ismo* se situa junto ao extremo máximo de abstração e não no extremo máximo da escala (que é constituído pelos nomes de qualidade e que apenas representam 14% do *corpus*). Apesar destes factos, os dados permitem-nos inferir que o valor de abstração não é despiciendo para a construção do significado dos nomes em *-ismo*. Na realidade, estes dados não nos apresentam uma novidade, antes confirmam as afirmações de que o sufixo *-ismo* forma nomes abstratos.

Outro dado que devemos considerar para a determinação do significado prototípico do sufixo *-ismo*, é o do valor semântico da base. Concluimos que o elemento tipificador de todas as bases derivacionais de *-ismo* era o de predicatividade (§ 4.2.). Isto é, independentemente das diferenças de natureza morfológica (§ 3.1.2.), categorial (§ 3.1.3.) e semântica (§ 3.1.4.) identificadas nas bases, os nomes em *-ismo*, seja qual for o seu significado, tendem a apresentar uma base tomada predicativamente¹⁴⁹ (§ 4.2.). Entendemos este traço de predicatividade da base como a capacidade que esta apresenta de se configurar de molde a que o sufixo dela possa extrair um predicado/atributo/qualidade/propriedade que lhe convenha para a

¹⁴⁹ Em § 4.2. vimos que existem algumas exceções, isto é, bases das quais o sufixo *-ismo* não seleciona um predicado/atributo/qualidade/propriedade, mas antes outro tipo de informação semântica. Como então se referiu, estes casos constituem uma minoria, pelo que não nos parecem impeditórios de trabalharmos com a generalização assumida de que a maioria das bases oferece ao sufixo um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual aplica a sua instrução semântica.

construção do significado do nome. A predicatividade da base está sobretudo associada à formação de nomes de qualidade (Correia 2004) ou nomes essivos (Rio-Torto 1998a). Portanto, em termos genéricos, as bases de *-ismo* apresentam a condição necessária para produzir um nome essivo, o que equivale a dizer que os nomes em *-ismo* apresentam a base que permite formar nomes de qualidade ou essivos. A existência de nomes em *-ismo* que claramente significam ‘qualidade’ permite-nos conjeturar a possibilidade de o sufixo se enquadrar na RFP ESS, como postulado por Rio-Torto 1998a¹⁵⁰. Esta posição está, contudo, em desacordo com a posição de Rainer 1989 (§ 2.1.2.3.) que considera que o sufixo não forma nomes abstratos, ainda que alguns (poucos) dos seus produtos possam apresentar uma leitura abstrata. A sua posição é, em parte, sustentada pela determinação da natureza categorial das bases.

Juntamos um terceiro argumento ao nosso raciocínio. Num artigo que simpatiza com as teorias cognitivistas de abordagem do significado, Cruse 1998 elabora algumas considerações sobre como determinar o que chama de «literal meaning», ou seja, o significado principal de uma palavra que apresenta mais do que um significado. Assim, «Two possibly more valid criteria are, first, the default meaning, that is, the one which comes first to mind when one is confronted by the word out of context, and, second the reading from which the others can most plausibly be derived by standard semantic processes. The latter criterion is most reliable when there are more than two readings.» (Cruse 1998: 259). O significado essencial de uma unidade é entendido como aquele que mais frequente e imediatamente lhe é associado pelos falantes e como aquele que permite gerar outros significados associados a essa unidade. Desta proposta consideramos particularmente relevante o segundo critério, que utilizaremos para determinar o valor prototípico de *-ismo*: a capacidade gerativa do significado assumido como central.

Em suma, para a determinação do significado prototípico de *-ismo* temos de considerar que:

- i) um número elevado de nomes em *-ismo* apresenta grau de abstração positivo, o que nos permite afirmar que os derivados em *-ismo* são relevantemente nomes abstratos;
- ii) as bases são tomadas pelo seu valor predicativo, ou seja, pela capacidade de oferecer ao sufixo *-ismo* um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o

¹⁵⁰ Em § 5.1.3.2. proceder-se-á ao enquadramento de *-ismo* numa RFP.

qual aplicar a sua instrução semântica, comportamento típico dos nomes essivos ou de qualidade;

- iii) de acordo com Cruse 1998 o significado prototípico será aquele a partir do qual podem ser gerados os restantes significados atestados da unidade.

Estabelecendo uma articulação entre estes três argumentos, consideramos adequado postular como significado prototípico de *-ismo* o de ‘qualidade’. Embora não seja o significado numericamente mais representado, a sua localização no extremo máximo da escala de abstração e a importância que para ele assume o valor predicativo da base permitem que os outros significados sejam obtidos a partir dele através de mecanismos de concreção¹⁵¹. Entendemos que os nomes de qualidade são nomes abstratos, «Los nombres abstratos son, según la tradición, los que designan las entidades a las que no atribuimos «una existência real», en palabras de Bello. Constituyen, pues, «las cualidades que atribuimos a los objetos suponiéndolas separadas o independientes de ellos» (Bello 1847: § 103)» (Bosque 1999: 45). Além disso, as bases de *-ismo*, mesmo nos nomes que não apresentam o significado de ‘qualidade’ atestado, fornecem um predicado/atributo/qualidade/propriedade sem o qual seria impossível gerar um nome de qualidade (§ 4.2.). Assim, as bases têm a configuração necessária para gerar este significado, mesmo que não o façam. Isto é, o sufixo tem a instrução semântica adequada para extrair da base um predicado/atributo/qualidade/propriedade e assim formar um nome de qualidade, mesmo quando não a ativa. Pelo que expusemos, cremos que a consideração do valor de **QUALIDADE**¹⁵² como prototípico oferece uma eficiente possibilidade de descrição da estrutura semântica do sufixo *-ismo*. Como vimos (§ 4.1.), já nas propostas de Rio-Torto 1998a e de Correia 2004, o significado de **QUALIDADE** aparece como potenciador de outros significados. Em § 2.2. verificámos ainda que o significado de ‘qualidade’ surge atestado pela primeira vez em português no século XVI, no nome *barbarismo*. De

¹⁵¹ Este movimento do abstrato para o concreto associado aos nomes de qualidade está enunciado por Pena do seguinte modo: «mediante el cambio de sustantivo abstracto a sustantivo concreto, se pasa de la “cualidad de” a la “entidad” portadora de esa cualidad o a la “circunstancia” en que ocurre esa cualidad» (Pena 2004: 12).

¹⁵² Agradecemos à Professora Doutora Graça Rio-Torto a sugestão de adotar representações gráficas distintas para os dois níveis de significação do sufixo, assumindo **QUALIDADE** como representação de um valor semântico seminal do sufixo e ‘qualidade’ como a representação de um valor semântico atestado nos derivados.

acordo com Roché 2007, desde o grego antigo que este valor semântico se encontra em latência na significação do sufixo.

O valor de **QUALIDADE** satisfaz então as três condições apresentadas, podendo ser tomado como significado prototípico de *-ismo*. Se assumimos o valor de **QUALIDADE** como central para a semântica do sufixo, a questão reside agora na determinação de como os outros significados se relacionam com este para dele poderem ser originados. Como já afirmámos, julgamos que os mecanismos que contribuem para a formação destes novos significados estão relacionados com o valor abstrato que aparece em grau máximo no significado atestado de ‘qualidade’.

Pelo que afirmámos, consideramos necessário proceder a uma reflexão sobre o traço abstrato aplicado à semântica do sufixo *-ismo* e que será efetuada na secção seguinte.

5.1.3.1.1. O VALOR ABSTRATO

Acreditamos que a compreensão de como o valor de abstração se comporta no interior do sufixo *-ismo* possa ser esclarecedora do modo como os seus diferentes significados são gerados e, conseqüentemente, do modo como coabitam.

Em § 3.4.1.3. apresentámos uma conceção escalar de abstração, ou seja, tal como Rio-Torto & Anastácio 2004 ou Van de Velde 1996, acreditamos que a abstração não deve ser bipolarizada entre o existe e o não existe, mas sim concebida numa escala de valores. Correia 2004, numa reflexão sobre os nomes de qualidade, e falando sobre o carácter abstrato refere que «Esta noção é uma forma de dar conta da própria polissemia dos substantivos em análise» (Correia 2004: 64). Tal como a autora, acreditamos que é efetivamente no valor de abstração dos diferentes significados, presente em grau máximo em **QUALIDADE**, que reside a chave para a compreensão do modo como esses diferentes significados se geram e articulam.

Tendo em vista a aferição da escalaridade da abstração dos significados de *-ismo*, elaborámos uma grelha de avaliação que aplicámos à leitura dos diferentes significados. A opção pela elaboração desta grelha, e pela não utilização de outras já existentes, deve-se principalmente ao facto de essas outras grelhas procurarem aferir o grau de abstração do significado de nomes. Neste passo, procuramos aferir o grau de abstração de significados de um sufixo. Como afirmámos, acreditamos que o sufixo

-ismo apresenta como significado prototípico o de **QUALIDADE** e que o surgimento de outros significados implica perda do valor de abstração. Esta escala procura comprovar que assim é, ou seja, que efetivamente se verifica entre estes significados uma passagem gradual de um grau mais elevado de abstração para um grau menos elevado de abstração.

Para a elaboração do Quadro 5.1, julgámos mais adequado não incluir todos os significados analisados em § 4.1. Optámos por suprimir os de ‘práxis’, ‘prática profissional’, ‘prática desportiva’ e ‘modo de vida’ por serem formas variantes do hiperónimo ‘prática’ e aí serem consideradas. Do mesmo modo, suprimimos ‘intoxicação’ e ‘fenómeno patológico’ que se enquadram no conceito mais genérico de ‘fenómeno’.

Os valores semânticos de ‘fenómeno’ e de ‘locução’ foram agrupados por apresentarem os mesmos resultados para os diferentes critérios que aplicamos, não revelando entre eles distintos graus de abstração.

	> abstração			< abstração	
	Qual.	Pr. Ep.	Pr.	At.	Fen./Loc.
Caráter categoremático	-	-	-	-	+
Pluralização/quantificação	-	-	-	-	+
Caráter material	-	-	+	+	+
Localização espaço-temporal	-	+	+	+	+

Quadro 5.1: Escala de abstração dos significados atestados de *-ismo*

O primeiro critério apontado no Quadro diz respeito ao carácter categoremático, que é marcado negativamente para os significados com maior grau de abstração. Referimos anteriormente (§ 4.1.1.) que os nomes de qualidade, na medida em que são nomes abstratos, são sincategoremáticos, ou seja, «manifestam dependência ontológica em relação a outras ocorrências» (Correia 2004: 73). De modo idêntico, se comportam os valores de ‘princípio epistemológico’, de ‘prática’ e de ‘atitude’, «A propriedade essencial dos nomes abstractos reside na sua dependência ontológica: para poderem referenciar necessitam de um suporte ou de um argumento ou, como afirma Neves (1996, p. 122) «o nome abstracto envolve relação pelo menos com a entidade suporte

do estado, ou envolvida no processo ou na acção por ele designada».» (Rio-Torto & Anastácio 2004: 213). No extremo oposto da nossa escala estão os valores de ‘fenómeno’ e de ‘locução’ que dispensam o suporte referencial por eles próprios constituírem a denominação da entidade em referência.

O segundo critério utilizado é o da pluralização / quantificação. Estamos conscientes das diferenças existentes entre estes dois aspetos; contudo, na análise que empreendemos as diferenças comportamentais que permitem aferir não se configuram como relevantes. Pelo contrário, tomados conjuntamente estes dois critérios contribuem para o estabelecimento de uma escala elucidativa quanto aos valores de abstração dos significados de *-ismo*. Os valores abstratos são refutáveis quer à pluralização quer à quantificação, enquanto os valores que apresentam maior grau de concreção permitem a pluralização e/ou a quantificação. Em relação a este critério também vemos os valores de ‘prática’ e ‘atitude’ assumirem um comportamento que os coloca no campo da abstração. Já os ‘fenómenos’ tendem a não ser totalmente recetivos à quantificação, mas a aceitar mais facilmente uma pluralização indefinida¹⁵³. O significado de ‘locução’ é totalmente recetivo à pluralização e à quantificação. A recetividade à pluralização e à quantificação traz implicações para a leitura destes nomes: «Há uma relação intrínseca entre quantificação e discretização, uma das marcas de [+concreto] por excelência. Assim, os nomes de predicativos, ao admitirem quantificação, passam a permitir uma leitura como nomes concretos» (Rio-Torto & Anastácio 2004: 215). Portanto, podemos admitir que quanto a este critério ‘locução’ parece querer assumir um valor de concreto mais forte do que o de ‘fenómeno’.

O terceiro critério com que trabalhamos é o da materialidade «isto é, o facto de ser ou não perceptível através dos sentidos [...] à luz deste critério, dizer de um substantivo que é concreto significa dizer que a entidade que ele representa é concreta e que é perceptível por qualquer um dos sentidos [...] (cf. Martin 1996: 41-42)» (Correia 2004: 65). Esta noção levanta alguns problemas, como reconhece Martin 1996, contudo

¹⁵³ Neste ponto estamos a tentar aferir um valor relativo de abstração entre valores semânticos previamente definidos. Ao trabalharmos sobre valores semânticos, trabalhamos sobre generalizações, que tendem a ser grosseiras. Tomámos esta opção por não nos interessar o semantismo específico destes grupos, mas sim o seu comportamento genérico enquanto grupo. Assim, a escala de abstração tal como a apresentamos não permite ver os diferentes comportamentos que os nomes de fenómeno apresentam em relação ao critério da pluralização/quantificação. Tomemos como exemplo um nome de intoxicação e um nome de fenómeno patológico: *alcoolismo* dificilmente aceitaria a pluralização (**uns alcoolismos*) ou a quantificação (**dois alcoolismos*), enquanto *traumatismo* é recetivo quer à pluralização (*uns traumatismos*), quer à quantificação (*dois traumatismos*).

cremos ter alguma utilidade na determinação da escalaridade de abstração dos significados que nos ocupam, na medida em que nos permite delimitar ‘qualidade’ e ‘princípio epistemológico’, marcados negativamente, por um lado, e ‘prática’ e ‘atitude’, marcados positivamente, por outro, uma vez que estes são claramente apreensíveis pelos sentidos.

Um último critério permite-nos delimitar ‘qualidade’ de ‘princípio epistemológico’, a localização espaço-temporal. Este critério e, por consequência, esta delimitação assumem especial importância no nosso trabalho porquanto possibilitam o estabelecimento de ‘qualidade’ como possuindo maior grau de abstração do que ‘princípio epistemológico’. Este maior grau de abstração contribui para a determinação de **QUALIDADE** como valor semântico prototípico de *-ismo* e não o de ‘princípio epistemológico’ (que apresenta a vantagem de ser numericamente mais representado). Os princípios epistemológicos estão historicamente ancorados no contexto em que foram enunciados, portanto, não podem libertar-se do contexto histórico e cultural que os originou; a sua cabal compreensão passa, muitas vezes, pelo conhecimento destes dados. O mesmo não sucede com uma ‘qualidade’ que o é fora do espaço e do tempo e cuja compreensão se faz de forma independente destas duas coordenadas¹⁵⁴. Este critério, além de relevante para a determinação do significado prototípico do sufixo, permite ainda a localização do significado atestado de ‘qualidade’ num nível mais próximo do prototípico do que ‘princípio epistemológico’.

Note-se que o Quadro 5.1 não recobre toda a escala do abstrato ao concreto. Há significados concebidos como mais concretos do que o de ‘locução’ que não são contemplados por não surgirem no espectro semântico de *-ismo*.

Admitir uma escalaridade de abstração no significado do sufixo *-ismo* implica admitir que essa mesma escalaridade se encontra refletida nos nomes por ele construídos; o que implica que esses significados dos nomes se constituam como instanciações de valores semânticos do sufixo portadores de maior ou menor grau de abstração. De igual modo, os nomes em *-ismo* também apresentam entre si o mesmo tipo de relação de significado, ou seja, de maior ou menor grau de abstração, tendo como significado prototípico o de **QUALIDADE**. Os outros significados, menos

¹⁵⁴ A propósito destas dimensões recordamos as palavras de Correia: «uma das características das qualidades é o facto de estas não se encontrarem ancoradas nem na dimensão ‘espaço’ (como os nomes de massa), nem na dimensão ‘tempo’, dada a sua condição de grandezas fundamentalmente intensivas.» (Correia 2004: 91)

prototípicos, estabelecem uma relação com este significado. Sendo assim, os nomes em *-ismo* denotam realidades que se movem dentro de um espectro largo entre o abstrato e o concreto, exatamente o espectro apresentado pelo sufixo. No Quadro 5.2 apresentamos um quadro muito idêntico ao anterior, mas contendo exemplos ilustrativos do que temos afirmado.

	> abstração			< abstração	
	Qual.	Pr. Ep.	Pr.	At.	Fen./Loc.
Caráter categoremático	-	-	-	-	+
Pluralização/quantificação	-	-	-	-	+
Caráter material	-	-	+	+	+
Localização espaço-temporal	-	+	+	+	+
Exemplos	amorfismo	luteranismo	pontilhismo	fanatismo	ananismo traumatismo galicismo

Quadro 5.2: Escala de abstração dos nomes em *-ismo*

Os significados situados à direita do de ‘qualidade’ podem ser vistos como uma conceptualização com maior ou menor grau de abstração que se elabora sobre um determinado predicado/atributo/qualidade/propriedade presente na base para denominar a realidade.

Ao aplicarmos a escala de abstração do sufixo *-ismo* aos seus derivados obtemos, de forma previsível, os mesmos resultados. Queremos, no entanto, mostrar que ao menor grau de abstração dos nomes que significam ‘fenómeno’ e ‘locução’ se associa ainda um outro denominador comum, este de natureza genlexical. Estes dois grupos de nomes, sobretudo os de ‘fenómeno’, são aqueles que mais frequentemente exibem uma base que não é definível ou assumida pelo sufixo como um predicado/atributo/qualidade/propriedade. Como mostrámos em § 4.1.5., § 4.1.5.1, § 4.1.5.2., § 4.1.6. e § 4.2., as bases destes nomes são muitas vezes nomes tomados pelo seu valor denominativo, contrariamente ao que se verifica na maioria dos casos, nos quais o sufixo *-ismo* retira da base um predicado/atributo/qualidade/propriedade. Esta especificidade das bases dos nomes de fenómeno e dos nomes de locução concorre, portanto, para o maior afastamento que estes nomes apresentam relativamente ao significado prototípico do sufixo.

A possibilidade de derivar significados mais específicos de um significado genérico, mais abstrato, surge em Correia 2004, precisamente para explicar a polissemia dos nomes de qualidade. Postula a autora que «todos os substantivos construídos sobre adjetivos são basicamente substantivos abstractos, em particular nomes de qualidade; assim, qualquer derivado com a estrutura $[[X]_{Adj} (idade)_{suf}]_N$ tem como significado primeiro, isto é, previsível a partir da sua estrutura, o parafraseável por “qualidade / carácter de (do que é) Adj”» (Correia 2004: 68), independentemente de outras leituras que possa atualizar.

Não subscrevendo em absoluto que todos os nomes em *-ismo* admitam uma leitura como nome de qualidade¹⁵⁵, consideramos contudo que os significados de ‘princípio epistemológico’, ‘prática’, ‘atitude’, ‘fenómeno’ e ‘locução’ representam diferentes graus de especialização do significado prototípico de **QUALIDADE** que lhes subjaz, sendo que esta especialização se alcança por um mecanismo de concreção e por adequação dos traços semânticos do sufixo aos da base (§ 5.1.4.).

Temos vindo a observar que existem significados que no complexo semântico do sufixo apresentam comportamentos distintos. Perante este facto, devemos definir claramente em que medida os comportamentos em questão são distintos. Por um lado, encontramos significados que aparecem atestados nos nomes em *-ismo*; por outro lado, temos vindo a falar em **QUALIDADE** como um valor semântico seminal. Para dar conta desta diferença comportamental temos de, na estrutura semântica do sufixo, considerar a existência de dois níveis de significação. Num primeiro nível, encontramos valores semânticos de carácter seminal na medida em que, ainda que com pesos variáveis em função do significado atualizado, viabilizam o surgimento dos restantes significados encontrados, assim temos **QUALIDADE** (posteriormente, § 5.1.3.2., veremos que também **SISTEMATICIDADE** se enquadra neste nível). Num segundo nível encontramos os significados presentes no sufixo e atualizados nos seus derivados, entre os quais se encontra o de ‘qualidade’, manifestação direta de **QUALIDADE**, (mas não o de **SISTEMATICIDADE** que, como se verá, atua sempre a um nível profundo).

Em suma, consideramos que o sufixo *-ismo* apresenta como significado prototípico o de **QUALIDADE**, ocupando os restantes significados lugares mais

¹⁵⁵ Discordamos da autora ainda no que diz respeito à classificação categorial das bases de *-ismo*, assunto discutido em § 3.3.

periféricos. Este significado encontra-se em posição subjacente e seminal na medida em que nem sempre é atualizado ao nível do derivado, a maioria dos nomes em *-ismo* não significa ‘qualidade’, e na medida em que ocupa uma função potenciadora dos restantes significados. Mesmo quando os nomes em *-ismo* não apresentam o significado de ‘qualidade’, o valor prototípico de **QUALIDADE**, presente num nível mais profundo da estrutura semântica do sufixo, é convocado. Quando estes outros significados são atualizados nos nomes em *-ismo*, resultam de mecanismos de extensão semântica que passam pela perda de grau de abstração. Este valor abstrato nuclear reside no significado prototípico de **QUALIDADE**.

O significado de **QUALIDADE** ocupa então uma posição subjacente na estrutura semântica do sufixo e pode (nos nomes de qualidade) ou não (nos restantes nomes) vir a ser atualizado pelos derivados em *-ismo*. Apenas os nomes de qualidade (§ 4.1.1.) resultam da atualização deste significado ao nível da palavra. A sua posição nuclear, aliada a um elevado grau de abstração, permite-lhe atuar como potenciador dos outros significados que surgem da articulação de um processo de concreção do significado do sufixo com os traços semânticos adequados da base.

5.1.3.2. ESTRUTURA SEMÂNTICA DE *-ISMO*

Nas anteriores secções definimos o valor semântico de **QUALIDADE** como o valor prototípico e seminal do sufixo *-ismo*, sendo os restantes valores semânticos instanciações detentoras de maior grau de concretude desse valor primordial. Procuraremos neste ponto, em função dos dados expostos, determinar mais claramente a estrutura semântica do sufixo, o que implica definir os graus de saliência dos vários significados e ainda enquadrar uma informação semântica, a de **SISTEMATICIDADE**, já referida (§ 4.1.8.), mas que por não aparecer atestada nos nomes em *-ismo* ainda não tivemos oportunidade de analisar.

Como referido, uma análise do protótipo para interpretar as relações estabelecidas entre os diferentes significados de *-ismo* enquadra-se no tratamento da polissemia habitualmente assumido pela Linguística Cognitiva. Esta análise apresenta algumas virtualidades, «É a *prototipicidade* ou categorização com base em protótipos que está na origem tanto da *flexibilidade*, pela qual os falantes podem adaptar uma categoria a novas circunstâncias e experiências e nela integrá-las, quanto da

estabilidade estrutural, pela qual os falantes interpretam novos factos através do conhecimento já existente (o centro prototípico da categoria) e conseguem assim evitar que aquela flexibilidade torne a categoria comunicativamente ineficiente» (Silva 2006: 60). A manutenção de «*estabilidade estrutural*» semântica, articulada com a «*flexibilidade*» que permite dar resposta às necessidades comunicativas dos falantes, é uma das grandes virtualidades deste modelo. No que concerne à estrutura semântica de *-ismo*, temos então totalmente definida a localização do significado de **QUALIDADE**, apresentando uma posição geratriz, resta-nos definir a localização dos restantes significados. Esta localização, como já afirmámos será determinada em termos de maior ou menor distância em relação ao significado central.

Os restantes significados atestados nos nomes em *-ismo* são consensualmente associados ao sufixo, na medida em que o facto de um nome em *-ismo* denominar uma ‘qualidade’, uma palavra com determinada origem, uma doença, um fenómeno geológico ou uma religião, etc. é um dado reconhecido e aceite pelos falantes. A prototipicidade e carácter seminal que atribuímos ao significado **QUALIDADE** decorre de os outros significados poderem ser assumidos como instanciações mais concretas desse significado central (cf. Figura 5.1). Um ‘princípio epistemológico’, uma ‘prática’, uma ‘atitude’, um ‘fenómeno’ e uma ‘locução’ são entendidos como manifestações com diferente grau de abstração, sempre mais concreto, de uma **QUALIDADE**. A semelhança semântica detetada entre as bases tomadas por estes significados (§ 4.2.) concorre para a sua unificação enquanto diferentes instanciações de um valor semântico que lhes é comum e subjacente. No entanto, acreditamos que **QUALIDADE** não é o único valor semântico que na estrutura semântica do sufixo se encontra em posição seminal, uma vez que nos significados atestados de *-ismo* é possível identificar constantes semânticas que não podem ser imputadas a **QUALIDADE**.

Em § 4.1.8., na sequência da exposição dos diferentes significados dos nomes em *-ismo*, referimos haver um traço comum a todos eles, o de **SISTEMATICIDADE**. Este traço não surge atualizado nos nomes em *-ismo*, isto é, contrariamente ao que se verifica com **QUALIDADE**, que tem como manifestação direta o significado atestado de ‘qualidade’, não existe para **SISTEMATICIDADE** uma manifestação semântica direta atestada nos derivados. Contudo, julgamos que este valor semântico desempenha um papel importante na estrutura semântica do sufixo. Ao definirmos **QUALIDADE** como

significado prototípico de *-ismo*, tivemos em consideração o facto de ele surgir seminalmente em todos os outros significados. O valor de SISTEMATICIDADE apresenta comportamento idêntico, ou seja, é seminalmente identificável em todos os significados atestados pelos nomes em *-ismo* (§ 4.1.8.). Pela sua contribuição para a construção dos diferentes significados atestados, cremos adequado postular a presença deste valor ao lado do de QUALIDADE num nível subjacente da estrutura semântica do sufixo.

Desta forma, os valores semânticos atestados pelos nomes em *-ismo* resultam de uma combinação dos valores de QUALIDADE e de SISTEMATICIDADE, com pesos variáveis, e que se coarticulam com a semântica da base.

Assumindo que os dois valores semânticos se encontram em posição geratriz na estrutura do sufixo, somos levados a recordar o modo distinto como se comportam. O significado de QUALIDADE surge atestado em alguns nomes em *-ismo* (§ 4.1.1.), mas o mesmo não se verifica com o de SISTEMATICIDADE. Por esta razão, há que definir diferentes estatutos para estes significados.

Pelas razões expostas e por se encontrar atestado em nomes em *-ismo*, o significado de QUALIDADE pode ser considerado prototípico. O mesmo não sucede com o significado de SISTEMATICIDADE. Os nomes de princípio epistemológico, de prática, de atitude, de fenómeno e de locução contêm em si a informação semântica de QUALIDADE, mas também a de SISTEMATICIDADE, as duas contribuindo para a estruturação do significado atualizado pelo nome. Sabemos que o valor de QUALIDADE vai perder o seu valor abstrato, em diferentes graus, para a geração dos restantes significados. Estes significados são ainda concretizações, em maior ou menor grau, do valor de SISTEMATICIDADE. Um ‘princípio epistemológico’ é um sistema, contém em si, em grau máximo, o traço de SISTEMATICIDADE. Os restantes significados apresentarão este traço semântico em diferentes graus (§ 4.1.8). Apenas os nomes de qualidade são desprovidos deste traço. Como se pode verificar, o valor de SISTEMATICIDADE apresenta claramente capacidade geratriz, mas não satisfaz os requisitos apresentados por QUALIDADE para ser considerado prototípico, «categories with a prototype structure are represented by a set of features. Unlike the classical features, however, these do not constitute a set of necessary and sufficient criteria, except perhaps for the prototype itself» (Cruse 2004: 132).

Apenas QUALIDADE apresenta capacidade geratriz para todos os significados; portanto apenas este valor pode ser considerado como significado prototípico.

Colocado a um nível subjacente, este significado prototípico só terá capacidade para gerar os restantes significados (exceto o de ‘qualidade’ para o qual atua de modo isolado) se articulado com um outro, também identificável na composição semântica dos significados atestados, o de SISTEMATICIDADE. Estes dois valores semânticos encontram-se a um nível subjacente da estrutura semântica de *-ismo*, mas apenas **QUALIDADE** pode ser classificado como prototípico¹⁵⁶; na medida em que apenas ele é comum a todos os significados atestados. Ao falhar o contributo na formação de nomes de qualidade, o traço de SISTEMATICIDADE coloca-se numa posição necessariamente secundária em relação ao de **QUALIDADE**. A articulação destes dois significados seminais, com pesos distintos, possibilitará a atualização por parte do sufixo dos seus significados atestados nos derivados, ‘princípio epistemológico’, ‘prática’, ‘atitude’, ‘fenómeno’ e ‘locução’. Apenas o significado atestado de ‘qualidade’, convocará em exclusivo **QUALIDADE**.

Em suma, consideramos a existência de dois valores semânticos seminais, **QUALIDADE** e SISTEMATICIDADE, comuns a todos os significados de *-ismo* e, conseqüentemente, presentes em todos os nomes formados pelo sufixo. Destes, apenas **QUALIDADE** se configura como significado prototípico. Os valores nucleares do sufixo estão definidos. Em seguida iremos definir a localização dos restantes significados, periférica em relação a estes dois valores.

Verificamos que estes significados atestados não apresentam idêntico peso dentro da estrutura semântica do sufixo, alguns configurar-se-ão como mais visíveis e outros ocupam lugares de menor visibilidade. Sobre o fenómeno de saliência de significados dentro da estrutura semântica das unidades morfológicas, sabemos que «it shows the various semantic applications that exist within the boundaries of one particular category need not have the same structural weight within that category» (Geeraerts 2006c: 75).

Os diferentes graus de saliência associados aos sentidos de uma unidade polissémica enquadram-se na abordagem do protótipo e na sua tentativa de articular de forma estruturada esses sentidos no seio de uma mesma unidade. A questão que neste ponto se coloca é como avaliar os diferentes graus de saliência a atribuir aos

¹⁵⁶ Representamos a *bold QUALIDADE*, precisamente para o distinguir de SISTEMATICIDADE que não é considerado prototípico.

significados atestados. Novamente nos deparamos com uma dificuldade já apontada. Os estudos até ao momento elaborados, de acordo com o nosso conhecimento, privilegiam o estudo da palavra, pelo que dificilmente se podem configurar como modelos absolutamente operacionais para a nossa análise. Por forma a encontrar uma metodologia que nos permita avaliar os graus de saliência dos vários significados, procurámos adaptar à análise da semântica do sufixo alguns dados sobre esta questão fornecidos pela bibliografia.

Alguns critérios considerados no estudo da significação da palavra podem ser adaptados, como o seguinte: «Prototype theory, on the other hand, does incorporate aspects of use in the structural description of the lexical categories: the fact that some readings are more salient than others in the structure of the category reflects the fact that they are more readily chosen when using that category» (Geeraerts 2006c: 75). Temos assim que um significado «more readily chosen» é entendido como mais saliente. Embora não explicitamente, este critério remete para os valores de uso, uma vez que o significado tendencialmente mais selecionado acaba por ser o significado mais recorrentemente atestado. Critério semelhante fora utilizado por Cruse 1998 para determinar qual o significado essencial de uma unidade polissémica (§ 5.1.3.1.). De acordo com o autor esse significado é o que mais frequentemente surge e aquele que de modo mais imediato os falantes associam à unidade.

Aplicando o critério da frequência para definir os graus de saliência dos diferentes significados de *-ismo*, obtemos um resultado curioso. Os graus de saliência tendem a coincidir com os de perda de abstração. Por outras palavras, os significados mais atestados tendem a apresentar maior grau de abstração do que os significados menos atestados. Coloquemos, por agora, o valor ‘qualidade’ de parte, decorrente do valor **QUALIDADE** prototípico e agenciador dos restantes; é entre esses significados restantes que temos de aferir diferentes graus de saliência. O Quadro 5.3 mostra a relação entre o grau de abstração e a frequência dos valores semânticos. Tomámos como referência para o grau de abstração os dados apresentados no Quadro 4.4 e para a frequência dos valores semânticos os dados do Quadro 4.2, ambos apresentados no Capítulo 4.

FREQUÊNCIA		ABSTRAÇÃO	
	VALOR SEMÂNTICO		VALOR SEMÂNTICO
+ FREQUENTE	‘princípio epistemológico’	> GRAU	‘princípio epistemológico’
	‘prática’		‘prática’
	‘atitude’		‘atitude’
	‘fenómeno’		‘fenómeno’
- FREQUENTE	‘locução’	< GRAU	‘locução’

Quadro 5.3: Escalas de frequência e de abstração dos valores semânticos de *-ismo*

Tomando por base os dados apresentados no Quadro 5.3, podemos admitir que o percurso de + frequente/+ abstrato para – frequente/– abstrato apresentado pelos valores semânticos de *-ismo* equivale a um percurso que conduz de + saliente a – saliente. Assumindo como válida esta análise, o significado mais saliente é o de ‘princípio epistemológico’ e o menos saliente o de ‘locução’. Estes dados oferecem-nos mais um argumento para sustentar o valor de **QUALIDADE** como o valor prototípico do sufixo. O valor de abstração, presente em grau máximo no significado prototípico, tende a manter-se, ou seja, o significado mais saliente, ‘princípio epistemológico’, ainda o apresenta de forma relevante. Este significado é também aquele que apresenta de forma mais intensa o significado seminal de **SISTEMATICIDADE**, ajudando a sustentar que ‘princípio epistemológico’ seja considerado mais saliente. O traço de abstração (propriedade fundamental do significado prototípico) desaparece em ‘fenómeno’ e ‘locução’, significados tomados como menos salientes, portanto mais afastados do centro prototípico. Estes significados, sobretudo o de ‘fenómeno’, são também aqueles em que o traço seminal de **SISTEMATICIDADE** apresenta um peso menos significativo, ajudando a corroborar a sua posição mais periférica no interior da estrutura semântica do sufixo.

O significado ‘locução’, tal como o de ‘fenómeno’, já em outras ocasiões se apresentou como tendo um comportamento distinto dos restantes, nomeadamente do de ‘qualidade’. Assim, estes dois significados não só apresentam um elevado grau de concreção relativamente ao significado nuclear de **QUALIDADE** e mais fraca **SISTEMATICIDADE** do que ‘princípio epistemológico’, por exemplo, como ainda revelaram um comportamento morfológico distinto, sobretudo os significados de ‘fenómeno’ (quase podíamos dizer excepcional), no que diz respeito ao tipo de bases selecionadas (§ 4.1.5, § 4.1.5.1., § 4.1.5.2. e § 4.1.6.).

Definimos como valor prototípico o de **QUALIDADE** por ser o mais abstrato e trabalhar necessariamente com um valor semântico das bases (a capacidade de se configurarem como predicado/atributo/qualidade/propriedade) que se encontra na generalidade dos nomes em *-ismo*. Sendo prototípico, ocupa uma posição seminal partilhada com o valor de **SISTEMATICIDADE**. Estes dados permitem que os restantes significados deles sejam extraídos por mecanismos de concreção que levam a perda do grau de abstração de **QUALIDADE** e a atualização em maior ou menor grau de **SISTEMATICIDADE**, possibilitando (em articulação com a semântica das bases) a atualização dos restantes significados. Como vimos, Quadro 5.3, estes significados são tanto mais salientes quanto mais frequentes e menos concretos, isto é, mais próximos do significado prototípico em termos de abstração. Esta escala de perda de abstração coincide ainda com a tendência observada para progressiva perda do valor de **SISTEMATICIDADE**.

Os diferentes graus de saliência dos significados de *-ismo* são então aferidos segundo os critérios:

- i) grau de abstração: quanto mais abstrato mais saliente;
- ii) frequência: quanto mais frequente mais saliente;
- iii) contribuição semântica da base: as bases tomadas pelo sufixo enquanto predicado/atributo/qualidade/propriedade surgem nos produtos que apresentam como significado do sufixo mais elevado grau de abstração;
- iv) valor de **SISTEMATICIDADE**: quanto maior for este valor, mais próximo do núcleo está o significado.

Como já referimos, o significado prototípico de **QUALIDADE** e o de **SISTEMATICIDADE** devem ser assumidos pela sua capacidade geratriz, ou seja, pela capacidade de se apresentarem em todos os outros significados sob a forma de gene, de entidade seminal. Esses outros significados atualizam aspetos semânticos mais relevantes do que o de **QUALIDADE**; por isso mesmo se configuram como diferentes e independentes. O valor de **SISTEMATICIDADE** ajuda a configurar estes outros significados por neles se apresentar com diferentes pesos. Com efeito, toda estruturação semântica do sufixo, e portanto todos os significados que atualiza, se ancora nesses significados seminais que funcionam como um codificador suficientemente rico e versátil para possibilitar tão distintas atualizações.

Há ainda que recordar que se o valor de **QUALIDADE** é prototípico, o que implica dizer que subjaz a todos os outros, também pode aparecer atualizado de forma explícita nos nomes de qualidade (§ 4.1.1.). Enquanto significado atualizado do sufixo não julgamos que seja o mais saliente, devendo ceder a primazia a ‘princípio epistemológico’ porque, tal como observado por Correia 2004, os “ismos” não são qualidades, mas ‘princípios epistemológicos’. Este dado revela o quanto, na mente dos falantes, o significado ‘princípio epistemológico’ é encarado como fortemente associado ao sufixo. A questão da transposição de categoria genérica por parte de *-ismo* é abordada em Correia 2004 e toma por referência o trabalho de Danielle Corbin, *Le lexique construit*. Da exposição feita podemos ficar com o facto de se estar «perante um uso autonímico de *-ismo*, uso que é possível dado que este sufixo é sentido como final característica dos nomes de doutrinas e sistemas políticos [...] não apresentam qualquer referente de natureza linguística, mas meramente conceptual» (Correia 2004: 281). Estes dados permitem aferir a representatividade que na mente dos falantes assume o significado de ‘princípio epistemológico’¹⁵⁷. De referir ainda que o significado de ‘qualidade’ é o único totalmente desprovido do valor de SISTEMATICIDADE; o que fortalece a nossa opção de não o considerar como o mais saliente dos significados atestados.

Portanto, embora possa formar nomes de qualidade, o sufixo *-ismo* não é, por excelência, um sufixo formador de nomes de qualidade (desprovidos de uma informação semântica relevante para o sufixo, a SISTEMATICIDADE). O facto de impor como condição semântica à base a capacidade de se configurar como um predicado/ atributo/qualidade/propriedade é um fator de peso para enquadrarmos este sufixo na RFP ESSIV. No entanto, dentro desta regra trata-se de um sufixo necessariamente periférico porque:

- i) seleciona maioritariamente bases nominais (§ 3.3.3.);
- ii) a maioria das suas bases adjetivais são adjetivos relacionais (§ 3.4.3.2.);
- iii) a maioria dos seus produtos não são nomes de qualidade (§ 4.1.8.);
- iv) comporta o traço semântico seminal de SISTEMATICIDADE, alheio aos nomes de qualidade.

¹⁵⁷ Recordamos novamente a afirmação de Cruse 1998 (259), citada em § 5.1.3.1., observando a importância do reconhecimento dos significados levada a cabo pelos falantes.

A nossa opção por enquadrar este sufixo na RFP ESSIV deve-se a três aspetos que partilha com sufixos mais prototípicos dessa regra: a formação de nomes com elevado grau de abstração (§ 5.1.3.1.1.), a presença necessária de um predicado/ atributo/qualidade/propriedade na base dos seus produtos (§ 4.2.) e um significado essencial de **QUALIDADE**, que, como vimos, pode ou não vir a ser atestado, mas que se manifesta subjacentemente em todos os significados atestados, ainda que com distintos graus de relevância. Estes três traços são fundamentais para a determinação dos nomes essivos e também importantes para a determinação do comportamento do sufixo *-ismo*, o que explica a opção que tomamos de enquadrar o sufixo nesta regra. Não devemos contudo deixar de sublinhar que o sufixo terá de ser um operador bastante periférico desta RFP.

Sintetizando, consideramos que *-ismo* pode ser considerado um operador da RFP ESSIV, mas não apenas pelas razões comumente invocadas. O seu enquadramento nesta RFP deve-se ao tipo de bases que seleciona, portadoras de valor predicativo, (independentemente do significado atualizado pelo produto), ao elevado valor de abstração que a maioria dos seus produtos comporta e à partilha de um significado essencial de «“o facto de ser x”, “propriedade/qualidade de ser x”» (Rio-Torto 1998a: 122).

Tomando em consideração os dois valores seminais do sufixo, um dos quais considerado prototípico, os valores semânticos atestados nos produtos de *-ismo* e o modo como esses significados (seminais e atestados) se relacionam no interior do sufixo, e como síntese do que tem sido exposto, poderíamos apresentar a estrutura semântica de *-ismo* tal como se apresenta na Figura 5.1.

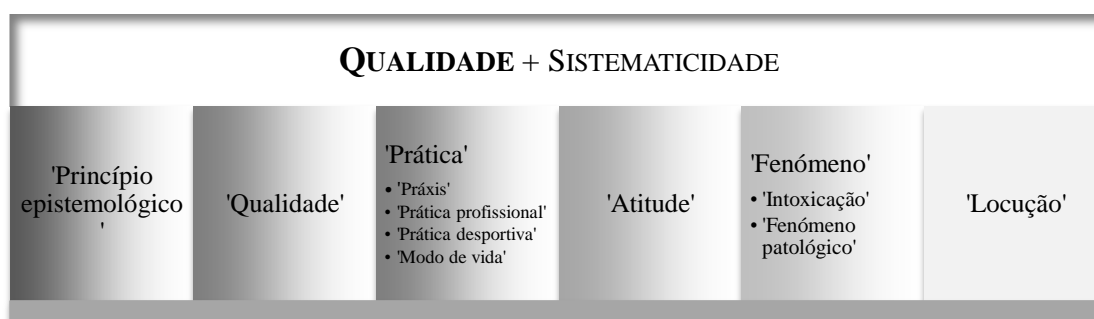


Figura 5.1: Estrutura semântica de *-ismo* e graus de saliência dos significados

Em síntese, o sufixo *-ismo* apresenta dois valores semânticos seminais, **QUALIDADE** e **SISTEMATICIDADE**, assim considerados por se encontrarem em posição subliminar em relação aos restantes; assumimos como significado prototípico o de **QUALIDADE**; consideramos ainda a existência de um conjunto de outros significados atestados portadores de diferentes graus de saliência e decorrentes de linhas de significação fornecidas pelos dois significados subliminares. Pelas razões acima aduzidas, o significado atestado mais saliente é o de ‘princípio epistemológico’, sendo seguido dos de ‘qualidade’, ‘prática’ e ‘atitude’. Os dois significados mais periféricos, por razões também já explicitadas, e que dizem respeito à sua significação e ao tipo de informação retirada das bases, são os de ‘fenómeno’ e de ‘locução’.

Um aspeto que devemos considerar em relação à questão do grau de saliência dos diferentes significados, e ainda não explicitado, é o facto de ele não ser imutável, mas antes uma propriedade dinâmica do significado: «For salience is not a static characteristic, but dynamic one.» (Tuggy 2006: 177). Como se pode observar em § 2.2., os significados de uma unidade podem apresentar graus de saliência variáveis. O significado que determinámos ser atualmente o mais saliente, ‘princípio epistemológico’, só surge em português no século XVIII e, naturalmente, com fraquíssima representatividade e peso na estrutura semântica do sufixo. O significado de ‘qualidade’, atualmente de menor saliência, encontra-se atestado no século XVI e no século XVII, durante os quais goza de representatividade superior à de ‘princípio epistemológico’.

Chegamos então ao ponto em que temos definida a totalidade da estrutura semântica do sufixo: apresenta um nível de significado profundo onde se inscrevem os valores de **QUALIDADE** e **SISTEMATICIDADE** e um nível de significados atestados decorrentes dos anteriores. Observámos ainda a repercussão desta estrutura para os nomes construídos pelo sufixo, o que nos coloca perante a próxima questão: De que modo o significado das bases contribui para o significado do produto?

5.1.4. DE QUE MODO O SIGNIFICADO DAS BASES CONTRIBUI PARA O SIGNIFICADO DO PRODUTO?

Para dar resposta a esta questão dispomos já de todos os dados, ainda que de forma dispersa. Em § 3.1.4. procedemos a uma análise semântica detalhada das bases;

em § 4.2. identificámos como valor unitário dessas bases e, portanto, como condição semântica imposta pelo sufixo, a existência de um predicado/atributo/qualidade/propriedade na base suscetível de ser selecionado pelo sufixo; em § 4.1. expuseram-se os significados presentes nos nomes em *-ismo*; e, por fim, em § 5.1.3. apresentámos a estrutura semântica do sufixo *-ismo*.

A propriedade das bases que imediatamente se destaca no modo como colaboram para a construção dos diferentes significados dos nomes em *-ismo* é a capacidade de se constituírem, perante o sufixo, como um predicado/atributo/qualidade/propriedade (§ 4.2.). Consequentemente, os nomes em *-ismo* atualizam um dos significados do sufixo, uma forma de concreção de **QUALIDADE**, portador de variável grau de SISTEMATICIDADE, combinado com um predicado/atributo/qualidade/propriedade que destacam da base. Neste ponto há que compreender em que consiste esse predicado/atributo/qualidade/propriedade e se é sempre o mesmo que se articula com os diferentes valores semânticos do sufixo.

Este predicado/atributo/qualidade/propriedade, através do qual procurámos enquadrar o que de comum as bases de *-ismo* apresentam, não pode fazer-nos esquecer dois aspetos: o primeiro aspeto é que este predicado/atributo/qualidade/propriedade não é necessariamente o valor semântico atualizado pela palavra quando não assumida como base derivacional¹⁵⁸, de facto, o predicado/atributo/qualidade/propriedade pode até nem vir a ser atualizado pela palavra de onde se obtém a base, embora nela esteja contido por contribuir para a construção do seu significado; e, em segundo lugar, este predicado/atributo/qualidade/propriedade não é uma entidade semanticamente homogénea, de facto não é uma entidade, mas um complexo de informações semânticas¹⁵⁹. Uma unidade apresenta um sem número de predicados/atributos/qualidades/propriedades que ajudam a defini-la pelo que é. Ao longo do anterior capítulo, sobretudo em § 4.2., procurámos mostrar que esse valor semântico era fundamental para a estruturação semântica da base, mas não alertámos para o facto de o sufixo, dentro do conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades que cada base lhe oferece, ter a capacidade de selecionar apenas o(s) que se articula(m) com o valor semântico que irá atualizar. Por exemplo, se o sufixo ativou como significado

¹⁵⁸ Sobre este aspeto ver § 4.2., secção em que se faz a descrição das condições semânticas que o sufixo impõe às suas bases.

¹⁵⁹ Remetemos para a conceção de significado adotada neste trabalho para a análise semântica do sufixo (§ 1.3.6.) e exposta em § 5.1.2.

‘princípio epistemológico’, selecionará das suas bases os predicados/atributos/qualidades/propriedades que se configurem de molde a viabilizar a denominação de um ‘princípio epistemológico’. Por isso, quando seleciona um nome próprio como Darwin o sufixo não contempla o facto de este ter olhos azuis ou de ser um homem religioso mas o facto de ter definido uma doutrina que se rege por determinados princípios. É sobre esses princípios (associados ao indivíduo como seu expoente máximo) que se constrói o significado do nome em *-ismo*. Em § 3.1.4. fez-se uma descrição detalhada da semântica das bases que possibilitou a análise empreendida em § 4.1. e § 4.2., onde os diferentes significados das bases foram sendo associados aos significados dos produtos.

O comportamento observado leva-nos a crer que o mecanismo ativado na construção semântica do derivado é o da coindexação:

«semantic coindexation is the responsible for the meaning construction in word formation. On our proposal, coindexation operates between semantic features of the constituents (affix and base or compound bases) and those of the ‘maximal semantic frame’ (Fillmore 1977; Langacker 1987; Jackendoff 1997, 2002) associated with them.

Coindexation is ruled by what we will call the maximal compatibility principle. According to our proposal, semantic coindexation between the involved features is dependent on the degree of semantic similarity between them.»

(Rodrigues & Rio-Torto no prelo: 2)

De acordo com este mecanismo, o sufixo ativará na sua base um valor semântico que lhe está próximo. Divergimos ligeiramente das autoras ao considerar que a coindexação se processa apenas por ativação de traços semelhantes. A análise do nosso *corpus* sugere que os traços sejam igualmente selecionados pela sua capacidade de em coarticulação construir um significado coerente. Esta coerência leva a que ‘princípio epistemológico’ não se associe ao facto de Darwin ter olhos azuis porque temos dificuldade em conceber um ‘princípio epistemológico’ construído sobre esta informação; a ativação deste valor semântico da base geraria um produto semântico que conceptualmente não conseguimos compreender. Por forma a evitar que assim aconteça, o valor de ‘princípio epistemológico’ procurará na sua base o tipo de

informação que lhe permita a criação de um nome de princípio epistemológico, isto é, conceitos, ideias, regras, princípios, postulados, etc. Acreditamos que mais uma vez os mecanismos de conceptualização são convocados, neste caso, para colaborarem na afinação dos mecanismos de coindexação. No entanto, parece-nos que mais do proximidade semântica, no caso da construção do significado dos nomes em *-ismo*, se trata de compatibilidade semântica, ou seja, os fios semânticos, que da base e do afixo são ativados, são-no por entre si serem compatíveis na construção do significado do produto.

Relevante para a compreensão do mecanismo de coindexação é ainda a seguinte afirmação das autoras: «semantic coindexation does not operate with semantic boxes, but with subcomponents of those boxes» (Rodrigues & Rio-Torto no prelo: 9). Sublinha-se nesta passagem a capacidade revelada pela coindexação de trabalhar com pequenos fios de informação, constantes da base e do afixo, e não com grandes valores semânticos, possibilitando a seleção por parte do sufixo apenas da informação que lhe é relevante. Notamos que a utilização deste mecanismo de construção semântica de palavras construídas, tal como se apresenta, só é possível devido ao conceito de significado adotado (§ 51.2.) e que pressupõe que seja uma entidade complexa, constituída por feixes informacionais.

Genericamente as bases de *-ismo* (§ 4.2.) definem-se por poderem apresentar um conjunto de predicados/atributos/qualidades/propriedades, destes o sufixo ativará aquele(s) que melhor se coaduna(m) com o seu próprio valor semântico ativado. Assim, quando o sufixo atualiza o valor semântico de ‘prática’ irá selecionar da base os traços que possibilitam a construção da denominação de uma ‘prática’. Estes predicados/atributos/qualidades/propriedades serão necessariamente distintos dos que selecionará para construir a denominação de uma ‘qualidade’.

É ainda este mecanismo que nos permite compreender a coexistência de determinados significados num mesmo nome em *-ismo* (§ 4.3.). Estes significados coabitam por procurarem na base se não os mesmos, pelos menos predicados/atributos/qualidades/propriedades que sejam próximos e que se coadunem com os dois significados ativados pelo sufixo naquele nome em particular. Desta forma se explica também por que razão estão excluídas as combinações não atestadas. Em § 4.3. considerámos que estes nomes, excetuando os casos então apresentados, se comportam como *dot-objects*, precisamente por partilharem valores semânticos que podemos

considerar complementares e próximos. Parte importante dessa complementaridade advém do contributo semântico da base.

Analisemos individualmente a relação estabelecida entre os diferentes significados de *-ismo* e as bases com que se articulam.

O significado ‘qualidade’ (§ 4.1.1.) seleciona maioritariamente bases adjetivais. Em § 3.4.3.2. vimos que os adjetivos que estão na base dos nomes em *-ismo* são sobretudo relacionais, e no caso específico dos nomes de qualidade o padrão mantém-se. Este dado ajuda a sustentar as dúvidas que se levantam em relação à consideração do sufixo como formador de nomes de qualidade, uma vez que «solo gli aggettivi predicative sono suscettibili di fungere come base di nomi di qualità» (Rainer 1985: 71). Embora não assumamos uma posição tão extremada como a de Rainer 1985 (§ 2.1.2.3.), tivemos de tomar este dado em consideração ao determinar que o significado atestado de ‘qualidade’ não seja apontado como o significado mais saliente de *-ismo* (§ 5.1.3.1.1.). O comportamento deste significado em relação às suas bases é claro na medida em que delas recolhe um predicado/atributo/qualidade/propriedade (independentemente da sua configuração categorial) do qual se constitui como denominação (§ 4.1.1.).

Os nomes de princípio epistemológico (§ 4.1.2.) também se articulam com bases maioritariamente adjetivais. Nestes casos, a base fornece um predicado/atributo/qualidade/propriedade que se constituirá como a ideia central (e de certo modo sintetizadora) do princípio. Em *autonomismo*, o predicado/atributo/qualidade/propriedade *autónomo*_{Adj} constitui o valor central que determina o ‘princípio epistemológico’. As restantes bases comportar-se-ão de modo idêntico. Seja qual for a classificação categorial da base, o sufixo retirará dela o predicado/atributo/qualidade/propriedade que seja adequado à construção da denominação de um ‘princípio epistemológico’, rejeitando todos os outros predicados/atributos/qualidades/propriedades que se encontram no adjetivo/nome, nome, nome próprio ou verbo de base.

Os nomes de prática (§ 4.1.3.) selecionam maioritariamente bases nominais. No caso de as bases serem nomes deverbais fornecem a denominação de uma ação (*revisão*_N > *revisionismo*), mas podem também indicar uma entidade portadora de um predicado/atributo/qualidade/propriedade com a qual se exerce determinada prática

(*tabaco_N* > *tabaquismo*), que pode exercer determinada prática (*sátrapa_N* > *satrapismo*), em benefício da qual se exerce determinada prática (*nepote_N* > *nepotismo*). Estas bases são selecionadas pelo(s) seu(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) que permite(m) estabelecer as características da prática realizada e denominada pelo nome em *-ismo*. As restantes bases desempenharão papel idêntico na construção semântica do derivado, ou seja, permitem a configuração de uma prática que o sufixo pretende denominar.

Os nomes de práxis (§ 4.1.3.1.) apresentam um número relevante de bases que são nomes próprios. Estes nomes estão na sua quase totalidade associados a ‘princípio epistemológico’, constituindo o que referimos ser nomes de princípio epistemológico e de práxis (§ 4.3.1.), excetuam-se dois, que são o nome de indivíduos que se destacaram por estabelecerem determinados procedimentos (*Mitridates* e *Mesmer*). Estes procedimentos são denominados pelo derivado em *-ismo*, *mitridatismo* e *mesmerismo*. Estas bases, tal como as restantes, contribuem para a construção do significado do derivado com um predicado/atributo/qualidade/propriedade que define os moldes em que se realiza determinada práxis (*global_{Adj}* > *globalismo*; *tacha_N* > *tachismo*), o objeto sobre a qual se concretiza (*celta_{Adj/N}* > *celtismo*), etc.

O significado de ‘prática profissional’ (§ 4.1.3.2.) seleciona bases maioritariamente nominais que apresentam um indivíduo portador dos predicados/atributos/qualidades/propriedades necessários ao desempenho dessa prática (*faquir_N* > *faquirismo*; *acrobata_{Adj/N}* > *acrobatismo*).

Também o significado de ‘prática desportiva’ (§ 4.1.3.2.) seleciona maioritariamente nomes que apresentam o(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) que permite(m) definir um local no qual se pratica determinado desporto (*montanha_N* > *montanhismo*) ou um objeto necessário à prática de determinado desporto (*velocípede_N* > *velocipedismo*). Consequentemente, este(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) selecionados da base define(m) a prática desportiva denominada pelo nome em *-ismo*.

Para a construção de nomes de modo de vida (§ 4.1.3.3.), o sufixo seleciona bases que lhe apresentem um indivíduo, que pode ser humano ou inumano, e que se define por certo(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s), que caracterizará(ão) o modo de vida denominado pelo nome em *-ismo*. É necessário ter o(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) que definem um

*missionário*_{Adj/N} ou um *inquilino*_N para se adotar como modo de vida o *missionarismo* ou o *inquilinismo*.

Os nomes de atitude (§ 4.1.4.) constituem a denominação de atitudes que se definem por predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) encontrado(s) nas bases. Por outras palavras, para se assumir uma atitude de *triumfalismo* é necessário ter o(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) próprios do que é *triumfal*_{Adj}, assim também para *místico*_{Adj/N} > *misticismo* ou *vedeta*_N > *vedetismo*.

Na construção de nomes de fenómeno (§ 4.1.5.) encontramos o mesmo comportamento. O(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) da base (maioritariamente nominal) permitirá(ão) caracterizar o fenómeno denominado pelo nome em *-ismo*; (*electrodínamo*_N > *electrodinamismo*; *peristáltico*_{Adj} > *peristaltismo*). Estes predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) pode(m) ainda estar presente(s) em entidades que desencadeiam o fenómeno (*micróbio*_N > *microbismo*).

O significado de ‘intoxicação’ (§ 4.1.5.1.) articula-se com bases nominais que denominam uma substância que apresenta predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) que lhe conferem toxicidade, é o caso de *fósforo*_N > *fosforismo*, e que permitem diferenciar as várias intoxicações. Comportando-se de idêntico modo surgem escassíssimas bases adjetivais/nominais (*narcótico*_{Adj/N} > *narcotinismo*) ou adjetivais (*mercurial*_{Adj} > *mercurialismo*).

O significado de ‘fenómeno patológico’ (§ 4.1.5.2.) tem um comportamento bastante atípico em relação ao que temos vindo a apresentar. É, aliás, este seu comportamento que muito (mas não na totalidade) contribui para o reduzido grau de saliência que foi atribuído ao valor semântico de ‘fenómeno’ globalmente considerado (§ 5.1.3.1.1.). Maioritariamente as bases que seleciona são nominais e denominam o órgão ou substância onde se verifica o ‘fenómeno patológico’ (*útero*_N > *uterismo*), ou um outro fenómeno patológico (*trauma*_N > *traumatismo*). As bases podem também referir um indivíduo que apresenta determinado(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) que caracteriza(m) o ‘fenómeno patológico’ (*idiota*_{Adj/N} > *idiotismo*) ou o(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) (*viril*_{Adj} > *virilismo*) que caracterizarão esse ‘fenómeno patológico’. Os nomes próprios que servem de base aos nomes de fenómeno patológico constituem a denominação de quem identificou o fenómeno (*Dalton* > *daltonismo*).

Por último, temos o significado de ‘locução’ (§ 4.1.6.), também ele considerado como estando na periferia da estrutura semântica de *-ismo*. As suas bases são sobretudo adjetivos/nomes que fazem referência a uma determinada localização geográfica. Essa localização geográfica (por referência mais ou menos explícita a uma língua ou modo de falar) define o(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) a atribuir à locução denominada pelo nome em *-ismo* (*minhoto*_{Adj/N} > *minhotismo*).

A observação da relação estabelecida entre os diferentes significados de *-ismo* e as bases permitiu verificar que da base vão sendo selecionados predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) que adequadamente se articulam com os significados do sufixo para construir o significado do nome derivado. Constata-se então que seguindo o princípio de coindexação, orientado por mecanismos de compatibilidade e de conceptualização, o sufixo ativa na sua base os traços semânticos que se coadunam com o significado que pretende atualizar. Apesar de a maioria das bases se caracterizar por oferecer um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual construir o significado do nome, um pequeno número de bases não pode ser definida desta forma. Todavia, tal como as outras, estas bases também respeitam o princípio da coindexação. Por esta razão encontramos a designação de órgãos ou substâncias como o significado de algumas bases de nomes em *-ismo* significando ‘fenómeno patológico’ (§ 4.1.5.2.). E, por essa mesma razão, os nomes de intoxicação têm por base a designação de uma substância (§ 4.1.5.1.). Note-se que nestes nomes o significado do sufixo e o significado da base se caracterizam por apresentar elevado grau de concretude.

5.2. REPERCUSSÕES PARA A TEORIA MORFOLÓGICA

O estudo empreendido colocou-nos perante dados não totalmente coincidentes com o que habitualmente se postula nos estudos morfológicos.

Em primeiro lugar, está a questão da determinação das bases de um operador afixal. Habitualmente as bases são definidas pela sua categoria morfológica (§ 3.2.1.) e pelas suas propriedades categoriais (§ 3.3.). A variedade encontrada nos nomes em *-ismo* e a possibilidade de identificar um valor semântico comum a todas as bases (§ 4.2.) leva-nos a advogar que para este sufixo o valor semântico da base suplante a

importância das suas propriedades morfológicas e categoriais como critérios de seleção das bases. O relevo assumido pelo valor semântico dos constituintes genolexicais para a configuração do processo genolexical está presente em propostas como as de Correia 2004, Rio-Torto 1998a e, mais recentemente, Rodrigues 2006 e 2009. Nestes trabalhos, de forma mais ou menos explícita, e mais ou menos desenvolvida, é feita referência às propriedades semânticas que a base deve satisfazer não só para ser selecionada pelo afixo, mas também para poder colaborar na construção do significado do produto. A análise empreendida confirma que efetivamente os dados semânticos assumem uma relevância maior na seleção das bases derivacionais. A importância atribuída à componente semântica para a determinação da tipologia das bases, decorrente da observação dos dados, é enquadrada pelos pressupostos da Parallel Architecture e da Linguística Cognitiva que adotamos.

Na sequência destes dados recordamos alguns casos em que o significado da base construída não corresponde ao significado construído da base selecionado pelo sufixo. Nestes casos, de estrutura morfológica $[[[Z]_N X]_{Adj; Adj/N} ismo]_N$, o significado do nome em *-ismo* não se constrói sobre $[[Z] X]_{Adj; Adj/N}$, mas sobre $[Z]$. Em § 3.4.3.1.2. foram já expostas com detalhe as situações em que se verifica este fenómeno e adiantadas duas propostas de análise. Genericamente, o sufixo acopla-se a bases adjetivais ou adjetivais/nominais derivadas, mas na semântica do nome em *-ismo* ativa-se o significado do nome comum ou próprio que originou os adjetivos ou adjetivos/nomes. Julgamos que a capacidade do sufixo para aceder a informação que estruturalmente se situa num nível não contíguo apresenta as seguintes possibilidades de análise:

- i) a capacidade de leitura do sufixo vai para além do nível estrutural que imediatamente o antecede¹⁶⁰;

¹⁶⁰ Este comportamento do sufixo contraria pressupostos que têm sido assumidos no âmbito das RFP e que dizem respeito ao tipo de informação ao que um sufixo pode aceder. Duas propostas têm sido utilizadas: a Adjacency Condition «No WFR can involve X and Y, where X is an affix, unless Y is uniquely contained in the cycle adjacent to X» (Siegel 1977: 23) e a Atom Condition «a restriction on the attachment of Af to Y can only refer to features realized on Y» (Williams 1981: 253). Não refletimos sobre a adequação destas propostas aos estudos morfológicos, mas apenas relativamente ao sufixo *-ismo*. A Adjacency Condition implica que o afixo (X) tenha acesso ao operador morfológico utilizado no nível imediatamente anterior; assim, numa estrutura complexa $Z + Y + X$, X teria apenas acesso à informação contida em Y. Os nomes em *-ismo* a que nos referimos ignoram a informação contida em Y para aceder a informação de Z. A Atom Condition também é desrespeitada nestes casos. Os nomes em apreço têm a

- ii) as propriedades categoriais da base são operacionalmente secundárias;
- iii) a informação semântica (que o sufixo vai procurar num nível distante) é um forte motor de formação de palavras;
- iv) assumir o radical, portador de informação semântica e desprovido de informação categorial inerente, uma vez que a recolhe da palavra em que se insere, como configuração das bases derivacionais permitiria resolver estes problemas; no entanto, teriam de ser esclarecidos os casos, menos frequentes na derivação em português, em que se seleciona por base uma palavra.

Os aspetos ii) e iii) corroboram a adequação de imputar à carga semântica da base um papel determinante nos mecanismos genolexicais. Estes dados coadunam-se com a conceção de língua adotada e que pressupõe como noção central a do significado, ou seja, a necessidade de construção linguística de determinadas informações/conceções tem capacidade de se sobrepor a regras de natureza não semântica.

Um outro aspeto peculiar relacionado com o sufixo *-ismo*, diz respeito ao tipo de diversidade semântica que os seus derivados apresentam. A morfologia construtivista (Correia 2004, Rio-Torto 1998a) define o significado essencial de uma unidade afixal pelo seu enquadramento numa RFP e decorrente da informação semântica contida na base e no operador afixal. Uma vez aplicada a regra, o significado que lhe é adscrito é suscetível de apresentar diversas instanciações¹⁶¹ e de sofrer a aplicação de operações semânticas, muito frequentemente a metonímia. Neste quadro de análise, a diversidade semântica que é encontrada nos produtos decorre da informação semântica da RFP, da informação semântica do sufixo, da informação semântica da base e da eventual aplicação de operações semânticas sobre o produto derivacional; devemos, portanto, considerar a «necessidade de, num processo de derivação, ter em conta as propriedades inerentes e combinatórias dos afixos, das bases e dos produtos que resultam da articulação de ambos» (Rio-Torto 2012: 3). Não discordamos desta visão, mas acreditamos ser demasiado rígida e, em alguns aspetos,

estrutura [[[Z] X] Y]. De acordo com a Righthand Head Rule e pela ativação de mecanismos de percolação, a informação acessível a Y seria emanada de X, o que, como já vimos, não é o caso.

¹⁶¹ Como exemplo, tomem-se os verbos de mudança que são apresentados como tendo as seguintes instanciações: «“transformar-se em/tornar(-se)PRED” [...] “afectar NB”, prover de Nb” [...] “causar Nb” [...] “mutação deslocação para Nb”» (Rio-Torto 1998a: 120).

simplificadora da realidade, nomeadamente no que diz respeito à capacidade semântica das unidades afixais. Como observámos, o sufixo *-ismo* revelou ter uma complexidade e densidade semânticas superiores às que normalmente se tende a imputar às unidades afixais.

Deste modo, advogamos que é também ao nível interno do sufixo, e não apenas depois da aplicação da RFP, que atuam as operações semânticas de extensão de significado. A aplicação de operações semânticas ao nível interno do sufixo confere-lhe densidade semântica e, a nosso ver, coaduna-se melhor com os pressupostos da Conceptual Semantics e da Linguística Cognitiva que seguimos na análise do significado, além de dispor de maior capacidade descritiva em relação ao que acreditamos ser a realidade semântica do sufixo. O diferente comportamento dos diversos operadores afixais de uma mesma RFP sustenta a ideia de que conceptualmente não são concebidos pelos falantes como unidades absolutamente sinónimas e, portanto, absolutamente isofuncionais. Este pressuposto permitiu-nos advogar que os significados atestados de ‘princípio epistemológico’, ‘qualidade’, ‘prática’, ‘atitude’, ‘fenómeno’ e ‘locução’ estão inscritos no próprio sufixo¹⁶² e que são, eles próprios, construídos a partir de significados seminais, não necessariamente atestados nos produtos, e presentes num nível estrutural mais profundo, de **QUALIDADE** e de **SISTEMATICIDADE**.

A presença de toda esta informação semântica no interior do sufixo impõe que se apresente de forma organizada, à semelhança do que sucede com a estrutura semântica da palavra. Tal como esta, o sufixo dispõe de um significado prototípico, o de **QUALIDADE**, e de significados atestados periféricos com diferentes graus de saliência. O valor de **SISTEMATICIDADE**, ainda que não surja atualizado ao nível dos significados atestados do sufixo e dos produtos, é fundamental para gerar esse significados atestados (§ 5.1.3.2.). Pressupõe-se uma estrutura semântica complexa e organizada em dois níveis. O primeiro comporta os significados seminais de **QUALIDADE** e **SISTEMATICIDADE** e o segundo nível comporta os significados atestados identificáveis nos nomes em *-ismo*; este segundo nível resulta de distintas combinatórias dos elementos do primeiro nível.

¹⁶² A habitual análise no quadro das RFP levar-nos-ia a considerar que estes significados surgiriam mais tardiamente, depois de aplicada a regra e sobre o nome derivado em *-ismo*.

A complexidade semântica interna ao sufixo não invalida a sua inclusão numa RFP. Como se verificou, considerámos que se trata de um operador, ainda que periférico, da RFP ESSIV (§ 4.1.1. e § 5.1.3.2.). O seu enquadramento fornece ao sufixo os seus contornos derivacionais mais genéricos, servindo de ancoragem para toda a sua complexa estrutura semântica.

Os critérios que assumimos para considerar este sufixo como um operador da RFP ESSIV não coincidem em absoluto com os critérios presentes em Rio-Torto 1998a. Tal como a autora indica para a RFP ESSIV, os nomes em *-ismo* apresentam o significado essencial de «PRED (A/N) → N ESSIV» (Rio-Torto 1998a: 122); contudo esta significação é na maioria das vezes obscurecida por uma atualização dotada de maior grau de concreção que resulta nos distintos significados atestados¹⁶³. Consideramos fundamental o tipo de bases que o sufixo seleciona, definidas pela capacidade de se configurarem como um predicado/atributo/qualidade/propriedade, à semelhança do critério de Rio-Torto 1998a que determina como predicativa a base dos nomes essivos, e ainda o facto de os seus significados mais salientes serem portadores de elevado grau de abstração, traço característico destes nomes.

Na sequência do exposto, julgamos ser necessário reequacionar o papel das interfaces estabelecidas pela morfologia derivacional com a sintaxe e a pragmática. Estas interfaces são inegáveis¹⁶⁴; contudo acreditamos que ao admitir uma estrutura semântica complexa das unidades afixais, tal como a apresentada por *-ismo*, estas interfaces se revelem, ao nível da palavra, menos poderosas do que até aqui tem sido assumido. Concebendo uma estrutura semântica conceptualmente complexa para o sufixo, imputamos ao sufixo carga semântica anteriormente atribuída a pressões pragmáticas ocorridas sobre o produto derivacional. Não estamos, portanto, a excluir o papel de fatores extralinguísticos na construção do significado destas unidades, «the combination of structure and use in the study of salience phenomena is essentially also a combination of *semantics* and *pragmatics*: semantics as the study of structure, and pragmatics as the study of use, combine when salience is seen as the *structural*

¹⁶³ Neste ponto divergimos da proposta da autora, pois acreditamos que os diferentes significados atualizados estão, como vimos, inscritos no sufixo, não sendo resultantes de mecanismos de extensão semântica aplicados sobre um produto derivacional.

¹⁶⁴ Em diversos momentos, ao longo deste trabalho, fomos fazendo referência a esses interfaces. O seu estudo, no entanto, não se enquadrava no âmbito da análise a que nos propúnhamos.

reflection of pragmatic phenomena.» (Geeraerts 2006c: 75), simplesmente deslocamos o campo e o momento de atuação destas interfaces do nome derivado para a formação da estrutura semântica do sufixo.

Um outro aspeto decorrente da consideração de uma estrutura complexa para o sufixo merece menção. Em § 2.2. mostrámos o modo inicialmente discreto e paulatino como o sufixo foi surgindo na língua portuguesa. Julgamos que este comportamento se deve à sua demanda por um lugar na derivação portuguesa. Enquadrando-se na RFP ESSIV, o sufixo *-ismo* encontrava forte concorrência, pelo que teve de procurar o seu lugar. Estas pressões de cariz sobretudo pragmático obrigaram o sufixo a desenvolver a complexidade e densidade semânticas que hoje apresenta. Tal como já referido, acreditamos ser ao nível interno da estrutura semântica do sufixo e não ao nível dos seus produtos que estes mecanismos atuam. Esta espessura semântica, ainda que o remeta para a periferia da RFP, confere-lhe campos de atuação semântica onde não encontra concorrência, o que explica a explosão de nomes em *-ismo* a partir do século XIX, e principalmente dos séculos XX/XXI. A sua associação às linguagens técnicas e de especialidade, diretamente relacionada com o facto de se tratar de um sufixo internacional, confere-lhe um território em expansão no qual não encontra a concorrência de outras unidades afixais.

Faremos ainda uma breve menção ao mecanismo de coindexação. Referimos em § 5.1.4. que o mecanismo que permite a articulação de traços semânticos da base com o afixo é a coindexação. Tal como exposto por Rodrigues & Rio-Torto no prelo, a coindexação operaria principalmente através de identificação de similitudes entre os operadores lexicais. Pela observação do modo como *-ismo* trabalha com as suas bases, acreditamos que, neste caso, não se trata de procura de significações similares, mas antes de detetar na base significações capazes de se articularem, por via conceptual, com o significado que em dado momento o sufixo pretende atualizar. Visa-se encontrar na base o tipo de informação capaz de colaborar com a significação do sufixo na construção de um significado conceptualmente aceitável. Portanto, no caso da formação dos nomes em *-ismo*, acreditamos que a coindexação se processa sobretudo por mecanismos de compatibilidade semântica entre informações presentes na base e no sufixo e não tanto por similitudes existentes entre essas informações.

Um último aspeto requer a nossa reflexão. Como referido, considerámos adequado enquadrar o sufixo *-ismo* na RFP ESSIV, ainda que como membro periférico, por apresentar com os operadores afixais desta regra algumas similitudes. No entanto, julgamos ser possível compreender ainda melhor o funcionamento da componente genlexical se em vez de a concebermos em termos de regras a concebermos de acordo com esquemas de formação de palavras. Esta proposta é desenvolvida por Booij 2007a, 2007b, 2010, 2012, a sair a) e a sair b) no quadro da Construction Morphology.

O trabalho do autor aproxima-se muito das propostas de Jackendoff que adotamos, encontrando nelas a sua sustentação teórica. O contributo de Booij consiste no facto de apresentar a formalização do mecanismo de formação de palavras numa perspetiva formal e simultaneamente semântica. Essa formalização parte do modelo das regras de formação de palavras idêntico aos que vimos adotando e desenvolve-o no sentido de as conceber como esquemas de formação de palavras capazes de registar os procedimentos formais e semânticos. Esta “evolução” da regra em direção ao esquema permite uma maior flexibilidade de análise e enriquece o conteúdo informativo neles constante.

De modo idêntico às regras de formação de palavras, «Morphological schemas therefore have two functions: they express predictable properties of existing complex words and indicate how new ones can be coined.» (Booij 2010: 544). Enetendem-se as palavras construídas resultantes da aplicação dos esquemas como suas instanciações: «The relation between schema [...] and the individual words that conform to the schema is that of “instantiation”» (Booij 2010: 544). Estes esquemas apresentam vantagens por terem capacidade de codificar informação previsível e, portanto, herdada do esquema pela palavra construída e por possibilitarem ainda que cada palavra disponha das suas especificidades: «complex word inherit the information specified in a schema, but a particular piece of information may be overruled by an individual item that instantiates that schema» (Booij 2010: 548); assim, «by making use of the notion of default inheritance [...], we allow for exceptional properties of words to be expressed without giving up generalizations that hold for most words of that class» (Booij 2010: 548). Os esquemas são, portanto, concebidos como mecanismos capazes de comportar informações gerais,

comuns a todos os elementos que geram, mas também informações específicas de cada instanciação.

Nestes esquemas, «The correlations between properties or constituents on the left (form) and the right (meaning) are specified by means of co-indexation» (Booij a sair a): 1). A construção do significado é encarada numa perspetiva holística, ou seja, não é encarado como o resultado simples da exclusiva soma das partes. Precisamente porque os esquemas oferecem espaço ao registo das especificidades de cada instanciação, o seu significado não resulta de uma simples soma aritmética: «the meaning of the words as a whole cannot be derived from the meaning of its constituents, and hence this superordinate meaning is a constructional property that should be specified in a morphological constructional schema.» (Booij a sair a): 11).

Assim, não só se formaliza o mecanismo morfológico, já presente nas regras de formação de palavras, como se cria um modo de registar o mecanismo semântico de construção de significado, não claramente explicitado nas regras de formação de palavras, embora sempre subjacente às reflexões empreendidas pelos autores. Seguindo o modelo proposto por Booij nos trabalhos referidos, e de acordo com os dados apresentados ao longo deste trabalho, teríamos para *-ismo* o seguinte esquema construcional:

$$[[X]_{\text{ADJ/NV}} \text{ismo}]_N \leftrightarrow [[\text{PREDICADO/ATRIBUTO/QUALIDADE/PROPRIEDADE}]_{\text{ADJ/NV}} \text{ESTRUT. SEM.}]_N$$

Este esquema, comum a todos os nomes em *-ismo*, terá a seguinte leitura: o sufixo *-ismo* acopla-se a uma base X, categorialmente classificável como adjetivo, nome, adjetivo/nome ou verbo. Quanto à sua informação semântica, essa base terá de comportar um predicado/atributo/qualidade/propriedade que se articulará com a estrutura semântica do sufixo. Esta estrutura semântica corresponde ao significado do sufixo tal como apresentado na Figura 5.1. Cada nome em *-ismo* apresentará um esquema próprio do qual constam a especificação do(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/propriedade(s) ativado(s), bem como do significado ativado pelo sufixo. Como já referido (§ 5.1.4.), os traços semânticos de base e do afixo atualizados em cada nome resultam de mecanismos de seleção determinados por coindexação, tendo em vista a seleção de informações compatíveis para a construção do produto semântico. Este esquema, de estrutura bipartida, apresenta à esquerda o tipo de

informação derivacional que já se apresentava nas regras de formação de palavras, complementando com uma estrutura sobreponível, apresentada à direita, que consiste na informação semântica correspondente aos elementos da esquerda.

Dada a natureza processual, dinâmica, conceptual do significado, o seu processamento na análise dos mecanismos de formação de palavras não é isento de dificuldades. Acreditamos que a proposta agora exposta de Booij contribui significativamente para essa tarefa. Apesar de o sufixo *-ismo* ter um significado múltiplo e complexo, estratificado em dois níveis de significação, é possível fazer a sua adequação a estes esquemas construcionais, quer para a descrição do comportamento comum a todas as unidades, quer para a descrição de cada uma das unidades construídas em particular.

5.3. SUMÁRIO

Ao longo deste capítulo procurámos problematizar os dados, resultantes da análise do *corpus*, expostos nos Capítulos 3 e 4 por forma a aferir a densidade semântica do sufixo *-ismo*.

Considerámos que a estrutura semântica do sufixo viabiliza a atualização dos diferentes significados identificados nos nomes em *-ismo*, pelo que se impunha o estudo do comportamento dos diferentes significados no interior do próprio sufixo. Empreendemos este estudo tomando por base os trabalhos da Linguística Cognitiva e da Conceptual Semantics. Começámos por assumir a polissemia do sufixo (§ 5.1.1.), uma vez que determinámos que os vários significados atestados nos nomes em *-ismo* estão presentes na estrutura semântica do sufixo. O passo seguinte consistiu na compreensão do modo como esses significados se relacionavam no interior do sufixo. Isto é, pressupusemos a existência de algum tipo de relação entre os vários significados para que eles possam coexistir na mesma unidade linguística. Determinámos então que o sufixo tem como significado prototípico subjacente o de **QUALIDADE** (§ 5.1.3.1.). Este significado foi colocado numa posição prototípica e seminal por ser o mais abstrato, o que lhe permite a viabilização dos significados atestados por um mecanismo semântico de concreção, por apresentar capacidade geratriz, na medida em que subjaz a todos os significados atestados, e ainda por impor como condição à sua base a presença de um

predicado/atributo/qualidade/propriedade, significado presente na base da maioria dos nomes em *-ismo*.

Os dados apresentados, tipologia da base, elevado grau de abstração dos produtos e presença do significado **QUALIDADE** a um nível subjacente, contribuem ainda para o enquadramento do sufixo na RFP ESSIV (§ 5.1.3.1.1.).

Para a compreensão da estrutura semântica do sufixo torna-se necessário admitir que o sufixo comporta pelo menos dois níveis de significação. Num primeiro nível, um nível seminal e mais profundo, inscreve-se o significado prototípico de **QUALIDADE**, mas também o significado seminal de **SISTEMATICIDADE**, subjacente a todos os significados atestados, à exceção do de ‘qualidade’, e sem o qual seria impossível gerar os significados atestados dos produtos e que devemos considerar presentes no sufixo. O segundo nível de significação comporta precisamente esses significados atestados, portadores de maior ou menor grau de **SISTEMATICIDADE** e constituindo instanciações mais concretas, mas em grau variável, do significado de **QUALIDADE**.

O traço abstrato, comum aos significados mais salientes do sufixo e, conseqüentemente, a um elevado número de nomes em *-ismo* (§ 5.1.3.1.1.), revelou ter um papel importante quer no enquadramento do sufixo na RFP ESSIV, quer na determinação do valor prototípico do sufixo, quer ainda na determinação dos diferentes graus de saliência atribuídos aos significados atestados (§ 5.1.3.2.). Os diferentes graus de saliência foram ainda definidos pela articulação dos dados quanto ao grau de abstração dos significados com os da frequência de ocorrência dos significados e com o peso do valor predicativo da base. Verificou-se que os significados menos frequentes eram os que apresentavam maior grau de concretude e os que impunham menos imperiosamente à base apresentar-se como um predicado/atributo/qualidade/propriedade, tendo-se determinado terem menor grau de saliência.

Considerando os dados sobre a semântica das bases (§ 3.4.) e o significado dos nomes em *-ismo* (§ 4.1.), foi possível definir que a base comporta necessariamente um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual o sufixo possa exercer a sua instrução semântica (§ 4.2.). Dispondo destes dados, procurámos ainda mostrar que esse predicado/atributo/qualidade/propriedade assumido como fundamental é semanticamente distinto em função do significado atualizado pelo sufixo (§ 5.1.4.). Isto é, através do mecanismo de coindexação o sufixo seleciona da base um predicado/

atributo/qualidade/propriedade específico e que se coaduna com o significado que na construção do derivado está a ser atualizado.

Finalizámos este capítulo procurando formalizar o mecanismo de formação de nomes em *-ismo*. Considerando a dificuldade apresentada pelas regras de formação de palavras para dar conta da complexidade semântica de produtos como os nomes em *-ismo*, recorreremos à proposta da Construction Morphology, desenvolvida por Booij 2010, 2012, a sair a) e a sair b). Substituindo a noção de regra pela de esquema, torna-se possível descrever os mecanismos formais e semânticos de formação de nomes em *-ismo*, uma vez que os esquemas permitem a formalização da dimensão semântica. Pode definir-se um esquema genérico, tal como o apresentado (§ 5.2.), e comum a todos os nomes em *-ismo*, mas é igualmente possível substituir as variáveis apresentadas nesse esquema por elementos que especifiquem a formação de cada nome em particular.

5.4. RESPOSTA A ALGUMAS OBJEÇÕES

A análise empreendida e as conclusões apresentadas suscitam algumas questões a que por antecipação procuraremos responder.

A questão que nos parece mais relevante e a que, portanto, primeiro procuraremos responder por antecipação diz respeito à pertinência de enquadrar este sufixo na RFP ESSIV sendo que apenas 14% dos nomes por ele formados são nomes de qualidade.

O primeiro argumento a favor da nossa opção diz respeito à natureza da base. Como vimos, consideramos que as bases podem ser genericamente definidas como apresentando um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual o sufixo exerce a sua instrução semântica. Este dado está de acordo com o que Rio-Torto 1998a (22) apresenta ao definir os nomes essivos: «PRED (A/N) → N ESSIV».

Um segundo argumento prende-se com o elevado grau de abstração que os significados mais salientes do sufixo e os nomes em *-ismo* mais atestados apresentam, aproximando-se assim dos nomes de qualidade, que são nomes abstratos.

Como terceiro argumento recordamos que, de acordo com o exposto no Capítulo 2, desde o grego antigo que o valor de ‘qualidade’ tem vindo a insinuar-se e a

ganhar terreno na semântica dos nomes em *-ismo*. Tanto assim é que este significado é comumente associado ao sufixo.

Aduzimos um último argumento. Se não enquadrássemos o sufixo na RFP ESSIV onde melhor o enquadraríamos? Cremos que apesar das diferenças que apresenta relativamente a outros operadores, esta se configura como a opção mais adequada. O enquadramento do sufixo numa RFP tem ainda a vantagem de fornecer ao sufixo a ancoragem necessária para que o seu significado possa complexificar-se sem entrar em rutura. Esta ancoragem liga-se ao valor de **QUALIDADE**, que também se encontra nos nomes essivos. Acreditamos que se uma proposta como a de Booij 2010, 2012, a sair a) e a sair b), apresentada em § 5.2., for desenvolvida para o português nas proporções em que o foi a das regras de formação de palavras, possamos vir a encontrar uma alternativa. Contudo, no atual estado de conhecimento, julgamos ser esta a melhor opção.

Este último argumento leva-nos diretamente para uma segunda objeção que pode ser levantada à nossa opção: havendo vários operadores afixais na RFP ESSIV qual o papel que então entre eles assume o sufixo *-ismo*? De facto são vários os operadores afixais a operar no âmbito da RFP ESSIV. E alguns destes operadores assumem um lugar bastante mais central, prototípico, do que *-ismo*. Esta centralidade dos outros operadores, segundo cremos, exerce sobre o sufixo uma pressão que, por uma questão de sobrevivência, o obriga a procurar o seu campo de atuação. O mais profícuo campo de atuação que encontrou foi, como vimos (§ 4.1.2. e § 4.1.7.), a denominação de ‘princípios epistemológicos’, domínio onde não encontra concorrência. Dentro dos nomes essivos o sufixo conquistou um lugar colocando-se ao serviço das linguagens técnicas e de especialidade.

A necessidade de o sufixo definir um campo de atuação próprio está diretamente ligada, em termos históricos, à expansão da sua utilização. A expansão dos nomes em *-ismo* dá-se a partir do século XIX (§ 2.2.), precisamente século em que pela primeira vez encontramos um nome que claramente significa ‘princípio epistemológico’. Ainda que não abandonando nenhuma das significações que atualiza, ao passar a atualizar ‘princípio epistemológico’, o sufixo encontra um profícuo campo de utilização.

Pode ainda apontar-se ao trabalho realizado o facto de não contemplar a totalidade dos valores semânticos identificáveis nos nomes em *-ismo*, como é o caso do valor pejorativo. A exclusão destes valores semânticos foi consciente e fundamentada. O trabalho empreendido procura compreender e explicitar a estrutura semântica de um sufixo. A realização de um trabalho desta natureza, sobretudo pela inexistência de modelos a seguir, requer que muito do trabalho empreendido seja experimental e resulte da adaptação de propostas aplicadas a unidades linguísticas maiores como as palavras. Caminhar com passos firmes neste terreno pouco explorado impunha-nos que trabalhássemos com as grandes linhas estruturantes da semântica do sufixo. Apenas agora, concluída esta tarefa, estão reunidas as condições para podermos analisar o porquê e o como de significados tão periféricos quanto o de valor pejorativo. Acresce ainda o facto de este significado ter escassíssima, se não nenhuma, autonomia, surgindo sempre na dependência de um outro em relação ao qual é acessório.

6. CONCLUSÃO

O trabalho apresentado consistiu no estudo do sufixo *-ismo*, procurando aferir as condições genolexicais envolvidas na formação de nomes por meio deste sufixo.

No início deste trabalho apresentámos os objetivos a que nos propúnhamos:

- i) determinação da tipologia morfológica, categorial e semântica das bases;
- ii) determinação dos significados atestados nos nomes em *-ismo*;
- iii) determinação da estrutura semântica do sufixo;
- iv) enquadramento do sufixo numa RFP do português.

Ao longo do trabalho, operámos com a conceção de língua como uma entidade dinâmica constituída por diversas componentes estruturalmente complexas e dotadas de capacidade geratriz que entre si estabelecem interfaces. As componentes e as interfaces que entre si estabelecem concorrem para a estruturação conceptual que fazemos do mundo. Ou seja, em última análise, a língua diz respeito ao modo como conceptualizamos o mundo, girando, portanto, em torno do significado, mecanismo e produto de conceptualização.

Vamos então sintetizar os resultados alcançados para cada um dos objetivos apresentados.

No que à componente genolexical diz respeito, seguimos um modelo associativo dentro do qual uma palavra construída o é na sua estrutura morfológica e semântica, concorrendo para essa construção dados pertencentes à RFP em que foi gerada, à base e ao operador afixal (Corbin 1987, 2000; Correia 2004; Rio-Torto 1993, 1998a).

A determinação da tipologia morfológica, categorial e semântica das bases de *-ismo* realizou-se no Capítulo 3. Apesar de o sufixo não se ter revelado muito rigoroso em termos de restrições morfológicas e categoriais impostas às bases, apresenta preferências claras. A larga maioria das suas bases são radicais nominais simples. Devemos, portanto, assumir que em termos minoritários as bases podem ser palavras (existindo a um nível apenas residual), podem apresentar uma estrutura construída e podem não ser nomes.

A nossa análise discorda do proposto por Correia 2004 que, ao assumir a unicidade categorial das bases define o adjetivo como a categoria base de *-ismo*, imputando às restantes categorias um carácter excecional. Sustentamos a nossa opção nos dados do nosso *corpus*, que apresentam 50% de bases nominais, e na constatação empírica de que o radical de base pode apresentar distintas classificações categoriais, determinadas pela palavra que o origina. Deste modo, ainda que assumindo a base nominal como base preferencial, não temos de considerar como excecional os 50% de bases categorialmente marcados como adjetivo, adjetivo/nome ou verbo.

Aspeto relevante na determinação da tipologia de bases de *-ismo* é o da carga semântica por elas comportada. O valor semântico da base constitui-se como o critério determinante para a sua seleção. Neste sentido, o sufixo impõe como condição à base a presença de um predicado/atributo/qualidade/propriedade. O sufixo revelou a capacidade de selecionar da base apenas a informação semântica relevante para a construção semântica do seu derivado. Assim, seleciona preferencialmente predicados/atributos/qualidades/propriedades que, estando presentes na base, mas não constituindo a totalidade da sua informação semântica, se configuram de molde a sobre eles o sufixo aplicar a sua instrução semântica. Estes predicados/atributos/qualidades/propriedades estão presentes nos adjetivos e verbos, classes a que habitualmente se atribui capacidade predicativa, mas também nos nomes, por via da construção conceptual do seu significado (Kleiber 1995).

Assumir que o factor que melhor permite descrever as bases de *-ismo* é de natureza semântica e que percorre transversalmente as categorias de nome, adjetivo e verbo, leva-nos a confirmar a secundarização do valor categorial das bases. Sendo assim, o sufixo não procura um radical com determinado valor categorial, mas um radical portador de determinado tipo de informação semântica. Estas conclusões são corroboradas pelo que expomos no Capítulo 5.

O segundo objetivo a que nos propusemos foi alcançado no Capítulo 4. A análise semântica dos nomes em *-ismo* permitiu-nos aferir os significados de:

- I) ‘qualidade’
- II) ‘princípio epistemológico’
- III) ‘prática’
 - i. ‘práxis’
 - ii. ‘prática profissional’

- iii. ‘prática desportiva’
- iv. ‘modo de vida’
- IV) ‘atitude’
- V) ‘fenómeno’
 - i. ‘intoxicação’
 - ii. ‘fenómeno patológico’
- VI) ‘locução’

A identificação dos significados atestados dos nomes em *-ismo* levou-nos à determinação da sua *qualia structure* (Pustejovsky 1991, 1998, 2001). As dificuldades levantadas a esta análise pelo considerável grau de abstração destes significados foram ultrapassadas ao associar ao *qualia* tético a noção de *proper function*. Este conceito, estabelecido desde raiz para lidar com significações abstratas, possibilitou a análise do *qualia* tético dos nomes em *-ismo* que atualizam cada um dos significados apresentados. Seguindo a mesma linha de análise, verificámos que um número considerável dos nomes em *-ismo* que atualizam dois significados pode ser considerado um *dot-object* (Pustejovsky 1998, 2001), na medida em que cada um desses significados apresenta a sua própria *qualia structure*. Assim, os nomes de regime político, os nomes de religião e os nomes de prática e de atitude, ao apresentarem uma única *qualia structure*, porque os dois significados que os compõem são indissociáveis, não podem ser considerados *dot-objects*.

Conhecer as significações atualizadas pelos nomes em *-ismo* permitiu articulá-las com os valores semânticos encontrados nas bases e, dessa forma, definir as condições impostas à base pelo sufixo: a base tem de comportar um predicado/atributo/qualidade/propriedade sobre o qual o sufixo possa aplicar a sua instrução semântica (§ 4.2.). Esta condição implica que a base possa ser concebida predicativamente. Ao conceber predicativamente a base estamos a unificar a diversidade categorial que nela encontrámos, deixando de ser relevante o peso numérico das bases nominais. Esta análise coaduna-se com a conceção de significado com que operámos (§ 1.3.6. e § 5.1.2.).

A seleção dos predicados/atributos/qualidades/propriedades por parte do sufixo faz-se por mecanismos de coindexação (Jakendoff 2002; Rodrigues & Rio-Torto no prelo). O sufixo tende a selecionar o(s) predicado(s)/atributo(s)/qualidade(s)/

propriedade(s) que melhor se compatibiliza(m) com a sua instrução semântica ativada. Fá-lo tendo em vista o produto conceptual em criação, ou seja, a coerência semântica do significado selecionado da base, do significado atualizado do sufixo e o modo como se articulam no significado final do produto que criam.

Conceber deste modo a base implica que o sufixo tenha capacidade de leitura sobre a sua complexidade semântica. Isto é, os significados das bases não se apresentam como monolíticos, mas como complexos semânticos resultantes de operações de conceptualização. O sufixo tem capacidade não só de aceder a essa complexidade, mas também de selecionar a informação que considera relevante.

Definir deste modo a base é ainda compatível com a definição da sua estrutura morfológica como radical. Ao radical cabe, precisamente, a carga semântica nuclear da unidade.

Os dados recolhidos ao longo dos Capítulos 3 e 4 possibilitaram-nos o enquadramento do sufixo na RFP ESSIV e a determinação da sua estrutura semântica, trabalho realizado ao longo do Capítulo 5.

Assumimos uma conceção de significado simultaneamente como um processo conceptual e como o produto de um mecanismo de conceptualização, complexo, dinâmico e flexível, dotado de capacidade de se adaptar às necessidades comunicativas (Jackendoff 2002, 2010, a sair; Geeraerts 2006b, Kleiber 1995; Silva 2006, 2010). Deste modo se compreende a existência de unidades polissémicas e o facto de uma unidade inferior à palavra, como sufixo *-ismo*, apresentar uma estrutura semântica complexa (Lehrer 2000, 2003).

Pressupondo que os significados que constam de uma unidade estabelecem entre si algum tipo de relação, verificou-se que os significados atestados do sufixo *-ismo* se distribuem entre si numa relação de prototipicidade (Cruise 1998; Geeraerts 2006b; Silva 2006; Tuggy 2006). Para determinar o significado prototípico de *-ismo* adotámos quatro critérios: o maior grau de abstração, a presença na base de um predicado/atributo/qualidade/propriedade, a sua presença subjacente em todos os significados atestados e a capacidade geratriz desse significado. Estes critérios conduziram-nos à determinação de **QUALIDADE** como valor prototípico do sufixo, uma vez que: apresenta o mais elevado grau de abstração, a sua base ideal comporta um predicado/atributo/qualidade/propriedade e é o significado dotado de maior capacidade

geratriz através da aplicação de mecanismos de concreção, presente em todos os significados atestados.

O significado prototípico do sufixo deve ser enquadrado na sua estrutura semântica. Determinámos que o sufixo tem de ter pelo menos dois níveis de estruturação semântica:

- i) Num nível mais profundo, devem enquadrar-se os significados seminais e subjacentes aos significados atestados do sufixo. É assim que neste nível devemos enquadrar **QUALIDADE** e **SISTEMATICIDADE**. **QUALIDADE** é considerado o significado prototípico, subjacente a todos os significados atestados. **SISTEMATICIDADE**, não sendo significado prototípico (não subjaz a ‘qualidade’), encontra-se presente, em diferentes graus, nos restantes significados atestados. Este nível seminal tem a capacidade de gerar os significados atestados do sufixo.
- ii) Num segundo nível, mais superficial, encontram-se os significados atestados do sufixo, os significados de ‘qualidade’, ‘princípio epistemológico’, ‘prática’, ‘atitude’ e ‘fenómeno’, que também encontraremos atestados nos nomes em *-ismo*. Estes significados resultam de diferentes combinações dos de nível subjacente. **QUALIDADE** irá passar ao nível dos significados atestados com diferentes graus de abstração (sempre inferiores aos que comporta) e **SISTEMATICIDADE** irá passar com maior ou menor peso para esses significados (exceção-se ‘qualidade’ que não comporta o traço de **SISTEMATICIDADE**).

Os significados atestados ocupam, portanto, posições periféricas, pelo que temos de definir a sua localização relativamente ao centro prototípico. Definimos como estando mais próximo do núcleo o significado que tivesse maior grau de abstração, que estivesse mais atestado, que tomasse predicativamente a base e que contivesse o valor de **SISTEMATICIDADE** em grau mais elevado. A aplicação destes critérios levou-nos à determinação dos diferentes graus de saliência dos significados. Com base nesta informação, foi possível definir a estrutura semântica do sufixo, tal como se apresenta na Figura 1.



Figura 1: Estrutura semântica de *-ismo* e graus de saliência dos significados

O significado que apresenta maior grau de saliência é o de ‘princípio epistemológico’, sendo aquele em que os valores de **QUALIDADE** e **SISTEMATICIDADE** se reconhecem mais facilmente, que apresenta elevado grau de abstração e que é o mais atestado. À medida que nos afastamos do núcleo para valores mais periféricos, como o de ‘locução’, estes aspetos vão sendo enfraquecidos.

A análise da estrutura semântica de *-ismo* permitiu corroborar propostas como a de Rio-Torto 1998a e Correia 2004 que consideram o sufixo como formador de nomes essivos ou de qualidade. Esta inclusão deve-se principalmente, em nossa opinião, à estrutura semântica do sufixo e ao papel que nela desempenha **QUALIDADE**, revelando elevado grau de abstração. Devemos ainda considerar o facto de as bases seleccionadas pelo sufixo se definirem pela possibilidade de serem tomadas por um predicado/ atributo/qualidade/propriedade de que são portadoras; este comportamento é idêntico ao das bases dos nomes essivos ou de qualidade. A natureza semântica dos seus produtos não se configura, portanto, como um fator determinante desta inclusão na RFP ESSIV, uma vez que os nomes de qualidade correspondem a apenas 14% dos nomes derivados em *-ismo*.

Apesar deste enquadramento, propusemos a análise dos derivados em *-ismo* no quadro da Construction Morphology, desenvolvida por Booij (2010, 2012, a sair a) e a sair b)), que permite o estabelecimento de esquemas construcionais capazes de descrever o comportamento formal e semântico das unidades construídas. A proposta prevê o estabelecimento de um esquema construcional partilhável por todos os nomes em *-ismo* e a determinação do esquema próprio de cada nome através da substituição das variáveis por informações específicas do produto.

A análise que fizemos da estrutura semântica do sufixo mostra que também os afixos, e não apenas as palavras, são dotados de uma estrutura semântica complexa.

Deste dado se infere que são produtos conceptuais, mentalmente processados como entidades portadoras de um complexo semântico, muito à semelhança das palavras. Assumir tal densidade e complexidade semânticas das unidades afixais tem implicações para o modo como encaramos a formação do significado das palavras complexas. Considera-se que depois de formada a palavra complexa pode ser alvo de processos semânticos que lhe permitem a atualização de novos significados. No entanto, acreditamos que ao assumir uma tal complexidade estrutural para a semântica do sufixo não haja necessidade de considerar a atuação de mecanismos em momento pós-genolexical. Estes mecanismos, como o de concreção, atuam ao nível da estruturação semântica do afixo, estando portanto inscritos no nível de construção do significado do sufixo.

Por forma a sintetizar o que expusemos, salientamos como conclusões mais relevantes do trabalho empreendido:

- i) confirmação da importância do valor semântico da base como fator determinante da sua seleção por parte do sufixo, tendo-se aferido que para *-ismo* a condição semântica imposta à base é a da presença de um predicado/ atributo/qualidade/propriedade;
- ii) confirmação da capacidade das unidades afixais para aceder a informação semântica de uma base de um nível estrutural não contíguo;
- iii) confirmação da espessura semântica do sufixo *-ismo*. O sufixo apresenta um valor semântico prototípico, **QUALIDADE**, e valores semânticos atestados de ‘princípio epistemológico’, ‘qualidade’, ‘prática’, ‘atitude’ e ‘fenómeno’ portadores de distintos graus de saliência;
- iv) determinação da estrutura semântica de *-ismo*:
 - a. nível seminal: contém os significados seminais de **QUALIDADE** e **SISTEMATICIDADE**;
 - b. nível de significados atestados: ‘princípio epistemológico’, ‘qualidade’, ‘prática’, ‘atitude’ e ‘fenómeno’.
- v) atuação de mecanismos de extensão semântica na construção da estrutura semântica da unidade afixal (com conseqüente redução da sua aplicação num momento pós-genolexical);

- vi) atuação de interfaces com outros domínios, nomeadamente a pragmática, ao nível da construção semântica do sufixo e não apenas ao nível da construção semântica da palavra em momento pós-genolexical;
- vii) inclusão do sufixo *-ismo* na RFP ESSIV, ainda que como operador periférico, e desenvolvimento desta proposta no quadro da Construction Morphology;
- viii) importância da atuação de mecanismos de coindexação para a construção semântica dos derivados em *-ismo*.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, Valerie

2001 *Complex words in English*. Harlow: Longman

ALI, Manuel Said

1964 *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramento

ALLWOOD, Jens

2003 “Meaning Potential and Context. Some Consequences for the Analysis of Variation in Meaning”. In Hubert Cuyckens, René Dirven, & John R. Taylor, (eds). *Cognitive Approaches to Lexical Semantics*. Moulton de Gruyter, pp.: 29-65. (<URL: <http://www.ling.gu.se/~jens/publications/docs076-100/100.pdf>>, 22/02/2012)

ALVES, Ieda Maria

2002 “Neologia técnico-científica e análise de corpus”. In: Margarita Correia (org.). *VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia*. Lisboa: Edições Colibri. pp.: 139-149

ANASTÁCIO, Conceição

2006 *Para uma leitura dos nomes de predicativos*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

ARONOFF, Mark

1985 *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts, London: The MIT Press (1ª ed. 1976)

ARONOFF, Mark & ANSHEN, Frank

1998 “Morphology and the Lexicon: Lexicalization and Productivity”. In: Andrew Spencer & Arnold Zwicky (eds.), *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishers. pp.: 237-247

ASHER, Nicholas & PUSTEJOVSKY, James

2005 *Word meaning and commonsense metaphysics*. (<URL: <http://semarch.linguistics.fas.nyu.edu/Archive/TgxMDNkM/asher-pustejovsky-wordmeaning.pdf>>; 03/04/2012)

BAKER, Mark

2002 “On category asymmetries in derivational morphology”. In: Sabrina Bendjaballah, Wolfgang U. Dressler, Oskar Pfeiffer, Maria D. Voeikova (eds) *Morphology 2000. Selected papers from the 9th morphology meeting*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. pp.: 17-35

BAKER, Mark & VINOKUROVA, Nadya

2009 “Forms of Predication in Sakha: Will the True Lexical Predicates Please stand up”. Paper presented at the workshop on noncanonical predication, University of Western Ontario. Also available: On Tense and Copular Verbs in Sakha (a shortened version to appear in Rutgers Working Papers). (<URL: <http://www.rci.rutgers.edu/~mabaker/predication-in-Sakha.pdf>>; 08/05/2012)

BARBOSA, Ana Vieira & RIO-TORTO, Graça

2009 “Nomes em *-ismo* no português dos séculos XVIII a XX”. In: *Cuadernos del Instituto Historia de la Lengua*, 2. pp.: 115-137

BARBOSA, Maria Aparecida

2002 “Delimitação do conceito e definição do termo técnico e do termo científico: percursos epistemológicos e metodológicos”. In Margarita Correia (org.) *VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia*. Lisboa: Edições Colibri. pp.: 181-192

BASÍLIO, Margarida

2008 *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto

BAUER, Laurie

2001 *Morphological productivity*. Cambridge: Cambridge University Press

BEAUSEROY, Delphine & KNITTEL, Marie Laurence

2007 “Nombre et détermination: le cas des noms de qualité” in *Rivista di linguistica* 19, 2 (2007). pp.: 231-262

(<URL: http://www.yasni.fr/ext.php?url=http%3A%2F%2Fhal.archives-ouvertes.fr%2Fdocs%2F00%2F41%2F80%2F48%2FPDF%2FBeauseroy_Knittel_2007.pdf&name=Delphine+Beauseroy&cat=document&showads=1>; 01/03/2012)

BECHARA, Evanildo

1999 *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna

BERTOLDI, Anderson & CHISHMAN, Rove Luiza de Oliveira

2006 “A semântica dos adjetivos e os sistemas de extração de informação na Web”.
 In *Letras de Hoje*, v. 41, n.º2, Porto Alegre. pp.: 325-340

BOOIJ, Geert

1986 “Form and meaning in morphology: the case of Dutch ‘agent nouns’”. In
Linguistics, 24. Mouton de Gruyter. pp: 503-517

2005a “Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology”. In
 Wolfgang U. Dressler, Franz Rainer, Dieter Kastovsky & Oskar Pfeifer (eds.)
Morphology and its demarcations. Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins. pp.:
 109-132

2005b *The Grammar of Words*. Oxford: Oxford University Press

2007a “Constructions Morphology and the Lexicon”. In Fabio Montermini, Giles
 Boye & Nabil Hathout (eds.) *Selected Proceedings of 5th Décembrettes:
 Morphology in Toulouse*. Somerville / Massachussets: Cascadilla Proceedings
 Project. pp.: 34-44

2007b “Polysemy and Construction Morphology”. In: Fons Moerdijk, Ariane van
 Santen & Rob Tempelaars (eds.) *Leven met woorden*. Leiden: Instituut voor
 Nederlandse Lexicologie. pp.: 355-364. (<URL:
<http://www.hum2.leidenuniv.nl/booijsge/pdf/Polysemy%20and%20construction%20morphology.PDF>>; 03/02/2008)

2010 “Construction morphology”. In: *Language and Linguistics Compass* 4, 7. pp.:
 543-555.

(<URL:<http://www.hum2.leidenuniv.nl/booijsge/pdf/Construction%20morphology%20Lg%20Linguisitcs%20Compass%202010.pdf>>; 03/02/2008)

2012 “Word formation in Construction Grammar”. In: Peter O. Müller, Ingeborg
 Ohnheimer, Susan Olsen & Franz Rainer (eds.) *Word formation. An
 international handbook of the languages of Europe*. Berlim: De Gruyter
 (<URL:

<http://www.hum2.leidenuniv.nl/booijsge/pdf/Booij%20Word%20formation%20in%20construction%20Grammar%20HSK.pdf>>)

a sair a) “Construction morphology”. In: Andrew Spencer & Arnold Zwicky (eds.)
The Handbook of Morphology (2.^a ed.). Londres: Blackwell (<URL:

- <http://www.hum2.leidenuniv.nl/booijge/pdf/Spencer%20Zwicky%20handbook%20Construction%20morphology.pdf>)
- a sair b) “Morphology in Construction Grammar”. In: Thomas Hoffmann & Graeme Trousdale (eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press (<URL: <http://www.hum2.leidenuniv.nl/booijge/pdf/Morphology%20in%20CxG.pdf>>)
- BOSQUE, Ignacio
- 1999 “El nombre común”. In: Ignacio Bosque Muñoz & Violeta Demonte Barreto (org.) *Gramática descriptiva de la lengua española. 1 Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid: Espasa Calpe. pp.: 3-75
- BRITO, Ana Maria,
- 2003 “Categorias sintácticas”. In: Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria, *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho; Coleção universitária série Linguística. pp.: 323-431
- CABRÉ, Maria Teresa & ESTOPÀ, Rosa (eds.)
- 2009 *Les paraules noves. Criteris per detectar i mesurar els neologismes*. Barcelona: Eumo Editorial/Universitat Pompeu Fabra
- CABRÉ, Maria Teresa & RIGAU, Gemma
- 1987 [1985] *Lexicologia i semântica*. Barcelona: Enciclopèdia Catalana
- CAETANO, Maria do Céu
- 2003 *A formação de palavras em gramáticas históricas do português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- 2008 “Rivalidade sufixal e polissemia”. In: Clara Nunes Correia (org.) *Cadernos WGT – Polissemia*. Lisboa: CLUNL. pp.: 23-35. (<URL: http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/cc_pol.pdf>; 13/04/2011)
- 2009 “Sobre o conceito de composicionalidade em morfologia”. In: Helena Topa Valentim (org.) *Cadernos WGT – Composicionalidade*. Lisboa: CLUNL. pp.: 5-14. (<URL: http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/comp_mc_c_aetano.pdf>; 13/04/2011)

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso

1976 *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (2ª ed.) Rio de Janeiro: Padrão –
Livraria Editora L^{tda}.

CAMPOS SOUTO, Mar

2007 “Hacia la ordenación morfológica del NDHE: primer esbozo”. In *Verba* (34).
pp.: 125-155

CASAS GOMEZ, Miguel

2011 “Problemas y criterios lingüísticos subyacentes a una tipología de relaciones
en semántica”. In: *Lorenzo Hervás. Documentos de trabajo de Lingüística
teórica y general. Homenaje a Valério Báez San José*, 20 (extraordinario).
Madrid: Universidade Carlos III. pp. 63-108

CIFUENTES HONRUBIA, José Luís

1992 “Teoría de prototipos y funcionalidad semántica”. In: *E.L.U.A.*, 8. pp.: 133-177

CIMIANO, Philipp & WENDEROTH, Johanna

2005 “Automatically Learning Qualia Structures from the Web”. In: *DeepLA '05
Proceedings of the ACL-SIGLEX Workshop on Deep Lexical Acquisition*. pp.:
28-37 (<URL: <http://dl.acm.org/citation.cfm?id=1631854>>; 18/03/2012)

CORBIN, Danielle

1987 *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen: Max
Niemeyer Verlag

1990 “Associativité et stratification dans la représentation des mots construits”. In:
Wolfgang U. Dressler, H. C. Luschützky, O. E. Pfeifer & J. R. Renninson (eds),
Contemporary morphology. Berlin, New York: Mouton de Gruyter. pp.: 43-59

1999 “Pour une théorie sémantique de la catégorisation affixale”. In: *Faits de
langues*, 14. pp.: 65-77

2000 “Français (Indo-européen: Roman)”. In: Geert Booij, Christian Lehmann,
Joachim Mugdan, Stavros Skopeteas & Wolfgang Kesselheim, *Morphology* vol.
2, New York / Berlin: Walter de Gruyter. pp.: 1285-1299

CORREIA, Margarita

1999 *A denominação das qualidades – contributo para a compreensão da estrutura
do léxico português*. Lisboa, Dissertação de Doutoramento – inédita

2004 *Denominação e construção de palavras*. Lisboa: Edições Colibri

-
- CORREIA, Margarita & LEMOS, Lúcia San Payo de
2005 *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri/ Associação de Professores de Português
- CRUSE, D. A.
1998 "The lexicon". In: Andrew SPENCER, Arnold ZWICKY, *The Handbook of Morphology*. Oxford/Malden: Blackwell Publishers. pp.: 238-264
2004 *Meaning in Language. An Introduction to Semantics and Pragmatics*. (2.^aed) Oxford: Oxford University Press
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley
1995 *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (11.^a ed.) Lisboa: Edições João Sá da Costa
- DAL, Georgette & TEMPLE, Martine
1997 "Morphologie dérivationnelle et analyse sémantique des mots construits: les voies de la référence ne sont pas impénétrables". In: Wolfgang U. Dressler, Martin Prinzhorn, John R. Rennison, *Advances in morphology*. Berlin, New York : Mouton de Gruyter. pp.: 97-110
- DARMESTER, Arsène
1972 *De la création actuelle de mots nouveaux dans la langue française*. Genève: Slatkine Reprints
- DEMONTE, Violeta
1999 "El adjetivo: clases y usos: La posición del adjetivo en el sintagma nominal". In: Ignacio Bosque & Violeta Demonte, *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. 1 Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid: Esparsa. pp.: 129-215
- DIEZ, Frédéric
1874 *Grammaire de Langues Romanes - tomo I* (3.^a ed.) Paris: Librairie A. Franck
- DRESSLER, Wolfgang U. & LADÁNYI, Mária
2002 "On contrastive word-formation semantics. Degrees of transparency / opacity of German and Hungarian denominal adjective formation". In: S. Bendjaballah, Wolfgang U. Dressler, O. E. Pfeiffer, M. D. Voeikova (eds.) *Morphology 2000. Selected papers from the 9th morphology meeting*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. pp.: 105-115

GEERAERTS, Dirk

- 2001 “The definitional practice of dictionaries and the Cognitive Semantic conception of polysemy”. In: *Lexicographica*, 17. (<URL: <http://www.ling.arts.kuleuven.be/qlvl/PDFPublications/01TheDefinitionalPractice.pdf>>, 27/10/2011)
- 2006a “A rough guide to Cognitive Linguistics”. In: Dirk Geeraerts (ed.) *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. pp.:1-28
- 2006b “Prototype theory. Prospects and problems of prototype theory”. In: Dirk Geeraerts (ed.) *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. pp.: 141-165
- 2006c *Words and Other Wonders. Papers on Lexical and Semantic Topics*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter

GEERAERTS, Dirk, GRONDELAERS, Stefan & BAKEMA, Peter

- 1994 *The Structure of Lexical Variation. Meaning, Naming, and Context*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter

GIANASTACIO, Vanderlei

- 2009 *A presença do sufixo -ismo nas gramáticas da língua portuguesa e sua abrangência dos valores semânticos, a partir do Dicionário de Língua Portuguesa Antônio Houaiss*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Programa e Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa – Dissertação de Mestrado

GREVISSE, Maurice

- 1995 *Le bon usage. Grammaire française*. Louvain-la-Neuve: Duculot

JACKENDOFF, Ray

- 1992 “What is a concept?”. In: Adrienne Lehrer & Eva Feder Kittay, *Frames, Fields, and Contrasts*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates. pp.: 191-208
- 1996 “Semantics and Cognition”. In: Shalom Lappin (ed.). *The Handbook of Contemporary Semantic Theory*. Oxford: Blackwell Publishers. pp.: 539-559
- 2002 *Foundations of Language*. Oxford: Oxford University Press
- 2009 “Compounding in the Parallel Architecture and Conceptual Semantics”. In: Rochelle Lieber & Pavol Štekauer (eds.), *The Oxford Handbook of Compounding*. pp.: 105-28. Oxford University Press. (<URL:

- <http://ase.tufts.edu/cogstud/incbios/RayJackendoff/recentpapers.htm>;
15/10/2011)
- 2010 “The parallel architecture and its place in cognitive science”. In: B. Heine & H. Narrog, (eds.) *Oxford Handbook of Linguistic Analysis*, 583-605. Oxford: Oxford University Press. pp.: 583-605 (<URL: <http://ase.tufts.edu/cogstud/incbios/RayJackendoff/recentpapers.htm>>; 15/10/2011)
- a sair “Conceptual Semantics”. In: Claudia Maienborn, Klaus von Heusinger & Paul Portner (eds) (2011) *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*, vol. 1) de Gruyter Mouton. pp.: 688-709 (consultado em: <URL: <http://ase.tufts.edu/cogstud/incbios/RayJackendoff/recentpapers.htm>>; 20/02/2012)
- KERLEROUX, Françoise
- 2004 “Sur quels objets portent les opérations morphologiques de construction?”. In: Danielle Corbin, Pierre Corbin & M. Temple (coord.) *La formation des mots: horizons actuels*. Villeneuve d’Ascq: Presses Universitaires du Septentrion. pp.: 85-124
- KLEIBER, George
- 1995 “Sur la définition des noms propres: une dizaine d’années après”. In: Michèle Noailly (ed.) *Nom Propre et Nomination. Actes du Colloque de Brest*. Paris: Librairie Klincksieck. pp.:11-36
- 2003 “Un «puzzle» référentiel en anaphore associative”. In: Fernanda Irene Fonseca, Ana Maria Brito, Isabel Margarida Duarte & Joana Guimarães *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto. pp.: 97-110
- KLEIBER, Martin & REIGEL, Georges
- 1989 “Une sémantique qui n’a pas de sens n’a vraiment pas de sens”. In: *Linguisticae Investigationes XIII*: 2. pp.: 405-417
- 1997 “Cognition, sémantique et facettes: une «histoire» des livres et de... romans”. In: George Kleiber et Martin Riegel (éds.) *Les formes du sens*. Louvain-la-Neuve: Editions Duculot. pp.: 219-231

KOEFOED, Geert & VAN MARLE, Jaap

2000 “Productivity”. In: Geert Booij, *et al.* (eds.) *Morphology. An International Handbook of Inflection and Word-formation*. Berlim / Nova Iorque: Walter de Gruyter. pp.: 303-311

LANG, M. F.

1992 *Formación de palabras en español: morfología derivativa productiva en el léxico moderno*. Madrid: Cátedra

LANGACKER, Ronald W.

2006 “Cognitive Grammar. Introduction to Concept, Image, and Symbol”. In: Dirk Geeraerts (ed.) *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. pp.: 29-68

LEHMANN, Alise & MARTIN-BERTHET, Françoise

1998 *Introduction à la lexicologie – sémantique et morphologie*. Paris: Dunod

LEHRER, Adrienne

2000 “Are affixes signs: The semantic relationships of English derivational affixes”. In: W. U. Dressler, O. E. Pfeiffer, M. A. Pöchtrager, & J. R. Rennison (eds.) *Morphological Analysis in Comparison*. John Benjamins. pp.: 143-154

2003 “Polysemy in derivational affixes”. In: B. Nerlick, Z. Todd, V. Herman & D. Clark (eds.) *Polysemy Flexible Patterns of Meaning in Mind and Language*. Berlin / New York: Walter de Gruyter

LIEBER, Rochelle

2004 *Morphology and lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press

LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira

1998 “A metalinguagem lexicográfica: nomes em *-ismo* e *-ista*”. In Ana Cristina Macário Lopes, & Cristina Martins, *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* vol II. Braga: Associação Portuguesa de Linguística. pp.: 95-101

LÜDTKE, Helmut

1974 *Historia del léxico románico*. Madrid: Editorial Gredos

LYONS, John

1977 *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press

- MAIA, Clarinda de Azevedo
1999 “A herança latina na Língua Portuguesa”. In: *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa – Actas do I Congresso da APEC*. Coimbra. pp.: 85-98
- MARCHAND, Hans
1969 *The categories and types of present-day English wor-formation*. München: Verlag C. H. Beck
- MARTIN, Fabienne
a sair “Stage level and individual level, readings of dispositional nouns”. In: N. Hathout, F. Montermini & J. Tseng (eds.), *Selected Proceedings of the 7th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. (<URL: <http://www.uni-stuttgart.de/lingrom/martin/pdf/Decembrettes7-Martin.pdf>>; 26/04/2012)
- MARTINEZ CELDRÁN, Eugénio
1975 *Sufijos nominalizadores del español con especial atención a su morfonología*. Barcelona: Ediciones de la Universidad de Barcelona
- MATEUS, Maria Helena & ANDRADE, Ernesto d’
2000 *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm
1895 *Morphologie Romane*. Paris: H. Welter Éditeur
- MIRANDA, José Alberto
1994 *La formación de palabras en español*. Salamanca: Colegio de España
- MOCHO, Maria do Céu Caetano
1988 “Neologia Formal por Sufixação – alguns aspectos” comunicação apresentada ao 4º Encontro da Associação Nacional de Linguística
- MORAES, Hélio Roberto de
2003 “Categorias aspectuais: Vendler, Dik, Chafe e Pustejovsky” (texto consultado online, <URL: <http://wiki.icmc.usp.br/images/a/ad/Moraes2003.pdf>>; 23/07/2011 – 15:47)
- MUÑOZ ARMIJO, Laura
2010 *La historia de los derivados en –ismo e –ista en el español moderno*. Tese de Doutoramento. Universidade Autònoma de Barcelona

OLIVEIRA, Fátima

- 2003 “Tempo e Apecto”. In: Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria, *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho; Coleção universitária série Linguística. pp.: 127-178

PEIRSMAN, Yves & GEERAERTS, Dirk

- 2006 “Metonymy as a prototypical category”. In: *Cognitive Linguistics*, 17-3. Berlin / New York: Mouton de Gruyter pp.: 269-316

PENA, Jesus

- 1990 “Sobre los modelos de descripción en morfología”. In: *Verba*, 17. pp.: 5-75
 1991 “La palabra: estructura y procesos morfológicos”. In: *Verba*, 18. pp.: 69-128
 2003 “La relación derivativa”. In: *E.L.U.A.*, 17. pp.: 505-517
 2004 “Morfología de los nombres de cualidad derivados”. In: *Verba*, 31. pp.: 7-42

PEREIRA, Rui Abel

- 2005 “Unidades greco-latinas na língua portuguesa”. In: *Máthesis*, 14. pp.: 81-106

PEZATTI, Erotilde Goreti

- 1990 “A gramática da derivação sufixal: os sufixos formadores de substantivos abstratos”. In: *Alfa*, 34. pp.: 153-174

PIEL, Joseph

- 1940 “A formação dos substantivos abstractos em português”. In: *Biblos*. Coimbra: Coimbra Editora, pp.: 209-237

PLAG, Ingo

- 1999 *Morphological Productivity. Structural Constructs in English Derivation*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter
 2003 *Word formation in english*. Cambridge: Cambridge University Press

PUSTEJOVSKY, James

- 1991 “The generative Lexicon”. In: *Computational Linguistics*, 17. pp.: 409-441
 (<URL: <http://acl.ldc.upenn.edu/J/J91/J91-4003.pdf>>, 23/02/2010)
 1998 *The Generative Lexicon* Cambridge / Massachusetts / London: The MIT Press
 2001 “The construction and the logic concepts”. In: P. Bouillon & F.Busa. (eds.) *The syntax of word meaning*. Cambridge: Cambridge University Press

NUNES, José Joaquim

- 1989 *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora

RAINER, Franz

- 1989 *I nomini di qualità nell'italiano contemporaneo*. Viena: Braumüller
- 2000 "From Latin to French". In: Geert Booij, Christian Lehmann, Joachim Mugdan, Stavros Skopeteas & Wolfgang Kesselheim, *Morphology* vol. 2, New York / Berlin: Walter de Gruyter. pp.: 1698-1712
- 2004a "I suffissi *-ismo* e *-esimo*". In: Maria GROSSMANN & Franz RAINER *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. pp.: 256-260
- 2004b "Nomi di qualità". In: Maria GROSSMANN & Franz RAINER *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. pp.: 293-313
- 2007 "El patrón *agrícola* 'relativo a la agricultura': origen y desarrollo". In: *Verba*, 34. Pp.: 335-340

RASKIN, Victor & NIRENBURG, Sergei

- 1995 "Lexical semantics of adjectives: a micro-theory of adjectival meaning". *COLING '96 Proceedings of the 16th conference on Computational Linguistics*, vol. 2. pp.: 842-847

RENZI, Lorenzo, SALVI, Giampaolo & CARDINALETTI, Anna (a cura di)

- 1995 *Grande grammatica italiana di consultazione. Vol III. Tipi di frasi, deissi, formazione delle parole*. Bolonha: Il Mulino.

RIO-TORTO, Graça

- 1992 "Do ser à acção: "o facto de ser X", "condição (estatuto) de X" e "atitude de (quem é) X". In: *Revista da Universidade de Coimbra XXXVII*. Coimbra. pp.: 427-456
- 1998a *Morfologia Derivacional. Teoria e aplicação*. Porto: Porto Editora
- 1998b "Operações e paradigmas genolexicais do português". In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, 2. pp.: 39-60
- 2004 "Morfologia, sintaxe e semântica dos verbos heterocategoriais". In: Graça Rio-Torto & Conceição Anastácio (org.) *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Livraria Almedina. pp.: 17-89
- 2006a "O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais". In: Maria Francisca Athayde (coord.), *Estudos sobre léxico e gramática*. Coimbra, Cadernos do Cieg, 23. pp.: 11-34

- 2006b “Estrutura categorial e formatação derivacional”. In: *Revista Portuguesa de Filologia, in memoriam José Gonçalo Herculano de Carvalho*, vol. VVX, tomo I, 2003-2006. pp. 393-414
- 2006c “Para uma gramática do adjetivo”. In: *Alfa*, 50 (2). pp.: 103-129
- 2008 “Mudança genolexical: teoria e realidade”. In: *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 3. pp.: 223-240
- 2012 “Versatilidade sufixal: aplicação aos derivados em *-ic*”. In: Armanda Costa e Inês Duarte (eds.). *Nada na linguagem lhe é estranho. Estudos em homenagem a Isabel Hub Faria*. Porto: Edições Afrontamento. pp.: 351-363.
- RIO-TORTO, Graça & ANASTÁCIO, Conceição
- 2004 “Estrutura e interpretação dos nomes depredicativos em português”. In: Graça Rio-Torto & Conceição Anastácio (org.) *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Livraria Almedina. pp.: 187-220
- RIO-TORTO, Graça & RIBEIRO, Sílvia
- 2011 “Compounding in contemporary Portuguese” (<URL: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15281/1/GRT&SR%20compounding%20contemp.%20portuguese.pdf>>; 03/02/2012)
- ROCHÉ, Michel
- 2007 “Logique lexicale et morphologie: la dérivation en *-isme*”. In: Fábio Montermini, Gilles Boyé & Nabil Hathout (eds.) *Selected Proceedings of the 5th Décembrettes: Morphologie in Toulouse*. Somerville / MA: Cascadilla Proceedings Project. pp.: 45-58
- 2011 “Pression lexicale et contraintes phonologiques dans la dérivation en *-aie* du français”. In: *Linguistica. Les frontières internes et externes de la morphologie*, 51. pp.: 5-21
- RODRIGUES, Alexandra Soares
- 2001 *A construção de postverbais em português*. Porto: Granito, Editores e Livreiros
- 2006 *Formação de substantivos deverbais sufixados em português*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- 2009 “Nomes em *-dor*, *-douro*, *-deiro*, *-doura* e *-deira*: uma abordagem de acordo com o modelo de RFPs em interfaces”. In: *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 4. pp.: 133-152

- RODRIGUES, Alexandra Soares & RIO-TORTO, Graça
no prelo “Semantic coindexation: evidence from portuguese derivation and compounding”. In: Pius Ten Hacken (org.) *Meaning and lexicalization of word formation*
- SANTIAGO LACUESTA, Ramón & BUSTOS GISBERT, Eugénio
1999 “La derivación nominal”. In: Ignacio Bosque Muñoz & Violeta Demonte Barreto (org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe. pp.: 4505-4594
- SCALISE, Sergio
1984 *Morfología lessicale*. Pádua: CLESP
1986 *Generative morphology*. Dordrecht: Foris Publications
- SILVA, Augusto Soares da
2004 “Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva”. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. 1, pp.:1-18
2006 *O mundo dos sentidos em português. Polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina
2010 “Polissemia e contexto: o problema dura da diferenciação de sentidos”. In: *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 5. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL. pp.: 353-367
- TCHOBÁNOVA, Iovka Bojlova
2010 “Estudo dos nomes predicativos sufixados em –ice na Língua Portuguesa contemporânea”. In: *Domínios da Linguagem. Revista Eletrônica de Linguística* (<URL: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11524/6804>>; 29/07/2011)
- TEKAVČIĆ, Pavao
1972 *Grammatica storica dell'italiano. Volume III: Lessico*. Bolonha: Il Mulino
- TUGGY, David
2006 “Ambiguity, polysemy, and vagness”. In: David Geeraerts (ed.) *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. pp.: 167-184

VAN DE VELDE, Danièle

1996 *Le spectre nominal. Des noms de matières aux noms d'abstractions*. Louvain, Paris: Éditions Peeters

VAN MARLE, Jaap

1990 "Rule-creating creativity: analogy as a synchronic morphological process". In: Wolfgang U. Dressler, H. C. Luschützky, O. E. Pfeifer & J. R. Renninson (eds), *Contemporary morphology*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. pp.: 267-274

VARELA ORTEGA, Soledad

2005 *Morfología léxica: la formación de palabras*. Madrid: Gredos

VERDELHO, Telmo

1998 "Terminologias na língua portuguesa. Prespectiva diacrónica.". In: Jenny Brumme, *La història dels llengatges iberoromànics d'especialitat (segles XVII-XIX): solucions per al present*. Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona. p.: 98-131. (<URL: http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Terminologias_lingua_portuguesa.pdf>; 15/03/2008)

VILELA, Mário

1979 *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra: Livraria Almedina

1984 "A formação de palavras: componente independente ou apenas subcomponente?". In: *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Série II, vol. 1, n.º1. pp.: 31-52

1994 *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina

VILELA, Mário & KOCH, Ingendore Villaça

2001 *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina

VILLALVA, Alina

2000 *Estruturas Morfológicas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

2003 "Aspectos morfológicos da gramática do português". In: Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria, *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho; Colecção universitária série Linguística. pp.: 917-985

WALTER, Henriette

- 1995 “Nom propre et nom commun: un statut provisoire”. In: Michèle Noailly (ed.) *Nom Propre et Nomination. Actes du Colloque de Brest*. Paris: Librairie Klincksieck. pp.:237-244

DICIONÁRIOS:

BLUTEAU, Raphael

- 1712-1728 *Vocabulario Portugez e Latino*. 10 vols, sendo os dois últimos de *Suplemento ao Vocabulário Portugez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus – Pascoal da Silva

BUENO, Francisco da Silveira

- 1988 *Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Lisa

COROMINAS, Joan

- 1980-1991 *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos

CUNHA, António Geraldo da

- 1986 *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (2^a ed. rev. e acrescida de um suplemento). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira

MACHADO, José Pedro

- 1981 *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Amigos do Livro Editores

SILVA, António de Moraes

- 1889-1891 *Diccionario da língua portugueza* (9.^a ed. rev. e ampliada). Lisboa: Empreza Litteraria Fulminense

Dicionário Electrónico da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora

2006 *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora

CAPA: Leonardo da Vinci, Estudo para a Adoração dos Magos (Galeria Uffizi, cerca de 1581)
(<URL: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Leonaredo,_studio_per_l'adorazione_dei_magi,_uffizi.jpg>)